



Ela queria
ser vista.

Ele matava para
ficar nas sombras.

MAQUIAVÉLICO

GANGSTERS DE NOVA YORK

BELLA DI CORTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BELLA DI CORTE

MAQUIAVÉLICO

GANGSTERS DE NOVA YORK

Tradução: Thayna Valentim

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2023

Porto Alegre

Maquiavélico

Copyright © 2019 Bella Di Corte

Copyright da Tradução © 2023 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Designer Editorial

Tradução: Thayna Valentim

Revisão: Fernanda de Jesus

Preparação: Marta Fagundes

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D536

Di Corte, Bella
Maquiavélico [livro eletrônico] / Bella Di Corte
; tradução Thayna Valentim. -- 1. ed. -- Porto
Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2023. --(Série
Gangsters de Nova York ; 1)
ePub

Título original: Machiavellian
ISBN 978-65-85185-39-4

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte americana 813

Sumário

[Início](#)

[Prefácio](#)

[Famiglia Fausti](#)

[A família Scarpone](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

[Capo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.

*Para todas as Mariposas do mundo.
11:11 pertencem a vocês.
Façam um pedido...*

*“Os homens geralmente julgam mais pelos olhos do que pelas mãos,
pois todos podem ver e poucos podem sentir. Todos veem o que você
aparenta ser, poucos realmente sabem o que você é.”*

— *NICCOLÒ MACHIAVELLI*



PREFÁCIO

Querido(a) leitor(a),

Esta jornada começou com a *famiglia* Fausti. (Você conhecerá a todos, em breve, nas páginas a seguir).

Quando comecei a escrever a saga Fausti, não tinha ideia de que tipo de história estava — verdadeiramente — escrevendo até o livro 2. Assim que entrei no ritmo, não consegui parar. Os Fausti abriram uma porta para um mundo pelo qual fui instantaneamente arrebatada e, em pouco tempo, dominaram meu mundo.

Quando a saga deles terminou, mal podia esperar para começar a escrever histórias secundárias. São inúmeros mundos ligados a este que me chamaram a atenção, e quando percebi as ramificações existentes, resolvi dedicar um nome inteiro apenas aos meus universos do mundo do crime.

Desse ponto em diante, todos os meus livros nessa temática estarão em um só lugar, e a maioria das histórias se conectará de alguma forma. Os Fausti têm braços de longo alcance, eles governam aquele mundo e, de alguma forma, você provavelmente se reconectará com um ou dois deles em cada livro, mesmo que seja ambientado em um cenário diferente.

Conheça “*Maquiavélico*”.

Esta história, como a maioria das minhas outras, me cativou completamente. Eu tinha outros livros planejados, livros que giravam em torno de alguns dos principais homens da *famiglia* Fausti, mas Capo e Mari

tinham outros planos para mim. Foi uma mudança maravilhosa de ritmo entrar em um mundo semelhante, mas diferente com eles. E mesmo que alguns dos Fausti apareçam em Maquiavélico, você não precisa ler a saga Fausti antes de ler Mac (ou qualquer um dos livros de Gângsters de Nova York). Se você optar por fazer isso, a linha do tempo de Mac se encaixa depois do livro 5 e antes do livro 6 da saga Fausti.

Dito isso, montei uma lista de nomes para cada família e o papel de cada um, para que seja mais fácil acompanhar.

Maquiavélico tem um lugar muito especial no meu coração. É diferente de tudo que já escrevi antes. E agora, considerando os tempos sem precedentes que estamos enfrentando, acho que precisamos de mais histórias como esta. Histórias que abrem uma porta para um novo mundo e nos convidam a entrar por algum tempo. Eu só disse isto sobre a saga de Fausti — há alguns livros que são como voltar para casa.

Maquiavélico é um desses livros para mim. Espero que seja o mesmo para você.

Muito amor,
Bella.

P.S.: Todos os livros da série Gângsters de Nova York são independentes, mas se passam no mesmo universo. Continue lendo para descobrir quem será o próximo!

FAMIGLIA FAUSTI

LA MIA PAROLA È BUONA QUANTO IL MIO SANGUE.

Minha palavra é tão boa quanto meu sangue.

Fausti que são mencionados ou aparecem em Mac:

Marzio Fausti (falecido) era o chefe da infame *famiglia* Fausti na Itália. Ele tem cinco filhos: **Luca, Ettore, Lothario, Osvaldo e Niccolo**.

Luca Fausti (preso) é o filho mais velho de Marzio Fausti e tem quatro filhos: **Brando, Rocco, Dario e Romeo**.

Brando Fausti é casado com **Scarlett Rose Fausti** (The Beautiful Years).

Rocco Fausti é casado com **Rosaria Caffi**.

Tito Sala, médico, está ligado aos Fausti por casamento. Ele é casado com **Lola Fausti**.

Donato: soldado-chefe.

Guido: soldado.

Há uma rivalidade arrastada entre os Fausti e os Stone na **saga Família Fausti**. Não é realmente explorado neste livro, mas vale a pena mencionar, pois um dos **Stone (Scott)** faz uma aparição em Maquiavélico, e também estará no **livro 2** da série **Gângsters de Nova York**, de forma mais centralizada.

A FAMÍLIA SCARPONE

ILUPI Os lobos

Arturo Lupo Scarpone:

É o chefe da família Scarpone, uma das cinco famílias de Nova York, e tem dois filhos: **Vittorio Lupo Scarpone** (filho de **Noemi**) e **Achille Scarpone** (filho de **Bambi**).

Vittorio Lupo Scarpone:

É filho de **Arturo** e **Noemi**.

Seu avô materno, **Pasquale Ranieri**, foi um poeta e romancista de renome mundial na Sicília. Ele teve cinco filhas (todas, exceto Noemi, vivem na Itália): **Noemi Ranieri Scarpone**, **Stella**, **Eloisa**, **Candelora** e **Veronica**.

Ele tem um irmão: **Achille Scarpone**.

Achille Scarpone:

É filho de **Arturo** e **Bambi**.

Tem quatro filhos: **Armino**, **Justo**, **Gino** e **Vito** (apenas **Armino** e **Vito** têm seus nomes mencionados em Maquiavélico).

Ele tem um irmão: **Vittorio Lupo Scarpone**.

Tito Sala (casado com **Lola Fausti**) é primo de primeiro grau de **Pasquale Ranieri**.

MAQUIAVÉLICO

adjetivo

1. astuto, intrigante e sem escrúpulos, especialmente na política.

substantivo

1. uma pessoa que planeja de maneira maquiavélica.



PRÓLOGO

Vittorio

Já fomos os governantes do mundo. Lado a lado, meu pai e eu reinamos sobre o que presumi que um dia seria meu: um reino de desajustados e um trono construído com medo e respeito. Logo, porém, eu descobriria que governar o mundo era apenas uma realidade, e ela difere de pessoa para pessoa, de alma para alma, de perspectiva para perspectiva.

Por exemplo, meu pai enxergava a vida como um jogo a ser vencido — para ser mais preciso, um jogo de xadrez. Movimento após movimento implacável, ele se tornou o rei de Nova York por ser brutal e astuto. Não importa o que fez, ou que decisão tomou, ele tinha um objetivo em mente: conquistar tudo, não importa quem tenha sido derrotado no final. Estratégias, premeditação, não fazer prisioneiros e não mostrar misericórdia, nem mesmo para aqueles mais próximos a você — esses eram os três códigos pelos quais vivia religiosamente.

Fez as conexões certas, casou-se com a garota perfeita, participou de todas as festas mais luxuosas e conversou ou matou inúmeras pessoas de diversos grupos sociais. Provou dentro da realidade criada por nós, o mundo que governamos, o quão competente era e o quão perverso poderia ser. Mesmo aqueles que governavam as ruas temiam seu nome. *Arturo Lupo*

Scarpone, o rei de Nova York.

Ninguém poderia superar suas jogadas. Ninguém conseguia se aproximar dele. Nem mesmo seu próprio sangue. O filho dele. *Vittorio Lupo Scarpone, o Príncipe Bonito.*

Arturo me despojou da realidade, daquele nome, e me baniu do reino para o qual ele havia me preparado tão selvagememente, e então, *e então*, me considerou como um morto.

Havia uma razão para seus homens o chamarem de *il Re Lupo*. O Rei Lobo. Ele mataria sua própria prole se isso significasse mais poder.

Há um velho ditado: “*homens mortos não contam histórias*”. Eu não tinha histórias para contar. Só tinha uma história horrível.

Dessa vez, o homem que me criou iria pagar. Porque, se eu já estava morto aos olhos dele, como poderia me ver chegando?

Boo, filho da puta. Você me chamou de O Príncipe. Estou de volta para governar seu mundo como um rei.



CAPÍTULO 1

Vittorio

18 anos atrás...

Casamentos arranjados não eram incomuns em nossa cultura. Sempre soube que um dia me casaria com Angelina Zamboni. O pai dela era bem relacionado e, assim como o meu, era um dos homens mais poderosos de Nova York. Angelo Zamboni, pai de Angelina, estava na política.

O meu lidava mais com medo e derramamento de sangue, embora o dela também não fugisse disso. As mãos de Angelo estavam limpas, mesmo que sua consciência estivesse suja. Arturo Scarpone nasceu sem consciência e se tornou um homem com as palmas das mãos cheias de sangue — a maioria das pessoas em nosso círculo tanto admirava quanto temia isso nele. Angelo ansiava por esse tipo de apoio implacável, então concordou com o casamento antes que sua filha sequer dissesse qualquer coisa.

Éramos o casal que todos admiravam e elogiavam. *Formamos um lindo casal. Faríamos lindos bebês. Teríamos uma bela vida juntos*, mesmo que as partes obscuras da minha vida estivessem escondidas por trás da vida aparentemente perfeita que vivíamos. Quando meu dia de governar esse reino implacável, herança de meu pai, chegasse, ela seria a rainha ao meu lado nesse trono construído sobre derramamento de sangue.

Angelina também seria minha própria *omertà*. Seria meu voto de silêncio nos bons e maus momentos, na doença e na saúde, nos mais difíceis interrogatórios policiais e adversários tentando aterrorizá-la.

Nesta vida, a lealdade era ainda mais poderosa do que o amor. Era imperativo conhecer seus inimigos melhor do que seus amigos. Mas aprendi desde cedo que ninguém era realmente seu amigo. A lealdade variava de quanto eles dependiam de você e você deles.

Angelina sorriu e me deu um cutucão enquanto caminhávamos pelas ruas de Nova York, tirando-me de meus pensamentos. Estava escuro, mas as muitas luzes ao nosso redor iluminaram seu rosto.

Seu cabelo era da cor de caramelo suave, a pele bronzeada e seus olhos castanhos. Meu irmão uma vez disse que ela tinha olhos perversos, e eu concordo. Quando ela queria vingança, eles se reduziam a adagas e não mostravam piedade. Ela não era tão alta quanto eu, mesmo de salto, mas era alta para uma mulher. Suas pernas eram longas o suficiente para me envolver e me puxar para mais perto quando transávamos.

Em um mês, eu a tornaria minha esposa — Sra. Vittorio Scarpone — e anos de negociações comerciais entre meu pai e o dela dariam frutos. Arturo gostava de dizer a Angelo que as duas famílias compartilhavam uma oliveira. Angelo trouxe a árvore do velho país. Arturo plantou-a em solo nova-iorquino. Até o juízo final, ambas as famílias desfrutariam do óleo dourado.

— Você está muito calado, — disse, me olhando de relance com os brilhantes.

— Não dá para falar muito durante um espetáculo da Broadway. — Uma nuvem de vapor exalou da minha boca por conta do frio.

— Não consigo decifrar seu humor. — Ela estacou em seus passos, e eu fiz o mesmo. Recuando um pouco, me encarou com os olhos agora entrecerrados. — Você está tendo dúvidas?

A neve rodopiava entre nós. Manchas brancas pousaram no tecido escuro da minha jaqueta e se acumularam por alguns segundos nos meus cílios antes de eu responder:

— Eu te faço a mesma pergunta.

Ela sorriu de leve e balançou a cabeça.

— Este é um negócio fechado.

Em nosso mundo, sempre importou a arte do negócio e a garantia de que você pagasse por seus pecados se fosse contra o rei.

— Só Deus poderia romper esse arranjo, — respondi.

— Deus ou seu pai. — Enfiou os dedos longos e elegantes nos bolsos de sua jaqueta cara.

Um homem de terno passou por nós, com a mão na pasta e o telefone grudado à orelha. Não me passou despercebido, no entanto, o olhar que ele lançou a Angelina enquanto se apressava para sair do frio. Isso não me incomodou. O que me perturbava era a mão fria que parecia tocar minha nuca — e não era o clima.

Angelina tinha sido usada como um peão nesse jogo antes mesmo de aprender a falar. Nós dois crescemos juntos, e entendemos que o amor não tinha nada a ver com esse arranjo, mas eu queria que fosse uma grande união, uma união poderosa, e sabia que seria mais fácil se ambos sentíssemos algo um pelo outro. Esperava dela o tipo de respeito embasado em lealdade.

Ultimamente, porém, eu podia sentir alguma coisa estranha em relação a ela. Não era a primeira vez que a mão fria parecia tocar minha pele e arrepiar meus instintos.

— Você realmente é um homem lindo, Vittorio. Deveria ter aceitado a oferta de seu pai quando teve a chance.

Entrecerrei os olhos, como se isso me ajudasse a enxergá-la melhor. *Enxergar através dela*. Esse tipo de comentário não me agradava. Sem medir palavras, ela estava se tornando cada vez mais especialista na arte da sutileza. E eu não gostava disso. Ainda mais quando começava a lançar palavras que não tinham nada a ver com isso.

Ela estava certa. Meu pai uma vez me deu uma saída. Uma chance de viver minha vida do jeito que eu achava melhor enquanto ainda fazia seu trabalho sujo. Em vez de ser parte integrante do negócio, ele queria que eu fosse seu cartão de visitas. Eu seria o dono de todos os restaurantes chiques e faria a alta sociedade lucrar para colocá-los mais perto de seu bolso. Ele disse que minha aparência e carisma iriam encantá-los. Meu irmão, Achille, era mais adequado para ser seu braço direito.

Foi a única escolha que meu pai já me deu. No entanto, não foi realmente uma escolha, mas um desafio. Deixar meu irmão mais novo, que ele chamava de Coringa, controlar o reino com ele, e o que isso fazia de mim? Um maricas sem nenhuma utilidade. Eu valeria menos do que os caras que ele contratou por dez dólares para limpar suas mesas.

Angelina parecia saber que meu pai nunca me deixaria esquecer isso. Assim que ele encontrasse uma fraqueza, enfiaria o dedo no ponto fraco até

que a ferida se recusasse a cicatrizar. Até que sarasse ao seu redor, para que pudesse reabri-la quando quisesse.

Meu pai sabia que minha mãe era minha única fraqueza. Ele ainda fazia piadas estúpidas sobre como eu era bonito, assim como a família dela na Itália, assim como ela.

Arturo nunca diria isso na cara deles, no entanto. Minha mãe tinha laços com os poderosos Fausti e, a menos que meu pai desejasse morrer imediatamente, os respeitava. A última coisa que ele queria era que os Fausti viessem farejando. Eles não o fariam, a menos que você os incluísse em seus assuntos. Embora Arturo fosse o rei de Nova York, não podia tocar nos Fausti. Eles governavam seu mundo.

Depois que disse a meu pai que preferia estar morto a deixar Achille ficar com o que era meu por direito, ele riu como um lunático e foi para o quarto que dividia com sua esposa, Bambi. Não minha mãe. Bambi era a mãe de Achille.

Meu pai sempre achou que Achille era mais adequado para a parte implacável do negócio. As feições dele eram mais ásperas, mas isso era tudo. Eu havia provado meu valor, apesar do reflexo que me encarava no espelho. Meu sangue e coração foram feitos da mesma carne e osso. Matei com tanta brutalidade quanto ele.

Angelina nunca havia falado sobre isso antes. E eu nunca compartilhei isso com ela. *Como diabos ela sabia?*

— Achille está lhe dando informações privadas agora. — Dei um passo à frente e ela se manteve firme. — Por que isso, *la mia promessa?*

Ela riu, e a respiração saiu de sua boca em uma névoa fria.

— É só assim que você me chama. *Sua prometida.*

— Gostaria que eu te chamasse de algo diferente? Em um mês, vou chamá-la de minha esposa.

— Não importa. — Seus dentes estavam cerrados, a mandíbula contraída. — Tudo o que importa é que eu sou sua. Pertenço a você. Você me possui.

— O que você quer dizer?

Ela riu ainda mais e depois suspirou.

— Estou grávida, Vittorio.

— Bom, — disse. — Isso me agrada.

Parecia que os avisos sobre preservativos não serem 100% seguros estavam corretos. Sempre me protegi com ela, mas houve algumas vezes que

o sexo intenso e selvagem fugiu do controle.

— Se meu pai descobrir que eu fiz...

— Ele não vai tocar em você. — Se o pai dela descobrisse que transei com sua filha antes do casamento, isso poderia causar alguma tensão.

Angelo tinha um temperamento ruim. Poderia até chegar ao ponto de abaixar a calça da filha e lhe dar uma surra de cinto, se descobrisse que ela o havia desgraçado. Embora ela tivesse apenas 18 anos, o velho ditado se aplicava quando dizia que *a idade é apenas um número*. Era madura. Precisava ser.

Seu telefone tocou e ela se afastou de mim para procurá-lo em sua bolsa. Um momento depois, o celular estava em seu ouvido e ela falava baixinho. Com quem quer que estivesse conversando, a ordem era que fôssemos até lá.

O primo de meu avô materno, Tito Sala, estava na cidade, e deveríamos nos encontrar no restaurante ao qual Angelina e eu planejavamos ir. Enquanto ela estava ocupada mudando nossos planos, enviei uma mensagem rápida para Tito e informei onde poderia me encontrar. Mais cedo, ele disse que tinha algo importante a discutir comigo. Era casado com Lola, uma Fausti de sangue.

Meu telefone estava de volta no bolso antes que ela se virasse.

— Mudança de planos, — declarou algo que eu já sabia. — Mamãe comeu no Rosa esta noite, e não só estava lotado como Ray ficou sem vitela. Quero vitela à parmegiana. — Tocou sua barriga. — Em vez disso, iremos ao *Dolce*.

Balancei a cabeça, mas não disse mais nada e ainda me recusei a seguir o caminho. Ela sabia por que, então passou a explicar.

— O que eu repeti para você, ouvi em uma conversa particular, Vittorio. Seu pai e Achille estavam jantando e, quando passei pela sala de jantar, acabei ouvindo. Você nunca me disse isso antes. — Deu de ombros. — Isso me deixou curiosa.

— Não é da sua conta.

— Certo. — Afastou-se de mim novamente. — Vamos apenas jantar. Estou com fome e frio.

— Angelina.

Antes que ela se virasse para mim, uma nuvem de vapor saiu de sua boca. Estava quase ansiosa demais para chegar ao restaurante.

— Você conhece as regras. Será minha esposa, mas o que acontece

na minha família é problema meu. A menos que eu diga o que está acontecendo, você vai continuar com seus negócios, entendido? — Havia uma razão pela qual eu a conheci quando criança, e até mesmo a protegia. Estava moldando-a para ser minha esposa. Ela tinha que obedecer às regras, ou esta vida mataria a nós dois.

— Perfeitamente, — disse, entredentes. — Mas meu negócio também é seu. — As palavras foram ditas baixinho. Não me incomodei em contradizê-la porque falou a verdade.

Caminhamos lado a lado, em silêncio, até que pigarreei de leve.

— Contaremos à família sobre a gravidez quando voltarmos da nossa lua de mel.

— Tudo bem, — respondeu. — Pelo menos já estarei fora de casa e longe dele.

Embora amasse o pai, ela o temia. Para ela, um casamento arranjado significava liberdade. Para mim, eu me afundaria cada vez mais, tão fundo que nunca encontraria uma saída, a menos que fosse em um saco para cadáveres.

Quando chegamos ao restaurante, notei que ela respirava depressa, os passos nunca desacelerando. Era como se estivesse ansiosa demais. Estava prestes a colocar minha mão na parte inferior das suas costas, para conduzi-la ao restaurante, quando balançou a cabeça.

— Vamos pelos fundos, — orientou. — Gabriella e Bobby estão jantando. Mamãe me contou. Não estou com vontade de pegar o trem da fofoca esta noite. Patrizio reservou uma mesa para nós.

Bobby trabalhava para meu pai e Gabriella era uma das muitas primas de Angelina. Toda vez que a víamos — em reuniões de família ou passando pelo corredor —, ela não falava de outra coisa, a não ser sobre o casamento. A mulher podia falar por dias sem precisar de um copo d'água.

Quando viramos a esquina e caminhamos pelo beco escuro e úmido paralelo ao restaurante, deparamos com a cantoria de Louis Prima, junto ao cheiro de macarrão fervendo, alho assado, tomates cozidos e o fedor do lixo já congelado na lixeira.

Em vez de me deixar abrir a porta para ela, como sempre, ficou parada na frente, encarando a maçaneta de metal. Um segundo depois, seu olhar se volta para o meu antes de se desviar outra vez para o bronze frio.

— Você está protelando, — comentei, repreendendo-a por seu comportamento estranho.

Louis Prima cantarolou “Angelina” detrás da porta e ela olhou para cima, o corpo retesado. Quando percebeu que ninguém havia chamado seu nome, relaxou visivelmente, mas eu sabia que estava nervosa.

— Você está sendo tolo, Vittorio.

— Estou, princesa?

Ela se virou de supetão e eu agarrei seu pulso antes que me desse um tapa no rosto.

— Vá. Se. Foder, — cuspiu para mim.

— Acertei um ponto fraco? — Seu pai a chamava de princesa, e ela odiava isso. Odiava tanto que, durante nosso encontro privado para discutir os termos do casamento, ela fez questão de pedir que eu nunca a chamasse daquele jeito.

— “É isso que espero de você, — fiz minhas exigências.

— E eu espero que nunca me chame de princesa, — ela rebateu.”

Mas havia algo errado essa noite, e o que quer estivesse entalado em sua garganta, precisava ser extraído. Não era do seu feitio ficar quieta.

Ela afastou o braço do meu agarre.

— Você sabe que sim! Sabe exatamente o que está fazendo. Em todos os momentos! Você é tão frio. Tão... — Fez uma pausa, como se estivesse tentando organizar os pensamentos. — Não importa. Não há como mudar você! É inútil até mesmo desperdiçar meu tempo e fôlego.

Levantei o braço, o que fez a manga da minha jaqueta ir para trás deixando o relógio caro exposto, clareando um pouco a escuridão e incidindo sobre o lobo tatuado em minha mão.

— Tempo. — Fiz um gesto em direção ao relógio de pulso da marca Panerai. — Fale agora ou cale-se para sempre.

Ela estreitou os olhos quando falei essas últimas palavras.

— O que você sabe...

Antes que ela pudesse terminar, dois brutamontes que não reconheci saíram do *Dolce*. Patrizio o comandava, mas era apenas uma fachada para os Scarpone. Um dos capangas fumava um cigarro. O outro estava com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta de couro, a gola puxada até as orelhas. Cada um deles ladeou Angelina.

— Só vou dizer isso uma vez, — falei.

— Dizer o quê? — o do cigarro perguntou. Seu sotaque irlandês era

leve, mas perceptível.

— Saia da frente.

— Ou? — o Jaqueta de couro provocou. Era italiano, mas não alguém conhecido.

Não falei nada enquanto os encarava, dando-lhes a chance de recuar sem que eu tivesse que usar violência.

— O bebê não é seu, — Angelina disse, de pronto.

Levei um segundo para romper o contato visual com os dois capangas e me concentrar nela.

— Não posso me casar com um homem que não me ama, — continuou, e pude ver como os dois filhos da puta ao lado dela a faziam se sentir corajosa. Confiante. — Odeio que tenhamos que nos separar nesses termos, mas prometo trazer flores para você. É o mínimo que posso fazer.

Meu olhar se deslocou para os dois filhos da puta ao lado dela.

— Depois de todos esses anos, você não aprendeu porra nenhuma comigo, não é? — indaguei.

— Apreendi o suficiente para saber que você não é capaz de amar. Você está muito fodido até mesmo para tentar sentir isso. Noemi...

— Mantenha o nome dela fora de sua boca, — quase rosnei.

Mesmo com os dois próximos a ela, Angelina sabia que tinha ido longe demais, então mudou de rumo, cortando rápido e direto para outro:

— Você realmente acha que eu teria um filho seu? Quero o sangue Scarpone, mas não o seu.

— Você é mais burra do que eu pensava, — declarei.

Ela fez menção de dar um passo em minha direção, sem dúvida para acertar o tapa que não conseguiu antes, mas meu irmão saiu do restaurante e enlaçou a cintura dela.

— Venha agora, querida, — disse. — Você não acha que meu irmão está tendo uma noite difícil? Pegue leve com ele.

— Achille, — falei. — Ouvi dizer que é hora de dar os parabéns. Você vai ser pai. — As peças se encaixaram facilmente; a confissão dela e a presença dele.

Seu sorriso se alastrou aos poucos, erguendo os cantos de sua boca como a porra do Coringa.

— Ela te contou?

— Em poucas palavras. — Devolvi o sorriso.

Ele deu de ombros.

— Nós dois sabemos que isso realmente não importa.

Angelina olhou de um para o outro, a confusão duelando com a resignação em seu rosto. Vi sua garganta subir e descer quando ela engoliu em seco.

— Por que você simplesmente não a matou, Vittorio?

Uma breve demonstração de remorso juntou-se ao campo de batalha de emoções que ela tentava esconder.

— Sim, por que você não a matou, lindo príncipe Vittorio? — Aquiles zombou. — Não que isso fosse diferente, mas você tornou tão, tão fácil convencer o pai de que um de nós tinha que ir. Ele estava decidido a dar-lhe o reino um dia... Linda esposa, linda casa, lindos descendentes para carregar o nome da família e tudo o que pertencia a ele... E lá foi você, fodendo tudo ao traí-lo.

— Nós dois sabemos que isso não importa, — repeti as palavras de Achille. Ele resumiu tudo tão perfeitamente. Tudo o que eu precisava era de um laço para embrulhar as coisas.

Achille enfiou o nariz no cabelo de Angelina, inalando seu cheiro com os olhos bem fechados.

— Obrigado, anjo, — ele disse. — Por tudo, mas parece que sua lealdade ao meu lado foi desnecessária. No final, meu irmão colocou o prego em seu próprio caixão. Você acabou de dar a ele mais uma coisa para se arrepender. Quem precisa de uma mulher como você quando um homem está melhor na cama de uma víbora? Traição é um pecado imperdoável, querida, não importa com quem em minha família você cruze.

Seus olhos congelaram e sua respiração acelerou quando ele arrastou a ponta do nariz pelo seu rosto e deu um beijo suave em sua bochecha. Então sussurrou algo em seu ouvido, e ela fechou os olhos, deixando cair uma lágrima solitária. A luz do restaurante incidiu sobre o caminho lento da gota.

Achille finalmente abriu os olhos, me deu um sorriso largo e, em seguida, lançou uma olhada por sobre o ombro para a saída. Os dois capangas ao lado de Angelina a agarraram pelos braços; ao mesmo tempo, quatro homens se postaram atrás de mim, um deles mantendo uma faca no meu pescoço. Angelina começou a lutar e a gritar para Achille voltar:

— Como você pôde fazer isso comigo? — antes de começar a berrar para que eu a ajudasse.

Você pede a minha ajuda agora, princesa? Depois de me preparar uma armadilha para ser massacrado? As palavras estavam na ponta da

minha língua, mas não serviriam de nada. Em vez de gritar pedindo minha ajuda, ela deveria pedir a de Deus, a única força poderosa o suficiente para impedir isso. Ninguém sairia dessa vivo. Não se o Rei Lobo tivesse ordenado e não houvesse nenhum anjo para detê-lo.



CAPÍTULO 2

Mariposa

Dias atuais...

Somente os verdadeiramente pobres sabem a diferença entre estar com fome e passar fome. Meu estômago fez um barulho desagradável, lembrando-me de como eu estava morrendo de fome. *Quanto tempo se passou desde a última vez que comi? Um dia? Dois?* Tinha sobras aqui e ali, biscoitos de algum restaurante de fast-food que eles deixaram de fora, com o ketchup e outros condimentos lacrados em sachês de plástico, mas foi só.

Meu estômago fez um barulho ainda mais alto, e eu mentalmente o mandei calar a boca. Ele já deveria estar acostumado a ser negligenciado.

Não foi fácil chegar a uma cidade que facilmente te mastigava e cuspia. Nunca morei em outro lugar que não fosse Nova York. Sonhei com isso, mas nunca tive meios de sair. Dinheiro significava liberdade, e eu não era livre de forma alguma.

Ainda mais triste do que o estado do meu estômago roncando era o fato de que uma vez que eu desaparecesse deste lugar chamado Terra — ou, para alguns de nós, inferno — não haveria nada de mim para realmente deixar para trás.

— O que é isso, Mari? — perguntei a mim mesma. — Um dia de

merda se afogando em autopiedade? A culpa é sua e você sabe disso. Não deveria estar parada aqui.

Não pude evitar, no entanto. Por mais pobres que as ruas de Nova York pudessem ser, havia um outro lado que era a definição de opulência. Era difícil ignorar a atração, a riqueza, o absurdo de tudo isso. Como algumas pessoas mal conseguiam sobreviver comendo pão velho e usando sapatos dos outros — pequenos demais — para manter os pés limpos, lutando pelo próximo dólar, enquanto outras desperdiçavam milhares de dólares em implantes de bunda e roupas que nunca usaram? Não é que eu invejasse essas coisas — *a quem estou enganando? Invejo essas coisas pra caralho*, especialmente os implantes de bunda — quando meu estômago hospedava uma matilha de lobos famintos uivando para serem alimentados.

Sim, Nova York tinha me mastigado, mas ainda não tinha me cuspidos. Não havia dúvida, porém, de que eu estava perto de me tornar um lixo um dia desses. Provavelmente acabaria como a comida desperdiçada que adoraria comer.

Suspirei longa e profundamente, embaçando o vidro da janela de *Macchiavello's*. O nome estava escrito em dourado e parecia elegante. Era o tipo de restaurante em que você provavelmente precisava fazer uma reserva com meses de antecedência. No lado oposto do vidro brilhante, ternos caros e vestidos elegantes jantavam, a maioria bife. Como de costume.

Fiquei com água na boca.

— Se sairmos vivos dessa, vamos pegar o bife também.

Um bom sonho, né? Poderia anotar no meu diário de sonhos. Certa vez, vi uma mulher com um sorriso gigantesco e apliques de cabelo dizendo que eu também poderia viver o sonho, minha melhor vida, se ao menos tivesse um desses diários. Deveria listar todas as coisas pelas quais sou grata diariamente, até mesmo as que não tive, coisas que pareciam tão além do meu alcance que, às vezes, me considerava uma tola por pensar nelas. A ideia era projetar em minha vida tudo o que meu coração desejava.

Será que é verdade?

Todo o meu diário foi feito de “*eu sou*”.

Sou grata por não ser mais pobre. Sou grata por ser uma milionária que não quer nada com nada. Sou grata por ser uma viajante do mundo. E aquela frase que prefiro morrer a deixar alguém ver. Sou grata por ser amada além da medida por alguém especial.

Fiz uma anotação mental para acrescentar que *sou grata pelo bife que*

comi em um restaurante chique ao topo da minha lista. Talvez eu precisasse ser específica com mais frequência. Pensando bem, acho que a guru da felicidade mencionou fazer exatamente isso. Estava no trabalho na época, então talvez alguns dos detalhes tenham se perdido um pouco na tradução.

Essa guru da felicidade nunca deu um limite de tempo para quando essas coisas deveriam começar a acontecer. Eu, com certeza, esperava que fosse logo. Aquele bife parecia tão bom. Se uma das pessoas atrás do vidro precisasse de um rim, trocaria o meu pelo bife. Tanto quanto eu sabia, os meus dois estavam em muito boa forma.

Além disso, por que manter dois quando você só precisa de um? À luz da perspectiva, eu não era uma pessoa gluttona, e se alguém precisasse de minha ajuda em troca de uma boa refeição — apenas uma vez na vida — eu estaria lá para isso. *Pra ontem*.

— Ei! — Virei-me ao som da voz e segurei com mais força as alças da minha velha mochila de couro. Normalmente não teria me virado, mas a voz estava próxima e o reflexo no vidro parecia estar olhando diretamente para mim.

— Você está falando comigo?

— Sim. Dê o fora daqui. Você está assustando nossos clientes. Olhando para o vidro como um inseto de olhos arregalados que precisa ser esmagado.

Mesmo que suas palavras tenham me magoado profundamente, porque ele sabia que eu estava sonhando com a comida atrás do vidro e não tinha como saborear um hambúrguer em alguma lanchonete, muito menos nesse restaurante cinco estrelas, endireitei os ombros e entrecerei os olhos.

— Se eu não sair, o que você vai fazer?

— Vou chamar a segurança para escoltá-la para um lugar onde você pode encontrar mais das suas drogas. As lixeiras.

Se eu ainda me importasse com alguma coisa, certamente o teria feito com aquele dissimulado.

— Não estou fazendo nada de errado! Estou tentando decidir se quero entrar para comer ou não. — *Mentira*. — Mas como seu restaurante provavelmente está cheio de roedores como você, acho que não estou mais a fim.

E pensar que eu estava disposta a dar um rim por um de seus bifes miseráveis. Precisava elevar um pouco meus padrões antes que pensamentos como esse tomassem conta e aparecessem em meu diário. Quem sabia

quando essa merda ia se tornar realidade? Provavelmente acabaria devendo a esse idiota um rim por um bife.

Ele se dobrou de tanto rir. Então parou, de repente, e apontou para trás de mim.

— Não vou falar de novo, princesa do lixo. Dê o fora daqui ou...

As palavras morreram em sua garganta quando um caro carro preto estacionou na frente do restaurante como se fosse o dono do lugar. Como se fosse o rei do mundo. Não sabia se o motorista era ele ou ela, mas algo em toda a cena gritava masculino. Seguido de *dominância*.

Pensei em dar o fora antes que o homem misterioso saísse, mas como ele havia silenciado o Espertinho, esperei para ver o que ia rolar.

Espertinho quase correu para o carro chique e cumprimentou o homem — *era O homem*. A voz de Espertinho soava toda prestativa e ansiosa para agradar, exatamente o oposto de como falou comigo.

Ele tagarelava enquanto o homem pisava na calçada e seguia direto para a porta do restaurante. Não conhecia muitos homens, mas este... Não vou mentir, eu não conseguia desviar o olhar.

Sob o que sem dúvida era um terno feito sob medida, ele provavelmente tinha mais músculos do que eu poderia contar. Era alto, com ombros largos, cabelo preto e pele dourada. Seu nariz era angular, assim como o formato do rosto. Seus lábios eram cheios. Gostaria de poder ver seus olhos, mas eles estavam escondidos por óculos de sol que, provavelmente, valiam mais dinheiro do que eu veria em mais de três anos.

Podia sentir o cheiro de sua colônia — algo cítrico e com um toque de sândalo — e parecia uma lufada de ar fresco nesta cidade cheia de gente demais e lixeiras demais. Ele exalava o que eu imaginava que devia ser o cheiro do oceano, um lugar exótico para se perder. Andava com tanta arrogância que eu estava convencida de que era o dono do restaurante. Talvez até da calçada.

Espertinho abriu a porta do restaurante para o homem de terno e, antes que ambos entrassem, o homem parou. Duas mulheres em vestidos caros passaram por ele e por Espertinho, que as cumprimentou com um enorme sorriso no rosto e estendeu a mão em sinal de boas-vindas.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco segundos depois que as mulheres entraram, o homem de terno se virou para mim e soltei a respiração que não sabia que estava segurando.

Putá merda. Ele era ainda mais atraente desse ângulo — totalmente

de frente. As únicas palavras que vieram à mente foram colisão frontal com uma onda enorme, do nada. Ele me derrubaria como uma onda que eu não poderia enfrentar, já que não tinha ideia de como nadar, e então me destruiria. Seu poder era forte o suficiente para me jogar contra uma rocha.

Não que fosse difícil. Quase não tinha mais nada para destruir.

Espertinho respirou fundo quando percebeu para quem o homem de terno estava olhando. Seu rosto ficou com um tom de vermelho semelhante ao de carne crua. Talvez por causa da minha reação ao olhar mortal de Espertinho, o homem de terno olhou entre nós.

— Peço desculpas, senhor, — disse. — Estou prestes a conseguir...

O homem de terno ergueu a mão e silenciou Espertinho antes que pudesse pronunciar outra palavra. Não suportava a forma intensa como ele me avaliava por trás dos óculos. E eu sabia que ele estava me avaliando, a contar pela forma como meu corpo reagiu. Fazia anos que não me sentia... pequena na presença de alguém.

Julgada. Condenada. Ridicularizada. Banida.

Olhei para baixo, brincando com as alças da minha mochila, me sentindo ainda pior quando avistei meus tênis. Eram dois tamanhos menores. Meus dedos pressionavam o tecido, quase rompendo o material, e em alguns dias eu pensava “*que alívio seria*”, porque doía pra caralho ficar calçada com eles. Havia umas manchas de sangue em alguns pontos devido ao atrito na pele. Então, novamente, se eu não tivesse esses calçados, não teria quase nada. Não tinha dinheiro para comprar um par usado, muito menos um novo.

Sou grata por ter sapatos que cabem — um armário cheio deles.

Preencheria os detalhes mais tarde, assim que estivesse em casa e pudesse pensar naqueles de que mais gostava. *Também sou grata por esta camisa de baseball combinar com os malditos sapatos. Não estou toda descombinada hoje.* Era tudo que eu tinha para me apegar no momento, algo completamente meu e verdadeiro.

Oh, certo, de volta ao cara de terno. Queria erguer a cabeça e desafiá-lo a me julgar, para que pudesse dar a ele o olhar de “*veja o quanto eu me importo com a sua opinião*” — zero —, mas não conseguia encontrar coragem de fazer isso. Minhas bochechas estavam mais quentes do que as profundezas de Hades. Uma gota de suor escorreu pelo meu peito, entre os seios, e, de repente, eu estava altamente consciente do meu corpo. De como me sentia ansiosa.

No impulso do momento, levantei a cabeça e fingi que o jeito como

ele olhava para mim não me dava vontade de correr e ficar parada ao mesmo tempo. Fazer isso, mesmo que por pouco tempo, foi um sacrifício, então me virei, me preparando para ir embora.

Parei depois de dois passos e voltei.

— Quem precisa do seu restaurante de baixa qualidade, afinal? — gritei. — O bife provavelmente nem vale o meu rim! — Então ergui o queixo de forma agressiva.

A princípio, as sobrancelhas escuras do homem se franziram, mas então... Aquilo era um sorriso repuxando seus lábios? Era difícil dizer. Parecia estranho. Como se ele não tivesse usado os músculos por um tempo. Não importava. Desapareci por entre a multidão agitada antes que pudesse dar outra olhada. Eu era apenas mais um corpo no meio de milhões.



CAPÍTULO 3

Mariposa

— Fala sério, Caspar! Me dá outra chance! Me dá uma folga.

— Você está atrasada de novo. Despedida. Despedida. Despedida.

— Você não quer dizer isso! Não de verdade.

— Quero. E, se você quiser que eu lhe empreste um dicionário para que possa realmente entender o significado dessa palavra, tenho um em meu escritório para dias como este.

— Hoje é o dia errado para me demitir! Já me recompus. Falo sério desta vez, realmente mudei. Refleti sobre algumas coisas. Não vai acontecer de novo!

Ele deu um tapa no pano que estava usando para polir o balcão.

— Você quer que eu lhe dê uma folga? — Balancei a cabeça, ansiosa, mordendo meu lábio inferior. *Merda! Por que passei tanto tempo pensando em trocar rins por bifes e olhando para um homem que provavelmente era um nepo baby?* Provavelmente sua maior preocupação era qual carro deveria dirigir para combinar com sua gravata.

E aqueles olhos? Ele nem havia revelado aqueles olhos misteriosos... Uma infinidade de cores passou pela minha mente — verde, castanho, marrom, azul? Claro como o oceano na Grécia quando o sol atinge a

superfície, ou escuro como o mar durante uma tempestade violenta? Tentei combiná-los mentalmente em seu rosto, um após o outro.

— Ouça atentamente a palavra do dia, Mari. — Pisquei, trazendo Caspar de volta ao foco central. — Você está ouvindo, Mariposa?

Estreitei meus olhos, tentando não ser sarcástica, mas odiava quando alguém me chamava pelo nome completo. Caspar sabia dessa informação quando me contratou.

— Sim, sim, estou.

— Demitida. Definição: demitir (um funcionário) de um emprego. Deixe-me usá-la em uma frase. Mariposa Flores está demitida, — disse a última palavra separando a primeira sílaba. — Entendido?

— Como isso é me dar uma folga, Caspar?

— Você não precisou ir até meu escritório para pegar o dicionário.

— Ah, não pode ser. Sério?!

— Muito. Você sabia onde estava se metendo. Quando se candidatou para trabalhar aqui, essa era uma das minhas regras. Você está demitida. Você precisa ler a palavra no dicionário em voz alta. Isso pode evitar que cometa o mesmo erro duas vezes. — Fez uma pausa. — Talvez você devesse ler em voz alta.

A mochila em minha mão caiu no chão e me joguei em uma cadeira com um dramático “umph!”. Assim que minha bunda bateu na madeira, me abaixei e escondi o rosto sob os braços; meu cabelo se espalhou, minha testa ficou pressionada contra um jornal amassado.

— Isto é tão injusto, Caspar, — murmurei, minha voz abafada. — Tão injusto. Achei que tínhamos algo bom rolando aqui. — Fiz um gesto entre nós dois.

Apesar de ter feito besteira algumas vezes, gostava muito de trabalhar na *Home Run*. Era uma loja com temática de baseball especializada em suvenires raros, e também atendia àqueles que queriam itens personalizados.

Depois que o negócio do baseball decolou, Caspar e sua esposa, Arev, abriram uma pequena cafeteria no estabelecimento. Não era grande, mas atraiu vários clientes que gostavam de estar cercados por jogos de baseball 24 horas por dia, sete dias por semana — ou canais de esportes e notícias. Todas as esferas da sociedade apareciam, mas nossa clientela fiel tinha mais de 45 anos, e a maioria vinha para tomar uma boa xícara de café e ler um jornal.

Corrigindo: clientela de Caspar. Ele me demitiu, porra.

Sabia que mais ataques verbais de Caspar viriam quando me sentei e não saí, mas antes que ele pudesse realmente começar, a campainha da porta nos avisou que um cliente havia entrado. Mesmo sem o toque, os cheiros teriam me alertado. Rosa e... lavanda. Ambos eram sutis, mas distintos.

Espiando através da minha solidão autoimposta, observei Caspar cumprimentar duas mulheres atrás do balcão. Uma delas tinha cabelo ruivo, e a outra era loira. Ambas recusaram a oferta de café, depois a mulher de cabelo mais escuro informou seu nome.

— Scarlett Fausti. Liguei há alguns meses para pedir uma camisa emoldurada e um boné para meu marido. Minha amiga aqui tem acompanhado o andamento. Violet — Scarlett acenou com a cabeça para a loira, — foi informada de que o pedido estava pronto.

Eu tinha certeza de que ela, Scarlett, era a que cheirava a pétalas de rosa; e a outra, Violet, a lavanda. Por alguma razão — talvez fosse o cabelo ruivo e a pele clara de Scarlett, ou como parecia graciosa —, era difícil não sentir o cheiro de rosas e pensar em alguém como ela.

Caspar se esforçava para se lembrar do pedido, mas o que me pareceu estranho foi que, à menção de seu sobrenome, o comportamento dele pareceu mudar. Eu já o tinha visto lidar com celebridades antes, ou alguém que considerava importante, e ele ficou mais impostado, com orgulho evidente em sua atitude.

Levantei a cabeça e soprei mechas de cabelo para afastar dos olhos.

— Eu que fiz esse pedido, — informei. — Está na sala dos fundos. Ficou muito bom. Seu marido vai adorar.

Scarlett pediu que a camisa de baseball do marido e o boné fossem emoldurados. Aparentemente, ele havia jogado no colégio.

Quando Caspar foi aos fundos para providenciar a encomenda, as duas mulheres se viraram para mim.

— Eu falei com você? — Scarlett perguntou. Assenti a cabeça.

— Quando você fez o pedido.

— Mari, certo?

— Eu mesma.

Ela assentiu, mas não disse mais nada. Em vez disso, parecia olhar para dentro da minha alma. Seus olhos eram de um verde penetrante e pareciam saber coisas demais. E depois do que tinha acontecido comigo mais cedo — o pouco caso que fiz quando o cara de terno me examinou —, não

queria ser julgada de novo. Embora não pudesse confirmar o que ela estava fazendo comigo. Era como se estivesse tentando me entender.

— Scarlett, — Violet a cutucou.

— Uhm? — Ela parecia perdida no espaço. Violet a cutucou novamente quando Caspar saiu da sala dos fundos segurando a moldura. Scarlett se virou ao ouvir a voz dele, mas parecia relutante.

O que estava acontecendo no mundo hoje? Era o dia de “Vamos Julgar Mari”? O mundo inteiro, exceto algumas pessoas, não tinha ideia de que eu existia, e uma delas tinha acabado de me demitir. Então, de repente, eu era o foco, como um inseto em uma bandeja.

Baixei a cabeça e recostei a testa ao jornal novamente enquanto os três conversavam ao fundo.

— Ah, meu marido vai adorar isso! Ele jogou no colégio e ganhou bolsas de estudo. A liga principal o queria, mas ele decidiu se juntar à Guarda Costeira, — Scarlett disse.

— Brando Fausti vai sorrir quando vir isso, e em algum lugar do mundo uma mulher vai ganhar asas, — Violet comentou.

Caspar conversou um pouco com elas enquanto embrulhava a moldura de Scarlett em papel pardo. Depois que terminou, de novo a campainha soou à porta e, quando virei a cabeça para olhar, era um homem de terno. Ele tinha vindo buscar o pacote para as duas mulheres. Scarlett o chamou de Guido, e ele respondeu em italiano. Cabelo escuro. Olhos escuros. Se tivesse que caracterizá-lo de algum jeito, seria um lance meio sombrio. Honestamente, assim como o homem de terno anterior, eu nunca tinha visto um homem tão atraente. Também era malhado. Seus músculos preenchiam perfeitamente seu terno caro.

O que diabos havia na minha água da torneira esta manhã? Muito ferro? Eu estava atraindo um monte de coisas loucas hoje.

Guido podia ser ridiculamente bonito, mas, comparado ao homem de terno... Soltei uma lufada de ar. Não havia comparação. O homem de terno me fez sentir algo que me deixou desconfortável. *Vulnerável*. Logo após, julgada. Não senti nada quando olhei para Guido. Era atraente apenas para os olhos. Nenhuma grande surpresa, no entanto. Raramente sentia algo por alguém. Como um dos meus pais adotivos me descreveu? *Morta emocionalmente*.

Guido levou a camisa emoldurada para fora da loja, seguido por Violet, que manteve a porta aberta. Scarlett parou quando veio até mim.

Parecia querer dizer algo, mas hesitou. Violet chamou o nome dela, e depois de morder o lábio por um segundo, agradeceu pela minha ajuda e saiu. Mas poderia jurar que ela disse algo como “até breve”.

Depois que saíram, esperei que Caspar me colocasse para fora, mas depois de um minuto ou mais ele se sentou ao meu lado com uma xícara de café na mão.

— Você leu isso? — bateu na ponta do jornal e provavelmente manchou minha testa.

Suspirando, me edireitei e conferi a manchete. *Uhm. Um assassino na cidade de Nova York. Que tal? Talvez ele me faça um favor e me visite em seguida.*

Eu estava cheia de sarcasmo hoje, mas como isso não estava me levando a lugar nenhum, decidi morder a língua.

— Fausti, — disse. — Você reconhece o nome?

Ia perguntar o que isso tinha a ver com a manchete, mas fiquei calada. Não tinha energia para conversa fiada. Meu mundo estava implodindo ao meu redor e eu esperava que uma pequena faísca me incendiasse, pois parecia que a gasolina corria em minhas veias em vez de sangue. Parecia assistir em câmera lenta ao bate-papo aleatório enquanto se aproximava de mim. Tive vontade de correr para salvar minha vida, mas o problema era que não havia para onde fugir.

— Eles acham que alguém da máfia está cometendo os assassinatos. Ou que uma máfia está visando outra. — Caspar suspirou. — Não que a adorável garota que acabou de sair tenha algo a ver com isso. Ela é uma bailarina famosa, mas o povo de seu marido manda nesse mundo. Isso me fez pensar...

— Não se esforce tanto, — brinquei.

Caspar riu. Na maioria das vezes, ele entendia meu senso de humor.

— Você sabe que isso não é pessoal, — falou com sinceridade e empurrou um copo para mais perto de mim. Quando olhei dentro dele, continha quatro notas de dez dólares. Olhei para o dinheiro sem saber o que dizer.

— Considere uma comissão por receber o pedido de Fausti. — Ficou em silêncio por um minuto ou dois e depois pigarreou. — Não posso depender de você, Mari. Arev está doente. Você sabe disso. Tenho que estar com ela agora. A química... — ele não concluiu o pensamento. — Meu filho está vindo para assumir o negócio em breve. Não posso dar a ele uma loja

com uma funcionária inconstante. Não seria justo.

De pé, dei um tapinha na cabeça de Caspar, sem ter energia para dar desculpas esfarrapadas. É verdade que eu me atrasei hoje por causa do cara misterioso de terno e daquele maldito bife, mas nos últimos dois meses eu estive frequentando a faculdade comunitária. Meu horário escolar nem sempre correspondia ao do trabalho.

Queria fazer algo por mim mesma, mas era muito covarde para contar a alguém. Se eu falhasse, esconderia isso em meu armário metafórico cheio de esqueletos. O que era exatamente o que eu ia fazer — deixar o segredo ali. Não havia como continuar. Qual era o ponto?

Atingir o fundo do poço nem sempre faz você subir, como as pessoas afirmam. Às vezes, isso pesa sobre você e o enterra sob as cinzas. A desesperança era um fardo que se recusava a me deixar mover adiante.

Depois de pegar a mochila, parei na porta com a xícara de café na mão. Estava tão no negativo que nem mesmo esse pequeno raio de bondade poderia me colocar no positivo.

— Espero que Arev melhore, — murmurei, e então saí, fechando a porta com cuidado.



Não, não, não, não!

Joguei a mochila no chão e respirei fundo. Meu coração parecia prestes a explodir. *Merda!* As fechaduras do apartamento miserável que aluguei tinham sido trocadas.

“Apartamento” sou eu sendo generosa, no entanto. Tinha uma cama detonada na cozinha, que consistia em um fogão enferrujado e uma geladeira ainda mais enferrujada, e um banheiro que, provavelmente, foi construído quando o encanamento ainda funcionava direito. Não era muito, mas era meu.

O *meu* significava que eu não ficaria na rua a noite toda. Que não ficaria pulando de um estabelecimento noturno para outro, esperando que meu dinheiro não acabasse antes de o sol nascer, tomando uma xícara de café após a outra para me manter em um lugar, ao invés de vagar por aí. Significava que eu estava segura na maior parte do tempo. Esta não era a melhor parte da cidade, mas sempre mantive a cabeça baixa, a mochila perto

e os sapatos fuleiros em meus pés enquanto seguia em frente, cuidando da minha vida. E agora?

No. Olho. Da. Rua.

Quem disse que o diabo ataca em três, falava sério. Estava convencida de que o cara do restaurante cinco estrelas (não o de terno, mas o outro) era o próprio diabo e havia começado o dia direto do inferno.

A realidade me deu um belo golpe e tornou meus problemas muito reais. Não conseguia respirar. O calor do dia parecia um enxame ao meu redor, zumbindo em meus ouvidos. Meu oxigênio estava baixo ou inexistente. Minha visão ficou embaçada. O suor escorria pela minha pele e encharcava a roupa. Minha estúpida camisa de baseball, o jeans surrado e os sapatos muito apertados ficariam ainda mais fedidos depois disso.

Sapatos muito apertados podem deixá-lo tonto? Cortar o oxigênio para o seu cérebro? Ou Nova York estava pegando fogo?

— Pensamentos malucos, Mari, — disse. *Pare de ter pensamentos insanos.* Quando olhei para baixo, de alguma forma escorreguei diante do meu apartamento, sem forças... total. *Perdida. Perdida. Perdida.*

Estava cansada de estar sempre apenas um passo à frente do diabo que me perseguia. Estava cansada de lutar por mais um dia, apenas para ser trocada por este inferno. O que pareceu tantos anos e tanta correria... E que bem isso trouxe? Nada. Tinha me alcançado de qualquer maneira.

Abri a mochila e vasculhei o interior em busca do diário. *Não, não, não!* Meus dedos remexiam tudo ali dentro freneticamente, sabendo que nunca o deixaria para trás. *Clipe de borboleta, um pacote de lápis de cor, um livro de colorir, chiclete, uma caneta.* Tinha que estar aqui. *Ah, meu Deus, desapareceu! Outra coisa minha sumiu!* Meu lugar sagrado para guardar todos os meus sonhos e desejos e coisas pelas quais agradecer... se foi! Era estúpido, eu sabia, mas era algo em que se agarrar... era meu. Como o trabalho medíocre e os sapatos muito apertados e o lugar surrado que atualmente me mantinha em pé.

Pense, Mari! Quando você o pegou pela última vez?

Tentei me lembrar da última vez que escrevi nele. *Esta manhã. Antes de sair para o Home Run. Merda! Deixei ao lado de Vera no “apartamento”.* Era como se o destino soubesse que minha vida iria implodir hoje e dissesse: *“deixe seu livro do bem para trás, garota. É menos doloroso quando você tem que ver seus sonhos virarem cinzas, como o resto de sua vida”.* Não tinha ideia do porquê estava tão apegada a essa coisa estúpida. O mesmo

havia acontecido com Vera. Não era como se eu tivesse algo bom na vida para chamar de meu para sempre, mas uma vez senti que poderia. A possibilidade de algo melhor estava lá. Era a chance de que algo grande poderia acontecer comigo, ou de que eu poderia fazer isso por mim mesma, se ao menos pudesse dar dois passos à frente.

No dia em que a ideia criou raízes, tudo parecia estar predestinado. Durante um de meus turnos noturnos no *Home Run*, a guru da felicidade apareceu na televisão, alegando que havia escrito em seu diário durante anos. Ela escreveu tudo pelo que era grata, mesmo que ainda não tivesse tudo o que desejava. Alegou que ser grato por uma vida que não teve a preparou para a vida que queria ter. Ela comparou isso a ter fé suficiente para construir trilhos de trem antes mesmo de o trem iniciar a rota.

Tudo parecia tão... verdadeiro... e factível.

Não foi preciso muito dinheiro para tentar. Tudo o que eu precisava era de um diário. Então, depois do trabalho, me aventurei em uma parte da cidade conhecida pelos vendedores ambulantes, procurando algo pelo qual pudesse pagar. Isso prejudicaria minhas finanças, mas um dia valeria a pena. Olharia para trás, naquele diário, e teria provas. Eu havia mudado o curso do destino. Ganhei um oceano para apagar aquele fogo que me consumia.

Encontrei duas coisas naquele dia: um diário roxo e uma *aloe vera*. A planta estava em cima do diário, com uma aparência realmente artística, e o vendedor me vendeu dois por um. Cinco dólares por ambos. Dei à planta o nome de Vera, e ao diário, de Jornada. A partir desse dia, nasceu Vera Jornada. Quando precisava de uma confidente, conversava com a Vera. Quando precisava não me sentir tão quebrada, escrevia em Jornada. Desnecessário dizer que Vera estava indo muito bem com todos os nossos bate-papos, e que Jornada estava quase cheio de anotações. Ambos estavam fora do meu alcance. Minhas mãos formigavam, como se eu estivesse pendurada na montanha mais alta e meus dedos estivessem muito escorregadios. Estava caindo.

— Bem típico de mim, — murmurei.

O ataque de pânico passou e, de repente, me senti muito cansada. Como se eu pudesse me sentar naquele chão nojento e dormir por eras. Ergui a cabeça, encarei o teto por um segundo e fechei os olhos. Desejando. Esperando. Querendo algo tão diferente.

Eu *precisava*. Precisava de um lugar seguro para descansar pela primeira vez na vida.

Não tive energia nem para abrir os olhos quando a ponta de uma bota tocou minha perna.

— Troquei as fechaduras, — Merv informou. — Você não pagou o aluguel. Não estou administrando uma instituição de caridade aqui.

— Qual é, Merv, — retruquei. — Não estava tão atrasado.

— Mais de um mês, e não pela primeira vez. Eu me esqueci das multas por atraso, não foi?

— Você já ouviu falar em dar uma folga para alguém? Não é como se este fosse o palácio real. Você deixa os ratos viverem aqui sem pagar aluguel. Uma família enorme viveu comigo o tempo todo. Os bastardos roubaram minha comida, quando eu tinha, e depois cagaram pra todo lado!

Ele ficou quieto por tempo suficiente para eu me obrigar a abrir os olhos. Não tinha ido embora, eu sabia, porque sua colônia barata continuava atacando meu nariz. Nunca tive um bom pressentimento sobre ele, então geralmente mantive distância, e o sentimento estava forte como sempre. Havia algo em seus olhos que me lembrava de um rato doente. Sempre presumi que ele era o líder deles.

Consegui dar um jeito de me levantar e segurei as alças da mochila com força. Ele cruzou a distância entre nós e quase grudou o nariz ao meu.

— Eu poderia esquecer este mês. — Deu de ombros. — Se você fizer algo por mim.

Antes mesmo de ele continuar, comecei a balançar a cabeça. Eu sabia o que ele ia pedir, e de jeito nenhum eu faria essa porra. Essa não foi a primeira vez que ele insinuou trocar sexo por pagamento, mas agora algo tinha mudado. Ele parecia mais como um predador.

Dê o fora daí, uma voz gritou na minha cabeça.

— Vá se foder, Merv, — disparei, e quis dizer isso literalmente. — Preciso de dois minutos para pegar minhas coisas e depois vou embora.

Ele balançou a cabeça.

— Você me deve. Quer suas coisas? Tem que fazer algo por mim primeiro.

— Quando o inferno congelar, — sussurrei, esperando que o tom baixo da minha voz escondesse o toque de medo. — Você teria que me matar primeiro.

Eu podia ter pulado de casa em casa, de lugar em lugar ao longo da minha vida, mas não havia chegado ao ponto em que a fome e o medo valessem mais do que meu corpo, minha força para continuar colocando um

pé na frente do outro em meus próprios termos.

O cansaço pode ter chegado aos meus ossos, mas pensar nele me fez estremecer ao ponto de o ácido queimar o fundo da garganta. Prefiro pegar um estranho decadente em um beco escuro do que esse nojento à luz do dia. Era possível ver o cofrinho nojento dele, e nem sempre parecia só uma bunda cabeluda.

— Você vai voltar! — gritou para mim, inclinando um ombro musculoso contra a parede enquanto eu me arrastava para sair dali. Uma porta em frente à minha se abriu e duas pessoas saíram. — E o custo vai subir quando você fizer isso!



Como eu morava no terceiro andar, às vezes deixava a janela aberta. Me chame de tola esperançosa ou verdadeiramente louca, mas sempre desejei que um gato de rua escapasse para dentro para resolver o meu problema com ratos. Não tinha dinheiro para mais nada, e conseguir que alguém ouvisse nesta cidade — uma reclamação contra o proprietário — era mais difícil do que convencer uma parede de tijolos a se mover sozinha.

Ainda mais insano do que esperar por um gato herói era planejar pegar de Merv, o senhorio assustador, meu diário e a planta de volta. Eu me recusava a deixá-lo ler minhas esperanças e sonhos — e ficar com a minha planta. Eu podia até chegado ao fundo do poço, mas seria amaldiçoada se minhas últimas memórias fossem para ele.

Bati a palma da mão na testa. Mais uma vez, o cara de terno dessa manhã pareceu embaralhar meus pensamentos, e todo o bom senso escapou pelas rachaduras. Eu havia deixado a janela aberta no caso deste cenário exato: não conseguir pagar o aluguel e ser expulsa.

Em um dia normal, Jornada estaria comigo, mas Vera sempre ficava em casa. *Quero dizer, quem carrega uma planta por aí?* Para o caso de as coisas se tornarem sombrias demais, havia deixado a janela aberta de propósito para poder entrar por ali.

Com tempo de sobra, esperei sob o calor extremo, distante o bastante para não ser vista, até que escureceu e deduzi que Merv provavelmente estaria assistindo pornô pelo resto da noite. Depois de prender a mochila, subi a escada de incêndio o mais silenciosamente possível. Era velha e, a cada

passo, a ferrugem esfarelava na rua. Meus dedos dos pés estavam pulsando, e meu estômago parecia ter comido um sanduíche de ácido no almoço. Não importa o que as pessoas digam, não importa o quão pouco você coma, ninguém se acostumava a sentir fome. Havia uma grande diferença entre um rosnado e um rugido. Ou talvez houvesse uma grande diferença entre escolher não comer e não poder comer.

Tive que parar na metade do segundo andar. Eu me senti tonta e tudo pareceu girar antes de endireitar novamente. Olhei para cima, lembrando por que tinha que fazer isso.

Jornada. Vera. Minhas coisas. Minhas. Tudo o que resta de mim.

Assim que cheguei ao terceiro andar, no meu apartamento, espiei lá dentro, mas não vi ninguém. Vera estava no parapeito, e Jornada, embaixo. Isso estava certo. Eu estava tentando ser criativa hoje.

Talvez eu possa entrar e pegar minhas duas camisas e um short. Meu único par de chinelos. Eu até tinha uma garrafa de água na geladeira. Realmente não mantinha as coisas geladas, mas frescas. Isso vai me fazer bem quando eu estiver nas ruas quentes hoje à noite. Talvez Merv nem saiba que passei a noite aqui. Isso me dará mais um dia para tentar fazer outro tipo de acordo. É tarde demais para passar a noite em um abrigo.

Também não gostava de ficar lá. Sempre me senti presa.

Meus olhos se estreitaram quando um dos ratos começou a andar pelo chão. Sim, eles não tinham medo. A maioria deles poderia enfrentar um gato pequeno, mas lidar com ratos era melhor do que lidar com a humanidade.

Respirando fundo, levantei totalmente a janela e entrei, me sentindo de alguma forma um pouco à frente. Nunca me sentira acomodada, não desde os 10 anos, mas “um pouco à frente” havia se tornado meu normal. Uma dor lancinante se alastrou do meu couro cabeludo até o pescoço. Meu cabelo estava preso em um punho apertado, e minha cabeça, puxada para trás em um ângulo estranho.

— Sabia que você voltaria, — Merv zombou em meu ouvido. — E o que eu te disse? O custo será muito maior. Você vai conhecer Big Merv hoje à noite. Mari e Big Merv sentados naquela cama, b-e-i-j-a-n-d-o, — cantou a última parte com a voz infantilizada.

Meu coração disparou, as mãos formigaram e minha mente trabalhou horas extras. *O filho da puta estava esperando por mim!* Não tinha nada neste lugar nojento que pudesse usar para me defender.

Ele puxou minha cabeça ainda mais para trás e olhei para Merv pelo canto do olho.

— Você não é tão bonita... esse nariz... mas há algo em você... — Lambeu uma trilha do meu queixo até a orelha, e tive que reprimir a vontade de vomitar. Sua saliva fedia. — Seu corpo, pelo contrário... Vou me divertir um pouco quebrando ele.

Palavras continuaram se atropelando em meus pensamentos. Queria ameaçá-lo, dizer que se ele me tocasse, eu o mataria. Mas no momento elas não tinham sentido, voavam porque não tinham peso. Ele estava certo sobre uma coisa, todavia. Meu corpo. Iria lutar, mesmo que essa fosse a última luta que faríamos na vida. Comecei a lutar contra ele, então, não me importando com o que eu fazia, mas fazendo de qualquer maneira. Parecia que havíamos nos chocado contra uma parede, o fogão; em seguida, ele golpeou a outra parede com a minha cabeça... a parede mais perto da janela.

Merv soltou por um segundo, respirando pesadamente — o idiota preguiçoso provavelmente não conseguiria nem subir um lance de escadas sem chiar —, e nós fizemos uma espécie de dança das cadeiras um ao redor do outro. Estava decidida a chegar até a porta. Gritar não ajudaria, mas era uma chance de fugir dele. Eu o tinha lá, mas ele me tinha aqui. Enjaulada como um animal.

Ele veio para cima de mim novamente e tentei dar a volta, mas tropecei. Assim que caí, ele me agarrou pelas pernas e me puxou para longe da porta. Ofegou com todo o esforço, e fez algum comentário espertinho sobre ele não ter que lutar por sua comida. As garotas do corredor o pagavam com sexo o tempo todo, mas eram mais como cadáveres ambulantes depois de terem ingerido drogas.

Ranho escorria de seu nariz. Suas bochechas estavam vermelhas. Suas palmas estavam quentes, queimando meu jeans, e sua regata branca estava cheia de suor fedorento e doentio. Consegui soltar uma perna e dei um chute nele. Bati em seu joelho e ele gemeu. Meus dedos do pé furaram completamente um dos tênis com o impacto, mas consegui me levantar e chegar à porta. Antes que minha mão girasse a maçaneta, ele me agarrou pelo cabelo novamente e me puxou para trás.

Então ele me girou, louco de raiva, e enfiou minha cabeça na parede. Antes que eu pudesse me recuperar, ele me girou novamente e me deu um tapa. Sua mão fez contato direto com meu nariz antes de acertar o meu olho. Mal registrei a dor, tudo o que eu pensava era que precisava sair.

Sabia que a morte estava vindo para mim em breve, mas não assim. Não com esse idiota me destruindo antes de decidir me matar para os ratos comerem. *Provavelmente era assim que ele os alimentava.*

Agarrei, chutei e fiz barulhos que soaram desumanos, tentando reunir energia para continuar a lutar. Sabia que, para quem ouvisse de fora, provavelmente parecia que estávamos fazendo sexo selvagem, porque ele estava fazendo barulhos desagradáveis também. De alguma forma, chegamos à janela e tive a sensação de que Merv iria enfiar minha cabeça pelo vidro. Talvez ele tivesse decidido que brigar comigo não valia a pena. Acabaria com a minha vida logo de uma vez.

— Tudo bem! — gritei, mal reconhecendo o som da minha própria voz. Estava rouca, áspera. — Tudo bem! Vou fazer isso. — Ele parou o movimento, mas seu aperto não diminuiu. — Vou... vou fazer o que você quiser.

O apartamento estava um forno — sem ar-condicionado — e a única consciência que eu tinha dos meus ferimentos eram as picadas de suor escorrendo neles. Seu hálito quente fluiu sobre mim, como o calor de um milhão de fogos que queimavam a pele. Lentamente, sem qualquer esforço, deixei que ele me virasse para encará-lo. Ele soltou meus braços e, quando sua boca veio para a minha, o suor de seu cabelo espirrando em meu rosto, estendi a mão para trás e agarrei Vera do parapeito da janela.

Acertei-o com toda a força que pude, esmagando o pequeno vaso contra a cabeça dele. A cerâmica se manteve em sua têmpora até que afastei a mão, e pedaços dela se desfizeram no chão. Estava vagamente ciente do olhar atordoado em seu rosto antes de pegar Jornada, um pedaço da cerâmica do pote e meus chinelos. Saí correndo o mais rápido que pude para o anonimato das ruas superlotadas.



CAPÍTULO 4

Mariposa

Quando o sol nasceu, dei uma pequena gorjeta à garçonete do restaurante 24 horas em que me sentara. Ela foi gentil o suficiente para me deixar passar a noite, enchendo meu copo de vez em quando para que eu não tivesse que dormir na rua. Até me trouxe um pedaço de torta de maçã que parecia ter mais de duas semanas, mas, como fazia tempo que eu não comia nada, era a melhor coisa do mundo.

Talvez ela sentisse pena de mim porque eu estava toda ferrada. Nariz sangrando, olhos e lábios inchados, pedaços de gesso presos no meu cabelo. Um hematoma logo surgiria na minha testa. Estava dolorido ao toque e inchado. Mesmo que só chamasse mais atenção, preendi o cabelo para trás com uma presilha de borboleta para tirá-lo do rosto.

Vera. Ela tinha salvado minha vida. O pensamento fez meus olhos lacrimejarem, mas rejeitei as emoções, recusando-me a deixar uma lágrima sequer cair. Chorar não levava a lugar nenhum. Não ajudava em nada.

Depois de sair, enfiei meus tênis na bolsa e calcei os chinelos de um dólar. O tamanho deles era perfeito, mas não os usava com frequência porque, primeiro, não queria estragá-los; e, segundo, causavam bolhas enormes entre o dedão e o segundo dedo. Mas eles protegiam meus pés e eu

era grata por tê-los.

Fiquei feliz por ter recuperado Jornada de volta também. Passei a maior parte da noite escrevendo coisas pelas páginas. Até desenhei Vera e seu vaso para me lembrar dela. O resto do tempo, passei colorindo o livro infantil. Havia algo realmente relaxante em colorir todas aquelas princesas e trazê-las à vida.

Um cara andando na rua esbarrou em mim e me empurrou um passo para trás. Ele usava fones de ouvido e não estava prestando atenção, mas o impacto me fez recordar da luta da noite passada.

Seria um longo dia.

Não tinha para onde ir nem ninguém para ver, então deixei meus pés me levarem em qualquer direção que quisessem. Peguei a balsa para Staten Island e, depois de caminhar um pouco, voltei. Após andar por alguns mercados, dar um passeio pela Broadway e me perder por entre a multidão na Times Square, estava de volta ao restaurante cinco estrelas — o *Macchiavello's*.

Horário de pico para o jantar. Devia haver um código de vestimenta, porque nem uma única pessoa estava usando jeans. Perfumes caros e colônias finas permeavam o ar até o final da rua. Isso meio que mascarou o fato de que Nova York estava com o clima escaldante e as lixeiras assando. O suor cobria minha pele, e eu me sentia como se houvesse uma crosta por cima. Esperançosamente, os aromas ricos camuflariam meu cheiro também.

Dessa vez, não olhei pela janela, mas mantive distância. Encostei-me à parede, observando as pessoas entrarem e saírem. Estava entediada, então brinquei com a ideia de ir à biblioteca. Às vezes, eu ficava lá e lia o dia todo. Mas meus pés estavam doendo — todo meu corpo estava, na verdade —, e a ideia de me sentar um pouco e colorir parecia mais atraente. Então iria para o abrigo antes de ficar sem cama. Depois de pegar meus suprimentos, comecei a colorir a imagem de uma jovem com uma capa conversando com um lobo mau. Passou algum tempo, porque o clima começou a se tornar um pouco mais fresco. Escolhendo um lápis azul para tocar um ponto que coçava em meu nariz machucado, por acaso olhei para cima.

Meus olhos se estreitaram diante da mesma cena do dia anterior. O Espertinho se apressou para abrir a porta do restaurante, para o cara de terno, mas, em vez de entrar, ele me observou. Eu o encarei com um olho só, incapaz de abrir o outro pelo inchaço.

Era difícil desviar o olhar. Quando ele olhou para mim, me senti

presa, encurralada, incapaz de me mover um centímetro. Mas, de uma forma estranha, não me incomodou tanto quanto deveria. Percebi então que não me sentia julgada porque *ele* estava me julgando, mas, sim, porque *eu* estava me julgando em sua presença, me perguntando como eu poderia me comparar.

Merv estava certo. Eu não era a coisa mais bonita do mundo. Meu cabelo era castanho opaco; meus olhos, cor de avelã — meu DNA não conseguia se decidir entre dourado, verde e castanho — e meu nariz... bem, um garoto do antigo bairro me disse que eu tinha o que sua mãe chamava de “nareba exagerada”.

Jocelyn me disse para não me preocupar com o que o garoto dissera. Ele não sabia nada, assim como sua mãe não sabia se seu pai era o barman ou o marido dela. Jocelyn disse que eu tinha um nariz aquilino, ou, como as pessoas chamavam, às vezes, “nariz romano”. Era lindo e combinava com meu rosto, ela havia dito. Chegou a chamar meu perfil de “régio”. Até me levou à biblioteca para ver as fotos. Eu tinha que admitir que, comparado a alguns, tinha um bom nariz romano, que parecia adequado para o meu rosto, mas ainda assim era diferente. Pelo menos minha pele estava limpa. Bem, onde não havia hematomas.

O que o cara de terno pensa do meu nariz?

Depois de um segundo, pisquei, trazendo-me de volta ao momento. Inconscientemente, eu estava acariciando a ponte do nariz, chamando a atenção para meus pensamentos.

O que diabos estava acontecendo comigo? Por que eu pensaria nisso, ou muito menos me importaria com essa porcaria? Ainda não tinha desviado o olhar, e ele também não. Não até que algo o fez se virar para olhar. Um carro sem identificação passava pela rua, como se estivesse a caminho do restaurante. Um segundo depois, o homem de terno desapareceu atrás da porta com o Espertinho em seus calcanhares. Tive a estranha sensação de que talvez o homem de terno não quisesse ir embora, mas não teve escolha.

Ele ia falar comigo? Nem conseguia explicar por que pensei isso.

Então comecei a rir. Ri enquanto arrumava minhas coisas, me preparando para ir para o abrigo. Era tão ridículo ele vir falar comigo. Provavelmente estava me avaliando, tentando descobrir se eu me tornaria um problema. Ou se me conhecia de algum lugar.

Meus dedos se aquietaram quando notei o pedaço de cerâmica no fundo da mochila. Virei-o na mão por um segundo, admirando a borboleta que desenhara. Queria ornamentar o espaço de convivência de Vera e

desenhei algumas coisas em seu vaso. A borboleta era a minha preferida. Sempre admirei as coisas que tiveram que lutar para encontrar beleza na vida.

Se todos nós pudéssemos ter a sorte de encontrar nossa beleza, nossa paz, nosso propósito antes de deixarmos esta terra.

A peça pousou no fundo da minha mochila novamente e, depois de fechar o zíper, eu me levantei e limpei um pouco da sujeira das mãos na calça jeans.

Um homem alto, em outro terno de aparência cara, saiu pela porta do restaurante e foi direto para o carro sem identificação. Dois detetives saíram do veículo e o homem os encontrou antes que chegassem à porta.

Eu podia ouvir trechos da conversa, mas não muito. O homem alto tinha um forte sotaque italiano. Parecia estar explicando aos detetives que o homem que eles pediram para ver não estava lá, e se tivessem mais perguntas deveriam entrar em contato com o advogado primeiro. Por um minuto, pensei que talvez tivessem chamado a polícia por minha causa, mas o bom senso entrou em ação. Eu duvidava que os detetives fossem chamados porque alguém se sentou contra o prédio e coloriu um livro durante a maior parte da noite.

Não querendo me envolver em nenhum tipo de problema — porque já tinha meu inferno pessoal —, decidi ir embora.

— Ei! — a voz de um homem gritou atrás de mim. — Ei, espere! Você com a mochila! — Parei, me virando. Um jovem contornou o tráfego de pedestres para chegar até mim. Carregava uma bolsa de gelo na mão. Quando me alcançou, a estendeu e eu peguei no automático.

— O senhor Mac queria que eu te desse isso. E isto. — Enfiou a mão no bolso de trás e tirou um vale-presente. — Ele disse para entrar quando quiser. Basta usar este cartão.

Levei um momento para encontrar minha voz.

— Senhor Mac, seu chefe? O cara que saiu daquele carro? — Gesticulei com a cabeça em direção ao veículo. O jovem assentiu e eu continuei: — Ele sempre distribui estes cartões para os necessitados? — Acenei com o papel.

O cara olhou para mim por um momento antes de suas feições relaxarem.

— Não.

— E as mulheres?

— Ah, não.

— E quanto ao outro cara, aquele que saiu correndo para encontrar o Sr. Mac? Ele vai me dar algum problema?

— Bruno? — Seu nariz enrugou. — Não. O que quer que o Sr. Mac queira, o Sr. Mac consegue. — Assenti com a cabeça e ele também, então correu de volta para dentro do prédio.

Fiquei ali por um momento olhando para o cartão. Se tinha uma coisa que aprendi ao longo da vida era que nada é de graça. Tudo tem um preço. Não me importava com o Sr. Mac olhando para mim por qualquer motivo, mas isso — não importava o quão bom fosse — me fez sentir como um caso de caridade. Sim, tudo bem, eu era um caso de caridade, mas, vindo dele, não dava para aceitar.

Talvez porque eu desejasse estar em terreno firme com ele. Desejei, pela primeira vez na vida, ser uma mulher que pudesse estar à altura dele... em tudo. Mesmo que não fosse pobre, duvidava que ele se interessaria por mim. Não com as modelos que iam e vinham do restaurante que ele possuía ou frequentava. Na verdade, ele me notou porque eu era pobre. Não era nenhum segredo quando olhou para mim.

Jocelyn uma vez me disse que uma mulher nunca deveria querer ser tratada como um homem. Ela deveria exigir ser tratada melhor. Nossas portas deveriam ser mantidas abertas, além de receber o mesmo salário e oportunidades, esse tipo de coisa. E ela também disse que, se um homem te amasse de verdade, ele iria tratá-la como se não a merecesse, mas que o diabo o carregasse se outro a trataria melhor.

Meus sentimentos e pensamentos não estavam realmente se alinhando, mas, por alguma razão, um alimentava o outro. De qualquer forma, dei o cartão do *Macchiavello's* para uma mulher e sua filha no metrô. A mãe tinha câncer. Ela tinha um lenço enrolado na cabeça, sem cabelo por baixo e olheiras profundas. Talvez um bom jantar as distraísse, mesmo que por um curto período de tempo.

Cheguei tarde ao abrigo. Então caminhei pelas ruas a noite toda, pensando no homem de terno — o Sr. Mac —, e por que ele foi tão gentil comigo. Se eu não pudesse aceitar sua bondade, talvez pensar nele afastaria qualquer mal até que a luz do dia iluminasse a escuridão.



CAPÍTULO 5

Mariposa

— Merda! Mari! O que diabos aconteceu com você? — Keely me agarrou e me puxou com tanta força que estremeci.

Ela era do tipo que adorava abraçar. Mas desde que havia se tornado minha melhor amiga, quando ainda usávamos roupas íntimas infantis, eu a considerava família, então não me importava.

Keely Ryan e sua família moravam perto da minha em Staten Island. Seus pais eram imigrantes irlandeses/escoceses que tinham sete bocas para alimentar. Keely tinha quatro irmãos. Mas depois que as crianças cresceram o suficiente para se defenderem sozinhas, seus pais decidiram voltar para a Escócia. Keely e dois de seus irmãos ficaram em Nova York. O resto dos meninos seguiu os pais. Ficamos próximas mesmo depois de eu ter sido colocada em um orfanato aos 10 anos.

Keely me largou tão de repente que quase tropecei para trás. Ela era um turbilhão. Seu cabelo era vermelho intenso, com inúmeros cachos. Sua pele era pálida com sardas. Tinha os olhos azuis mais puros e pelo menos 1,65 de altura. O volume de seu cabelo provavelmente acrescentava mais dez centímetros.

— Liguei para Caspar e ele me contou o que aconteceu. — Ela

plantou as mãos nos quadris. — Estive procurando você por toda parte. Por que não veio me ver antes? Por que está parada aí sem responder minhas perguntas?

— Se você me desse um segundo — retruquei, ajustando a mochila, — eu responderia.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Parece que Merv teve uma divergência de opinião comigo, devido ao fato de que meu corpo se recusou a trepar com ele em troca do aluguel.

— Aquele bastardo! Ele fez isso com você? — Estendeu a mão e eu virei o rosto para o lado.

— Sim.

Não gostava de como me sentia com a gentileza dela e não queria que se preocupasse. Minha amiga iria querer que eu ficasse com ela, porque sua colega de quarto era uma cadela de marca maior, e, possivelmente, uma psicopata, e não queria ter que recusar sua oferta.

Keely também lutava e muito para sobreviver. Estava tentando há anos conseguir um papel importante na Broadway, mas ainda sem sucesso. Ela soava como um pássaro do jazz quando cantava, e de quebra tinha o talento dos irlandeses para o teatro. Aceitou tantos empregos quanto pôde para manter a cabeça acima da água.

Para se manter na superfície, teve que dividir o aluguel com alguém. Sierra foi sua terceira colega de quarto ao longo dos anos, mas uma em quem ela podia, até agora, contar. Mas Sierra não gostava de mim. Eu tinha comido acidentalmente os ovos dela um dia, quando Keely me disse que eu poderia me servir do que quisesse na geladeira.

Sierra entrou e me pegou no flagra. Então, pegou uma faca na gaveta da cozinha e apontou para o meu rosto. Ameaçou “cortar uma cadela” se me encontrasse comendo seu estoque de comida novamente. Keely e Sierra não dividiam comida, e as coisas dela estavam fora dos limites.

Tentei explicar que foi um mal-entendido, mas Sierra não era do tipo que ficava ouvindo desculpas. Ela se recusou a sair até que eu dissesse as palavras mágicas “*não vai acontecer de novo.*”

— *É melhor não,* — ela disse.

Ergueu a faca para mim mais uma vez e saiu da cozinha. Contou suas coisas provavelmente duas vezes depois que eu saí. Fiz questão de ficar longe dela.

Havia algo sobre Sierra que não se batia comigo. Foi por isso que

nunca vim passar a noite aqui. Eu tinha medo de que ela poderia me machucar durante o sono. Nunca contei a Keely, porque elas se davam bem. Sierra tinha aversão por mim, e Keely precisava dela para manter sua parte no aluguel.

A mãe de Keely uma vez me alertou sobre o que acontece com duas pessoas que se afogam. Um sempre leva o outro. Keely não precisava que eu a arrastasse para baixo, então sempre minimizava minha situação quando ela perguntava sobre as coisas. Dessa vez, não consegui. Ela ligou e descobriu que eu havia sido demitida.

Ela me arranhou emprego na *Home Run* depois que saiu de lá para ganhar mais em outro lugar. Ela sabia sobre Merv também, já que eu tive que contar a ela. Além disso, Keely podia sentir o cheiro de enrolação a um quilômetro de distância, então eu poderia minimizar, mas nunca contar uma mentira completa. O que significava...

— Você voltou para a rua, Mari? — Parecia tão desapontada comigo que tive dificuldade em evitar que meus lábios tremessem.

— Um pouco, — suavizei.

— Um pouco, — ela repetiu, suspirando depois. Então abriu mais a porta e me disse para entrar.

— Sierra está aqui? — perguntei.

— Sim, está se preparando para sair.

Finalmente, algo estava fluindo do meu jeito pela primeira vez.

— Ela não é tão ruim, Mari, — Keely falou. — Todo mundo tem uma história. Seja qual for a dela, parece obscura. Quem sabe o que Sierra passou para chegar aonde está?

— Onde ela está, exatamente?

Keely riu um pouco disso.

— A última vez que verifiquei, no banheiro. — Seu humor desapareceu assim que me encarou novamente. — Você realmente está um horror, amiga.

— Você tem alguma coisa nova para me contar, Kee?

— Não, mas tenho pão, manteiga e queijo. Senta aí, — apontou para a pequena mesa da cozinha. — Vou fazer algo pra você comer e depois você vai me contar o que diabos está acontecendo.

— Quem comprou? — perguntei, enquanto me sentava. — Você ou Sierra?

Seus olhos se estreitaram.

— Isso importa? Se eu pego algo emprestado dela, sempre devolvo.
— Balancei a cabeça.

— Não me sinto confortável comendo a comida dos outros.

— É meu, — ela revelou. — Juro.

Odiava como me examinava procurando a verdade, então tentei acalmar suas suspeitas.

— Sei que ela passa uma barra também. Não quero pegar o que não é meu. Nem estou com tanta fome. Comi pão mais cedo. — Apalpei a mochila.
— Caspar me deu um dinheirinho depois que me demitiu.

— Ainda assim, vou fazer um sanduíche de queijo grelhado para você. E mamãe mandou pão caseiro. Prova. Está na sacola em cima do balcão.

Enquanto Keely ainda fazia nossos sanduíches de queijo grelhado, decidi ser honesta sobre o que havia acontecido. Bruno. Caspar. Merv. A única coisa que deixei de fora, ou quem, foi o homem de terno. Por alguma razão, não estava pronta para compartilhar isso ainda. Passei a noite inteira pensando nele e em sua bondade, e não queria que ela decifrasse meus sentimentos. Eu geralmente não tinha isso em relação aos homens.

Sentimentos.

Eu tinha 21 anos e nunca tive um relacionamento, sério ou não. Não tinha tempo para isso quando todo o meu tempo era gasto para sobreviver. Era quem eu havia me tornado. *Mari, apenas tentando sobreviver.* Não tinha ideia de como era realmente viver. Além disso, era ridículo pensar nele dessa maneira. O homem provavelmente era um milionário e, ainda por cima, parecia um modelo.

Keely deslizou um prato para mim e o cheiro dominou meus sentidos por um momento. Esfreguei as mãos, lambendo os lábios. Ela riu e eu olhei para cima antes de dar uma mordida.

Minha amiga sorriu para mim, os cantos dos olhos enrugados. Então se sentou ao meu lado e agarrou minha mão.

— Sinto muito, Mari. Eu queria... — Fechou os olhos por um momento, respirando fundo. — Eu gostaria... Deus, gostaria de poder fazer mais por você.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha e estremeci. Eu odiava que ela pegasse meus problemas e os tornasse seus. Keely era uma consertadora, era o que fazia por seus irmãos, e me recusava a fazer o mesmo com ela. Fazia sentido o que sua mãe havia me dito. Todos nós tínhamos nossos

próprios infernos para sobreviver. Alguns de nós sentimos como se estivéssemos nos afogando. Outros estavam em uma sala em chamas, sem saída. Mesmo sentindo o fogo do inferno, Keely estava perto de se afogar. Mal mantinha a cabeça acima da água. Meus problemas só iriam levá-la para o fundo.

— Keely, — murmurei, largando o sanduíche, e apertando a mão dela. — Isso. Apenas você estar aqui, na minha vida, isso é mais do que suficiente. Isso vale mais do que todo o ouro do mundo.

— Ah! — Soltou uma gargalhada, mas não soou tão engraçada. — É verdade, mas o dinheiro ajuda.

— Sim, — eu sorri. — Tenho certeza que sim.

— Você precisa chamar a polícia, Mari. Merv não pode se safar disso. Eu poderia... poderia simplesmente matá-lo por colocar as mãos em você!

Eu me levantei e fui até a pia. Peguei um copo no armário e o enchi com água da torneira. Sierra não poderia me cortar como uma cadela por isso.

— Você já viu seu estado, Mari? Você precisa fazer isso. Tem que colocá-lo atrás das grades.

— Quanto tempo ele vai ficar lá, Kee? Não muito. E quando sair? Não preciso de nenhum animal atrás de mim. Ele sabe o meu cheiro. Vai me caçar.

— Não vou deixar. Vou pedir ajuda aos meninos.

— Não! — Eu me arrependi por ter gritado com ela assim que o fiz. — Não, — diminuí o tom de voz. — Não quis ser grossa, mas não.

Ela veio por trás de mim e enlaçou meus ombros.

— Eu sei, irmã, — disse. — Simplesmente não suporto a ideia de ele se safar dessa. E, se você quiser, falo com Caspar. Ele tem um fraquinho por mim. Talvez possamos conseguir seu emprego de volta. — Escolhendo mudar de assunto, dei um passo para o lado e me virei para encará-la.

— Queria dizer isso quando cheguei aqui, mas você não me deu a chance. Isso é sério agora, Kee. Que diabo de roupa é essa?

Nós nos encaramos por um momento antes de cair na risada. Ela estava usando algum tipo de fantasia. Eu sabia que tinha algo a ver com sua herança. O vestido de veludo verde era comprido até chão, e as mangas largas. Seu cabelo estava domado sob algum tipo de touca, com uma coroa no topo. Ela riu um pouco mais e depois enxugou os olhos.

— Eu tenho um emprego no norte do estado de Nova York. Algum

tipo de feira dos tempos medievais da Escócia, e eles precisavam de uma donzela antiquada para passear e cumprimentar os convidados. Lachlan quase se mijou de rir quando me viu. Tirou uma foto e mandou para todo mundo.

Lachlan era um de seus irmãos. E ele faria isso mesmo. Se eu tivesse um telefone, não tinha dúvida de que também o faria. A maioria dos irmãos de Keely tinha um grande senso de humor, exceto seu irmão Harrison. A família dela o chamava de Indiana Jones mal-humorado, pelas costas. Embora ele não parecesse mal-humorado. Todos os seus irmãos tinham cabelos escuros, olhos claros e pele dourada. Keely era o fogo em meio a toda a escuridão. Jocelyn costumava dizer que um dia os meninos Ryan seriam bonitos. Ela estava certa.

— Aposto que seus pais estão orgulhosos. — Enxuguei os olhos.

— Mamãe estava louvando ao Senhor! Ela espera que eu encontre um homem adequado enquanto estiver lá. Um que possa levar para casa comigo.

Nossas risadas diminuíram quando ouvimos uma batida à porta. Um ou dois segundos depois, Sierra emergiu de onde quer que estivesse no apartamento. Seu cabelo loiro platinado descia pelas costas em ondas perfeitas. Seu top era longo o suficiente para cobrir o short realmente curto. Ela parecia estar trabalhando em sua aparência o dia todo, quando na realidade provavelmente tinha acabado de acordar. Qualquer trabalho que ela fizesse, fazia à noite.

Keely levantou as sobrancelhas e nós duas ficamos quietas quando Sierra abriu a porta da frente. Ela teve uma série de namorados desde que começou a morar com Keely, mas o que tinha chegado naquele momento sempre estava por ali há mais tempo. Então nós duas ficamos surpresas quando ele começou a praguejar.

Aparentemente, Sierra havia terminado com ele. Um segundo depois, a voz dele ainda exigia saber o motivo:

— É o filho da puta rico do clube? — Ela fechou a porta com força na cara dele. Sua voz ainda era audível, embora abafada quando entrou na cozinha.

Sierra me lançou um olhar mortal assim que me viu. Suas sobrancelhas eram muito mais escuras que seu cabelo, o que tornava seus olhos castanhos mais intensos. *Malignos*. Ela tinha olhos perversos para combinar com sua personalidade perversa.

— Indo para algum lugar? — perguntou a Keely, olhando para o

sanduíche que ela tinha feito para mim, ainda na mesa.

— Trabalho, — Keely respondeu. — Voltarei tarde.

— Você, Mari? — Sierra apontou o queixo em minha direção.

Odiava como ela dizia meu nome. Em vez de Mar-ee, como a maioria das pessoas pronunciava, ela falou Marry. O problema é que ela fez soar como Murry. Realmente Sierra não se importava com o meu lugar de destino, mas não confiava em mim sozinha no apartamento delas. Talvez tenha pensado que eu roubaria alguma coisa desde que comi um de seus ovos.

— Eu...

— Mari vai passar o dia comigo, — Keely me cortou. — Vou levá-la à feira depois que ela comer o sanduíche que preparei e tomar banho.

— Vou voltar tarde também, — Sierra disse.

— Trabalhar? — Keely perguntou.

— Você sabe como é. Coisas para ver e pessoas para agradar. — Ela sorriu. — Não se preocupe com Armino. Ele vai se cansar de reclamar para a porta em breve. Quando ele precisar de uma bebida. Então, eu agradeceria se nenhuma de vocês respondesse a ele.

Keely assentiu.

— Sem problemas. Não vou responder e nem Mari.

Sierra deu uma última olhada no sanduíche sobre a mesa e, lentamente, saiu da cozinha. Poderia dizer que ela queria contar suas fatias de queijo, mas em vez disso fechou a porta do quarto com um baque segundos depois.



Harrison apareceu para nos buscar. Keely não me disse que ele viria. Não que eu geralmente me importasse, mas ele sempre foi muito doce comigo. Embora adorasse o carinho com que me tratava, eu odiava recusá-lo quando sempre tentava me dar presentes. Ele havia cursado a faculdade de Direito, mas, por causa da economia e outros fatores, estava na mesma situação de Keely: lutando para não se afogar.

Keely me disse, no caminho para o carro, que recentemente Harrison conseguiu um bom emprego e estava melhorando de vida. O carro esportivo antigo que ele dirigia era prova-viva disso. Seu irmão foi legal o suficiente

durante a viagem, mas eu o peguei olhando para o meu rosto. Sua mandíbula se contraiu e as mãos apertaram ainda mais ao volante. Keely deve tê-lo avisado para não dar muita importância a isso.

Assim que chegamos à feira e eu me recusei a deixar que comprasse comida e outras coisas, ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e se recusou a olhar para mim. Depois que Keely me perguntou se eu queria ajudar em um estande que estava com uma pessoa a menos, ele saiu sem nem dizer que nos veria mais tarde.

Trabalhar na feira me dava um dinheiro extra, e a alimentação do dia estava incluída. A única desvantagem era que eu tinha que usar algum tipo de traje medieval. Quando Harrison finalmente voltou e me viu, ele sorriu. Então, tirou uma foto para enviar para seus irmãos — na certa. Eles dariam boas risadas às minhas custas.

A volta foi tranquila. Eu estava grata, mas com os nervos à flor da pele. O dia trouxe um alívio temporário para todos os meus problemas; porém, quanto mais perto chegávamos da cidade, mais o medo pairava sobre minha cabeça. Nunca fui de ficar pensando: “*o que vou fazer?*”. Eu apenas fazia, mesmo que minhas opções estivessem espalhadas pelo vento.

Dessa vez, porém, a vida parecia ter me superado brutalmente. Eu não tinha dinheiro além dos poucos dólares em minha bolsa, e nenhuma comida, exceto um pedaço de pão. E não tinha emprego. Sem perspectivas. Sem casa, e, possivelmente, com um homem furioso, com um pedaço de cerâmica cravado em sua têmpora, à minha procura.

Suspirei longa e profundamente quando Harrison estacionou na casa de Keely.

— Vou entrar em um segundo, — ele disse, desligando o carro. — Me dê um minuto.

Keely estreitou o olhar para o irmão, mas, antes de caminhar até a porta, esperou que eu desembarcasse. Dei um suspiro de alívio quando percebi que Sierra não estava em casa. Ela deve ter saído com pressa, porque a porta de seu quarto se encontrava aberta. Talvez fizesse isso quando estava a sós com Keely, porque sempre que eu vinha aqui, a porta de seu quarto se mantinha fechada.

— Vou tirar essas roupas. — Keely foi para o quarto. — Nem pense em ir embora, Mari! — ela gritou, por cima do ombro. — Precisamos bolar um plano. Precisamos resolver essa sua confusão antes que você dê um sumiço. Se você fizer isso, sem brincadeira, eu vou te caçar.

Sentei-me no sofá de segunda mão, me afundando no conforto dele. Ergui os pés, sujos de andar pela feira empoeirada, e notei manchas de sangue entre os dedos. As feridas doeram pra cacete antes, quando tomei banho — os cortes no meu rosto também. Pensei em pegar a bolsa de gelo e colocá-la no freezer, mas estava cansada demais para me levantar.

— Mari?

— Uhm? — Olhei para cima e encontrei Harrison parado na porta, me observando.

Ele segurava um presente embrulhado.

— Seu aniversário — falou. — Sei que está chegando.

Eu quase gemi. *Por quê? Por quê? Por quê! Por que ele tinha que ser tão legal quando, na verdade, ele nunca era assim?* Havia uma razão para seus irmãos o chamarem de Indiana Jones mal-humorado. Ele não era legal, mas, à sua maneira, era gentil comigo, embora soubesse que os presentes me deixavam desconfortável. E meu aniversário era só em outubro. Estávamos no início de abril.

Nunca aceitei nada de ninguém, a não ser que pagasse ou trabalhasse por isso. Sem exceções. Além disso, sua mãe, Catriona, teria um aneurisma se soubesse que ele sempre tentou comprar coisas para mim. A mulher não me odiava, mas também não gostava de mim. A única razão pela qual fez um esforço para encontrar meu paradeiro depois que fui colocada em um orfanato, foi porque Keely se recusou a comer a menos que ela o fizesse. Depois da terceira vez que minha amiga desmaiou, Catriona deu um jeito de me encontrar.

— Por que você sempre fica com essa cara quando tento fazer coisas legais para você, Strings? — Harrison me deu esse apelido quando éramos crianças.

— Harrison... — Mordi meu lábio, sentindo-o rachar novamente. — Eu já te disse. Só não gosto de presentes.

— Finge que gostou. Você pode doá-lo depois de abri-lo.

Cacete. Esfreguei a têmpora por um minuto, e então, erguendo a cabeça para encontrar seu olhar, assenti. Para tornar a situação ainda mais constrangedora, ele se sentou ao meu lado e observou enquanto eu abria. Eu segurei o pacote, sem saber o que fazer.

— Você me comprou um celular?

— Sim. Dessa forma, você pode manter contato com Keely. Ou... com quem quer que seja. Eu disse a Kee que não diria nada, mas não consigo

ficar calado. Aquele filho da puta vai ter o merece depois do que fez com você.

Era difícil encará-lo, então olhei para o telefone. Foi a primeira vez em muito tempo que tive dificuldade em resistir à gentileza. Ele me deu isso por causa da preocupação. *Ainda assim*. Minha regra valia mais do que sua consideração.

— Você não precisava fazer isso, — murmurei, baixinho. Então peguei minha mochila, vasculhei os bolsos e entreguei a ele dois dólares. — Pelo telefone. Não posso aceitar a menos que você pegue o dinheiro.

Ele detestou a condição, mas aceitou. Colocou os dois dólares no bolso.

— O que você fez?

Levei um susto, sem perceber que Keely tinha voltado do quarto. Sentei-me ereta, quase como se tivéssemos sido pegos fazendo algo errado. Harrison se levantou do sofá e enfiou as mãos nos bolsos.

— Nada, Kee. Dei a Mari um presente de aniversário, mais ou menos.

— O aniversário dela é só em outubro, — Keely apontou o óbvio. Ele deu de ombros.

— Odeio chegar atrasado.

Ela abriu a boca para responder, mas uma batida forte veio à porta. Olhei para Keely, Harrison olhou para mim e Keely olhou para a porta.

— Esperando alguém? — ele perguntou, e sua irmã negou com um aceno de cabeça.

— Não, Sierra disse que chegaria tarde em casa.

— Vou ver quem é, — ele se propôs.

Fiquei de pé ao lado de Keely enquanto ouvíamos Harrison falar com alguém do outro lado da porta. Um minuto depois, ele entrou, seguido por dois homens de terno. Eram os mesmos dois homens do *Macchiavello's*.

— Keely, — Harrison chamou. — Este são os detetives Scott Stone e Paul Marinetti.

O mais novo dos dois, o detetive Stone, se aproximou primeiro e estendeu a mão. O homem mais velho fez o mesmo depois.

— Senhorita Ryan, — falou o detetive Stone, com uma expressão séria no rosto. — Lamento informar que sua colega de quarto, Sierra Andruzzi, foi encontrada morta. Estivemos tentando entrar em contato com você, mas só agora conseguimos.

Keely cambaleou para trás, claramente em estado de choque. Então, ela se sentou no sofá depois que Harrison e eu a ajudamos.

— Ela... — Keely balançou a cabeça. — Ela me disse que só voltaria mais tarde. Seu ex-namorado. Armino. Ele estava na nossa porta mais cedo. Louco. Ela terminou com ele. Ele...

— Pelo que descobrimos, a Srta. Andruzzi passou por uma loja mais cedo, e logo após foi agredida e depois assassinada. Parece que estava voltando para cá. No momento, não podemos dizer com certeza. É por isso que estamos aqui. Para formar a linha do tempo.

— Eu... eu quero dizer... — Keely mal conseguia falar.

— Nós odiamos pedir a você para fazer isso, Srta. Ryan, mas se importaria de vir conosco para identificar o corpo? Não conseguimos encontrar um parente próximo da Srta. Andruzzi.

— Não havia ninguém mesmo, — Keely contrapôs. — Ela veio de lares adotivos.

— Minha irmã não va...

— Não, — Keely interrompeu Harrison. — Vou fazer isso. É o mínimo que posso fazer por ela. — Ela estava visivelmente tentando se recompor, usando uma reserva de forças para se levantar. — Deixe-me pegar minhas coisas.

O detetive Stone puxou um cartão de visita e escreveu o endereço do local onde o corpo de Sierra estava. Ele o entregou a Harrison, que lhe disse que estariam lá em breve. Fiquei parada no meio da sala, sem saber o que fazer. Eu não gostava de Sierra, mas ninguém merecia ser assassinado.

Merda. Foi o Armino?

Antes de o detetive Stone sair, ele nos avisou que Armino poderia estar à espreita. Seu sobrenome era Scarpone. Ele não precisava dizer mais nada. Era uma das famílias criminosas mais cruéis do mundo.

— Mari? — Eu me virei ao ouvir a voz de Harrison, notando Keely ao lado dele. — Venha conosco.

— Não, — eu falei. — Prefiro não ir.

— Você não pode desaparecer, — Keely pediu, e a súplica em sua voz me atingiu bem no centro do coração. — Preciso saber onde você está. Depois do que aconteceu com você... e agora esta noite... — fungou, embora não estivesse chorando. Então avançou e me abraçou com força, quase arrancando o ar dos meus pulmões.

— Posso ficar aqui? — perguntei, mal conseguindo respirar. Não era

boa com demonstrações de carinho, mas não sabia como me afastar de seu abraço sem fazer disso um caso.

— O ex-namorado de Sierra. — Harrison balançou a cabeça. — Pode não ser...

— Ele não vai voltar aqui. — Dei um passo para trás. — Provavelmente já se foi.

Keely me soltou, assentindo.

— Sim, ele provavelmente se foi. Apenas certifique-se de trancar as portas.

— Pode deixar.

— Use o celular — Harrison acenou em direção ao sofá, — para me ligar se precisar de alguma coisa. Meu número está programado.

Depois que eles saíram, tranquei as fechaduras, verifiquei-as duas vezes e em seguida empurrei a velha mesa de Keely contra a porta.



A porta do quarto de Sierra ainda estava aberta. Não havia razão para que não estivesse, mas, ainda assim, parecia estranho pensar que ela nunca iria fechá-la novamente.

Aonde ela estava indo? O que ia fazer? Tinha acabado de sair para comprar alguma coisa, segundo o detetive.

Eu sabia que provavelmente era a coisa errada a fazer, mas não conseguia evitar. Abrindo a porta por completo, fiquei chocada ao ver que seu quarto estava impecável. Sua cama estava feita. Nenhuma roupa no chão. E ainda exalava o perfume dela. Como se tivesse borrifado um pouco no ambiente antes de sair.

A única coisa estranha, em comparação com o resto do lugar, eram as coisas que ela havia deixado em cima da cama — um vestido preto chique, um cartão dourado com algo escrito e algumas caixas douradas. Sapatos combinando com o vestido estavam no chão.

Entrei e fiz uma pausa. Esperei. E esperei. Temendo que ela pulasse em mim e gritasse: “*Vou cortar você, vadia, por estar aqui!*” O susto nunca veio, mas eu ainda estava nervosa. Arrepios percorreram meus braços.

No entanto, o medo não foi suficiente para me impedir de olhar em volta. Não deveríamos temer os mortos, mas os vivos.

O vestido preto era elegante. O corpete lembrava asas, enquanto o resto parecia ser mais ajustado. O tecido parecia caro. Peguei o cartão ao lado do vestido. Parecia um convite. Tinha a data (hoje), a hora (11:11p.m) e o local (*The Club*, em New York) em letras pretas de aparência refinada. Tudo se destacava contra o dourado. Na parte inferior, em letras menores, constava que nenhuma entrada seria permitida sem o cartão. *Interessante.*

No caminho para a feira, Keely mencionou que Sierra estava entusiasmada com uma nova perspectiva de emprego. Ela havia dito a Keely que, se conseguisse a vaga, se mudaria dali, porque conseguiria pagar por um lugar bem melhor. Todos os seus problemas seriam resolvidos, *para sempre*, dissera Keely.

Eu me perguntava se ela seria uma acompanhante de luxo. Não expressei o pensamento em voz alta, porque não gostaria de apenas assumir algo assim, mas não conseguia descobrir o que mais ela poderia fazer para resolver todos os seus problemas para sempre. Tinha sido uma criança adotiva como eu.

As caixas douradas estavam cheias de perfumes brasileiros. Abri cada um deles, para sentir o cheiro. Baunilha e caramelo se destacaram imediatamente, e pude perceber notas de pistache, amêndoa, pétalas de jasmim e sândalo depois de ler a descrição na caixa. Eu inalei novamente, quase embriagada pelo aroma exótico. Estava muito longe do fedor de suor salgado que geralmente exalava do meu corpo. Abri o creme, esfreguei um pouquinho no braço. O cheiro era ainda mais gostoso na pele. Sierra também tinha o *body splash* para combinar.

Sentando-me em sua cama, descartei a loção e peguei o convite novamente, girando-o entre meus dedos. Os sapatos estavam perto dos meus pés descalços. Os pés de Sierra eram um ou dois tamanhos maiores que os meus.

“Que bom”, pensei, “grande demais ou pequeno demais. Nada nunca me servia”.

Porque você não tem dinheiro para comprar nada feito só para você.

Então, um monte de vozes pareceu se atropelar na minha cabeça de uma só vez: *Aproveite a oportunidade, Mari. Você tem o vestido. Os sapatos, mesmo que sejam muito grandes. Perfume. O convite. Sierra não pode ir. Mas. Você. Pode.*

Até a princesa que você coloriu nos livros tinha uma fada-madrinha. Esta é a sua chance de ter uma. Você não tem para onde ir, nem dinheiro,

nada. Esta pode ser sua última oportunidade. As coisas estão ruins. Muito ruins. Seria bom ter um par de sapatos que servisse. Um telefone que posso pagar sozinha. Pão e queijo. Um lugar quente para dormir quando está frio e um lugar fresco quando está calor. Sem ratos. Sem Merv. Segurança.

O outro lado do vidro.

E se isso significar negociar seu corpo? Você poderia fazer algo assim com um rosto como o seu?

Vale a pena tentar sobreviver. Viver. Esta pode ser sua última chance, uma oportunidade única na vida de resolver todos os seus problemas. De uma vez por todas.

Você pode trocar o que é exclusivamente seu e de mais ninguém por bens mundanos? Não vai ser oferecido por gentileza. Será um negócio. Vou trabalhar para isso.

A proteção do meu corpo, minha honra, eram mais preciosos do que coisas que só o dinheiro poderia comprar? Levei apenas um segundo para responder.

Não mais.

Fiz minha escolha: viver.

Peguei o sabonete e fui para o banheiro, preparada para parecer o mais sedutora possível.



CAPÍTULO 6

Mariposa

Os saltos escorregaram comicamente quando saí do táxi e fui para a calçada. Tinha usado o que restava do meu dinheiro para pagar um táxi. Em Nova York, era o equivalente a uma carruagem mágica.

Mesmo que o taxista tenha pegado meu dinheiro e seu taxímetro tenha rodado, ele observou com divertimento enquanto eu tentava chegar de seu carro até a frente do prédio. Não era longe, mas meus sapatos escorregavam o tempo todo, porque meus pés eram muito pequenos. Não tinha certeza do que era pior. Sapatos que me faziam enrolar os dedos ou que me faziam andar como um pato para encontrar um ritmo natural.

Além disso, nunca usei salto alto na vida. Adicione isso a dois números a mais e o que você tem? Um desastre ambulante.

Esperava que quem quer que estivesse à “minha” espera essa noite, se fosse o caso, não conferisse a sola dos meus pés. Tirei os saltos enquanto caminhava para o táxi, as solas agora imundas.

Um assobio atrás de mim me fez virar para olhar. Dois caras vestidos com roupas bacanas passaram, sorrindo para mim.

— Ei, linda, — um deles disse, dando uma piscadela. — Você cheira tão bem quanto o paraíso. Quer tentar ser meu pecado esta noite?

Olhei para trás para ter certeza de que era comigo que ele estava falando. Era. Calor subiu pelas minhas bochechas e me virei, tentando esconder o sorriso. Foi a primeira vez que sorri em muito tempo. E não porque ele me chamou de linda ou até mesmo tentou flertar comigo. Foi porque ele disse que eu cheirava bem. O calor do lado de fora tornava o perfume da caixa dourada ainda mais marcante, mas não exagerado. Isso fez minha cabeça flutuar nas nuvens. Queria tomar banho com o sabonete líquido duas vezes ao dia e passar o creme no meu corpo de manhã, à tarde e à noite.

— Cara! — o outro disse, empurrando-o. — Que tipo de cantada foi essa? Horrível. Precisamos trabalhar suas habilidades.

Assim que os dois passaram, lembrei por que estava aqui e meu nervosismo veio à tona novamente. Com as mãos trêmulas, tirei o convite dourado da mochila. O cartão brilhou sob as luzes do *The Club*.

O clube era enorme e parecia exclusivo. Algumas pessoas bonitas puderam entrar direto, mas outras não tiveram tanta sorte. A fila dava a volta no prédio, pessoas comuns como eu esperando sua vez na boate chique. A música soava lá dentro, reverberando o baixo, e de vez em quando eu podia sentir o cheiro de álcool na leve brisa.

Respirando fundo, enfiei o cartão debaixo do braço e puxei o celular que Harrison me deixou comprar por dois dólares. Enviei uma mensagem para Kee. Harrison havia programado o número dela e o dele no telefone.

Eu: Como está indo?

Um segundo depois, o telefone sinalizou uma mensagem recebida.

Kee: Quem é?

Eu: Eu.

Kee: Eu quem?

Percebi meu erro.

Eu: Mari.

Kee: Estou tão feliz que você tem um telefone agora, e as coisas estão indo como esperado. Não consigo esquecer o que vi, sabe? Como você está? O que está fazendo?

Eu: Vou dar uma saidinha.

Kee: ...?

Eu: Não se preocupe. Não vou chegar tarde, mãe. Se for o caso, vou mantendo contato.

Alguns segundos se passaram sem que ela respondesse. Então o telefone vibrou na minha mão e eu me sobressaltei, já que não esperava.

Kee: Descobri por que o Zangado Indiana Jones está tão chateado o tempo todo.

Antes que eu pudesse digitar de volta, sua resposta veio muito rápido.

Kee: Está apaixonado por você.

O telefone caiu das minhas mãos. Bateu contra o piso de concreto e tive que me esforçar para pegá-lo. Kee já havia enviado outra mensagem antes que eu pudesse responder.

Kee: Você não precisa responder. Depois desta noite, percebi como a vida pode ser curta. Nada faz isso como estes momentos. Portanto, devo falar em nome dele. Meu irmão é muito teimoso para admitir, mas depois que te

deu o telefone, eu soube. Algumas pessoas não conseguem dizer as palavras. Algumas pessoas demonstram com gestos. Eles fazem coisas como dar um telefone para se certificar de que você está bem. O amor não está apenas em um idioma — ele fala mais do que apenas palavras .

Outro ding do meu telefone veio um segundo depois.

Kee: Eu te amo, amiga. Se cuida. Bjo.

Eu: Também te amo, Kee Kee. Bjo.

Não tive tempo de pensar no que ela havia me contado. Eram onze da noite e o convite marcava 11:11h.

Seja rápida.

Não tinha ideia se precisava ficar na fila quilométrica ou fazer outra coisa. Não tinha noção de nada. Ao ver um homem que trabalhava em uma porta lateral, eu me abaixei na direção dele, com medo de que meus joelhos cedessem e eu caísse.

Todos os cavaleiros e todos os homens do rei não conseguiriam juntar os pedaços de Mari novamente...

— Precisa de ajuda? — o cara enorme perguntou quando me endireitei. Ele era claramente italiano. Tinha um sotaque carregado.

Não tinha certeza do que dizer e, não querendo dizer a coisa errada, mostrei o cartão para ele. Suas sobrancelhas se ergueram quando percebeu o que eu segurava. Falou rápido no fone de ouvido que usava, as palavras em italiano. Então, sem dizer uma palavra, me pegou pelo braço e me puxou para a lateral do prédio. Diminuiu a velocidade quando percebeu o quão difícil era acompanhá-lo. Precisou dar passos de bebê para essa adulta segui-lo. Finalmente chegamos em uma entrada lateral privativa. Mais dois italianos estavam à porta. Pelo menos, eu deduzi que fossem. Todos falavam o mesmo idioma, até que um deles pediu meu convite, em inglês.

Entreguei. Ele analisou com o olhar atento antes de usar algum tipo de engenhoca para escanear o cartão, que apitou um segundo depois e ele

assentiu.

— Senhorita Andruzzi, documento de identidade. E preciso checar sua mochila também.

Ele era todo profissional. E comecei a suar. Esperava que o convite fosse tudo de que eu precisava, mas, por precaução, peguei a carteira de identidade de Sierra em sua cômoda. Não éramos nada parecidas, mas um dos irmãos adotivos com quem morei uma vez me disse que os seguranças nunca olhavam para a foto, apenas para a data. Mas, de alguma forma, eu sabia que algo *diferente* estava acontecendo aqui. Se ele me prendesse, eu estaria em apuros. Não tinha dinheiro, *zero*, e nada mais em que depositar minhas esperanças. Achei que seria um tiro no escuro, mas pelo menos esperava passar pela porta antes de me enterrar um pouco mais fundo.

Respirando fundo, vasculhei minha mochila e entreguei a identidade. Se ele me mandasse embora, não havia razão para verificar meus pertences.

Ele estudou a foto, iluminou meu rosto com uma lanterna e fez isso mais uma vez. Um segundo depois, falou em seu fone de ouvido novamente, em uma língua que eu não conhecia.

Então, sem nem mesmo reconhecer minha própria voz, levantei a mão para um homem que havia passado pela segurança sem parar.

— Guido, — falei com o homem na porta. — Você pode chamar Guido... Fausti, — tentei seu sobrenome, mas parecia que eu estava juntando dois nomes diferentes no caso de seu sobrenome não ser, de fato, Fausti. — Peça a ele para me identificar, se não acredita em mim.

Guido era o italiano com Scarlett Fausti na *Home Run*. Ele apareceu no *The Club*, e todos pareciam sair do seu caminho. Era claro que ele tinha poder.

Os Fausti. Eles eram basicamente a realeza italiana, entre outras coisas.

Em que diabos eu me meti?

O cara com a identidade de Sierra ficou parado por um momento. Talvez estivesse ouvindo algo em seu fone, mas me observando o tempo todo. Então acenou com a cabeça uma vez.

— Você está liberada. Agora, sua mochila, Srta. Andruzzi, — estendeu a mão enorme.

Soltei a respiração que não tinha percebido que estava segurando e a entreguei. Ele a levou para dentro e eu mordi o lábio, esperando que não rachasse novamente. Havia usado a maquiagem de Sierra para cobrir os

hematomas o melhor que pude. Não tinha habilidade para aplicar maquiagem, então os resultados foram... duvidosos. Pensei nisso como colorir em um dos meus livros, tornando a princesa mais atraente.

O outro guarda me observou, mas virou o olhar para o outro lado quando o segurança que levou minha mochila voltou.

— Onde estão as minhas coisas? — perguntei.

Ele me entregou um ticket, em vez disso.

— Na área de check-in. Todas as bolsas ficam conosco até você sair.

— Besteira. — Me senti territorial com minha mochila. Era tudo que eu tinha. Tudo o que era meu estava lá. Ele baixou o olhar.

— Você leu as regras?

Pergunta capciosa, eu poderia dizer.

— Sim, — menti. Tentei a honestidade. — Eu li. É... é tudo o que tenho.

Ele não teve reação. Deu um passo para o lado e estendeu o braço.

— Entre.

Outro segurança me recebeu na porta e me disse para segui-lo. A primeira coisa que notei foi o cheiro no ar. Chocolate. Parecia vir de... velas. Elas iluminavam de uma ponta a outra do corredor, e o doce perfume parecia vir delas. No final do corredor, subimos as escadas para um segundo nível. Se eu tivesse que adivinhar, o *The Club* era um antigo armazém que havia sido reformado. Opulência. A palavra veio logo após chocolate. *The Club* pretendia mexer com todos os sentidos.

Vidro completamente imaculado estendia-se por todo o segundo piso, e eu podia ver de uma ponta a outra do clube. Abaixo, centenas de pessoas dançavam e se misturavam. No andar de cima, elas só interagiam. Homens e mulheres em trajes finos circulavam pelo salão. Alguns descansavam em sofás ou cadeiras de veludo azul-escuro, com uma bebida na mão e sorrisos no rosto. Toques de cristal e ouro realçaram a textura amassada do veludo. A luz das velas suavizava a atmosfera com um brilho quente. Tudo brilhava. Essa tinha que ser a área VIP, onde todas as pessoas lindas ficavam. Elas estavam um passo acima da beleza.

Assim que meus pés tocaram o chão, reconheci duas atrizes extremamente populares, dois atores, três cantores, alguns jogadores de baseball famosos e alguns empresários poderosos que eu tinha visto na televisão da *Home Run*. Eles davam suas opiniões sobre jogadas e coisas assim. Uma coisa que notei que todos tinham em comum, além de serem

famosos o suficiente para as pessoas os reconhecerem, era que eram todos jovens. Era bem capaz que eles tinham mais ou menos a minha idade, por volta de vinte e poucos anos. Exceto por um homem.

Ele se destacava por causa de sua idade. Devia estar no final dos 60, pelo menos, embora sua tez morena parecesse encobrir sua verdadeira idade. Usava um terno antigo com suspensórios e sapatos bonitos. Sentava-se no canto com uma bebida na mão, observando, quase estudando.

— Srta. Andruzzi, — o guarda que me conduziu chamou minha atenção ao usar o sobrenome de Sierra. — Sinta-se à vontade. — Ele apontou para uma sala difícil de ser vista através da multidão. — Alimentos e bebidas podem ser encontrados lá. Se quiser uma bebida, há garçons que podem anotar seu pedido. O que quer que você deseje, não hesite em pedir. — Parou por um segundo. — Não se preocupe com sua mochila. Se você perder seu ticket para retirá-la, lembre-se de que seu número é o onze.

E então me deixou.

Onze. Meu número. *Porra*. Isso significava que, quando ele fosse chamado, era hora de eu... o quê? Transar com alguém nesse salão? Meu estômago deu uma cambalhota e o ácido subiu queimando a garganta. Eu precisava de uma bebida.

Lentamente me dirigi para a sala que oferecia comidas e bebidas. Felizmente, não estava tão lotada quanto o resto do lugar. Estava cheia principalmente de mulheres que circulavam pelas diferentes estações de comida. Lagosta. Camarão. Caviar. Variedades de sopas ricas e cremosas. Uma estação com carne que um homem esculpiu com uma faca. Centenas de sobremesas e chocolates. Café. Chá. O que você desejasse, o lugar parecia tê-lo.

Dei um tapa na minha testa com força suficiente para ouvir um estalo. Então respirei fundo, lembrando depois do fato de que eu tinha um hematoma bem ali.

Merda!

Um tempo atrás, Keely me convidou, em um domingo, um raro dia de folga dela, e me fez assistir a um filme. Era sobre uma garota que trocou de lugar com sua irmã mais nova para que a garotinha não tivesse que se tornar um sacrifício humano. A garota teve que lutar para sobreviver enquanto o país inteiro assistia. Eu havia comentado que não era diferente de sobreviver em Nova York, mas o pensamento, de repente, me atingiu.

E se isso fosse algum tipo de jogo doentio?

Quem quer que fosse o anfitrião, não escondeu nada em termos de dinheiro. Não conseguia nem imaginar quanto dinheiro seria necessário para organizar uma festa dessa magnitude. E depois de comermos e bebermos até nos fartamos — e aí? Teríamos que lutar por coisas importantes na imensa cornucópia, para manter nossa sobrevivência?

Isso era totalmente o estilo de Keely Avenue. Ela era uma mestra com arco e flecha. Minha irmã de pais diferentes.

Eu? Eu nem mesmo tinha meu mísero pedaço de cerâmica para usar como defesa.

Aceitando um copo de líquido ambarino, bebi enquanto observava as mulheres na sala. Ninguém conversava entre si. Olhares. Sorrisos educados. Mas, às vezes, quando elas não estavam prestando atenção, os olhares se demoravam. Julgando. Querendo saber quem estava mais bem-vestida. Toda mulher estava arrumada para isso. Nós, ou seja, as meninas na sala e eu, parecíamos pertencer a esse lugar. Algo estava errado, no entanto. Nós não pertencíamos a esse lugar. Não em um dia normal.

Era a vibração. Nenhuma das pessoas fora dessa sala se aventurou por aqui. *Claro que não. Se você não está morrendo de fome, não está preocupado em estar com fome.* Eu não achava que nenhuma dessas garotas fosse sem-teto, mas algo me dizia que elas também estavam apenas um passo à frente do diabo.

Estavam famintas. Estavam em constante estado de luta ou fuga. Elas apenas existiram. Assim como eu.

Foda-se.

Uma vontade insana de perguntar a alguém o que estava acontecendo pesava na minha língua, mas o peso me impedia de falar. Parecia haver regras não ditas flutuando no ar ricamente perfumado. *Sem falar. Sem perguntas. Você leu as regras. Você as aceitou. Agora. Shh. Fique quieta.*

Eu não tinha lido as regras, o que me colocava em grande desvantagem. Não tinha ideia do que estava fazendo aqui ou do que iria acontecer comigo. Tudo o que sabia era que o desespero era uma cadela desagradável e, quando ela arranhava as unhas com pontas venenosas, você ouvia. Não importava o que acontecesse, eu separaria meu corpo da minha mente, das minhas emoções, e seguiria em frente.

De certa forma, essa era a sobrevivência do mais apto. Onde quer que a cornucópia estivesse, o que quer que ela contivesse, eu estava pronta para lutar por ela. O único problema era que essas mulheres eram lindas, de todas

as maneiras diferentes. Seria uma guerra sangrenta.

Se não houvesse competição e fôssemos todas conduzidas como animais em um leilão, para sermos vendidas pelo lance mais alto... Bem, eu não me sentiria tão sozinha. Estávamos todas aqui com o mesmo propósito, viver e não sobreviver. *De uma vez por todas.*

Só o tempo diria de que lado estávamos — unidade ou batalha.

Um homem de terno entrou com um objeto na orelha e foi direto para uma garota que estava prestes a enfiar um bolinho de creme na boca. Uma vez que ele estava perto o suficiente, estendeu o braço para ela. A garota olhou para ele por um momento, limpou a boca com um guardanapo, conferiu as sobremesas mais uma vez e então segurou o braço musculoso dele. Eles viraram à direita na porta e desapareceram da sala um segundo depois.

Fico me perguntando qual é o número dela e quando serei a próxima.

Com uma bebida na mão, saí da sala com o bufê e resolvi me sentar em uma cadeira confortável em meio ao caos. As risadas ficavam cada vez mais altas. Dois homens na minha frente se esmurravam enquanto uma das mulheres que vi na sala de alimentação os observava agir como tolos. Mas algumas mulheres que encontrei na sala estavam socializando com homens aqui.

Deveríamos flertar se isso fosse algum tipo de leilão? Eu odiava a ideia de tentar me vender. Toda essa situação já era ruim o suficiente, mas comercializar as mercadorias antes de serem licitadas? *Impossível.* Como eu deveria competir com todas essas rainhas da beleza?

Outro daqueles homens usando um fone de ouvido saiu, e seus olhos examinaram a multidão.

Eu não. Eu não. Ainda não.

Suspirei quando seus olhos passaram por mim e pousaram na mulher que ria dos dois homens. Ele caminhou até ela, deu-lhe o braço e, antes de levá-la embora, ela disse algo aos dois homens. Em vez de ir para a direita, dessa vez o homem com o fone de ouvido foi para a esquerda. Ele e a mulher se dirigiram para as escadas.

Ummm. Ele a estava levando de volta para fora. Será que ela sabia disso?

Alguns minutos depois, a mesma coisa aconteceu com mais algumas mulheres que se misturavam aos homens na multidão. Cada vez que um

homem de terno aparecia olhando ao redor, meu estômago se revirava. Deixei minha bebida em uma mesinha de mármore, não me sentindo tão acalorada. O lance de não ter comido qualquer coisa ali tinha sido uma boa ideia. Estava com frio e calor ao mesmo tempo, e arrepios se alastravam pelos meus braços. Comecei a suar frio e esperava que a maquiagem de Sierra não fosse barata. Dei um tapinha em vez de passar a mão, esperando que os hematomas ficassem escondidos por mais algum tempo.

Quando pensei que ir ao banheiro fosse uma boa ideia, o velho de suspensórios sentou-se ao meu lado e disse algo em italiano. Eu balancei a cabeça.

— Não falo italiano, — respondi, minha voz quase traindo o nervosismo que embrulhava meu estômago.

— Ah, — ele murmurou, quase como um suspiro. — Como você está se sentindo? — Os olhos gentis sob os óculos observaram meu rosto e não senti necessidade de mentir.

— Honestamente? — Respirei fundo. — Não muito bem. Nervosa.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu sou Tito. E você é?

— Ma-Sierra. Sierra Andruzzi. — Seus olhos se estreitaram sob os óculos e ele inclinou a cabeça para o lado.

— Sierra Andruzzi, — repetiu. — Sierra Andruzzi.

Tito sabia que eu não era Sierra. Ele não demonstrou surpresa por eu ter dado o nome dela, mas eu simplesmente sabia. Ele abriu a boca para falar, mas ao fazê-lo, outro homem de terno e fone de ouvido parou diante de mim. Ele me encarou, mas não disse nada.

Estava na hora. 11:11.

Faça um pedido, Mari.

Respirando fundo e lançando um último olhar para Tito, que tinha os olhos bondosos, segurei o braço oferecido pelo segurança. Ele me conduziu devagar pelo corredor, por conta do meu andar desajeitado, então passamos pela sala com a comida, à direita, e adentramos a escuridão total.



O cheiro de chocolate parecia mais concentrado no escuro. Eu me perguntei se meus outros sentidos estavam compensando o perdido — a

visão. Não conseguia ver nada, mas meu segurança parecia saber para onde estávamos indo. Não esbarramos em nada. A música nessa área parecia mais intensa também. Era profunda, pulsante, lenta. A cantora falava sobre cair em desgraça pelo homem que amava. Gritava lealdade. Ela era extremamente leal, mesmo quando o amor a deixava louca.

Eu não tinha certeza de quanto tempo caminhamos na escuridão — alguns minutos, pelo menos —, mas quando paramos, senti o segurança empurrar alguma coisa. Então entramos em um espaço que imitava a escuridão.

As paredes da sala estavam pintadas de preto, todos os lugares forrados de veludo preto, e as mesas da mesma cor. Era totalmente monocromático, exceto por dois acréscimos decorativos — o lustre de cristal pendurado no teto, iluminando com mais velas, e o próprio teto. Todo o espaço superior foi feito de madrepérola.

— Gostaria de uma bebida, Srta. Andruzzi? — o acompanhante perguntou, sua voz rouca.

“*Eu não sei, você me diz*”, quase soltei. Não tinha ideia do que estava reservado para mim e era covarde demais para perguntar. Quando me comprometi com isso, o fiz com tudo o que tinha. Ia pagar pra ver. *Definir. De uma vez por todas. Minha última chance. Respire fundo, Mari.*

— Não, — eu disse, minha voz apenas um sussurro, quase sem conseguir respirar. Talvez fosse minha imaginação, mas as velas pareciam balançar com uma brisa invisível na sala, fazendo-me sentir como se estivesse em um mundo que existia abaixo deste na escuridão.

Meu acompanhante assentiu uma vez, seus olhos brilhando com a luz suave.

— Você está pronta, Srta. Andruzzi? — Talvez fosse melhor deixar os detalhes não ditos. Dessa forma, eu não poderia correr.

Por outro lado, e se houvesse algum tipo de protocolo? Se eu fizesse algo errado, talvez eles descobrissem que eu estava mentindo. *Talvez não.*

Se eu pudesse seguir em frente e não tropeçar ao tentar sair do inferno... Ou eu estava trocando um pelo outro?

Fechando meus olhos, balancei a cabeça.

O que for pra ser, será...

Um ou dois segundos depois, algo macio tocou meu rosto e um suspiro saiu de minha boca. Meus olhos estavam cobertos por um lenço de seda fresco, as mãos do acompanhante seguravam a gravata, e mesmo que eu

quisesse abrir os olhos, não conseguiria ver. Não o ouvi sair, mas tive a sensação de que o fez. Eu estava sozinha. Quer dizer, estava? Difícil dizer.

Seria o sopro das velas balançando, respirando, consumindo o ar? Ou eu estava perdendo o controle? Minha respiração veio cada vez mais rápida. Meu peito parecia vazio, como se não houvesse oxigênio suficiente na sala para me sustentar. Minha pele estava quente. O fogo lambia minha pele, mas empolgava minha alma.

O que eles iriam fazer comigo? Ou havia algo que eu deveria estar fazendo?

Quando inspirei, tentando controlar a respiração, tudo o que senti foi o cheiro de chocolate, não sentia nem mesmo o meu perfume. Quase parecia... feito de propósito para despistar alguém. Tudo aqui parecia ser feito com um objetivo específico. *Permanecer escondido.*

Uma brisa suave e fresca pareceu entrar na sala, fazendo as velas bruxulearem. Uma gota de suor frio rolou do meu pescoço para o vão entre meus seios. Senti-a correr pela minha pele, tentando esfriar o calor ao meu redor. As mãos que me tocaram na escuridão eram quentes, agradáveis, mas minha pele se contraiu com a surpresa de qualquer maneira. Alguém entrou na sala e parou atrás de mim. Senti sua presença, seu calor, que era diferente do das velas. Mais selvagem. Mais quente. Sua respiração soprava sobre minha pele, apenas me fazendo sentir... superaquecida.

Ele.

Tinha que ser um homem. Essas mãos eram grandes em comparação com os meus braços. Ele era alto. Largo. Tinha força.

E a força dele me envolveu.

Não havia dúvida de que esse homem era um caçador, mas de que lado ficaria? Mataria por mim ou faria de mim sua presa?

Por favor, não me machuque. Por favor.

Meus joelhos começaram a tremer com o pensamento. Nas memórias que reprimi por tanto tempo.

Se eu pudesse fechar meus olhos ainda mais, o faria. Mas não podia. Estava começando a ter câibras pelo esforço de tentar me manter calma. A bebida que tomei antes era uma pequena brasa no fundo do meu estômago, o que não ajudava em nada a aliviar a incerteza do momento. Pelo contrário.

Obriguei-me a ouvir a razão, a raciocinar. *Siga a linha de seu toque.* Era firme, mas não doloroso, como se suas mãos não fossem macias nem ásperas. Ele estava me sondando. Traçando meu corpo. Memorizando?

Mesmo que eu não tivesse ideia de quem ele era, algo na maneira como me tocou, sem pressa, me fez sentir como se ele estivesse procurando por algo mais profundo que a carne — uma conexão? Uma faísca?

Talvez eu estivesse perdendo a cabeça ao imaginar que ele não estava fazendo isso apenas por sexo. Ou talvez fosse uma ilusão.

Suas mãos lentamente envolveram minha cintura e ele me puxou para si, apertando minhas costas. Nós meio que nos movemos no ritmo da música, de um lado para o outro, até que relaxei o suficiente para quase derreter no seu abraço. Ele parecia saber quando eu o fiz. Dessa vez, suas mãos pareciam estar queimando o tecido do vestido.

Inalei, querendo captar seu cheiro, mas... chocolate. “*Bingo*”, pensei. Eu tinha razão. Era por isso todo o lugar cheirava fortemente a esse rico perfume. Ele não queria que eu o conhecesse, que o visse.

Talvez fosse melhor assim. Isso acabaria logo, e talvez eu estivesse pronta e a vida seria melhor. Nunca veria seu rosto quando pensasse no momento que tinha mudado tudo. Só pensaria em chocolate. Sem cordas para continuar me puxando de volta para o fogo.

Outra expiração saiu da minha boca quando uma de suas mãos começou a se aventurar pelo meu corpo. Na escuridão, seu toque me lembrou de um raio branco cruzando o céu noturno. Os pelos do meu corpo se eriçaram, arrepios percorreram minha pele, e algo na maneira como ele se movia me fez sentir... maleável, como se ele pudesse me moldar em uma forma que se encaixasse na dele.

Minha mente queria se desligar, concordar com tudo e acabar logo com isso, mas meu corpo... fez algo que nunca tinha feito antes. *Respondeu*.

Meu corpo começou a se silenciar minha mente, querendo, pegando, querendo, pegando. Eu relaxei minha mão para que ele pudesse segurá-la com a que estava me percorrendo. Ele entrelaçou nossos dedos, em um movimento tão suave que parecia perfeitamente cronometrado, e me virou. Deveríamos estar frente a frente. *As velas estão iluminando meu rosto e ele realmente vai me ver agora.*

Completo silêncio.

Esperei. Esperei. Esperei. E esperei mais um pouco. Que diabos? Ele tinha saído?

Sentia vergonha de pensar nisso, de sentir isso, mas ansiava por seu toque na escuridão. Queria suas mãos em mim novamente. Sentir seu calor reconfortante. Queria sentir aquela segurança novamente. O vazio por trás da

venda começou a parecer imponente. Enervante.

Na escuridão, não me senti tão depravada por ter reagido ao seu toque. A ele.

Levantei a mão, prestes a remover a venda, mas hesitei. Eu sabia que, assim que o fizesse, o feitiço seria quebrado. Ele havia definido a cena e o tom. Tornou-o ideal. Romântico, até. Não foi tão difícil pensar nas palavras... *Eu posso lidar com isso. Toque-me novamente.*

Depois de mais um minuto ou dois, não consegui lidar com as batidas frenéticas do meu coração. A incerteza começou a se insinuar e decidi remover a máscara.

Ele me impediu.

Suas mãos estavam em mim novamente, no meu cabelo, e sua boca colidiu contra a minha tão rudemente, que eu sabia que meu lábio se partira novamente. Ele tinha bebido algo picante, com canela, que se misturou ao gosto metálico que se infiltrava em nossas bocas.

No começo, nada conseguia pará-lo. Nem mesmo o sangue o deteve. Sua língua se emaranhou com a minha e estava faminta. Morrendo de fome, como eu estive por anos. Eu podia senti-lo me consumindo da maneira que pudesse. Pela primeira vez, fui eu quem tomei a iniciativa. Talvez fosse por isso que não parecia totalmente errado.

A cabeça sob seus ombros, o corpo movido por suas pernas, os braços que se estendiam e tocavam, o físico não me parecia importar. Ele podia parecer um ogro e, por algum motivo, bonito ainda vinha à mente. Eu tinha conhecido muitas pessoas bonitas, cuja beleza era superficial. Mas as pessoas gentis, as raras, eram a definição da verdadeira beleza.

Em algum lugar no fundo da minha mente, me perguntei se o medo das últimas horas, da maior parte da minha vida, de alguma forma havia me alcançado. Minha mente estava pegando uma situação terrível e tornando-a ideal para que eu pudesse lidar com isso.

Besteira. Era algo mais.

Algo difícil de colocar em palavras.

Resumindo, eu queria continuar beijando-o. Queria que ele continuasse me beijando, me tocando. Queria mais do que quer que fosse. Estava me alimentando de uma forma que eu nunca tinha conhecido, exceto quando Keely e sua família me fizeram sentir como se eu fosse parte deles. Então, de novo, era diferente. Os sentimentos eram novos, mesmo que eu não pudesse identificá-los imediatamente.

O que a cantora havia comparado com a intensidade que ela tinha por seu amante? Uma droga.

Isso era algo que eu nunca esperava. A atração. O impulso. A sensação de ser levada por uma onda refrescante.

A intensidade quase fez com que eu me afastasse para pedir alguns minutos para me recompor, mas por outro lado, minhas mãos se recusaram a soltá-lo. Eu tinha agarrado sua camisa em minhas mãos e o puxado. Tocá-lo era como tocar a vida. Nunca tinha sentido isso antes.

Vida. Nas minhas mãos. Minha.

Então ele separou sua boca da minha, em um movimento tão violento que tropecei para trás, equilibrando-me na parede com as palmas das mãos para me impedir de cair completamente, e praguejou baixinho. O som disso era tão violento quanto sua rejeição. Por mais tempo — um minuto, um milhão de anos — permaneci parada. Não tinha certeza do que dizer. Tremi da cabeça aos pés, assim como depois que Merv me atacou. Então algo me veio à mente e, antes que eu pudesse pensar nisso, falei na escuridão:

— O sangue do meu lábio, — aponte para ele. — Estou limpa.

Ele ficou quieto por tanto tempo que pensei que tivesse ido embora de novo.

— Não toque nisso, — ele pediu, sua voz em tom de advertência.

O comando correu sobre mim como ondas ásperas, mas o frescor dele deslizou sobre a pele com bolhas, como um milagre. Sua voz era baixa, porém um pouco rouca. Ele não parecia estar fazendo isso de propósito. Queria ouvi-lo de novo.

Se recomponha, Mari! Você nem viu o rosto dele! Ele pode estar seriamente confuso, um homem que só veio aqui para te foder por dinheiro. Ou pior. Ele gosta de usar vendas. Merda bizarra.

Mentirosa, mentirosa, mentirosa, meu coração parecia cantar, desafinado e tal. *Ele é lindo. O diabo também era,* minha mente disparou.

— Ok, — concordei, baixando as mãos. Estava prestes a remover a venda novamente quando ele veio até mim e disse “não toque nisso”.

— Você é pobre.

Lá estava ele de novo, meu som favorito no mundo. A voz dele. Gostei da rouquidão que tinha. Espere.

O quê?

Você é pobre.

Eu ri um pouco. Esperava que ele dissesse algo sobre o meu

comentário “*estou limpa*”. Foi por isso que eu o trouxe à tona. Pensei que, por ele ter provado meu sangue, talvez tivesse ficado enojado e preocupado. Em vez disso, ele me veio com “você é pobre”.

Quem começa com isso?

— Fabulosamente, sou mesmo, — suspirei. — Qualquer um mais pobre do que eu, deve estar no fundo do oceano. Não tenho casa. Nem emprego. Nem dinheiro. Usei tudo o que tinha para chegar aqui esta noite. E também não tenho família.

Não queria falar de Keely e sua família. Ele não precisava saber disso. Se era louco, ou o que quer que fosse pior do que isso, era melhor que não soubesse da existência deles.

— Nome, — ele ordenou.

— Ah. — Inspirei e soltei. — Meu nome é... Mari. Não sou a Sierra. Ela... Ela não conseguiu vir. Tomei o lugar dela. Então, sobre as regras...

— Nome, — ele ordenou novamente. — Não o seu, Srta. Flores. Quero o nome do homem que fez isso no seu rosto.

— Como você sabe que era um homem? — sussurrei, ignorando o fato de que ele sabia meu sobrenome sem eu ter dito.

— Nome, — ordenou mais uma vez. Tive a sensação de que ele estava perdendo a paciência comigo. Por que precisaria da informação?

Aprumei a postura, com os pés inquietos, e coloquei uma parede contra tudo o que senti desde que ele me tocou.

— Isso não é da sua conta. Posso não saber muito sobre essa situação, mas sei que isso paga. Vim aqui para ganhar dinheiro. Então, consegui o emprego ou não? Meu tempo é valioso, senhor...?

— O que você estaria disposta a fazer para conseguir o emprego?

— Pensei que você era o trabalho que eu estaria fazendo.

— Responda-me, Mariposa.

Lambi meu lábio, feliz pelo sangue ter começado a coagular. No entanto, sabia que parecia ruim. Ele tinha tirado meu batom.

— Estou aqui. Isso significa... o que você quiser que eu faça. Ouvi dizer que o trabalho paga bem.

— Ah, — ele falou, parecendo italiano, de repente. — Paga muito bem. Milhões. Além de regalias.

Eu não respirei fundo, mas queria. Milhões? Vantagens? Ele estava brincando comigo? Não, Sierra havia mencionado “para sempre”. Se a garota se importasse o suficiente para contar suas fatias de queijo, ela não teria

brincado com isso. De repente, a situação dela com Scarpone me ocorreu. Tinha terminado com ele por essa oportunidade? Fazia sentido, se fosse o caso.

— Parece bom para mim, — eu disse. — Inscreva-me.

Dessa vez, senti quando ele deu um passo para mais perto. Estava muito ciente de sua presença. Raios brilhavam contra minha escuridão pessoal. Tentei dar um passo para trás, mas ele colocou o braço em volta da minha cintura e me puxou para mais perto. Apoiei a mão em seu peito e o empurrei, mas ele não se mexeu.

— Nós, — continuou ele. — Conte-me sobre isso. O que aconteceu aqui, entre nós.

— Essa é uma palavra esquisita. *Nós*. Não existe nós, — retruquei. — Isso é negócio. O que quer que eu faça, e quero dizer o que quer que seja, faço como uma transação comercial. Nada é de graça nesta vida, nem mesmo o amor. Já cansei de ser muito pobre. Tenho que cuidar de mim. Então, ou você me dá o trabalho ou manda um daqueles homens me escoltar para fora, como você fez com as garotas que estavam flertando com os homens na sala principal.

— Você me presta um serviço...

— E você me paga.

— Nada mais.

— Nada além.

— Para constar, Mariposa. — Ele se aproximou, me cheirando, e seu hálito se espalhou pelo meu pescoço. Fechei os olhos novamente, tentando ao máximo impedir meu coração de bater freneticamente. Eu sabia que ele podia sentir isso. — Nunca me interrompa enquanto estou falando.

Balancei a cabeça.

— Pode deixar... *chefe*, — a palavra soou como um insulto amargo que havia deslizado direto da minha língua doce.

— Nunca disse que você tinha conseguido o emprego, Mariposa.

Seu nariz subiu pelo meu pescoço e tocou minha orelha, depois voltou para os meus lábios. Ele pousou um beijo casto no canto da minha boca e depois nos meus lábios, bem em cima do corte. Queimou a área sensível, mas foi o único lembrete de que isso era real. Que ele existiu.

A ardência ainda estava intensa quando meu acompanhante removeu a venda — o outro homem, o chefe havia sumido. Os sentimentos que ele deixou para trás eram tão quentes quanto as chamas que queimavam o ar ao

meu redor.

Depois de dar um segundo para me recompor, o segurança me levou para fora sem dizer uma palavra.



CAPÍTULO 7

Capo

De todos os clubes do mundo, ela teve que entrar no meu.

Meu.

Ela invadiu meu espaço sem nem saber que o havia feito.

Parecia completamente diferente, mas de alguma forma eu me lembrava dela.

Os olhos. O nariz. Os lábios. O formato do seu rosto. Ela era minha inocência, *la mia farfalla*, mas tinha amadurecido. Se tornou uma mulher no espaço de anos que me pareceram séculos. Vê-la trouxe uma onda de memórias. Eu era um homem morto revivendo uma vida que havia deixado para trás.

Ela foi o catalisador para a morte, para uma nova vida, e agora para a temporada em que me encontro atualmente.

Ela pensou que era inteligente aparecer no *The Club* com o convite exclusivo que pertencia a uma garota morta, no entanto. Armino Scarpone a matara. Tal pai, tal filho. Então *mia farfalla* mencionou Guido quando o porteiro a flagrou, pensando que poderia escapar da minha equipe de segurança com tanta facilidade.

Vasculhar sua mochila me levou ainda mais perto de saber quem ela

era.

O clipe de borboleta. O pedaço de cerâmica quebrada com a borboleta pintada. O diário com todas as suas anotações. Livros de colorir e giz de cera.

Uma mulher adulta carregando giz de cera, porra.

Ela era uma mistura estranha entre uma mulher e uma criança.

À medida que o pedaço de tijolo em minha mão tomava forma, as memórias armazenadas em minha cabeça também tomavam. Se alguém merecia lealdade, era ela, da minha parte.

Ela só não sabia disso ainda.

Não poderia ter se lembrado. Ela tinha apenas 5 anos.

Quando a toquei no *The Club*, porém, ela relaxou, derreteu-se contra mim e os anos desapareceram. Isso me trouxe de volta para aquele lugar, aquela época. Não importava o quanto ela negasse, e negaria, ela confiava em mim. E tinha motivos para isso.

Antes que eu pudesse me conter, deixei de lado a imagem da criança e beijei a mulher parada na minha frente. Cruzei uma linha que não poderia ser corrigida. Ela era atraente de uma forma difícil de explicar. Mas uma palavra me veio à mente quando olhei para ela. *Régia*. Ela era uma rainha. E aqueles lábios? Eram as coisas mais macias que senti desde meu travesseiro.

Estar tão perto dela fez algo dentro de mim recomeçar. Meu mundo inteiro escureceu, sumiu e, quando abri os olhos, o gosto do sangue dela invadiu minha boca.

Vermelho. Um lembrete.

Alguém a havia tocado. Colocado a porra das mãos nela. A criança pela qual dei minha vida para manter a salvo.

O que quer que tenha acontecido com ela ao longo dos anos, a transformou em uma mulher que se recusava a permitir que alguém a ajudasse. Bondade significava que ela devia algo. Ficou claro que ela se recusava a dever a alguém. Mesmo que isso significasse passar fome. Mesmo que isso significasse sua vida.

A maioria das pessoas me chamava de Mac. Outros me chamavam de seu pior pesadelo. Mas ninguém — *ninguém* — jamais me chamou de *chefe*. Não como ela fez, com um toque sarcástico. Apesar de não saber as circunstâncias em que se encontrava, ela iria estabelecer seus termos.

Exigiu tocar a vida depois de apenas sobreviver por tanto tempo.

Sua disposição de fazer o que fosse necessário para conseguir o

emprego, não importava o quanto mudasse sua vida, me mostrou quão desesperada estava. Ela atingiu um ponto de virada, tropeçou direto no ponto crucial acima da fome brutal a ponto de estar pronta para mais. Ela ficou sem opções.

Sem lar. Sem emprego. Sem dinheiro. Estava sem nada, com poucas forças. O pão amanhecido em sua mochila era uma denúncia sem precedentes, para não mencionar que estava pele e osso sem tentar ficar assim de propósito. O desespero nem sempre significa que uma pessoa é leal, mas depois que alguém está nas trincheiras por tanto tempo, a mão que o ajuda, acolhe e alimenta se tornará a mão que inspira confiança. Para alguém como ela, que me devia, mesmo que não soubesse, ela se tornaria leal. A lealdade era recompensada no mundo em que eu vivia. Eu faria por ela. Ela faria por mim.

Ela tinha a ideia geral das coisas já enraizada nela, mesmo que eu odiasse pensar em como ficou desse jeito. Eu descobriria isso. Sempre o fiz.

Azul já foi a cor favorita de Marietta Palermo — a mesma garotinha que adorava borboletas e livros para colorir. Eu saberia se a cor favorita de Mariposa Flores ainda era azul quando eu terminasse. Borboletas e livros para colorir ainda faziam sentido para ela. Minha aposta ainda era no azul.

Saberia se ela tivesse pesadelos e eu os estrelasse, ou se ela tivesse esquecido completamente a situação.

Na noite no *The Club*, seu corpo se lembrou de mim, mesmo que sua mente se recusasse a libertar as memórias. Eu conheceria cada cicatriz de seu corpo e caçaria cada dedo que já a tocou, com o mal em mente. Eu tinha uma multidão de pecados para pagar. Mais alguns não fariam diferença quando chegasse a hora do acerto de contas. Não haveria uma única sarda em sua pele que eu não conhecesse intimamente.

Eu ansiava por arrastar meu dedo pelo nariz dela, para memorizar como era a sensação contra a minha pele. Já havia memorizado as linhas de seu corpo. A maneira como ela se encaixava em mim. A sensação de tê-la pressionada contra o meu peito. O cheiro dela ainda parecia flutuar debaixo do meu nariz quando eu menos esperava.

De volta à porra do ponto. Ela me deve.

— *Capo*, — Rocco advertiu, lembrando-me de que eu estava em seu escritório.

Ele estava sendo um espertinho, me chamando de chefe em italiano. Ele era a coisa mais próxima de um irmão que já conheci. Não pelo sangue,

mas uma coisa que aprendi da maneira mais difícil: família nem sempre tem a ver com o sangue. Família era um título conquistado, não dado. Embora estivéssemos perto, ainda havia uma lacuna. Para ele. Para mim. Sempre havia quando se tratava do mundo em que vivíamos.

Eu me afastei da janela, a cidade de Nova York se espalhando ao meu redor, e tomei outro gole de uísque. Coloquei o copo em sua rica mesa de mogno, ajeitando a gravata.

— *Si*, — respondi. — Prepare a papelada.

— O nome dela. — Seus olhos me examinaram sem o peso do julgamento.

Verifiquei meu relógio para conferir as horas. Eu tinha um compromisso em outro lugar.

— Deixe que ela decida.

— Vou mandar Guido.

— *Si*, — sorri. — Tenho certeza de que ela vai gostar, já que conhece Guido e a *famiglia* Fausti tão bem. Um rosto familiar pode tornar isso mais fácil.

Ele retribuiu o sorriso, acenou com a cabeça uma vez e começou a preencher a papelada.



CAPÍTULO 8

Mariposa

Fazia mais de uma semana desde o *The Club* e ele, e muita coisa aconteceu durante esse tempo. Não tinha ouvido nada dele. Depois que sua segurança me levou a um carro com vidros escuros que me esperava e que parecia custar o valor de uma casa geminada em Nova York, um motorista de terno me trouxe para casa. Eu o fiz me deixar a dois quarteirões da casa de Keely, embora tivesse a sensação de que tenha me seguido.

Então essa experiência de vida assentou. Meu corpo não valia nem para vender. Culpei meu nariz e depois tentei seguir em frente.

Era mais fácil fazer isso quando tanta coisa boa estava acontecendo ao meu redor. Keely conseguiu não trabalhar tanto, quando Harrison pagou o valor de um mês de aluguel. A situação com Sierra realmente a atingiu com força. Ela estava tendo pesadelos depois de ver morta a garota com quem dividiu o quarto por tanto tempo.

Os detetives determinaram que Sierra havia sido assassinada. Harrison me disse que ela havia sido brutalmente esfaqueada. Armino Scarpone era o suspeito número um, mas ainda não havia sido encontrado. Era assustador pensar que ele estava à solta, mas havia tantos como ele por aí, que o fato de ele estar lá fora realmente não nos chocou. Nós nos

preparamos e sobrevivemos o melhor que pudemos.

Dois dias depois que Harrison conseguiu ajudar Keely com o aluguel, ela recebeu uma ligação. Minha amiga conseguiu um grande papel em um famoso espetáculo da Broadway. Todos sabíamos que um dia ela o faria, mas foi um choque quando aconteceu. O melhor choque que qualquer um de nós poderia esperar. Ela merecia isso e muito mais.

Keely tinha exigido que eu ficasse com ela. Não queria que eu saísse na rua porque Armino nos viu naquele dia. Ele sabia que Keely e eu estávamos em casa quando estava batendo na porta e gritando. Harrison pensou que talvez ele quisesse eliminar qualquer testemunha, mas era tarde demais. Keely e eu já havíamos falado com a polícia. Fomos as últimas três pessoas — Keely, Armino e eu — que viram Sierra viva, além do balconista da loja. Ela saiu correndo para comprar meias e foi emboscada a caminho de casa.

Independentemente do que eu pensava sobre receber esmolas, decidi ficar com Kee. Não porque não pudesse enfrentar as ruas novamente, mas porque me preocupava com ela. Estava passando por um momento muito difícil, mesmo quando deveria estar comemorando. Mas minha regra de nenhuma gentileza a menos que fosse reembolsada ainda se aplicava, então, para compensá-la, eu a ajudei a fazer as malas. Como ela conseguiu um emprego melhor, iria se mudar para um lugar melhor assim que o contrato de aluguel do lugar que ela dividia com Sierra se encerrasse.

O bule apitou e ela deu um pulo para fazer o que quer que fosse com ele. Eu não gostava de chá, mas Kee e sua família toda eram fãs. Sua mãe era o que ela chamava de “uma leitora de folhas de chá”. Eu não queria tentar ler nada além de partículas flutuando na minha xícara de café.

Observei-a por um momento e depois voltei a empacotar as coisas de que ela não precisaria para a cozinha.

— Mari?

— Sim? — Olhei para ela novamente. Estava colocando sachês na chaleira.

Algo doce, mas picante encheu o ar. Baunilha. Canela. *Canela*. Isso me fez pensar na boca dele — eliminei o pensamento antes que pudesse me deixar levar. Achei que só me lembraria de chocolate, mas, aparentemente, isso foi uma mentira que alimentei.

— Continuo pensando... Todas essas coisas boas começaram a acontecer depois que Sierra morreu. Não ter que trabalhar tanto para pagar o

aluguel deste lugar nojento. Receber a ligação sobre o espetáculo. Tudo parece tão repentino. Você acha... Como posso dizer isso sem soar como uma cadela de coração frio? — Keely mergulhou outro sachê, estudando-o. — Sierra tinha seus defeitos, mas na maioria das vezes eu sentia pena dela. Ela me lembrava você.

Engoli em seco.

— Lembrava?

Ela assentiu, despejando o líquido quente em uma xícara velha de chá.

— Não a personalidade. A história. Como ela teve que lutar para sobreviver. Definitivamente tinha um lado maldoso nela que você não tem, mas ela era órfã. E então foi para um orfanato. Acho que teve que lutar por sua comida, por isso eu nunca disse nada quando ela contava os ovos ou o queijo. — Keely mexeu a xícara e então se sentou. Colocou um cacho ruivo atrás da orelha. — O que quero dizer é isto. Me pergunto se ela estava impedindo sua felicidade e também a minha. Eu odeio... odeio que Sierra tenha sido assassinada, mas mesmo antes eu estava pensando que era hora de nos separarmos. Agora que ela se foi, me sinto... mais leve.

Coloquei o trevo de quatro folhas decorativo na caixa e apoiei minha mão em seu ombro. Foi um lance bem tenso. Sierra não tinha família, como eu, e tudo o que ela deixou para trás ficou para Keely. Exigiu muito dela tomar decisões por uma mulher que ninguém realmente conhecia. Nem mesmo Keely.

— Eu concordo, — disse. — Havia algo nela que me fazia sentir... mais carregada também. É difícil de explicar.

Keely encarou seu chá com um olhar distante.

— Talvez seu novo começo estivesse prestes a acontecer. Talvez sua escuridão estivesse prestes a ficar mais clara. O trabalho do qual ela estava me falando... Sierra nunca conseguiu ir à entrevista. O vestido ainda está na cama.

— Você sabe do que se tratava?

Não contei a Keely o que fiz ou o que aconteceu. Ainda não tinha ideia do que era o trabalho ou o que ele implicava. Depois que cheguei em casa naquela noite, Keely estava dormindo, e eu fui, na ponta dos pés, até o quarto de Sierra e coloquei tudo exatamente como ela havia deixado. Eu tinha uma muda de roupas escondida na mochila, então me troquei no carro para o caso de Keely estar esperando por mim. Não tinha olhado o quarto de Sierra

desde então.

— Não, — Keely falou, — mas tive a sensação de que ela pensou que o trabalho era *para* ela. Não teria que ralar tanto mais. Não faço ideia de que tipo de função traz tanta segurança, mas ela tinha certeza disso.

Certeza. Também tive essa sensação. O que quer que o patrão tivesse reservado para aquelas garotas, elas nunca mais teriam que trabalhar. Eu ainda não conseguia descobrir, no entanto. O que valeria tanto para ele ou para qualquer um?

— Ei, — Keely chamou, apertando minha mão. — Vamos falar de outra coisa. Você nunca me contou o que fez no outro dia. Esteve fora por um tempo. Foi procurar outro emprego?

A primeira vez que a deixei sozinha foi para voltar ao *Macchiavello's*. Sentei-me contra a parede novamente e fiquei colorindo, esperando para ver se o homem de terno apareceria. Era estúpido, tão, tão estúpido, mas algo nele inspirava confiança. Com todos os problemas aumentando ao meu redor, foi bom ver alguém que realmente parecia ter as coisas sob controle. Ele parecia tão capaz. Como se soubesse o que fazer em qualquer situação. Ele teria as respostas para qualquer problema que o atormentasse.

Minha espera não foi em vão. Ele apareceu cerca de uma hora depois, parecendo tão calmo e bacana como sempre. Talvez tenha sido minha imaginação, mas assim que ele saiu de seu carro caro, seu rosto se virou para o meu como se soubesse que eu estava esperando por ele. Olhamos um para o outro até que decidi fazer o que vim fazer. Abri o zíper da mochila, tirei a bolsa de gelo e coloquei-a encostada na parede. Então me virei e saí.

Jurei a mim mesma que não voltaria. Eu tinha problemas, problemas que não seriam resolvidos esperando em um restaurante que servia apenas ricos. Olhar para algum milionário inacessível — para mim — em um belo terno não resolveria nada.

Senti uma imensa vontade de contar a Keely tudo o que aconteceu. A sensação de culpa por usar o vestido de Sierra, seu perfume, seus sapatos, seu convite para o misterioso *The Club*, e não contar a Keely o que eu tinha feito, me comia por dentro. Queria contar a ela sobre o cara de terno. Dizer que não importava se Harrison me amava ou não, porque eu nunca senti nada por ele, exceto amor fraternal. Comparado com o que senti nos últimos dias — pelo cara de terno e pelo *chefe* —, eu sabia que meus sentimentos por Harrison eram diferentes. Platônicos. Nada mais.

Keely era tudo que eu tinha no mundo, e esperava que ela entendesse as razões por trás do que eu fiz. Que ela pudesse ouvir a verdade por trás de todos os meus sentimentos. Era hora de expurgar os demônios e confessar.

Apertei a mão dela e sentei-me ao seu lado. Olhando para sua xícara de chá, comecei a falar.

— Preciso te contar uma coisa.

As palavras pareciam cair da minha boca. Comecei com o cara de terno, depois contei o que aconteceu na noite em que Sierra morreu. Contei a ela todos os detalhes sobre o *The Club*. Então dei a ela um segundo antes de terminar falando sobre meus sentimentos por seu irmão. Não consegui decifrar sua expressão e, quando o silêncio se tornou excessivo, sussurrei:

— Diga alguma coisa.

— Não me apresse, — ela falou. — Você me contou um monte de coisas. Muitas e muitas coisas.

— Estava me segurando muito, — confessei.

— Você acha? — Balançou a cabeça. — Por que não me contou?

Dei de ombros, cutucando minha unha quebrada.

— Não queria te decepcionar. Basicamente roubei roupas, sapatos e o perfume de uma garota morta e fingi ser ela. Se eu falhasse, o que aconteceu pareceria um golpe muito baixo. Um golpe final. Você teria me dito para não ir. Que o que quer que Sierra fosse fazer não valia a pena. Mas valia. Para mim, valia. E agora... eu... ainda não tenho certeza do que vou fazer, Kee.

— Ela era garçonete no *The Club*, — Keely falou. — Sierra. É onde ela trabalhava. E o dono não é um cidadão comum, Mari. Ele é rico, tem o status de multimilionário ou mais do que isso até. Ele é recluso. Mas as merdas que ela, às vezes, contava, as pessoas que frequentavam o lugar, como os Fausti, me faziam entender que era mais do que um clube. Então você está certa. Eu teria dito para você não ir. No que você estava pensando? E se ele tivesse vendido você pelo maior lance? Ou... usasse você para algum tipo de fantasia sexual estranha? Você não pertence a esse lugar, Mari! Não quero você lá. Você merece mais da vida do que ser comprada. Merece um homem que nunca colocaria um dólar em você, porque nenhuma quantia de dinheiro no mundo seria suficiente! Você merece um homem que pense que não a merece!

— Não consegui o emprego, Kee! — Fiquei de pé, incapaz de me sentar. — Fracassei nisso também! Não consegui nem vender meu corpo. Sou uma inútil! Não consigo manter um emprego. Não consigo nem ficar na

faculdade! Então eu arrisquei. Era minha última chance. E falhei nisso também! Meu nariz ou minha maldita boca! Dei uma de espertinha com ele no final.

— Bom! — ela gritou. — O bastardo deveria ser repreendido! Ele provavelmente estava lá para comprar uma mulher para passar a noite!

— Não. — Balancei a cabeça. — Tive a sensação de que era diferente. Isso era coisa de longo prazo. *De vez.*

— Afinal, o que isso quer dizer?

Dei de ombros, sem saber como explicar. *Viver pelo resto da minha vida em vez de apenas sobreviver, para começar.*

Alguém bateu na porta e nós duas nos sobressaltamos. Keely olhou para mim e eu para ela, nossas sobrancelhas se erguendo em uma inesperada suspeita.

— Pegue a frigideira de ferro fundido que mamãe me deu, — ela murmurou para mim.

— Vou ficar atrás de você, — murmurei de volta.

Ela abriu um pouco a porta e eu fiquei atrás, escondendo a frigideira nas costas. Se fosse Armino, ele não veria até que eu o acertasse na cabeça.

Não era. Eram os detetives Stone e Marinetti novamente. Parecia que eles viviam por aqui esses dias.

Ficamos para trás e os deixamos entrar. O detetive Stone ergueu as sobrancelhas quando notou a frigideira na minha mão, mas não comentou nada. Imaginando que eles estavam aqui para discutir algo com Keely, me virei para voltar para a cozinha.

— Precisamos falar com você desta vez, Srta. Flores, — detetive Marinetti disse, apontando para o sofá.

Trouxe a frigideira comigo enquanto me sentava. Keely se acomodou ao meu lado, e os dois detetives à nossa frente.

— Você conhece um homem chamado Merv Johnson? — perguntou o detetive Stone.

— Merv, o Perverso? — Keely franziu o nariz.

Stone sorriu para ela e seus olhos suavizaram.

— Conheço, — revelei, o encarando até que ele olhou para mim. — Mas não bem. Ele era o senhorio do meu último apartamento, se é que se pode chamar assim. “Um lugar para dormir que não seja do lado de fora” é mais adequado.

— Sim, — detetive Marinetti disse. Parecia tão cansado. *No limite.*

Ele suspirou. — Nós percebemos isso.

— Mas o que tem Merv? — Keely se sentou um pouco mais reta. — Se você veio nos dizer que ele está morto, já vai tarde. — Ela fingiu cuspir na lateral do sofá. Algo que eu via a mãe dela fazer o tempo todo quando algo a enojava.

— Merv Johnson *está* morto, — detetive Marinetti anunciou, sem rodeios.

Dei uma cotovelada em Keely e ela começou a tossir. Parecia que estava realmente chocada. Provavelmente pensou que eles tinham vindo me questionar sobre o caráter dele depois que uma das garotas do prédio desaparecera.

— O que aconteceu com ele? — Keely perguntou, roubando as palavras da minha mente.

Minha boca estava seca, o corpo suado, e meu coração disparado. Tudo o que eu conseguia pensar era em seu rosto atordoado depois que o acertei na têmpora com Vera. Eu matei o bastardo? Não fiquei por perto para descobrir. E não tinha como dizer quanto tempo ele estava no apartamento, se tivesse morrido.

O recorde pessoal do lugar foi de dois meses. Merv não verificou até o segundo mês de vencimento do aluguel. Ele estava trocando sexo por moradia com algumas das mulheres do prédio e ia cobrar quando precisava. Eu tinha certeza de que ninguém, ninguém, foi procurá-lo até que o cheiro tenha se tornado forte. Eles provavelmente pensaram que era eu, se ele ainda estivesse no meu antigo apartamento.

— Assassinado, — detetive Stone confessou. — A razão pela qual estamos aqui é porque estivemos nos perguntando se, por acaso, você conhece alguém que poderia tê-lo querido morto, Srta. Flores. Desde o incidente com a Srta. Andruzzi, o detetive Marinetti e eu sentimos que já estabelecemos que se relacionam a você. Ninguém do prédio vai falar. O Sr. Johnson não parecia ter muitos amigos.

Keely abriu a boca para falar ao mesmo tempo que o detetive Marinetti suspirou. Ele pegou uma cadeira da cozinha e colocou-a em frente ao sofá, então se sentou. Parecia entediado até a morte, como se soubesse para onde essa conversa estava indo. Merv também não tinha amigos aqui.

— Quando o pervertido foi morto? — Keely indagou.

Uma vez que você cruzava com ela, não havia como voltar atrás. Minha amiga cismava com qualquer pessoa que ela sentiu que fez mal a ela

ou a sua família. Keely perdoaria, mas nunca esqueceria.

— Ontem.

Isso exclui Vera e eu.

— Srta. Flores, você pode nos dizer alguma coisa para nos ajudar a levar o responsável por esse crime à justiça?

Fui abrir a boca, mas Keely se antecipou. Seu pescoço ficou vermelho e o sangue começou a fluir por suas bochechas. Ela encarou o detetive Stone nos olhos.

— Eu posso te dizer algo. Merv Johnson agrediu minha irmã, — ela agarrou minha mão. — Você notou o rosto dela no outro dia, detetive? Ele fez isso com ela. Tentou abusar dela naquele lugar infestado de ratos, que chamava de apartamento. Ele trocava sexo por aluguel. Se você se recusasse, ele descontava com os punhos. Então, não, nenhuma de nós sabe quem poderia querer ele morto, porque a lista é muito longa. Mas vou admitir que não desejo a morte de ninguém, porém estou feliz com a dele. Justiça? Quem fez isso, fez para o bem de toda a humanidade. Agora, se vocês não têm mais perguntas, esta foi uma longa semana para nós. E, depois que saírem, gostaríamos de agradecer em paz pela morte de um predador.



Quatro horas depois, outra batida na porta.

Ergui os olhos da caixa que estava embalando e soprei uma mecha de cabelo rebelde do meu rosto e que havia escorregado do meu coque improvisado. Ouvi Keely se mover em direção à porta e, depois de pegar a frigideira do sofá, eu a encontrei lá.

— Vou atender desta vez, — eu disse.

Ela pegou a frigideira da minha mão e a escondeu às costas.

— Tenho muita agressividade reprimida, então deixa comigo. — Acenou com a cabeça em direção à porta. — Abre-te, Sésamo.

Dei um passo para trás, correndo para Keely depois que abri a porta.

— Guido, — seu nome saiu antes que eu pudesse me conter. Ele segurava uma caixa embrulhada em papel dourado.

— Tenho que bater nele? — Keely sussurrou. Neguei com um aceno de cabeça.

— Acho que não.

— Bom, — ela retorquiu. — Seu rosto é muito bonito para estragar. Se aquela cantora que escreve sobre todas as suas antigas paixões visse esse cara, ela escreveria músicas sobre um cara chamado Guido.

Guido olhou para nós duas do jeito que os homens fazem quando acham que as mulheres em sua presença são instáveis. Então sorriu.

— Não há necessidade de violência. Vim em paz.

Nós duas arfamos de leve, e algo em seu semblante mudou.

— Usei seu nome, — soltei sem pensar. — Aquela noite no *The Club*. Foi errado, mas pensei que eles iam me prender. Lembrei de você na *Home Run*, quando Scarlett foi buscar a camisa emoldurada para o marido.

— Tenha cuidado, — ele pediu, em tom sério, mas havia malícia naqueles olhos escuros. Isso o tornava difícil de ler. — Meu nome é bem conhecido, mas nem todos que me conhecem gostam de mim. Eles podem afastá-la devido apenas ao meu nome, ou colocá-la atrás das grades para meu inimigo destruir. O nome Fausti nem sempre garante segurança. Às vezes, atrai problemas.

— Merda, Mari! — Keely deu um tapa no meu braço. — Os Fausti!

Eu me virei de lado e a encarei com um olhar acusador.

Guido parecia imperturbável com sua explosão, e estendeu o pacote para que eu o pegasse.

— *Il capo*. — Ele fez uma pausa e lutou para não sorrir. — Ele me enviou para entregar uma mensagem. Tudo o que você precisa para começar está aí dentro.

— Ela trabalha de casa? — Keely o incentivou, levando a situação mais a sério, pois sabia que eu tinha conseguido o emprego, fosse ele qual fosse.

— As instruções estão no pacote, — foi tudo o que ele disse quando se virou para sair.

— Guido, — chamei, minha voz quase um sussurro.

Ele parou e se virou para mim. O sol atingiu seus olhos cor de chocolate, que cintilaram na mesma hora. *Foda-se*. O que esses homens comiam na Itália? Eles eram quase bonitos demais para ser verdade.

— O que significa *il capo*? — perguntei.

— Significa “o chefe” em italiano, — ele riu. E continuou durante todo o caminho até seu carro caro e veloz.

Gângsters com senso de humor. Quem diria?

Depois de fechar a porta, recostei-me à superfície, porque meus

joelhos pareciam ter virado gelatina. A caixa em minhas mãos poderia ser um presente ou um artefato explosivo.

— Mari, — Keely disse, me obrigando a olhar para ela. — Isso ficou muito sério. Os Fausti! — continuou repetindo o nome como se fosse fazê-los desaparecer se ela dissesse o suficiente.

Levantei meu dedo indicador.

— Shh. Preciso de um minuto.

— Preciso de uma bebida! — ela falou, e eu sabia que escolheria o uísque irlandês.

Deslizei para o chão, deixando a gravidade me conduzir. Depois de cinco minutos, dez horas — quem sabe? —, com os dedos trêmulos, abri a caixa. Um par de tênis muito bonito estava enfiado sob um fino pedaço de papel. Do meu tamanho. Um bilhete estava em cima dos calçados brancos imaculados.

Srta. Flores,

Você deve sempre ir a uma reunião importante com sapatos adequados. Uma primeira impressão pode ser a sua última.

Este é o primeiro par de muitos. O custo já foi deduzido do seu salário. Calce-os. Sem desculpas. Eu fiz por você. Você vai fazer por mim em breve. Isso não é pessoal. Meramente negócios.

Capo.

Ele assinou com “*Capo*”.

— Espertinho, — murmurei.

Um cartão menor estava abaixo do bilhete, com a hora e a data marcada para a reunião. Em dois dias. *Segunda-feira. 11:11h da manhã.* O endereço estava listado em Manhattan, algum prédio chique, sem dúvida. Um motorista seria enviado para me buscar.

Caramba.

Eu realmente ia fazer isso?

Minha visão periférica flagrou o redemoinho de líquido ambarino que apareceu de repente ao lado.

Keely balançou um copo cheio de uísque na minha frente.

— Eu diria para você não fazer isso, mas de que adiantaria? — Ela se sentou ao meu lado no chão, tomando cuidado para não derramar sua bebida.

Com um suspiro, recostou a cabeça na minha. — Me promete que vai ficar em segurança?

Levantei meu copo e ela fez o mesmo. Eu não podia prometer algo sobre o qual não tinha controle. Nós tocamos nossos copos e bebemos o líquido de um gole só, sem nos importar em fazer um brinde.



CAPÍTULO 9

Mariposa

Segunda-feira, 11 horas em ponto, estava em um prédio alto, sentada em algum escritório chique, com meus chinelos de plástico, esperando que o Sr. Rocco Fausti me chamasse. Sua secretária me lançou um olhar estranho quando lhe perguntei o que ele fazia. Não havia nada escrito na porta.

Ele é um advogado, ela falou, e julgando pelas riquezas ao meu redor, um muito bem-sucedido.

Às 11:07, Rocco Fausti saiu de seu escritório e me cumprimentou. Seu sotaque era italiano e acentuado, mas não difícil de entender. Ele estendeu a mão e eu quase não peguei, porque não queria sujar sua pele bonita. Estava me sentindo como uma criança prestes a macular uma importante estátua de mármore com marcas de dedos.

Ele era alto, muito mais alto que eu. Seu cabelo era preto, a pele bronzeada e seus olhos... verdes como o mar. Seus cílios eram grossos e pretos. Os lábios cheios. E ele cheirava... alguma coisa melhor do que “bom” poderia definir. O corpo dele. Não havia como esconder o físico musculoso sob o terno feito sob medida. Quem quer que fosse esse Capo, ele se cercava de gente bonita. Pessoas competentes. Pessoas diferentes de mim.

Se eu já não soubesse quão básica era no departamento de aparência

e aceitasse isso, talvez eu tivesse desenvolvido um complexo de inferioridade.

Passamos pelo que parecia ser o escritório de Rocco — cheirava a ele — e paramos em uma sala com uma longa mesa no centro, rodeada por doze cadeiras, seis de cada lado, e uma bandeja circular no meio com copos e uma jarra de água. Ele gesticulou para que eu me sentasse perto da parede de vidro temperado que se estendia na parte de trás da sala.

Assim que o fiz, ele se sentou na cabeceira da mesa, bem ao meu lado. Um ou dois minutos depois, sua secretária entrou e entregou um arquivo cheio de papéis. Antes de sair, ela serviu três copos de água, colocando um na frente de seu chefe, um na minha e outro à direita dele. Uma terceira pessoa se juntaria a nós, então.

— Senhor Fausti?

Ele ergueu os olhos dos papéis, o verde em seus olhos brilhando com a luz do sol que incidia pelas janelas.

— Rocco serve.

Assenti com a cabeça.

— Rocco. Por que estou aqui?

Enquanto ele me encarava, peguei o copo d'água e bebi um pouco. Olhei o relógio, 11:11, a água desceu errado e comecei a engasgar. Pulei da cadeira, acenando com as mãos na frente do rosto, tentando lutar contra o engasgo. A terceira pessoa entrou na sala assim que a água tentava descer.

Olhei para o teto, ainda tentando respirar, e pensei: *Isso é sarcasmo ou apenas uma piada cruel?*

A maldita água queimou minha garganta e eu não conseguia parar de tossir. O líquido estava me matando. *Ele estava me matando.* O que ele estava fazendo aqui?

Não poderia ser...

Ele estendeu a mão para mim.

— Você pode me chamar de Capo, — disse. — Se quiser.

O homem de terno. Sr. Mac. Chefe. Capo. Os quatro termos se aplicavam à mesma pessoa, porra.

Azul. Tudo o que eu conseguia pensar era azul. Os olhos dele. Eles eram azuis. O tipo de azul no qual você pode se perder, flutuar, sem nunca mais querer voltar à terra. Estavam se acalmando, mas algo neles era cauteloso. Como se você tivesse que sobreviver ao inferno para ganhar o céu dele.

— Mariposa, — a voz dele tomou conta de mim, como tinha acontecido naquela noite no *The Club*. Era baixa, áspera e a coisa mais sexy que eu já tinha ouvido.

Mesmo que meus olhos lacrimejassem, sua mão ainda estava estendida e eu não pude deixar de olhar para ela. Fiquei pensando na maneira como ele havia me tocado... me segurado. No nosso momento na sala à luz de velas.

A mão que ele estendeu se tornou mais firme, vívida nesse momento, e notei uma tatuagem que cobria todo o dorso da mão esquerda. Começava no pulso e terminava no começo dos dedos longos. Ele tinha tatuado o rosto de um lobo negro rosnando. Os olhos do animal eram azul-claros e intensos, como os dele.

Se esse homem queria que uma mulher fizesse todo tipo de sexo com ele, por que teria que pagar para isso? Estava disposta a apostar meu pão velho que quase qualquer mulher gostaria de ser tocada por esse homem. Ele era universalmente atraente e tinha algo que igualava sua beleza. Era algo selvagem e áspero. Tinha algo mais profundo que o físico e não podia ser verdadeiramente explicado.

Não. Poderia em termos simples. Ele era uma força brutal. Eu podia senti-lo empurrando contra mim, mesmo sem me tocar.

Ele limpou a garganta e meus olhos automaticamente foram para lá. Foi a primeira vez que o vi tão de perto. Assim como não notei a tatuagem, não tinha percebido a cicatriz que circundava sua garganta. Era antiga, quase da mesma cor de sua pele, mas perceptível.

— Srta. Flores? — Rocco chamou, rompendo meu transe. — Podemos?

Levei um momento, mas depois que Capo retraiu a mão estendida, pigarreei de leve e resmunguei:

— Sim, mas me chame de Mari.

Rocco assentiu.

— Mari. — Ele gesticulou para o assento.

Não consegui desviar meus olhos dos de Capo. Seu olhar não abandonou o meu em momento algum. Era intenso, mas de alguma forma não me importava. Queria olhar para ele. Não tinha certeza se me cansaria de fazer isso. Vê-lo à distância, de repente, parecia um pecado. Todas as suas feições eram melhores quando vistas de perto.

Capo sentou-se à minha frente, e sua colônia se infiltrou em meu

nariz quando ele passou por mim. Rocco nos deu um minuto enquanto folheava os papéis colocados à sua frente.

Capo estendeu a mão para pegar a minha novamente.

— Mariposa, — falou, — você pode me chamar de Capo ou Mac.

Pigarreei de novo, sabendo que minha voz soaria estranha quando eu falasse. Eu ainda não tinha segurado sua mão. Sabia como era, e quase tive medo de que saísse uma faísca quando nos tocássemos. Então me perguntei se havia saído quando ele me tocou no escuro no *The Club*. Eu tinha sentido.

— Prefiro chamá-lo de Capo, — anunciei, minha voz baixa e rouca. — E você pode me chamar de Mari.

Estendi a mão para fazer a conexão, não querendo ser covarde, mas quando aproximei um pouco demais, acabei dando um tapa como se fosse um cumprimento *high-five*. *Cedo demais*. Era muito cedo para tocá-lo novamente. Para ser dominada por ele. Não queria que meus olhos revelassem o que ele possivelmente não viu na escuridão. O quanto ele me afetou.

Capo sorriu, mas o sorriso não chegou aos seus olhos.

— Mariposa, — ele enunciou, usando um sotaque italiano na palavra espanhola. — Vou te chamar de Mariposa. A borboleta.

Borboleta. Inclinei a cabeça para o lado, de alguma forma pensando que poderia vê-lo melhor. Não deixou as coisas mais claras, mas de qualquer ângulo ele era impressionante. A coisa mais linda que já vi além da minha favorita. A borboleta. Era por isso que eu odiava quando pessoas que não significavam nada para mim me chamavam pelo meu nome completo. Era a única coisa especial em mim, e quando elas diziam isso tão às claras, como se não significasse nada, reforçava tudo o que eu sentia — invisível. Uma lagarta ainda presa na fase feia de sua vida.

Vindo de sua boca, daqueles lábios carnudos, eu não me importava. Gostei da maneira como ele pronunciou, com a língua enrolada. Mariposa. Ele fez soar... especial. Bonito até.

— Mari, você me perguntou por que estava aqui, — Rocco rompeu a névoa que me rodeava. Balancei a cabeça e tomei outro gole de água.

— Cuidado. — Capo sorriu para mim. — Parece que a água aqui é mais espessa do que o normal.

Estreitei meus olhos. *Espertinho*. Então me afastei dele, fazendo um acordo comigo mesma para não olhar para ele novamente até que Rocco esclarecesse sobre o que era toda aquela papelada à sua frente.

— Você está familiarizada com casamentos arranjados, Mari?

— Casamento arranjado? — repeti, soando tão idiota quanto eu tinha certeza de que meu rosto expressava.

Claro que eu sabia o que isso significava, mas por que diabos ele estava mencionando esse assunto durante a reunião? Esperava palavras como sexo submisso, ou discussões sobre o preço da carne e o que eu faria ou não por um dinheirinho. Mas casamento?

— Um casamento arranjado é quando... — Rocco começou. Levantei a mão, interrompendo sua explicação.

— Eu sei o que é, mas o que isso tem a ver com o motivo de eu estar aqui?

— Se você soubesse no que estava se metendo, — Rocco cortou, lançando-me um olhar penetrante, — eu não teria tocado no assunto. No entanto, como você foi escolhida pelo Capo para esse arranjo e não foi previamente informada sobre a situação, estou aqui para esclarecer as coisas. Casamentos arranjados não são incomuns em nossa cultura, embora geralmente ambos os lados da família estejam envolvidos. Além disso, Capo quer uma noiva. Depois de passar algum tempo com você, ele a escolheu. É por isso que estamos aqui, Mari. Capo quer se casar com você.



— Casar comigo? — repeti, olhando entre os dois homens, incapaz de olhar para Capo novamente desde que Rocco havia explicado por que eu estava ali.

Nenhum deles riu ou parecia remotamente como se estivesse brincando comigo. No entanto, eu ri. Gargalhei alto como uma bruxa. Então fiquei quieta, percebendo quão sério eles estavam falando.

— Puta merda, — murmurei, enxugando os olhos. Então os concentrei no Capo. — Você realmente quer se casar comigo?

Ele acenou com a cabeça uma vez, bem devagar, e decidido.

— Um arranjo.

— Entendi essa parte. — Fiquei imóvel por um momento ou dois, absorvendo tudo isso. Começou a se encaixar.

Ele estava examinando todas aquelas mulheres. Talvez avaliando na prática para ver com qual delas tinha uma conexão. Ele as vendeu para que

não o vissem e depois o reconhecessem na rua. *Recluso* foi a palavra que Sierra usou para descrevê-lo para Keely. Ele escoltou as mulheres que estavam flertando com outros homens para fora da festa. Sierra foi uma de suas escolhas. Casamento. Ele queria que eu me casasse com ele. Ele *me* escolheu para esse arranjo.

Levantei-me da cadeira, recusando-me a olhar para ele. Eu queria, só mais uma vez, mas não podia. Isso já era difícil o suficiente.

— Desperdicei seu tempo. Você escolheu a garota errada para esse trabalho. O casamento não está nos planos para mim, nem mesmo como um arranjo. — Virei-me para ir, mas parei quando sua voz me atingiu como um raio nas costas.

— Você veio até mim procurando um emprego, e agora que estou propondo um, que não inclui baratear sua moral por dinheiro, você vai negar. Pelo menos, diga-me o que te assusta nesse acordo... um acordo com detalhes que você ainda nem considerou. Sair sem ouvir os detalhes não faz de você uma campeã, Mariposa, mas uma criança assustada. Agora sente-se e prove que estou errado.

— Tudo bem, — aceitei, virando-me. Pendurei a mochila na cadeira novamente e me sentei.

Embora estivéssemos discutindo casamento, não havia dúvida de que se tratava de uma reunião de negócios. Uma fusão de duas vidas unidas por papel e detalhes planejados. Se eu fosse fazer isso, teria que me tornar o mais focada possível nos negócios. As emoções tinham que ser varridas da mesa, mas eu tinha algo para falar que exigia alguns sentimentos primeiro.

— Antes que esta reunião comece oficialmente e todos os lados tenham sido considerados, você deve responder a uma pergunta.

Capo olhou para mim por um minuto e então acenou com a cabeça uma vez. Ele pegou o copo de água e tomou um gole, seus olhos nunca deixando os meus.

— Por que eu, Capo?

Seu nome parecia estranho na minha língua. Não falei como Rocco, com sotaque italiano, mas fiz o possível para dar o devido valor. Ele tinha feito o mesmo pelo meu, então eu queria dar a ele o mesmo respeito. Porém, seu semblante mudou quando pronunciei seu nome, e por algum motivo isso me levou ao *The Club*, à sala iluminada por velas. A intensidade. A intimidade.

— Você se importa se eu responder à pergunta com outra?

Estendi meu braço, como se dissesse *vá em frente*.

— Por que não você, Mariposa?

Peguei meu copo novamente, tomando um gole com cuidado. Quando o coloquei na mesa, respondi com sinceridade. Ninguém nesta sala tinha tempo para mentiras.

— Vi as outras mulheres no *The Club*. Suas opções. Sierra era colega de quarto da minha irmã. Eu já cheguei a vê-la pela manhã cedinho. Também a vi quando ela estava exausta por uma noite maldormida. Em momento algum, aquela garota era feia, — aponte para o meu rosto e deslizei um dedo pela curva do meu nariz.

Seus olhos passaram de suaves e relaxados a irritados em questão de segundos. Fiquei imaginando se o mundo exterior alguma vez considerou isso uma mudança sutil, algo que aconteceu em um piscar de olhos e depois desapareceu, mas eu percebi. Já estava muito consciente dele.

— Vai acreditar em mim se eu contestar seus sentimentos?

— Sim. Você não parece um homem que tem tempo para jogos.

— Você não se parece com o resto. Você se destaca. Poderia ser uma rainha em um trono. Alguém que eu me sentiria privilegiado em chamar de esposa. Você tem o rosto mais bonito que já vi. — Ele juntou os dedos e me observou ainda mais... intensamente, quase me estudando de uma forma que eu não estava acostumada: com apreciação. — Adão disse: *“Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada mulher, porque ela foi tirada da carne do homem. Minha mulher.”*

Levei um momento para colocar minha cabeça no lugar. Suas palavras foram quase diretas demais, mas estavam cheias de tanta verdade que me deixaram um pouco ofegante.

Então eu sabia que precisava dizer alguma coisa, ou ele veria que tinha me deixado fraca com algumas palavras.

— Ninguém nunca... — O que eu estava dizendo? Ele foi muito honesto, admitindo o que é melhor deixar na escuridão. *Já está muito ciente de mim*. Aqueles olhos tinham muita luz neles. Eu sabia que estavam escondendo a escuridão também, mas o contraste entre os anéis escuros ao redor de suas íris e o azul só tornava sua luz ainda mais brilhante para mim.

— Fodam-se os outros. — E acenou com a mão, desdenhoso. — Eles não importam.

— Você sim?

— O único, — ele falou. — *Il capo*.

— Vou aceitar o seu motivo, — retruquei, querendo mudar o rumo da conversa. — Mas há mais nisso do que parece. Dê-me outras razões para isso.

Rocco e Capo trocaram olhares antes de Capo falar novamente:

— E se não houver outras razões? E se a única razão pela qual você está sentada aqui comigo é porque quero ouvir meu nome saindo dessa sua boca macia como travesseiro pelo resto da minha vida, e me recuso a permitir que outro homem tenha a mesma honra?

Engoli um gole de água, quase me engasgando de novo.

— Isso é um privilégio, — eu disse, feliz por minha voz não vacilar. — Mas não toda a verdade.

— Não é, — confessou. — Mas não suponha nada comigo, Mariposa. Isso seria um erro. Sou honrado, mas apenas até certo ponto.

Seus olhos pareciam esquentar com o que quer que ele pensasse. A cor de alguma forma ficou mais escura, uma tempestade selvagem que eu podia sentir na boca do estômago. Ele estava usando apenas algumas palavras para insinuar algo muito mais complicado. *Honrado até certo ponto*. A atração entre nós parecia uma coisa viva que não podia ser negada. Queria tocá-lo. Queria que ele me tocasse novamente. Eu era o céu calmo à mercê de sua tempestade de raios e trovões.

— Mari, — Rocco chamou e me virei para ele. — Sim ou não. Você concorda em prosseguir com esta reunião? Se o fizer, vamos definir os termos, mas o acordo será ao vivo.

Irônico ele ter usado o homófono “ao vivo”.

Segurando o olhar de Capo, lambi meus lábios e perguntei:

— Ao vivo?

— Você será minha esposa, — Capo anunciou, sua voz ainda mais baixa.

— Sim, — concordei, sem hesitar. — Eu digo sim. Consinto. Vamos em frente com o acordo.



Antes de realmente começarmos, Rocco repassou o motivo mais importante pelo qual Capo queria “uma noiva”.

— O avô dele está doente, — repeti. Nesse ponto, eles poderiam

muito bem ter me chamado de papagaio em vez de pelo meu nome. A cada passo, eu continuava chocada.

Rocco assentiu e entrou em mais detalhes. Depois que a avó de Capo morreu, tudo o que ele tinha era seu avô como figura parental. Mas ele estava morrendo, e um de seus últimos desejos era ver o neto casado. Antes que eu pudesse cuspir a pergunta, Rocco respondeu:

— Capo nunca levaria para casa uma mulher para conhecer seu avô e mentir que se casaria com ela. Estava fora de questão.

Balancei a cabeça, encontrando o olhar do Capo. Ele raramente se desviava do meu rosto. Mesmo quando prestava atenção em Rocco, ainda podia senti-los.

— Posso entender isso, — expressei. — Minha mãe adotiva... morreu de câncer quando eu tinha 10 anos.

— Sinto muito por ouvir isso, — Capo lamentou.

— Você não tem família, Mari, mas será exigido que viaje para a Itália para conhecer a de Capo.

— Eu tenho, — minha voz saiu firme — ... família. — Os olhos de ambos os homens se estreitaram. — Minha melhor amiga, Keely. Ela é minha família. Os irmãos dela também.

Rocco olhou para Capo, esperando que ele respondesse.

— Vou conhecê-los formalmente, — anunciou. — Na festa que a família dela está dando. Para comemorar seu novo emprego. Cerca de duas semanas a partir de hoje. Domingo.

— Como você sabe disso?

— Eu sei de tudo, Mariposa. Sei ainda mais quando se trata de você. — Ele apontou os nomes dos pais dela com os dedos e depois nomeou cada um de seus irmãos e suas idades, me dando um segundo antes de continuar: — Sabemos que isso é um acordo, Mariposa, mas as pessoas do seu círculo não. Não vou exigir que você minta para sua amiga, mas a verdade será distorcida. Nos encontramos hoje para uma entrevista para um possível cargo no meu clube. Depois que você percebeu que eu era o homem do *Macchiavello's*, tivemos nosso momento e as coisas mudaram. Achei que contratá-la seria um conflito de interesses. Almoçamos, discutimos coisas que as pessoas apaixonadas fazem, e você me convidou para o evento familiar deles.

Ele acenou com a mão.

— Vamos passar um tempo juntos durante as próximas duas

semanas. Vou buscá-la na casa dela. Namoro, — parecia odiar a palavra, porque ele meio que a cuspiu. — Então, durante a festa da família, você vai anunciar que estamos noivos. Vamos nos casar na prefeitura de Nova York no fim de semana seguinte. Também nos casaremos no final de junho na Itália. Um casamento adequado. Seus amigos são bem-vindos a comparecer.

Com tudo o que ele disse, eu só conseguia me concentrar em uma coisa.

— Você sabe tudo sobre mim, mas o que eu realmente sei sobre você?

Ele se inclinou para frente e juntou as mãos sobre a mesa, seus olhos agora focados em mim em um nível além do pessoal.

— Você mencionou outras razões para eu fazer isso. Você conseguiu o principal, o desejo do meu avô. No entanto, mantenho um coração e mais de uma veia perto do meu peito. Existem outros fatores em jogo aqui, Mariposa. Preciso que você me dê tempo para trazê-los à luz.

— Quantas? — perguntei.

— *Scusami*? — Eu sorri. Embora não soubesse italiano, senti que a palavra devia ser algo equivale ao nosso “como é que é?”.

— Quantas veias devo esperar? As que se conectam ao coração?

— Você quer um número. — Se recostou na cadeira, estudando meu rosto. — Duas.

— Não, — retruquei. — Escolha outro número.

— Você quer que eu invente alguma coisa.

— Não, — repeti. — Mas as coisas ruins vêm em três. Não quero que você invente algo, mas desafio você a encontrar algo bom nessa situação depois que suas duas “veias” forem abertas para mim. Dê-me três para sairmos com quatro, com o coração principal.

Ele me encarou por pelo menos cinco minutos intensos. Então assentiu.

— Concordo.

Rocco escreveu algo.

Eu gostei disso. Realmente, realmente gostei disso. Colocar tudo na mesa antes. Estávamos discutindo nossos conflitos antes de nos comprometermos um com o outro. O casamento não deveria ser um negócio, mas de uma forma estranha, pensei que talvez devesse ser às vezes. *Espero isso de você. Você espera isso de mim. Você faz por mim. Eu faço por você.* E nenhum de nós cruzará certas linhas. Isso removeu muito do peso que parecia

ter desabado sobre minhas costas quando ele fez sua proposta pela primeira vez.

Sentei-me um pouco mais ereta e realmente comecei a prestar atenção quando a menção à polícia foi feita, como eu deveria ficar quieta o tempo todo, a menos que Rocco me dissesse o contrário.

— Você está... envolvido em negócios que não deveria?

Não esperava que Capo fosse tão sincero, mas ele foi. Acenou com a cabeça uma vez, sem hesitar.

— Minhas mãos nem sempre estão limpas no final do dia, Mariposa.

— Quão sujas?

— A gravidade do pecado é importante para você?

— Não tenho certeza.

— Seria mais leve para sua consciência saber que eu só ajo por vingança e não para ganho pessoal nos negócios?

— Eu quero honestidade, — disse. — A todo custo. Se... se eu perguntar, preciso que você seja honesto.

Nesse momento, o desejo de querer sua honestidade me dominou. Se eu tivesse muito tempo para pensar, iria querer honestidade à mesa, e isso poderia acabar com o que quer que tivéssemos. Não tinha certeza de que tipo de pessoa isso me tornaria, para me recusar a considerar que ele poderia fazer coisas terríveis por vingança, e eu ignoraria tudo para ter isso.

Para tê-lo.

Apaguei o pensamento assim que surgiu. Não havia espaço para emoção nessa mesa. Não senti nada dele. Não haveria nenhuma de mim.

Ele assentiu.

— De acordo.

Rocco escreveu outra coisa.

Assim continuou a conversa. Rocco ou Capo traziam um termo, discutíamos e então concordávamos ou não. Se não o fizéssemos, íamos para frente e para trás até que ambos estivéssemos satisfeitos.

Dinheiro. Eu teria acesso a todos os seus fundos depois que nos casássemos. Os milhões e milhões que ele tinha. Capo não estabeleceu nenhum limite. No entanto, se eu o deixasse ou quisesse me divorciar dele, ou quebrasse as regras “centrais” de nosso acordo, não receberia nada. Nem mesmo um centavo.

— Por último, — Capo articulou, seus olhos extremamente sérios. — Não acredito em divórcio. Você é minha até eu morrer.

— Mas e... e, se um de nós ficar infeliz?

— Este arranjo não é sobre amor, Mariposa. Você entende isso, não é?

— Sim, — afirmei, muito na defensiva. — Entendo. Você disse isso. Eu disse isso. Entendi.

Seus olhos desafiaram a declaração, mas ele não insistiu.

— Você tira o amor disso... — acenou entre nós dois. — E nenhum de nós jamais será infeliz. Temos nossos termos, e eles devem nos manter contentes. Nós dois temos um propósito para esse casamento. Eu quero lealdade. Você quer viver. Nem todos os casamentos são construídos com amor. O amor é uma casa frágil que desmorona. O que estamos construindo nesta mesa será intocável.

— Siga em frente, — pedi.

Eu receberia um salário de dez mil dólares até nos casarmos. Para comprar comida, roupas e tudo o mais que eu precisasse até que assinássemos o acordo. Até tocamos em detalhes como quantas vezes viajaríamos no ano. Poderíamos ultrapassar a cota, se quiséssemos, mas não menos. Duas, decidimos, era um número ideal. Ele escolheria um lugar, eu escolheria o outro, e não havia um terceiro destino envolvido a menos que repensássemos esse número.

Os dois homens estavam me chocando o tempo todo, então decidi chocar um deles. Eu disse que, sob nenhuma circunstância, colocaria implantes de bunda. A ideia ainda estava fresca em minha mente e fiz Rocco escrevê-la. Capo sorriu ao dizer:

— Concordo. Nenhum implante de bunda ou qualquer cirurgia plástica, a menos que minha esposa solicite. No entanto, eu preferiria que você não o fizesse. Pareceria um desperdício de dinheiro. Por que pintar a borboleta?

Passada uma hora, bateram à porta. Nos endireitamos, a conversa em suspenso enquanto a secretária de Rocco anotava nossos pedidos de almoço. Meu estômago roncou alto e minhas bochechas queimaram. Embora eu estivesse com Keely, não comia muito de sua comida, apenas quando ela preparava para mim. Ainda a estava ajudando a arrumar tudo, mas nunca parecia o suficiente.

Capo fez o pedido por mim. Também incluiu sobremesa.

— Isso foi legal da sua parte, — confessei. Estava com vergonha de fazer o pedido. Sabia que a comida era cara, e nunca pedi nada assim antes.

Ele acenou com a cabeça uma vez e depois sorriu para mim. A secretária de Rocco ficou imóvel. Observando-o. Ela o encarou até que ele voltou os olhos para ela.

— Isso é tudo para mim e minha noiva.

Ela assentiu, arrumou o cabelo e sorriu para ele. Então enfiou a lista contra o peito quando ele se virou sem agradecer. Observei-a até que ela fechou a porta atrás de si. Era uma morena atraente, pronta para a passarela. *Giada*, Rocco a chamara. Era alguém que eu esperaria para Capo. Ficaria bem ao lado dele.

Giada & Capo. Seus nomes até combinavam.

Rocco sugeriu que continuássemos a reunião até que a comida fosse entregue. Eu não poderia ter concordado mais.

Levantei a mão, como se estivesse na escola.

— Quero direitos exclusivos sobre você. Começando agora.

— Você terá que explicar isso com mais detalhes, Mari, — Rocco pediu, trocando alguns papéis.

— Ela quer dizer, — Capo continuou, um leve sorriso tocando seus olhos. — Ela quer que sejamos exclusivos. Agora mesmo.

— Vocês se adiantaram um pouco, — Rocco expôs, e pude ouvir o sorriso em sua voz. Capo e eu estávamos olhando um para o outro. — Nós íamos discutir isso a seguir.

— Não importa quantas vezes Capo queira me levar para sair à noite, tudo bem para mim. — Acenei com a mão. — Que seja uma surpresa, mas não três vezes por semana. Mas estou pronta para discutir esses termos agora.

— Chegamos à exclusividade devido à insistência da senhora. — Rocco folheou mais alguns papéis e sorriu novamente. Acho que ele me achou divertida. — Como você declarou seus sentimentos sobre a questão de vocês dois serem exclusivos, sabemos a sua preferência, mas acho melhor discutir o assunto em detalhes. Se você preferir não ter intimidade com Capo, não pode esperar que ele seja celibatário. Ele teria amantes, mas seria discreto, é claro.

— Discreto, — murmurei. — Claro. — E eu seria feita de boba. E pior ainda, não gostei da ideia da secretária morena entrando e saindo de seu quarto enquanto eu dormia no quarto ao lado, ou aonde quer que fosse.

Rocco assentiu.

— Mari, você teria que ser discreta...

— Não, — Capo retrucou. — Ninguém toca em minha esposa além

de mim.

A sala ficou excepcionalmente silenciosa. Quando me virei para olhar para Rocco, ele estava olhando para Capo. O rosto de Rocco raramente mostrava qualquer emoção, mas a resposta de Capo pareceu tê-lo pegado de surpresa. Ele não esperava isso.

Não era um assunto importante antes? Eu não tinha motivos para pensar que eles não haviam discutido alguns pontos dos termos antecipadamente. Eu poderia dizer quais quando Capo se tornou firme em algumas coisas antes mesmo de eu ter a chance de pensar nelas.

— Está resolvido então, — decidi. — Ninguém me toca. Ninguém toca em você.

— Exclusiva. Exclusivo. — Rocco escreveu em seu papel.

— Você é virgem, Mari? — Capo perguntou.

— Por quê? — deixei escapar. — Isso fará meu preço subir? Não acho que consiga. Quero dizer, você já me ofereceu tudo em termos de dinheiro, desde que eu não vá embora.

Não gostei da maneira como Capo olhou para mim. Ele estava tentando desenterrar a informação por pura vontade. Esperava que eu fosse experiente, porque era uma menina pobre nas ruas? *Ah, isso mesmo*, pensei de forma cínica. Basicamente, fui ao clube dele procurando vender meu corpo por um dólar. Acontece que eu estava prestes a vender meu segredo em troca da minha vida.

— Isso importa? — tentei uma última vez.

— É importante para mim, — Capo revelou. — Sua resposta irá nortear nossa primeira vez juntos.

Nortear nossa primeira vez juntos? O que isso significava? Ele seria rude comigo se eu não fosse virgem?

Levantei-me da cadeira, pela primeira vez desde que tentei abandoná-lo, e fui até a janela. A vista dessa altura era vertiginosa. Nova York parecia tão bonita quando seus pés não tocavam o chão.

— Eu não sei, — confessei, minha voz quase um sussurro.

— Você não sabe, — Capo repetiu. Eu podia imaginar seu rosto, suas sobrancelhas escuras se contraindo. O silêncio tomou conta da sala. Depois de um tempo, ele me pediu para explicar.

— Não sei! — falei um pouco mais alto. — Quando eu tinha 16 anos, fui criada por uma família rica. Política. Ele... me tocava. Não foi até o final porque saí de lá antes que pudesse. Me recusei a deixá-lo fazer isso comigo.

Keely me ajudou a conseguir uma identidade falsa e fiz bicos sempre que podia. Dormi em abrigos. Às vezes, na casa de Keely, quando sua mãe permitia. Eu me mantive sempre às sombras, para não ser mandada de volta para um orfanato. Evitei os policiais também, até ter idade suficiente para estar legalmente por conta própria.

“Ele fez coisas comigo, porém prefiro não mencionar. Tenho certeza de que vocês dois são espertos o suficiente para entenderem o porquê, eu, realmente... não sei se sou virgem ou não. Mas estou limpa. Um homem não me tocou antes ou depois. Nunca tive tempo para me preocupar com um relacionamento, mas mesmo que tivesse, nunca pensei que gostaria de ser tocada novamente.”

— Ou dever a alguém, — Capo disse, suavemente, mas havia uma corrente oculta nele que senti de onde estava. Senti frio se arrastando pela coluna.

Ele havia descoberto o motivo pelo qual eu odiava aceitar gentileza sem dar algo em troca. O idiota que me adotou disse que tinha feito um favor ao me acolher, e eu devia a ele por sua gentileza. A princípio, acreditei nele e teria feito qualquer coisa para me sentir em casa. Lar. Mas quando percebi o que ele esperava de mim, a gentileza nunca pareceu tão imunda.

Estava envergonhada. A cada noite, eu sabia que ele estava cada vez mais perto de fazer algo comigo que nunca poderia ser desfeito. Dedos eram uma coisa, seu pau desagradável era outra. Então escondi uma faca na minha mochila e, quando ele tentou, disse que gritaria e o cortaria se continuasse. Viver nas ruas era melhor do que viver no que parecia uma jaula. Ele tinha mulher e filhos, todos dormindo nos quartos ao redor do meu.

— Bondade, — falei. — Nunca devo isso a ninguém, se estiver em meu poder.

— Você quer ter intimidade comigo, Mariposa?

— Existem outros fatores em jogo aqui, Capo, — repeti suas palavras, apenas substituindo seu nome pelo meu. — Peço que me dê tempo para ir para sua cama.

— *Concordata*, — ele aceitou suavemente. E eu sabia, de conversas anteriores, que significava “acordado” em italiano.

Fiquei tanto tempo na janela que, quando me virei, encontrei Capo sentado à mesa sozinho, com os olhos fixos em mim.

— A reunião acabou? — perguntei, de repente com medo de que minha confissão pudesse tê-lo feito desistir.

Eu era um bem usado? Nunca havia admitido isso em voz alta, nem mesmo para Keely. Eu tinha contado para ela que o idiota político era mau comigo, quase abusivo, mas nunca entrei em detalhes. Acho que ela sabia, mas não me pressionou, apenas me disse que, se eu quisesse ir à polícia, ela estaria lá comigo.

— Não, — a rouquidão em sua voz era forte. — Apenas fazendo uma pausa.

Assenti com a cabeça, virando-me novamente.

— Sente-se, Mariposa.

Pensando que íamos comer ou começar logo de novo, fiz o que ele mandou. Foi fácil receber orientação dele. Ele realmente controlava tudo ao redor.

Capo se levantou de sua cadeira e dispôs sua figura imponente diante de mim, antes de se ajoelhar na minha frente, com uma mão no meu joelho.

— Você não usou os sapatos novos que mandei.

A luz atingiu seus olhos e pensei no oceano, nas profundezas que queria explorar. Não havia como negar que havia algo escuro além da luz, mas de alguma forma estranha eu queria explorar isso também. Queria saber se o que eu tinha feito por medo, por desespero, não era tão perverso quanto eu sentia — não gritar quando o idiota político me tocou pela primeira vez. Queria saber que outras pessoas também tinham segredos difíceis de contar. Só esperava não ser a única na história que trocava a confissão por uma chance de viver.

— Não, — sorri um pouco. — Você não era meu capo oficial até então.

Ele devolveu o sorriso. Então pegou minha mochila. Quando me sobressaltei e a agarrei, ele demorou para tirá-la de minhas mãos. Abriu e tirou os sapatos novos de lá, como se soubesse que eu os havia trazido. Lentamente, estendeu a mão para um dos chinelos de plástico desgastados.

Tentei me afastar, mas ele segurou firme.

— Eles estão muito sujos, — sussurrei.

— Já toquei coisas piores, e coisas piores me tocaram.

Deixei que ele cuidasse dos meus pés, observando enquanto trocava meus calçados velhos pelos novos. Eles se encaixaram tão bem. Eu não tinha um par de sapatos novos desde os 10 anos.

— Sua mochila... — ele disse. — Pertenceu à sua mãe.

Parei um segundo.

— Minha mãe? Você quer dizer Jocelyn?

— Não. Jocelyn Flores foi a mulher que a acolheu e a amou como se fosse dela. “*Foda-se.*” Isso era algo que o velho Gianelli, seu pai, costumava dizer quando se irritava com os insetos que comiam sua plantação no jardim. Os sicilianos amam seus jardins.

— Você conhecia minha... Jocelyn? Pops?

Pops era o pai de Jocelyn, meu avô adotivo. Eu não havia conhecido o marido de Jocelyn, Julio Flores. Ele morreu antes da adoção, mas fiquei com o sobrenome dele.

Capo assentiu.

— Eu os conhecia bem.

— Ele morreu primeiro, — comentei, querendo contar a ele. — Jocelyn morreu um ano depois.

— Ataque cardíaco, — Capo revelou. — Câncer.

— Isso mesmo, — foi tudo o que consegui dizer. A casa deles foi a única coisa estável que eu conheci.

— Você ainda volta a Staten Island para visitar a casa.

— Volto.

— Dei a eles dinheiro suficiente para cuidar dela.

— Você, o quê?

— O que aconteceu com o dinheiro, Mariposa?

Eu me levantei, colocando alguma distância entre nós.

— Ela estava muito doente. Usamos para o tratamento dela. Então eles tomaram a casa. Não sobrou dinheiro algum. Ninguém para cuidar de mim. — Mordi meu lábio. — Como você sabe de tudo isso?

Capo ainda estava ajoelhado, os sapatos sujos pendurados em seus dedos.

— Conheci seus pais, seus pais biológicos, Corrado e Maria. Seu nome era Marietta Palermo.

— Marieta Palermo, — murmurei o nome, testando em minha boca. Parecia estranho. Errado. — Eu tinha 5 anos quando... Você teve algo a ver com minha ida para a casa deles, não é?

— Tive. Levei você para morar com eles. E mudei seu nome.

“— *Mariposa — ele disse, usando um sotaque italiano na palavra espanhola. — Vou te chamar de Mariposa. A borboleta.*”

O bastardo tinha me nomeado.

— Por quê? — Minhas mãos cerraram em punhos.

— Marietta significa mar de amargura, ou algo próximo disso. Eu queria que você tivesse algo melhor para orientá-la. Que você se tornasse a coisa que mais amava. A borboleta. Você merecia essa oportunidade. Ambos os nomes começavam com Mari, como sua mãe te chamava. Eu queria que você mantivesse essa parte dela consigo também. E sabia que isso tornaria a transição mais fácil. Para uma criança pequena, você ainda poderia dizer às pessoas que seu nome era Mari. Não foi tão difícil.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Por que você me levou para morar com eles? O que aconteceu com minha mãe e meu pai? — essas palavras simples quase me rasgaram em dois, mas me segurei.

— Morreram.

— Em um acidente de carro? — Isso foi o que Pops e Jocelyn me contaram.

Ele colocou os chinelos velhos no chão com reverência e então se levantou, ficando de frente para mim.

— A família Scarpone os assassinou.

— A... — eu não conseguia nem dizer a palavra. *Máfia*.

— Eles exigiram seu sangue também.

— Entendo. — Quase desabei na cadeira. Não conseguia ficar de pé, mas peguei a mochila para segurá-la. Era a única coisa que Jocelyn disse que eu possuía quando cheguei à porta dela. Ali tinha dois livros de colorir. Um cheio de imagens de borboletas e o outro de princesas. Uma caixa de lápis de cor. O prendedor de cabelo em formato de borboleta.

— Apenas... — ele disse.

Na resposta monossilábica, meus olhos se viraram para encontrar os dele. Ele estava olhando para mim, sempre olhando para mim, com uma intensidade que me mantinha enraizada, mas me fazia sentir como se pudesse voar.

— Você sabia que eu gostava de borboletas. De colorir.

Mariposa. Borboleta.

— Você me disse. Você me pediu para pintar com você. Azul era sua cor favorita.

— Ainda é, — revelei, pensando na cor de seus olhos.

Estava prestes a vomitar. Fechei os olhos, inspirando e expirando profundamente.

— Você... — Tive que tomar outro fôlego. — Você tem me vigiado.

— Não. Depois que deixei você com Jocelyn e o velho Gianelli,

cortei todos os laços. Era mais seguro assim. Eu tinha planejado que alguém próximo a verificasse de vez em quando, para ter certeza de que o dinheiro ainda estava lá e que você estava sendo bem cuidada, mas então a vida aconteceu. Quando você apareceu no *Macchiavello's* pela primeira vez, achei que parecia familiar. Quando surgiu no *The Club*, eu soube. A compressa de gelo que você deixou para trás confirmou isso. Analisei o DNA do seu sangue nele.

— Você me salvou. Me salvou daquelas pessoas.

Seu pessoal? A pergunta queimou a ponta da minha língua. Eu queria respostas, mas estávamos falando sobre a família Scarpone — eles pareciam estar entrando muito no meu círculo ultimamente. Qualquer um que soubesse alguma coisa nesse mundo sabia muito bem quem eram os Scarpone. Eles não eram os Fausti, de forma alguma, mas eram conhecidos por serem implacáveis até o âmago.

Cinco famílias governavam Nova York, e a família Scarpone era uma delas. Eles eram os mais poderosos. Por causa de pessoas como eles, aprendi desde cedo a manter a cabeça e os olhos baixos. Foi uma das razões pelas quais não denunciei Quillon Zamboni, o homem que me tocou enquanto eu estava em seu lar adotivo. Ser curiosa ia contra tudo o que eu sabia, como me manter segura, mas eu ia me casar com esse homem. Eu tinha que saber disso, pelo menos.

— Você é um deles.

Ele me observou por um momento, seu rosto inexpressivo.

— Eu era um do bando.

— Mas agora?

— Sou um lobo solitário.

— Por quê? Por que você me salvou?

— Você era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Tão inocente que partiu meu coração. Você usava o prendedor de borboleta no cabelo e tudo o que queria fazer era colorir. Eu nunca havia experimentado isso antes, algo poderoso o suficiente para mudar o curso de minhas ações. Você me fez ver algo diferente. Eu vi você, Mariposa. Queria que sua inocência continuasse viva.

Ele disse essas palavras intensas, mas sem um pinga de emoção. Capo poderia estar falando sobre o que vestir para sair — se estivesse frio o suficiente para precisar de uma jaqueta.

— A que custo? — Dele ou meu, eu não tinha certeza do que

perguntei.

— Uma veia, — ele disse. — Mas isso é história para outro dia.

— Isso é tudo que você está disposto a me dar?

— Hoje, sim.

Eu sabia que isso era um obstáculo. Ele não queria me contar. E eu realmente queria saber detalhes? Isso mudaria o resultado desse arranjo? Uma vez que topei, era definitivo. Sem chance de sair. Ele já havia me alertado. Não havia dúvida de que ele cumpriria o combinado. Havia algo nele que me desafiava a contrariá-lo, mas me impedia antes mesmo de fazê-lo. *Pense duas vezes.*

Porém, eu estava bastante confiante de que, embora ele fosse um deles, devia ser considerado um homem descartável, um homem que havia sobrevivido aos braços de longo alcance da família. Não alguém excepcionalmente próximo do esquema interno da família, ou ele não estaria aqui.

O dinheiro estava em jogo, um novo estilo de vida, mas para mim parecia muito mais. O que eu não tinha ideia, porém, ainda assim, parecia perigoso. Não era algo para levar na brincadeira. Ansiei viver por muitos anos, e aqui estava a chance, diante de mim, pulsando como um coração, mas com consequências. *Veias insalubres.*

— O que vai constar na papelada? — Capo perguntou, não me dando mais tempo para pensar. — Seu nome.

— Estarei em perigo? — Foi a primeira vez que pensei em perguntar. Estava tão ocupada me deslumbrando com a chance de viver, que me esqueci do tênue véu da morte.

— Sim, — ele disse, sem hesitação. — Você sempre esteve em perigo. Fiz o melhor que pude com o que me foi dado na época. Você nas ruas, sem atrair atenção para si mesma, mantendo-os fora de seu rastro, por assim dizer. Existem outros fatores também. Os Fausti, por exemplo. Ninguém toca no que lhes pertence, a menos que tenham um desejo de morte. Como posso dizer, eu os considero família. Confio neles tanto quanto posso. No entanto, isso não muda a verdade. Não posso prometer algo que não é meu para dar, que é proteção total para a vida. Mas juro mantê-la segura às custas da minha.

— Você já o fez, não é?

Ele ficou em silêncio por um minuto. Então repetiu:

— O que vai constar na papelada?

— Mariposa, — respondi, sem hesitar.

— Mariposa. — Ele acenou com a cabeça uma vez, prestes a ir até a porta para chamar Rocco. Eu poderia dizer que ele estava pronto para seguir em frente.

— Capo. — Ele parou, mas não se virou. — Qual... qual será o meu sobrenome?

— Macchiavello. — Ele respirou fundo. — Mariposa Macchiavello. — Ele parecia satisfeito. — Não é o nome que me agrada. É que não importa de onde veio, veio de mim, e você vai usá-lo como a porra de um anel no dedo.

Então, me deixou ali sozinha, fechando a porta com um clique suave.

Eu me encolhi no assento, pensativa. De repente, percebi que ele era o único homem a quem eu deveria alguma coisa. E ele sabia disso. Ele sabia disso o tempo todo. Queria lealdade. Ele a havia garantido a todo custo.

Mas nunca mais ninguém, incluindo o homem que pretendia ser meu marido, Capo Macchiavello, me destroçaria com demonstração de bondade. Porque a gentileza não mata você rapidamente. Ela corroía lentamente, como ácido, até que tudo o que você desejava... era estar morto.



CAPÍTULO 10

Mariposa

Duas semanas depois, Capo nos levou a Staten Island em um de seus muitos carros velozes. O homem tinha fetiche por automóveis. Minha suposição original sobre seus carros combinando com as gravatas estava errada, mas perto da verdade. Ele parecia ter um carro para cada ocasião.

O que ele dirigia parecia um pouco exagerado para a ocasião: a festa de Harrison em comemoração à grande oportunidade de Keely na Broadway. Quando perguntei a Capo que tipo de carro era, ele disse: “*Bugatti Veyron*”. Eu não tinha ideia do que significava, então apenas o memorizei como sendo uma fera preta fosca que, provavelmente, poderia ser usada em uma pista de corrida.

Ele estava me levando em “encontros” desde nossa reunião. Depois que expliquei a situação para Keely, ela pareceu aceitar, mas percebi que estava desconfiada. Ainda assim, isso não a impediu de fazer um comentário sobre como Capo era bonito, quando o conheceu.

— Merda. Aquela cantora... qual é o nome dela? Aquela que sempre escreve sobre os namorados? Não tem ideia do que está perdendo por aqui ultimamente. Muita e muita inspiração criativa. Essa tatuagem em sua mão me faz querer lambê-la, sem mencionar aquele rosto perfeito e corpo firme.

Tem certeza de que ele é real, Mari? O homem não tem a porra de um defeito.

Eu não tinha encontrado um ainda, exceto por sua frieza. Não parecia que ele intencionava agir assim, mas havia algo bem resguardado nele o tempo todo. Parecia que ele tinha que fazer um esforço para removê-lo quando estávamos juntos. No *The Club*, na escuridão, ele era caloroso, ousaria até dizer “acolhedor”, mas à luz do dia era tão frio quanto uma onda gelada.

Seu distanciamento não diminuiu o impacto de quão bem ele já parecia me conhecer, porque já estava me dando coisas, experiências, sobre as quais eu só havia escrito em *Jornada*. Nossos encontros pareciam feitos sob medida para mim.

Depois da nossa reunião, ele me deu um cartão com uma determinada quantia em dinheiro, e disse que eu tinha que usá-lo ou presumiria que eu estava descumprindo minha parte no acordo. Isso era, afinal, um acordo com termos.

Eu precisava de um guarda-roupa novo. E fui à luta atrás disso.

Precisava começar a comer melhor. Também me *joguei* de cabeça nessa tarefa.

Eu tinha que conversar com pessoas sobre nossos dois casamentos. Cumprir o acordado.

A secretária de Rocco, Giada, fez um comentário sobre meu cabelo quando fui conhecer o organizador de casamentos que cuidava das coisas na Itália. A maioria das minhas reuniões acontecia no escritório de Rocco. Eu ainda não tinha ideia de onde Capo morava.

Giada me garantiu um horário com um dos cabeleireiros mais badalados de Nova York, Sawyer Phillips, no mesmo dia. Os Fausti tinham influência mesmo. Sawyer foi gentil comigo, e depois que terminamos, meu cabelo castanho brilhava todo sedoso com ondas cor de caramelo. A mudança foi quase chocante.

Meus olhos estavam muito mais vibrantes e a pele cintilava de dentro para fora. Podia ser pelo fato de que eu estava me alimentando bem e já não mais estressada sobre onde iria dormir e de onde arranjar minha próxima refeição. Mas... eu tinha um compromisso permanente com Sawyer depois do primeiro, e com duas garotas que fizeram minhas unhas. Eu também tinha um homem chamado Giovanni, que me seguia quando *il Capo* não estava comigo. Eu só via Capo à noite, em nossos encontros, então passava mais

tempo com Giovanni. Ele era um cara legal, e eu normalmente não me importava que me acompanhasse. Não pude deixar de notar como... ele era diferente em comparação com Capo e os homens que trabalhavam ou eram parentes dos Fausti.

Giovanni não era tão atraente, o que não fazia diferença para mim, mas parecia que Capo o escolheu por isso de propósito. E Giovanni e eu não tínhamos nada em comum. Nada sobre o que falar, exceto o clima e as coisas que ele gostava e não gostava em Nova York. Ele era da Itália.

Capo. Minha aparência. Até Giovanni.

Foram tantas mudanças em tão pouco tempo. Acordei sabendo que alguma parte da minha vida seria diferente. E, depois do casamento, senti que as coisas mudariam ainda mais. Capo parecia estar ganhando tempo com a parte “namoro” do acordo. Ele queria que fosse oficial. Ainda assim, eu não esperava uma coisa...

Ainda me sentia como... eu, apenas sem os fatores estressantes extras. Eu ainda me preocupava com o preço das roupas que comprava. O mesmo acontecia com a quantidade de mantimentos no meu carrinho. Então, eu pechinchava, quase com medo de que o dinheiro acabasse e eu ficasse com fome e sem-teto de novo, embora ainda fosse ficar com Keely até que o aluguel terminasse e eu me casasse.

Algumas coisas nunca mudariam, imaginei. Sempre haveria uma certa quantidade de medo em mim. Uma certa quantidade de *eu posso pagar por isso, mas e quanto a isso? Posso tomar uma bebida e batatas fritas?*

Todas essas mudanças tiveram que ser explicadas para Keely para que ela não ficasse muito desconfiada. Então eu disse a ela que, embora Capo não tenha me dado o emprego, Rocco me ofereceu um. Eu trabalhei em seu escritório como uma garota “de recados”. Para tornar isso verdade, porque me sentia culpada por mentir para ela, levava café para Giada sempre que chegava.

Capo assentiu e disse “*bene*” quando contei a ele sobre o que havia dito a Keely. Tínhamos que manter a mesma história.

Capo cobriu minha mão com a sua depois que suspirei.

— Pare de se mexer. Isso faz você parecer nervosa.

— Estou, — eu disse — ... nervosa.

Estava girando o anel de noivado que ele me dera. Era um modelo estonteante e antigo de quatro quilates. O diamante central tinha formato oval, e havia outra camada de diamantes ao redor, e mais diamantes nas

laterais. Era realmente artístico, feminino, e eu poderia jurar que os arabescos laterais e as pedras preciosas criavam borboletas abstratas.

A única razão pela qual eu sabia o tamanho do quilate era porque Capo havia me contado. Ele não queria que eu me preocupasse com qualquer coisa no tocante ao número “três”. Eu estava tão preocupada, que preferia que ele tivesse me dado uma simples aliança de ouro. A coisa era pesada e, às vezes, temia que alguém cortasse meu dedo por causa dela.

No entanto, ele havia tornado o momento especial. Capo me levou para um passeio de helicóptero por Nova York ao entardecer e, depois que pousamos, me disse para dar uma olhada na minha mochila. Encontrei um novo livro de colorir dentro, intitulado: *A Princesa Mariposa*. Aquilo me arrancou um sorriso na mesma hora. Era um livro grosso e a primeira metade estava cheia personagens desenhados e que me caracterizavam em diferentes poses.

Ele me disse para continuar e só parar quando chegasse na metade. A segunda metade havia sido esculpida, e a aliança ao centro dava a impressão de estar encaixada no meu dedo esquerdo. A parte inferior da página ostentava uma escrita elegante: *Quando você sabe, você sabe*. Eu tinha colocado o livro de colorir de volta na mochila, pensando que ele era mais valioso do que o anel.

— Dessa forma, temos uma história real para contar, — ele explicou. — Sem mentiras para acompanhar. — Colocou a joia no meu dedo e não falamos sobre isso desde então.

Eu contei a Keely sobre isso mais cedo naquele dia. Não queria que ela fosse pega de surpresa durante a festa e não queria anunciar para toda a família dela. Era o dia *dela*. Falei que ela poderia contar se quisesse, mas eu ficaria calada.

Kelly não fechou o bico depois que eu contei a ela.

— *É muito cedo! Você mal o conhece. Ele é afiliado a uma das famílias criminosas mais poderosas da história. E você sabe o que isso significa? Eles são provavelmente a razão pela qual ele é mais rico que o pecado!*

Ele *era* mais rico que o pecado.

Quando estávamos examinando o lado financeiro das coisas, durante nossa discussão dos termos contratuais, acabei me conscientizando de tudo o que Capo possuía. Ele não apenas era dono de um dos restaurantes mais famosos da cidade, mas também de um dos clubes de maior sucesso e uma

série de hotéis chiques. Eu sabia muito mais sobre a riqueza do homem do que dele em si. E se ele tivesse negócios criminosos? Ele não os revelou na reunião. Eu também não tinha perguntado.

Não querendo ouvi-la enquanto ela continuava com a história, peguei o livro de colorir que ele havia me dado, o anel, e mostrei os dois para ela. Ela leu a inscrição na parte inferior da página em voz alta.

Quando você sabe, você sabe.

— Você realmente quer isso, Mari? — ela perguntou, olhando-me nos olhos. — Se você disser sim, vou recuar.

Sorri.

— Sim, Kee. Realmente quero. Mas nós duas sabemos que você não vai recuar.

Ela soltou uma risada, me abraçou com força e deu um beijo na minha testa.

— Você sabe mesmo. Sou sua irmã mais velha. Sempre vou cuidar de você.

— Em duas semanas, Kee!

— Itália! Minha irmã vai se casar na Itália!

Tive a sensação de que nosso casamento seria considerado uma grande novidade nessa festa, e isso me deixou nervosa. Não tinha certeza de como Harrison reagiria. Depois de saber dos seus sentimentos por mim... eu esperava que meu casamento com Capo não tornasse as coisas estranhas entre nós.

Capo concordou que eu poderia contar a Keely mais cedo, mas não tinha certeza de como *ele* reagiria a Harrison. Fiquei pensando na hora que ele afirmou “*ninguém toca em minha esposa além de mim*”. Foi intenso. Possessivo. Só pelo tom de sua voz, ficou nítido que seu comportamento era selvagem como o lobo tatuado em sua mão.

— Você abandonou a faculdade, — essas quatro palavras me tiraram da névoa de puro nervosismo em que eu estava.

— Como... — estava prestes a perguntar como ele sabia disso, mas me contive. Quando ele disse que sabia de tudo, era verdade. — Sim. Não deu certo.

Ainda estávamos de mãos dadas e, por mais perda que eu estivesse em meus pensamentos, percebi que ele começou a traçar um desenho suave na minha pele, com o polegar. Estava fazendo um “C”. Ele sempre mantinha minha mão entrelaçada à dele em público, a única intimidade entre nós desde

nossa noite no *The Club*, mas só fez o padrão “C” enquanto estávamos no carro. Ajudou a me acalmar de certa forma, especialmente quando percebi o quão perto estávamos de chegar.

— O trabalho atrapalhou e você foi demitida.

— Isso resume tudo.

— Você deveria pensar em voltar. Terá tempo livre, quando não estiver ocupada comigo. Rocco sugeriu Direito.

— Direito? — ri, mas ele me lançou um olhar sério, então mudei de assunto: — Por que Direito?

— Ele ficou impressionado com a maneira como você se comportou durante nossa reunião. Você se defendeu. Estava disposta a aceitar os termos que não considerava tão importantes, mas os que achava, — ele deu de ombros — ... você tirou as luvas e lutou com as mãos nuas. Você é uma excelente negociante, Mariposa.

Eles ficaram impressionados porque eu os enfrentei. Não parecia que muitas pessoas faziam isso. Homens ou mulheres. Não tinha nada a perder quando entrei naquele escritório e, assim que descobri que Capo estava interessado em mim, tive algo com o que negociar. Acho que ele sabia disso. Acho que ele queria isso de mim. O que me fez respeitá-lo ainda mais. Ele sabia que eu estava entrando no acordo com nada além de uma mochila cheia de memórias antigas, um diário e pão velho. Ele me deu uma moeda de troca. *Eu mesma.*

— Vou considerar isso. — Direito nunca tinha passado pela minha cabeça. Parecia muito inatingível, algo que apenas pessoas ricas e com conexões conseguiam. Talvez eu perguntasse a Harrison o que ele achava disso... Pensar em Harrison fez minhas mãos suarem, então mudei de assunto: — Você ia escolher Sierra?

— O que te fez pensar nela?

Dei de ombros, de um jeito imperceptível.

— Rocco. O arranjo. Surgiu na minha cabeça.

Nós dirigimos por cerca de cinco minutos antes de ele responder.

— Ela foi uma das minhas melhores escolhas.

— Porque era bonita?

— Não, porque era uma das mais famintas.

Ah. Era isso mesmo. Ela estava literal e figurativamente morrendo de fome. Ele estava procurando a mais faminta do bando, uma mulher que caísse no feitiço vertiginoso de sua força magnética. Ele tinha tudo o que uma

garota poderia querer. Visual. Charme. Dinheiro. E carregava uma forte sensação de *sempre cuidarei de você se for minha*. Acrescente uma garota como Sierra, *como eu*, e a lealdade a alguém como ele seria eterna. Raramente tivemos chances na vida como ele.

— Será que... uma conexão tem algo a ver com isso?

— Depende do que você quer dizer com “conexão”. Se quer dizer sexualmente compatível, uma forte atração física, sim.

Minhas bochechas esquentaram, e não de vergonha.

Fiquei com um pouco de inveja por ele sentir isso por Sierra. Por ter se sentido atraído sexualmente por ela. Então, me perguntei se eles transaram, já que ela trabalhava no clube dele, mas também não queria tocar no assunto.

— Você ia dar a ela esta aliança... se a escolhesse? — ergui a mão e ele lançou um olhar de soslaio.

— Não.

Capo mudou de faixa suavemente e deixou por isso mesmo. Olhei para ele, esperando que me dissesse um pouco mais, mas parecia que ele havia se fechado. Suspirei, virando-me para a janela. O mundo do lado de fora passava em um borrão. Estávamos indo rápido demais para que eu pudesse acompanhar a paisagem.

O silêncio no carro, de repente, estava me matando. Inclinei-me para frente e, pela primeira vez, mexi em alguns botões. Percebi que Capo me observava de lado, por baixo dos óculos, mas não disse nada. Finalmente encontrei o aparelho de som. Sorri quando ouvi a última música que ele estava escutando. Continuei pressionando a seta para frente, para ver o que ele tinha em sua lista de reprodução. *Bee Gees. 2Pac. Andrea Bocelli. White Snake. Sam The Sham & The Pharaohs. Staind. Seven Mary Three. Frank Sinatra. Nazareth*. Seu carro chique exibia os nomes dos artistas e suas músicas. Não tinha ideia de quem era a maioria deles, mas eram todos tão diferentes. Seus gostos musicais não me deram mais informações sobre quem ele era. “*É um homem extremamente misterioso*”, pensei, sarcasticamente. E o resto de sua lista continuou nesse estilo de mistura de gênero.

— Você está rindo de mim. Da minha música.

Eu ri ainda mais alto e então gesticulei com um breve espaço entre os dedos, dizendo:

— Um pouco.

— Você tem um senso de humor estranho. — Ele balançou a cabeça.
— E uma risada selvagem para acompanhar.

— O que é uma risada selvagem?

— Algumas pessoas aprendem, treinam para ser o que querem ser: um animal tranquilo. Algumas pessoas fingem, escondem o fato de que não têm do que realmente rir. Você não faz nenhum dos dois.

Continuei a rir, ligando o rádio em vez de sua música de velha-guarda. Ele faria 40 anos em agosto, comparado aos meus 22 em outubro. Embora houvesse uma diferença de idade de 18 anos, meu tempo nas ruas me envelheceu. Senti que estávamos mais próximos por isso. Então, uma música popular começou e a diferença aumentou um pouco. Isso me fez pensar em Keely e no que ela me contou sobre Capo e sua família, o que forneceu inspiração criativa suficiente para canções sem fim.

— Você só pode estar de brincadeira. — Ele olhou para o rádio como se tivesse feito algo ofensivo para ele. — Você prefere essa garota à Bocelli?

— Eu? Brincando com algo assim? Como isso pode ter acontecido? — Fingi desmaiar contra a porta, pressionando a mão na testa de forma melodramática. — Sinto que estou prestes a desmaiar! Ajude-me, belo cavalheiro!

— Isso é o que acontece quando seu cérebro é exposto a esse tipo de música por muito tempo. Você... deveria ser a garota-propaganda para as crianças que ouvem isso. — Ele mudou a música para Bocelli, uma verdadeira balada romântica italiana.

Mudei de volta, sentindo-me mais leve do que o dia todo. Na verdade, me sentia mais leve do que em anos.

— Ouvimos a sua música depois. Deixe-me ouvir a minha por um tempo. E eu discordo. Amo essa música. Este é o material novo dela. É lindo. Especialmente essa música. Escute. — Minha risada quase escapou. Ele estava ouvindo a música com toda a seriedade, as sobrancelhas grossas franzidas e os lábios contraídos.

— Você *tem* um amigo, — ele disse, quando a música estava perto de terminar.

— Tenho, — falei. — Mas você realmente ouviu? Primeiro ela menciona um tipo de amor infantil, depois um amor que acontece enquanto eles estão crescendo, e então eles se casam. É bom ter um melhor amigo, mas quando seu melhor amigo também é seu amante, isso completa as coisas. Bom. Eu acho.

— Tão filosófico, — ele retrucou, e eu quase ri de novo.

— O quê? Você não pegou?

— Tudo o que *peguei* é a trilha sonora de um filme de Tim Burton presa na minha cabeça agora.

— Quem é Burton?

— Edward Mãos de Tesoura?

Dei de ombros.

— Não faço ideia.

— Isso me surpreende. Você não tem ideia de quem são Tim Burton ou Edward Mãos de Tesoura, mas tinha uma boa ideia de quem eram os Fausti quando nos conhecemos.

— É um triste fato da vida nas ruas. Você tenta se manter à frente das coisas que podem te matar. — Dei de ombros. — O resto realmente não importa, quando você está com fome suficiente para roubar o sorvete de uma criança pequena. Duvido que Tim Burton e Edward — fiz um movimento com meus dedos, como se estivesse cortando papel com uma tesoura, — iriam me perseguir e me matar, talvez até me torturar, se eu visse algo que não deveria.

Eu sabia um pouco sobre os Fausti, mas mais sobre as cinco famílias. Os Fausti não lidavam com pouca coisa. Eles eram da realeza na Itália e mais além. Suas negociações chegavam às manchetes. O mesmo acontecia com seus casamentos quando um deles arranjava uma noiva, usando o termo arcaico de Capo. E quando perguntei a Capo quão profundos eram os negócios deles, ele disse: *“Considere os Fausti uma terra sem lei que nenhum presidente ou ditador pode tocar. Eles governam seus próprios territórios. E tudo o que eles tocam pertence a eles. Fim da história.”*

Ele olhou para mim antes de voltar a se concentrar na estrada.

— Você tem muito a aprender sobre as coisas boas da vida, Mariposa. Será um prazer ensinar e mostrar a você.

Com isso, trocamos de música até chegarmos ao endereço que Keely havia dado a Capo.



Meu estômago embrulhou quando Capo estacionou em frente à casa em que cresci até os 10 anos.

— Por que estamos aqui?

Ele tirou os óculos escuros e estudou meu rosto.

— Você não sabia?

— Sabia, o quê?

— Que era para cá que viríamos, Mariposa.

— Não. — Eu me remexi no assento, inquieta. — Keely só me disse que a festa era na casa de uma amiga em Staten Island.

Eu tinha provado um vestido naquela manhã. Giovanni tinha me levado, e então Capo me pegou para me trazer à festa de Keely. Ela queria sair mais cedo, então deu o endereço a Capo enquanto eu me arrumava. Minha amiga queria ajudar a arrumar tudo. Capo deve ter presumido que eu já soubesse.

A julgar por seu semblante sério, ele não tinha ideia de que Kelly não havia mencionado isso para mim. Ele não parecia gostar de surpresas. Eu poderia dizer pela maneira como todos ao seu redor o informavam sobre tudo.

— Achei que era por isso que você estava nervosa, — ele comentou, olhando para a casa atrás de mim. Fiquei me perguntando se ele se lembrava de ter me levado lá.

— Não. Estava nervosa porque você está, basicamente, conhecendo a família. Agora estou nervosa porque não ponho os pés nesta casa há onze anos. Este lugar é a única casa que já chamei de lar.

— Isso não vai ajudar, — segurou meu braço, me impedindo de abanar minhas axilas.

Estava quente e meus nervos me deixaram no limite. O perfume celestial trabalhou horas extras. O carro inteiro estava impregnado com cheiro doce. Eu amava como os aromas pareciam mudar sutilmente de tempos em tempos. Às vezes, eu cheirava mais a caramelo, outras vezes, a pistache ou sândalo. Cheirava mais a amêndoa naquele momento.

Ficamos quietos por um tempo, mas meus pensamentos estavam desenfreados. E, se eu não dissesse algo logo, parecia que um vaso sanguíneo poderia arrebentar. Meu coração parecia perto disso.

— Depois que Jocelyn morreu, eu era muito nova para realmente considerar o que aconteceu comigo. Perdi os únicos pais de quem me lembrava. Fui expulsa do meu lugar seguro, jogada no sistema, que parecia selvagem e inseguro. Foi só quando fiz 18 anos que percebi o quanto a perda deles me afetou. Nunca tive tempo para realmente pensar nisso, sabe? Era sobreviver, sobreviver e sobreviver. E então, uma noite, isso me atingiu. Keely e sua família me amavam, mas eu não tinha pais. Não era a garotinha

de ninguém. Era assim que Jocelyn costumava me chamar, *sua garotinha*. Eles foram bons para mim. Tão bons para mim.

— Lar é um lugar feito por você mesma, — Capo disse, com a voz rouca. — Venha, Mariposa. Agora ou daqui a dez minutos, esperar não vai mudar a maneira como você se sente. Só vai fazer você se sentir pior.

Não consegui decidir em que me concentrar primeiro quando Capo abriu a porta do carro para mim: o fato de estarmos subindo os degraus da casa — nunca pensei em entrar novamente aqui — ou o fato de que Capo usava roupas casuais: uma camiseta preta que se moldava ao seu peito como uma luva, calça jeans que marcavam sua cintura fina e pernas torneadas, e *aquela bunda*. Suas botas só aumentavam seu nível de estilo supremo. Ou o fato de que, quando a porta da casa se abriu, Harrison estava do outro lado, nos fuzilando com o olhar.

Isso me levou a perguntar se Keely tinha realmente ido ajudar a organizar a festa, ou se a intenção era dar a notícia a seu irmão antes que ele descobrisse por si só.

Antes que Harrison fizesse um som, seu olhar avaliou Capo, que fez o mesmo. A atenção de Harrison se concentrou em nossas mãos conectadas antes que ele encontrasse meus olhos. Senti Capo o encarando, conforme Harrison olhava para mim.

Não tinha ideia do que esperar, mas a mágoa no olhar de Harrison me pegou de surpresa. Isso me atingiu bem no peito e roubou meu fôlego. Ele era como um irmão para mim. Minha família. Mesmo antes de Capo, nunca tive sentimentos românticos por ele ou por ninguém.

Keely veio por trás de Harrison e nos cumprimentou, tornando a situação menos constrangedora para mim. Os dois homens não pareciam se importar.

Nenhum dos dois estava disposto a fazer apresentações, então Keely se encarregou disso:

— Harrison, — ela começou, um certo nível de advertência em seu tom. — Este é Mac, — ela hesitou por um instante antes de dizer, — o noivo de Mari. Capo Macchiavello. Todos, menos Mari, o chamam de Mac. Mac, este é meu irmão, Harrison Ryan.

Harrison assentiu uma vez. Capo fez o mesmo. O clima entre eles estava tenso. Não mencionei a Capo o que Keely disse sobre os sentimentos de seu irmão. Não senti que era necessário. Harrison nunca admitiu isso para mim, e abordar o assunto com Capo parecia uma traição a Keely. Ela havia

me revelado aquilo em segredo.

Mas Capo percebeu na hora. Seu aperto em minha mão se tornou mais firme, e eu, particularmente, não gostei do brilho sinistro em seu olhar. Nunca tinha visto isso antes. Era frio como pedra, sem nem um pingo de calor. A tensão diminuiu um pouco quando seguimos para encontrar outras pessoas. Os pais de Keely, alguns membros da família, alguns amigos e seus outros três irmãos — Lachlan, Declan e Owen. Havia também um homem a quem eu nunca tinha visto. Lachlan o apresentou como Cash Kelly, mas ouvi um dos tios de Keely sussurrar para outro tio que seu nome era Cashel. Cabelo loiro. Olhos verdes. Um sotaque irlandês forte. Seu olhar intensificava sempre que observava Keely de vez em quando.

A notícia do nosso noivado circulou pela festa e todos nos parabenizaram. Algumas das senhoras pediram para ver meu anel e ouvir a história de como Capo me pediu em casamento. Fiquei feliz por ele ter me dado uma história para contar.

Tentei manter distância de Harrison, que estava quieto, me observando com uma intensidade que me incomodava. Era quase como se ele estivesse querendo que eu ficasse sozinha com ele. Estava bebendo e quase não falava com ninguém, mas eu sabia que ele queria falar comigo. Lachlan, Declan e Owen pareciam mais à vontade perto de Capo, mesmo que ele próprio estivesse calado. Seus olhos analisavam o ambiente, e não da maneira como, às vezes, ele fazia comigo. Eles estavam vigilantes.

A festa se concentrou principalmente no pátio. Luzes foram acesas, o velho jardim começando a ficar como era quando Pops estava aqui, e o cheiro de churrasco flutuava no ar, junto ao cheiro de cerveja. Keely e sua família podiam beber as bebidas mais fortes sem titubear.

Depois de um tempo, comecei a relaxar e a analisar o estado da casa. Estava em boas condições, como se não tivessem se passado onze anos. Até o mural que Jocelyn e eu tínhamos feito no corredor ainda estava lá. Ela me deixou escolher, e escolhi uma borboleta azul para pintar.

Quando a noite chegou, trazendo consigo uma brisa suave, notei Keely entrando. Não tive oportunidade de ficar a sós com ela para perguntar a quem pertencia a casa. E também queria perguntar a ela sobre o detetive Stone. No dia anterior, ela me contou que o havia convidado, mas ele não pôde vir, pois uma emergência surgiu. Algum político havia desaparecido e toda a força policial fora chamada.

Pedi licença para Capo — que conversava, entretido, com o pai e o

tio de Keely — e voltei para casa. Procurei por Keely, mas não consegui encontrá-la. A mãe dela estava na cozinha e me perguntou se eu não me importaria de arrumar uma bandeja de sobremesa e fazer café. Sua irmã estava prestes a ir embora e ela queria se despedir. Eu conhecia bem a cozinha e, para ser sincera, era bom estar de volta em casa.

Casa.

Passos soaram no piso, mas continuei a arrumar os bolos, tortas e bolinhos. Um ou dois segundos depois, Harrison estava ao meu lado. Olhei para baixo, tentando me concentrar no que estava fazendo. Minhas unhas estavam pintadas de escuro, quase pretas, e em contraste com os bolos brancos isso as destacava ainda mais. Era algo, qualquer coisa, para me distrair do calor que eu sentia vindo dele. Ele estava fedendo a um bar. Ficou perto de mim, o quadril encostado no balcão.

— Você cheira bem, Strings.

— É novo, — respondi, tentando manter a voz calma.

Ele nunca tinha me deixado nervosa antes, mas eu podia sentir sua decepção, ou talvez a raiva de mim.

— Tem um cheiro bem natural. Como se você não tivesse passado nada...

Pensei a mesma coisa na hora. O perfume funcionou como mágica em contato à minha pele. Mas essa era uma conversa-fiada. Ele estava nos conduzindo para algum lugar, um lugar que eu não gostava nem um pouco, então murmurei um “uhum” antes de me virar para a cafeteira.

— Você mudou tanto. Quase não a reconheço.

— Tenho um emprego, Harrison. Sou capaz de comprar algumas coisas agora.

— Cabelo novo. — Ele segurou uma mecha e a analisou. — Roupas novas. — Acenou com a cabeça em direção à minha blusa de seda roxa. Tinha combinado com uma calça jeans e sandálias de salto que deixavam os dedos dos pés à mostra. Desde que planejei usar salto no casamento, tenho praticado bastante. — Eu diria que esse trabalho paga muito bem, Strings.

— Paga bastante. — Terminei de encher o filtro com café e coloquei-o na cafeteira para preparar. Não queria me virar e olhar para ele. A dor em seu olhar era demais. Só queria que continuássemos a ser como antes. — Eu diria que seu trabalho também paga muito bem. Parece que você está melhor.

— Keely te contou que comprei este lugar?

Eu me virei para ele tão rápido que pude sentir a lufada de ar que

circulou entre nós, com o meu aroma de pistache.

— Você comprou esta casa?

Ele assentiu, pegou seu copo no balcão e tomou outro gole de uísque.

— Não pensei que você fosse o tipo de mulher que se sente atraída por coisas douradas, Strings.

— O que você quer dizer com isso? Coisas douradas?

— Coisas de ouro, — repetiu, sua voz um pouco arrastada. — O homem lá fora. Capô. O anel em seu dedo. Ao invés desta casa. É uma coisa de papel em comparação ao que ele pode oferecer a você.

— Nunca pensaria nesta casa como uma coisa de papel, — eu disse, me virando para ele novamente. — Esta casa é a única que já conheci. Mesmo que fosse uma coisa de papel, ainda chamaria de casa.

Apenas algumas pessoas poderiam me afetar de alguma forma. Nunca permiti que ninguém se aproximasse muito. Mas Harrison conseguia me atingir porque eu o amava como um irmão, e era difícil fingir que estava tudo bem entre nós quando não estava.

— Há uma guerra acontecendo, — confessou, me pegando de surpresa.

Talvez ele estivesse completamente bêbado. Geralmente era Owen que sempre ficava bêbado como um gambá, mas algumas vezes também vi Harrison nesse estado. Ele geralmente ficava mais relaxado.

— Ouvi falar.

— Duvido que você já tenha ouvido falar disso. Bem aqui. Em solo americano. Nova York.

Eu me virei para ele novamente.

— O que você está falando?

Ele sorriu para mim.

— Alguém está fodendo com as cinco famílias. Quem quer que seja, começou uma guerra. Uma família está culpando a outra. Territórios estão sendo atravessados. Até os irlandeses estão entrando nisso. Quem quer que esteja fodendo com eles também matou uma pessoa perigosa naquele mundo. Grande tumulto.

— Você está bêbado?

— Talvez. — Sorriu. — Um pouco.

— Isso explica muita coisa, — retruquei, prestes a me virar novamente quando Harrison agarrou meu braço e me obrigou a olhar para ele. Seu olhar era muito... enfático. — Por que você se importaria? —

disparei. — Com tudo isso?

Ele deu de ombros.

— Não me importo. Apenas estou relatando notícias recentes. Você trabalha para os Fausti. Pensei que deveria saber.

— Duvido que eles se envolvam. Ninguém os toca.

Ele deu de ombros novamente.

— Quero que tenha cuidado.

Tentei afastar meu braço de seu agarre.

— Anotado.

O tempo pareceu parar enquanto nos encarávamos. Ele não estava me deixando nenhum espaço para me esquivar dele. Eu não queria causar uma cena. Não confiava em Capo. O que ele faria se entrasse e nos visse daquele jeito? Não queria descobrir.

— Sabe por que eu te chamo de Strings? — Harrison indagou, finalmente amenizando um pouco a tensão. — Você nunca perguntou.

— Não. — Balancei a cabeça. — Pensei que era apenas um apelido fofo.

Ele riu de leve, seu hálito soprando em meu rosto.

— Fofo, — repetiu. — A primeira vez que te vi, você me amarrou, *Strings*. As amarras ainda estão em volta do meu coração. Quero que você se case comigo, Mari. Que você more aqui comigo. Quero cuidar de você. Ser gentil com você não significa que ficará em dívida comigo. Podemos ser gentis uns com os outros. Isso é o que marido e mulher fazem. São gentis um com o outro quando não estão se despedaçando por uma briga passional. Amor. Faz coisas perversas, mas é bom. Tão bom também.

— Harrison, — comecei, tentando me soltar, me afastar da situação inteira, mas ele queria uma resposta. Enquanto eu queria fugir. — Somos uma família.

— Não. Keely é da família. Você é família porque eu quero que seja minha. Sempre quis que fosse. Você sabe por quantas noites não consegui dormir porque estava preocupado que algo pudesse acontecer com você? E você recusou todas as ofertas de ajuda que ofereci. Não vou aceitar um não como resposta desta vez, Mari. A bondade não é sua inimiga. O amor também não. Você merece amor. *Meu* amor.

— Eu... — Tentei me afastar, com medo de que, se eu dissesse as palavras *eu não te amo desse jeito*, perderia minha família inteira.

— Você não o ama, Strings. — Seu aperto em meu braço ficou mais

forte, mas ele não estava me machucando. — Você mal o conhece. Ele é apenas mais um bastardo rico que pensa que pode transformar uma garota pobre em algo que ele quer que ela seja. Eu te amo do jeito que você é. Beije-me, Mari. Beije-me uma vez.

— Não, — refutei, e dessa vez minha resposta foi mais severa. Ele fez com que eu colocasse minhas mãos em seu peito, bem acima de seu coração, e eu o empurrei. — Não. Não posso fazer isso. *Não vou* fazer isso. Irei me casar.

Algo me fez virar, e eu me sobressaltei na hora. Capo estava parado na porta, metade de seu corpo inclinado em direção ao batente, nos observando. Há quanto tempo ele estava lá? O tempo todo? Não duvidaria. Ele estava me testando? Como havia testado aquelas mulheres no *The Club*? Será que ele iria embora e viraria as costas para mim também?

Harrison me segurou por mais um segundo antes de me soltar. Minha respiração ficou presa quando ele parou na frente de Capo e sustentou seu olhar. Capo ficou parado como se não tivesse nenhum problema, como se tivesse todo o tempo do mundo, mas algo em seus olhos fez meu coração disparar. Eles pareciam perigosos. Maquiavélicos.

— Harrison? — Keely chamou, parando atrás dos dois homens. — Vamos. Vá lá fora e tome um pouco de ar fresco.

Lachlan estava logo atrás dela, e passou o braço pelos ombros de Harrison, conduzindo-o para o lado de fora e sussurrando coisas em seu ouvido enquanto saíam.

Não querendo causar mais problemas, dei um beijo de despedida em Keely e partimos.



Quando alcançamos o último degrau da casa, pude ouvir a família no quintal, ainda curtindo a festa. Ir embora assim me fez sentir culpada, mas preferia viver com culpa a viver com algo imperdoável acontecendo entre meu futuro marido e a única família que me restou.

Minha concentração estava no que tinha acontecido, então, quando Capo me pegou pelos braços e me guiou para a lateral da casa, pressionando minhas costas na parede, quase perdi o fôlego. Ele não foi rude, mas eu também sabia que não estava brincando.

— Você o ama. — Seus olhos buscaram os meus, procurando brutalmente pela mentira na ponta da minha língua, se houvesse uma.

Balancei a cabeça, engolindo em seco. Eu não sabia se a bola na minha garganta era meu coração ou toda a comida que eu havia comido. Não tinha medo dele — ele poderia ter me matado anos atrás —, mas eu estava cautelosa. Embora tivéssemos um acordo, ainda tínhamos que aprender a conviver um com o outro. O verdadeiro Capo era muito intenso e profundo e, até que eu pudesse chegar à superfície, ficamos tentando descobrir como navegar em nossos termos.

Antes que eu pudesse responder, ele disparou:

— Você sabia que ele estava apaixonado por você, — seu tom era acusador e afiado.

— Sim. Descobri na noite em que te conheci no *The Club*.

— Você não me contou.

— Por que eu deveria?

— É da minha conta.

— Não. É da *minha* conta. Aconteceu antes de você.

Ele sorriu, mas era um sorriso assustador pra caralho.

— Qualquer coisa que te toca, me toca. Se você receber peixe em vez do bife que pediu, eu fico sabendo, entendido?

— Conheço os termos, *Capo*, — incitei, o tom da minha voz subindo um pouco. Ele estava começando a me irritar. — De novo. Isso. Ocorreu. Antes. De. Você.

— Não há antes de mim. Não há nada depois de mim. Você. Você é toda minha.

— Você não pode ficar chateado com isso. Não tem direito. Ele sente o que sente. Eu sinto o que sinto. Fim.

— Como se sente, Mariposa? Você nunca respondeu à sua amiga quando ela lhe contou. Nunca respondeu ao mal-humorado Indiana Jones na cozinha. Nunca me respondeu.

Entrecerrei os olhos. Ele leu a conversa no meu telefone quando Keely me mandou uma mensagem no *The Club*. E ele estava ouvindo essa noite. Nenhuma surpresa aí, mas, de repente, tive uma vontade insana de gritar *você não é meu dono!* Mas ele era. E eu o possuía. Era assim que o negócio funcionava. Nós dois estabelecemos nossos termos e juramos honrá-los.

— Se eu o amasse *desse* jeito, — eu disse, com os dentes cerrados,

— não me casaria com você, caramba! O que você acha que eu sou? Se amor fosse o que eu queria, não estaria aqui com você! Se o amor me tocasse, eu nunca, jamais o venderia. Se o amor conduzisse minha vida, eu seria a protagonista da história. Até a morte, Capo. Eu venderia meu corpo para viver? Nós dois sabemos a resposta. Venderia o amor por causa deste arranjo? Nunca! Eu morreria primeiro! Então, não, eu *não* o amo desse jeito!

Minhas palavras pareceram atordoá-lo por um momento, embora Capo se recuperasse rapidamente. Ele não queria que eu visse que alguma parte da minha verdade o havia tocado, uma pena. Ele não queria nada além de honestidade de mim, então iria conseguir. Mesmo que isso significasse uma adaga em seu coração de ferro. Poderia não o atingir, mas deixaria uma cicatriz que o marcaria para sempre. *Mariposa esteve aqui.*

— Você pertence a mim, *Strings*, — ele lembrou, com a voz fria. — E não vou tolerar que nenhum homem corra atrás de você, como se você fosse uma cadela no cio.

No que parecia ser em câmera lenta, meu braço ergueu e minha mão se conectou com sua bochecha. A bofetada soou no ar da noite.

— Você pode ser meu *capo*. Mas isso não significa que vou permitir que me desrespeite.

Ele nem se encolheu com meu tapa, mas algo mudou em seus olhos. Eles suavizaram um pouco, de uma forma que eu não estava acostumada.

Uma, duas, três, quatro respirações, então ele agarrou meus pulsos, levantou-os acima da minha cabeça e aproximou seu rosto do meu. Sua boca estava a um beijo de distância, seu hálito quente fluía sobre mim, então eu o inalei.

As lâmpadas do quintal foram acesas e, entre nós, uma faixa de luz branca brilhou na escuridão. Meu peito subia e descia, meus seios pressionados contra o dele. A fricção era tão boa. Eu nunca estive mais faminta por esse tipo de conexão em minha vida. Eu ansiei pelo amor incondicional paterno, por comida, por todas as coisas que o dinheiro pode comprar, mas nunca por isso.

O toque de um amante.

Ele me mostrou algo que eu ansiava pela mera lembrança. Tinha provado na noite no *The Club*, e já estava viciada no sabor.

Inalei novamente, respirando-o ainda mais fundo. O calor tornava seu cheiro mais forte. Frio. Limpo. Cicatrizante.

Seus olhos ficaram com um tom mais escuro de azul, a cor da parte

mais profunda da água. *Safira*.

Pressionando-me como ele estava, nunca pareceu mais intimidador. Era como uma onda monstruosa antes de cair sobre alguém que não sabe nadar. Era feito de linhas duras e irradiava poder, controle, enquanto me arrebatava.

Seus dentes tocaram de leve seu lábio inferior, e na luminosidade do quintal a pele brilhou. Eu queria lambê-lo, provar sua boca novamente.

— Parece que me lembro de ter dito a você que não sou um homem honrado, Mariposa.

— E parece que me lembro de ter dito que você não falaria comigo desse jeito, — incitei, esperando que ele visse o desafio em meus olhos. — Se você prefere uma mulher que vale qualquer coisa, um tipo diferente de compra, você sabe onde fica a cidade. É para aquele lado, — movi a cabeça para o lado para dar ênfase às minhas palavras. — E eu vou voltar para a festa depois que você for.

— Para então correr de volta para o Harry Boy poder terminar sua conversa.

— Não. — Balancei a cabeça. — Para ficar com a família e os amigos enquanto espero que você faça o que achar necessário. Então, assim que você voltar para mim, porque sei que voltará, falaremos com Rocco sobre a mudança dos termos do acordo. Você será discreto com suas amantes, e eu também. Se sua boca não pode me respeitar, então suas mãos não têm lugar em meu corpo.

Quando eu disse as palavras “*você será discreto com suas amantes, e eu também*”, seu aperto em meus pulsos aumentou o suficiente para que eu quase quisesse me livrar de seu aperto. Cheguei perto de ceder e resistir, de empurrá-lo para poder virar as costas para ele e tomar um fôlego muito necessário. Mas não. Eu me contive.

Durante toda a minha vida, pensei que defender meus princípios significava lutar por eles. Naquele momento, percebi uma coisa. Às vezes, me conter significava seguir o fluxo, economizar energia, para que, quando a onda passasse, eu pudesse ir para uma direção melhor.

Chegamos a um acordo no escritório de Rocco, mas ambos sabíamos que haveria momentos em que teríamos que estabelecer limites fora daquela sala. Esse era um desses momentos. E ele pagaria meu blefe ou não, mas como eu estava entregando minha vida a esse homem, de forma arranjada ou não, e ele poderia facilmente me destruir, eu tinha que ser tão orientada sobre

os termos quanto ele. Capo parecia gostar do controle que isso lhe dava e, para um homem que estava sempre no controle, eu precisava aprender a contorná-lo de uma forma que ele conhecesse.

Depois de um tenso período, ele abaixou a cabeça e roçou o nariz no meu pescoço.

— *Concordato*, — murmurou contra a minha pele superaquecida. *Acordado*. — Vou escolher minhas palavras sabiamente perto de você, Mariposa. Elas parecem me custar mais do que nosso acordo. — Fechei os olhos, entregando-me à sensação de seu corpo tão perto do meu. — Nunca, — ele disse, pressionando seus quadris contra minha barriga, me dando um gostinho do que viria quando eu estivesse pronta. Mesmo que eu não fosse nada além de pele e osso, ele ainda era mais duro do que eu, e fazia eu me sentir... suave, feminina. — ... pense que preciso pagar para transar. Nunca o fiz. Nunca o farei. Quando o amanhã chegar, você será a única que vou foder para sempre. Planos, datas e horários podem ir para o inferno.

Então ele disse algo em italiano contra a pulsação do meu pescoço. *Il tuo profumo mi fa impazzire*. Acho que tinha algo a ver com o meu cheiro. Continuou me inspirando, inalando minha pele como se fosse ar. O sândalo pairava pesado entre nós.

Mordi meu lábio, não querendo que um som embaraçoso escapasse da minha boca. Era bom demais senti-lo assim tão perto de mim. Minha barriga se contraiu, todo o meu corpo umedeceu, e não apenas de suor.

— Seu gosto é tão bom quanto seu cheiro. — Inalou ainda mais forte, e então sua língua se arrastou do meu pescoço para o coração e de volta para o queixo, parando perto da minha boca. — Diga, Mariposa.

— *Concordato*, — repeti. Nós dois tivemos que repetir a palavra durante nossa reunião, para que Rocco finalizasse os termos e seguisse em frente. Ele estava mantendo essas regras. Abaixei minha voz. — Estávamos apenas conversando. Só porque Harrison disse essas palavras para mim, não significa que eu sinta o mesmo. Eu o amo, mas como um irmão.

O território neutro em que estávamos parecia desaparecer sob meus pés, e estávamos de volta a lados opostos das linhas de batalha. Assim que as palavras “*eu o amo*” saíram da minha boca, senti a mudança nele imediatamente.

— Você, — seu tom áspero se chocou com a minha pele como uma centena de pedras. — Você é meu território. Eu digo quem chega e quem não chega perto. Sou o único que pode tocá-la.

Território. Como propriedade.

— Sua propriedade? — Meus olhos brilharam quando encontraram os dele. Ele estava certo. Ele me possuía, em certo sentido. Possuía minha lealdade, mas eu não suportaria ser tratada como um pedaço de terra em que ele poderia cagar sempre que quisesse.

— Minha porra de propriedade. Meu território. Você parece esquecer que foi você quem veio à minha mesa de bom grado. Acertou os detalhes. Definiu os termos. Você assinou papéis com seu sangue. Fizemos um acordo.

Queria bater meus punhos em seu peito, com toda a minha raiva contida.

— Apesar de toda a sua sabedoria, — fervilhei, — você não é tão inteligente. Quando se entra em uma barganha, ela não apenas vincula um, mas dois. Você pode ser meu *capo*, mas também sou sua dona, não é? Sou seu território, então você é *minha* propriedade.

Ainda estávamos navegando na palavra real, aquela fora do escritório de Rocco cheia de termos e documentos legais, mas parecia que estávamos circulando em torno de algo pessoal que eu não conseguia entender.

Depois de alguns minutos, ele finalmente falou:

— Não gostei do que vi. Ou do que ouvi.

Lá estava. O redemoinho que continuou nos sugando. Ele não gostou de ver Harrison e eu juntos. Por quê? Não fazia sentido. Capo me possuía, todas as partes de mim que ele pediu. Que diferença fazia como Harrison se sentia ou o que ele me dizia? Eram apenas palavras, a menos que eu as tornasse mais. Ainda assim, pareceu demorar muito para que Capo admitisse isso.

— Tudo o que você precisa fazer é dizer isso. Use todas as palavras, Capo. Vou entender. Você não precisa me magoar para conseguir o que quer.

Ele me observou por alguns segundos intensos e então acenou com a cabeça uma vez.

— *Concordato*. — Mas sua expressão não esfriou. Transformou-se em outra coisa, e o desejo enlouquecedor dentro de mim respondeu automaticamente quando ele fez algo com seus quadris, me pressionando ainda mais à parede, tão forte que respirei fundo e um barulho que nunca tinha ouvido antes escapou de meus lábios.

Foda-se, aposto que ele ia ser bom de cama. Não iria apenas me tocar; ele me consumiria. Ainda assim. Houve hesitação. Eu não estava pronta para ir até o fim com ele. Esse forte desejo teria que me comer por

dentro até que todas as defesas fossem corroídas.

Mãos na minha boca para não gritar. Suor. Dele e meu. Dedos. Dedos nojentos. Repugnantes. Perversos. Gentis. Em dívida.

Capo parou de me tocar e, quando abri os olhos, os dele estavam concentrados no meu rosto. *Vendo através de mim.* Não vacilei com seu entendimento. Apreciei o fato de que ele parecia entender sem que eu tivesse que falar as palavras novamente.

Por favor, não me machuque.

Ele soltou meus pulsos, pegou minha mão — sua palma praticamente engoliu a minha — e começou a me levar de volta para seu carro.

A névoa caiu um pouco depois que ele colocou espaço entre nós, e suas palavras anteriores entraram por completo em minha mente. *Quando o amanhã chegar, você será a única que eu vou foder para sempre. Planos, datas e horários podem ir para o inferno.*

— Não vamos nos casar no próximo fim de semana em Nova York? — perguntei, mas minha voz era o oposto da forma como meu corpo reagia. Estável. Alguns segundos se passaram e ele não me respondeu. — No próximo fim de semana, Capo. O que aconteceu com o próximo fim de semana?

— Muito tempo. Vai acontecer amanhã. Falarei com Rocco pela manhã sobre a mudança dos termos. Vamos nos casar à noite.

— O vestido em que você gastou muito dinheiro! Não vai ficar pronto.

— Faça com que Giada ligue para a estilista. Diga que pagarei o triplo para terminar. Se não, use jeans.

Com isso resolvido, eu seria uma mulher casada no dia seguinte. *Segunda-feira.* Quem casa na segunda-feira? Esse pensamento voou da minha cabeça quando o próximo o expulsou.

Estaria casada com Capo Macchiavello em menos de 24 horas. Presa no domínio de um homem poderoso ao extremo, que me tinha exatamente onde queria, pelo resto da minha vida.



CAPÍTULO II

Capo

O ar na Prefeitura estava frio. Tinha cheiro de papel velho, da minha colônia e de algo como muito amor e lealdade; e, se eu estivesse levando em consideração a ridícula canção de Mariposa, de amizade. Três razões diferentes para um homem estar no mesmo lugar que eu, esperando uma mulher para entregar sua vida a ele.

Olhei para Rocco e estreitei os olhos. Ele tinha um sorriso de gato que comeu o canário no rosto. Estava muito curioso para saber por que eu iria me casar hoje, e não na data planejada.

Fodam-se datas.

Era um trato feito; não havia razão para esperar. O casamento na Itália precisava de tempo. As coisas tinham que ser planejadas; tinha que ser significativo para o meu avô. Ele merecia ver seu neto casado. Era uma de suas preocupações. Deveria poder descansar antes que deixasse este mundo. No entanto, não havia razão para que esse casamento fosse adiado. Outro dia, outra hora, eram imprevisíveis. E, quando eu queria alguma coisa, fazia acontecer. Queria Mariposa como minha esposa hoje. Levantei o braço, empurrando a manga do meu terno para trás, e verifiquei o relógio. Ela estava atrasada.

Três minutos.

— Guido disse dez minutos, — Rocco falou. Ele e sua esposa, Rosaria, seriam as testemunhas. Ela estava sentada ao lado dele enquanto girava a pulseira em volta do pulso, me observando. Encontrei seu olhar para não prolongar o inevitável. Seu sorriso estava começando a me irritar.

— *Parla.* — *Fala.*

Rocco girou os ombros, ficando mais confortável em seu terno.

— Não esperava isso, — ele disse em italiano.

Toda a nossa conversa ocorreu nesse idioma.

— Nós discutimos isso antes. Fazia parte do acordo.

Ele balançou a cabeça.

— Discutimos uma data diferente. *Mais tarde.* Agora aqui estamos nós. Hoje. — Nossos olhos se encontraram, e então ele mudou de assunto. — Você não me contou como foi o encontro com a família dela.

— Eles não são a família dela. Amigos.

— Ela os considera família, — ele retrucou, não se importando se me irritava ou não. — Eles cuidam dela. Ela confia neles.

— A última vez que verifiquei, os membros da família não devem cruzar os limites românticos. — O sangue em minhas veias queimava com o pensamento de Harry Boy. *Strings.*

Ele estava instigando problemas em mais de uma conta. Comentando sobre a guerra para despertar a curiosidade de Mariposa, mesmo fazendo parte dela. Harry Boy era o novo advogado de Cashel “Cash” Kelly, o líder de uma família irlandesa com conexões. Pouco antes de Harry Boy assumir o cargo, o antigo líder havia sido assassinado e Cash tomou seu lugar. Ele contratou Harry Boy não muito tempo depois. Cash o chama de Harry Boy, então eu também o farei. Queria que ele soubesse que eu sabia de tudo. Não muito tempo depois, ele comprou a casa em Staten Island para a mulher com quem se casaria em algum momento.

Tarde demais, filho da puta. Cortei essas cordas. Snif. Snif.

— Ah, — o sorriso de Rocco ficou mais largo, — um dos irmãos Ryan gosta dela.

Levantei meu braço novamente. *Sete minutos.* Comecei a andar pelo corredor. As mulheres demoravam em tudo o que faziam, mas o relógio não parava e marcava alto na minha cabeça. Precisava ser silenciado.

— Você não deveria se preocupar. — Rosaria acenou com a mão, desdenhosa. — Duvido que haja uma mulher que te deixaria esperando.

Meu comentário sobre a família não cruzar os limites românticos também foi direcionado a ela. Rocco e Rosaria também tiveram um casamento arranjado, mas era aberto até certo ponto. Ela tinha dado várias indiretas para mim ao longo dos anos. Rocco era como um irmão. E Rosaria não era meu tipo.

Tirando isso, Rosaria ainda não conhecia Mariposa. Ela não tinha ideia de como era diferente, e Harry Boy poderia oferecer a ela algo que eu não poderia. Uma história sem cicatrizes. Se Harry Boy estragasse tudo para mim, eles o encontrariam a dois metros de profundidade, ou talvez nunca.

Onze minutos.

— Sei que estou atrasada! — sua voz chegou até mim através do amplo corredor, seus saltos estalando contra o chão de mármore com pressa.

Eu me virei para encontrá-la correndo em minha direção, como se Mariposa não estivesse usando um dos vestidos mais bonitos que já vi, e não fosse a mulher mais linda do meu mundo.

Suas mãos agarraram o vestido e levantaram a barra para que o chão não o sujasse.

Você não sabe, mulher, que a sujeira é o que um dia criará lembranças?, tive vontade de comentar, mas fiquei calado. Qualquer coisa que ela comprava, zelava quase com reverência. Ela levaria tempo para entender que, se sua vida estava cheia de coisas imaculadas, não estava vivendo o suficiente para desgastá-las.

Cicatrizes na pele significavam viver. Sangue nos nós dos dedos significava viver. Sujeira nas roupas brancas significava viver.

Viver significava arriscar, mesmo que nos sujássemos no processo.

A luz do final da tarde incidiu sobre o tecido quando ela passou por uma janela, fazendo o material sedoso brilhar e as pérolas e os cristais cintilarem. Sua cintura fina e a clavícula pronunciada estavam perfeitamente expostas. Seus seios — a única gordura que ela tinha em seu corpo — estavam empinados, balançando enquanto tentava se apressar. Seu cabelo estava penteado para trás, pequenas mechas emoldurando o rosto. O estilo mostrava o conjunto majestoso de seu nariz e os traços mais suaves, aqueles lábios.

— Como isso foi de última hora, — destacou o fato de que eu não conseguia tirar os olhos dela, — tive que me apressar e fazer algumas coisas.

Ela me olhou de cima a baixo.

— Você está...

— *Sei sbalorditiva*, — falei antes que ela pudesse terminar.

Seus olhos se estreitaram. Ela estava refletindo sobre as palavras.

— Você me chamou de deslumbrante. *Você é deslumbrante*, — ela repetiu em inglês.

— Chamei. — Girei-a. O vestido tinha um V profundo nas costas. — Esse vestido me agrada.

Você me agrada.

— Você me queria em um vestido, e eu o fiz. Mas isso não é... Eu entendi o que você disse, sem você ter que traduzir.

Balancei a cabeça uma vez.

— Você está entendendo.

Ela deu de ombros, mas não dei a ela outro segundo para pensar nisso. Ofereci-lhe o meu braço e entramos na sala com o juiz de paz. Depois de alguns minutos, repetimos os votos simples e coloquei o anel de volta em seu dedo. Quando chegou a vez de ela fazer o mesmo comigo, fui falar, dizer que pularíamos essa parte.

— Espere! — Ela se virou para Guido, que se aproximou e entregou a ela uma caixa. Mariposa a abriu e tirou um anel grosso de ouro branco, com um diamante negro quadrado no centro e a letra M gravada em ouro. Ela devolveu a caixa para ele e se virou para mim, sorrindo um pouco. — Atrasada, lembra? Algo de última hora para fazer. Não era para estar pronto, mas o joalheiro ficou com pena de mim e apressou o pedido. — Ela pegou minha mão e deslizou o anel no meu dedo esquerdo.

Depois que o juiz nos declarou marido e mulher, o beijo que compartilhamos para selar o acordo foi suave; minha boca encontrou o canto da dela, e a dela encontrou minha bochecha. Rosaria e Rocco a puxaram para o lado depois e cada um deles a abraçou. Enquanto eles faziam isso, deslizei o anel para cima e para baixo em meu dedo, não preparado para o peso dele, como uma coleira em torno de um lobo adulto. Então algo dentro do anel chamou minha atenção. Uma inscrição.

Il mio Capo. Meu chefe.



— Capo? — Eu me virei e olhei para minha esposa sentada ao meu lado no carro, enquanto Giovanni nos levava para casa. Julgando pelo olhar

em seu rosto, ela tentou falar comigo antes. Depois que nos casamos, algo estava me incomodando até eu entender o que ela havia feito.

Mariposa tinha sido avarenta ao usar seu salário, pechinchando até mesmo comida. Estava até usando cupons. O anel que ela comprou, porém, facilmente custou mais de dois mil dólares.

Ela gastou seu dinheiro comigo.

A única pessoa que teria feito isso debaixo do meu nariz seria Rocco. Ele havia nos convidado para comemorar no exclusivo restaurante italiano que possuía com um de seus irmãos, Brando. Quando o puxei de lado para questioná-lo sobre isso, ele me disse que Mari foi até ele e pediu que lhe fizesse um favor.

Um favor.

De um Fausti.

Ela queria que ele comprasse o anel, para que eu não pudesse ver a compra. Em troca, se ofereceu para substituir Giada enquanto a secretária estava de férias. Sem pagamento. Rocco aceitou a oferta dela, mas outras mulheres ajudavam minha esposa regularmente no escritório. Ele disse que ela tinha muito o que fazer para o casamento na Itália.

— O joalheiro da *famiglia* o criou. — Rocco havia descartado o assunto, bebendo um copo de uísque. Ele era o chefe implacável de seu próprio ramo da família, e seu pai era um dos homens mais impiedosos que a Itália já vira. No entanto, Rocco adorava casamentos e uma boa festa. — Já foi tirado do seu bolso. Sua esposa cumpriu a parte dela no trato. Estamos quites. Um favor por um favor. Não vamos discutir isso no dia do seu casamento, sim? Os negócios devem ser mantidos no escritório.

Os Fausti tinham um joalheiro à disposição. A família do joalheiro era antiga e trabalhava exclusivamente para eles. Como eu era ligado ao nome, considerado da família, ele trabalhava para mim também. Eu tinha uma conta aberta.

Mariposa parecia entender um favor por um favor melhor do que ninguém. Era a única regra que ela parecia ter. Bondade por bondade — sem dever nada. Exceto a mim. Ela me devia sua vida. E não muito tempo atrás — levantei meu relógio para verificar a hora — havia jurado isso para mim. Mas o fato de ela se aproximar de um homem que sabia que esperaria algo em troca, geralmente a um alto custo, me irritou.

— Tem algum lugar onde você precisa estar?

O carro sacudiu um pouco e eu me virei para olhar para ela. Seus

olhos quase brilharam na escuridão. O dourado em seus olhos, em seu cabelo e em sua pele parecia se complementar. Seus lábios eram macios e rosados, e quando ela sorriu quase timidamente, traindo seu lado desafiador, eu encontrei seu olhar novamente.

— Por que você pergunta? — sondei.

— Ah. — Prendeu a respiração. — Você está distraído desde o jantar. Tentei perguntar para onde estávamos indo há um minuto, mas você não respondeu. Então você olhou para o relógio.

Ela se inclinou, estudando-o. Sua proximidade fez o ar se mover entre nós, e o cheiro doce dela me fez lambe os lábios. Eu sabia que ela era um problema no segundo em que seu cheiro passou por baixo do meu nariz no *The Club*. Fenômeno do feromônio e todas as suas besteiras mágicas. Deixa pouco controle para quem deseja inalar a pele de alguém como uma droga.

— Com todos os seus milhões, você precisa de um novo. Esse tem manchas de ferrugem.

Dei de ombros, a camisa branca de botão puxando meus ombros.

— Algumas coisas não valem a pena trocar, não importa quantos anos tenham. — Apontei para o prédio em frente ao qual estávamos diminuindo a velocidade. — Estamos em casa, Mariposa.

— Casa, — ela repetiu, virando-se para a janela. — Você mora perto de um Corpo de Bombeiros! Legal. Isso vai ser útil quando eu preparar o jantar para você. — Ficou quieta quando Giovanni apertou um botão no painel e a porta da garagem se abriu. — Você é o dono deste prédio inteiro?

— Uhum.

— Não é o que eu esperava.

— O que você esperava?

— A Batcaverna?

— Como você sabe sobre a Batcaverna?

— Os irmãos de Keely. Eu estava lá uma vez quando eles assistiram àquele filme.

Dei uma risada baixa, enterrando a lembrança de Harry Boy.

— Não é um lugar brilhante o suficiente para te cegar?

Por que o filho da puta ainda afetava minhas palavras?

Ela estreitou os olhos para mim.

— Não, eu só pensei... algo em Manhattan. Uma cobertura. — Então sorriu, dando conta das minhas palavras. — Ainda assim, isto está longe de

ser uma casa de papel.

— Então eu vou bufar, e vou bufar, e sua casa derrubar.

— O grande lobo mau trajando um belo terno italiano. — Tocou minha mão com seus dedos tão macios quanto seus lábios, onde a tatuagem do lobo parecia rosar sob as luzes da garagem. — Eu deveria saber.

Seu olhar se desviou para os meus lábios, depois voltou para os meus olhos. Quando não conseguiu mais me encarar, começou a mexer na minha gravata. Mãos nervosas, como asas esvoaçantes. Eu queria senti-las na minha pele, ao redor do meu pau, acariciando minhas bolas.

Ela pigarreou de leve.

— Você vai me mostrar o lugar?

Bati na janela uma vez com o nó do dedo e Giovanni apareceu, abrindo minha porta. Eu disse em italiano para Mariposa para aguardar e, assim como ela havia feito na prefeitura, pareceu entender sem que eu tivesse que traduzir. Dei a volta no carro e abri a porta. Ela pegou minha mão e saiu, ainda segurando o vestido.

— Agora sei por que você comprou o prédio inteiro. — Olhou em volta. — Você precisava de espaço para todos os seus carros.

Apertei a mão dela, sentindo o tremor sutil, e levei-a para dentro do prédio. Não parecia uma reação consciente, mas quando entramos ela apertou minha mão com mais força.

— *Caramba*, — ela suspirou, espiando. — Nunca estive em um lugar tão... grande.

Mostrei tudo a ela em um grande tour, mas no final pude ver que tinha algo em mente. Não havia falado muito.

— O que é? — Parei no closet da suíte master. — Não fique tímida comigo agora.

Soltou a bainha do vestido e encolheu os ombros, então colocou uma longa mecha de cabelo atrás da orelha.

— É lindo, Capo.

— Você pode mudar o que quiser. Desmontá-lo e montá-lo novamente.

Ela assentiu, mas não disse mais nada.

— Deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

— Mais? — Aquilo me arrancou um sorriso.

— Observe com atenção.

Seus olhos estavam grudados em mim enquanto eu apertava os

botões do meu relógio. A parede do fundo começou a se mover silenciosamente, deslizando na frente de outra parede, e o espaço atrás dela se abriu. Parecia um elevador. Frio. Estéril. Havia uma parede de metal do outro lado. Eu estendi meu braço e gesticulei para ela entrar. Ela hesitou, mas apenas por um segundo. Depois que entramos, fechei a porta do armário principal. Um segundo depois, abri o outro lado e gesticulei para ela sair primeiro.

— Tudo bem, — ela proferiu, com os olhos arregalados. — Você tem uma Batcaverna. Uma porta secreta.

A risada que vibrou do meu peito soou rouca.

— Não exatamente. Este é o Corpo de Bombeiros.

— Sim, mas foi renovado. Totalmente renovado. Parece abandonado do lado de fora.

Ela se aproximou do parapeito de vidro, olhando para o nível mais baixo da casa. Mandei refazer para ela. Ninguém sabia que era meu. Pelo que todos sabiam, era um Corpo de Bombeiros inativo e abandonado.

O outro lado era frio, com linhas nítidas. Esse lado era para ela: cores quentes e decoração suave. Numerosas fotos de borboletas penduradas nas paredes. Não combinava com o exterior, mas pouco do que víamos por fora realmente combinava com o lado de dentro. Pedi a uma das minhas tias que falasse com um decorador. Ela deu-lhes uma ideia de quem era Mariposa, pelo que eu havia dito, e a mulher encomendou tudo. Eu assumi a partir dali.

— Esta é a sua casa, Mariposa. O outro lado, é apenas para eventos sociais. Quando oferecermos jantares a convidados, esse tipo de coisa, será do lado de lá. Este aqui é apenas para uso pessoal. Sete pessoas, incluindo nós, sabem que é aqui que moramos.

— É mais do que eu jamais poderia imaginar, — suspirou.

— Fico feliz que te agrade.

— Quem são as outras cinco pessoas que sabem sobre a casa secreta?

A casa secreta. Eu quase sorri.

— Rocco, minha tia e meu tio, o irmão de Rocco, Dario, ele é arquiteto, e Donato. Ele é o chefe da segurança de Rocco. Você os conhecerá em breve, no casamento na Itália.

— Se ninguém mais sabe, como você fez tudo isso?

— Dario me ajudou em alguns aspectos. Ele dedicou algumas horas nisso. Quanto ao resto, — levantei as mãos, — estou trabalhando neste lugar há cinco anos. Todos os suprimentos chegavam pelo outro prédio. Nunca

morei aqui até agora.

— Recluso, — sussurrou.

— Você tem um relógio como o meu, mas é mais moderno em estilo e mais feminino. Você pode trocar as pulseiras para combinar com suas roupas, se quiser. Você o encontrará na mesa de cabeceira. Mas só nós sete sabemos, Mariposa. Ninguém mais.

— Entendido. — Estava brincando com o cabelo. *Agitarsi*. Inquieta. Estava nervosa.

— *Vieni*. — Guiei-a para longe do corrimão. — Deixe-me mostrar a você.

Dessa vez, enquanto visitávamos a casa, ela estava mais animada. Seus olhos brilhantes analisavam em vez de tentar descobrir onde ela se encaixaria, em um ritmo lento. Naquela noite, seu coração batia tão freneticamente que eu podia sentir cada uma de suas pulsações correndo para acompanhá-lo.

Quando mostrei a ela o segundo piso, Mariposa assentiu.

— Muito bom. É aqui que eu vou ficar?

— Isso é com você. Parte do nosso acordo era que eu lhe daria tempo para se acostumar comigo. — Propositamente tornei o segundo piso insosso em comparação à suíte master, por motivos egoístas.

Ela começou a brincar com as pedrarias bordadas em seu vestido quanto mais perto chegávamos do quarto. Quando chegamos lá, ela espiou com a cabeça para dentro, quase com medo de entrar.

— O lobo mau está aqui fora, — sorri. — Você está segura.

— Por enquanto, — murmurou, finalmente dando um passo adiante.

Passou a mão pela enorme cama, por todos os móveis, até nas paredes. Depois foi ao banheiro, e seus olhos dispararam diretamente para o teto de madrepérola, pedra associada ao mês de seu nascimento, para o enorme chuveiro e para a banheira com pés, e depois para o chão feito do mais fino mármore italiano.

Ela parou quando chegou à entrada do armário. Era uma sala dentro de uma sala. Tinha um corredor e, de cada lado, portas de vidro que abrigavam roupas, sapatos e locais para guardar joias. Ela tinha um lado, e eu o outro.

— Sem querer soar rude, — ela começou, prestes a arrancar uma pérola do vestido. Seus olhos estavam grudados em uma prateleira cheia de tênis de todas as cores, a maioria de fabricação italiana, — mas de quem são

essas roupas? Eu sei que um lado é seu, todos os ternos, mas e o outro?

Eu quase ri com o quão sutil ela tentou ser.

— Nenhuma outra mulher jamais esteve aqui antes. — Andei até ficar atrás dela. Quando inspirei, minha respiração se espalhou pelas suas costas e arrepios se espalharam por sua pele. — Tudo é novo aqui. É por isso que ainda tem cheiro de tinta fresca. Todas essas coisas são suas.

— Não comprei essas coisas.

— Não. Eu comprei. Veremos em breve quão bem eu te conheço, não é?

Levou um momento, mas ela assentiu. A experiência estava se mostrando avassaladora para ela. Mesmo que isso fosse um acordo, era difícil para ela ir do nada para o tudo sem sentir que era demais. Empurrei-a para o fundo do poço sem que ela soubesse nadar.

— Vejo como você gasta dinheiro, Mariposa, e precisamos trabalhar em suas habilidades. — Não fiquei de olho nela para ver quanto estava gastando. Eu mantive o controle sobre ela para que nada do que desejasse ficar sem resposta. Se eu tivesse que pedir cada porra de item do cardápio para que ela pudesse descobrir do que mais gostava, faria isso acontecer. E precisaria disso. Ela tinha muito o que aprender.

— Isso é muito...

— Nós tínhamos um acordo, — interrompi. — Você está cumprindo o seu. Eu estou cumprindo o meu. Não estou fazendo isso para ser gentil, e você não está aceitando porque eu o fiz. Temos um acordo.

Dei um passo para mais perto dela, deslizando um dedo ao longo de seu pescoço, traçando um “C” ao longo da pele perfeita. Ela tremeu, e meu pau se contraiu e endureceu.

— Mergulhe em sua banheira, Mariposa, — minha voz era baixa, áspera, quase estilhaçada. — Vista suas roupas. Pegue algo para comer. Assista a um pouco de TV ou ouça alguma música. Bocelli para clarear sua mente. Leia um livro.

Rosaria a convidou para se juntar a ela e às outras esposas — Rocco tinha três irmãos — para desfrutar de suas noites de garotas. Discutiam livros, tricotavam e faziam crochê e tudo o mais que as mulheres costumam fazer. Então comprei para ela um dispositivo de leitura, junto com centenas de livros populares e de capa dura. Quando ela entrou naquela sala, retrucou: “*O quê? Sem livros para colorir ou diários?*”

Recusei-me a tirar o que ela havia dado a si mesma ao longo dos

anos, então, não, ela não receberia essas coisas de mim. Mariposa ficou surpresa por eu pensar dessa maneira. Havia coisas que ainda eram especiais para mim, mesmo que o mundo caísse aos meus pés e, ao contrário de um livro de colorir ou diário, ninguém poderia substituí-los.

— Tenha uma boa-noite de sono. A primeira de muitas. Sinta-se em casa, Mariposa. Porque esta é a *sua* casa. *Per sempre*.

— Espere. — Ela se virou para mim. — Aonde você está indo?

— Ao trabalho.



Faz quase duas horas que deixei minha esposa livre para perambular pela casa e ficar à vontade. Sentei-me à escrivaninha do meu escritório e olhei para todos os monitores, tentando localizar os diferentes cheiros que se infiltravam. Um bolo assando. Lasanha. Pipoca.

Uma hora depois bateram à porta e, antes que eu pudesse atender, ela abriu e entrou. Havia tomado banho. Seu cabelo estava úmido. Os aromas de pistache, amêndoa, caramelo e sândalo invadiram a sala. Em vez de usar um dos muitos itens que comprei para ela dormir, vestiu meu roupão. Era três vezes maior. Suas mãos estavam perdidas nas mangas, praticamente penduradas ao lado do corpo. Ela segurava um prato. Quando o colocou diante de mim, sua aliança de casamento apareceu por baixo do tecido.

— Deve haver mais de cem livros de receita na cozinha. Encontrei uma de bolo de casamento. Temos todos os ingredientes e um milhão de outros, então tentei assar.

— Tentou. — Olhei para o bolo. Peguei o garfo e o espetei. Era duro como uma tábua e mais escuro do que um bolo de casamento branco deveria ser. Talvez fosse de chocolate. — Parece que você conseguiu.

Ela franziu o rosto.

— Isso é discutível.

Cortei um pedaço com o garfo e o enfiei na boca. Fiz uma pausa antes de realmente começar a prová-lo. Olhei para ela e ela olhou para mim com a cara mais estranha, como um baiacu.

— O que você acha? — Apertou os lábios. Estava tentando não rir.

Eu me forcei a engolir. Se eu soubesse qual era o gosto de um bolo de papelão, tinha certeza de que era melhor do que aquele.

— Foi a primeira vez que você assou um bolo?

Ela assentiu.

— Primeiríssima.

— Bom, — minha voz estava tensa. Ela apontou para mim, gargalhando.

— Você é um mentiroso terrível, terrível, Capo! — Ela riu ainda mais alto.

— Você deve ter esquecido algumas coisas. Como leite, ovos e manteiga. O que você fez, só adicionou farinha? Tem água nos bolsos desse roupão? — minha voz ficou áspera por causa do aperto na garganta e da coisa seca que ela chamava de bolo.

Mariposa saiu rindo da sala e voltou com uma garrafa de água gelada para mim. Bebi enquanto sua risada selvagem se transformava em um sorriso satisfeito.

Ela andou pela sala, estudando todo o meu equipamento.

— O que é tudo isso? — finalmente perguntou.

— Faço segurança privada paralelamente.

— Você espia as pessoas.

— Pode se dizer que sim.

— As pessoas te pagam para espiar?

— Alguns deles.

— Uuum. Entendi. — Olhou para um dos monitores. — Este é o seu prédio?

— Nosso prédio, — corrigi. — Olhe. — Apontei para um ponto na tela e então ampliei. Giovanni caminhava pelo local, fazendo suas rondas. Ele não tinha ideia de que estávamos deste lado. Presumiu que estávamos em nossa suíte, do outro. Sempre pensaria isso.

— Você não vai fazer isso comigo, certo? — Os olhos de minha esposa se estreitaram enquanto ele puxava a calça para tirar a cueca enfiada na bunda. Giovanni era o filho da puta mais feio que eu poderia encontrar, com experiência suficiente para cuidar dela quando não estava ao meu lado. — Ser um bisbilhoteiro?

— Depende. — Recostei-me na cadeira, estudando suas feições à luz dos monitores. Ela era revigorante. Tinha algo diferente.

— De...? — Arregalou os olhos, algo que fazia quando queria que eu continuasse.

— Do quanto bem você se comportar.

— Sou uma boa garota. — Ela parou na minha frente e cruzou os braços sobre o peito, que havia desaparecido sob o grosso roupão. — Mas você sabe o que dizem sobre boas garotas? Elas nunca fazem história.

Mariposa acabou com a distância entre nós e estendeu a mão para tocar minha gravata. Eu a tinha afrouxado, mas não tirado. Ela se moveu lentamente, observando enquanto o tecido preto deslizava ao redor do meu colarinho, e então a colocou sobre a mesa. Eu havia arregaçado as mangas até os cotovelos mais cedo, então ela traçou uma das minhas veias, concentrando-se enquanto o fazia. Nós dois ficamos quietos e, quando os olhos dela se ergueram, nos encaramos.

— Você precisa de alguma coisa, Mariposa?

Ela balançou a cabeça.

— Estava me sentindo solitária. É um lugar grande, ainda não estou acostumada. Estava me perguntando quando você viria para a cama. — Arqueei as sobrancelhas e ela desviou o olhar por um segundo, para um dos muitos monitores. — Para dormir, — adicionou, baixinho.

Então começou a mexer nos laços do roupão. Eu podia sentir sua ansiedade. Ela estava se preparando para dizer algo ou fazer um movimento.

— Não faça isso comigo, — eu disse.

— O quê? Isso? — Pegou um dos laços e começou a girar, sorrindo um pouco ao fazê-lo. Estendi a mão para detê-la.

— Sim. *Agitarsi*. Inquietação. Não faça isso comigo. — Ela assentiu com a cabeça, e eu vi o movimento de sua garganta quando ela engoliu em seco.

— Você conseguiu, Capo.

— Você quer dizer, *il mio capo*.

— Você notou isso?

— Eu percebo tudo.

— Por que você parece... chateado?

— Daqui para frente, chega de fazer acordos com homens, exceto comigo.

— Você quer dizer com Rocco. O anel.

— Sim. Rocco. O anel. Nunca mais.

— Como quiser, Capo.

Quando me chamou assim pela primeira vez, tive dificuldade em não transar com ela no *The Club*. E quanto mais dizia isso, mais me fazia sentir como um animal selvagem em uma jaula. Seria capaz de não tocá-la até que

ela estivesse pronta, bastaria pensar em palavras importantes, mas não seria capaz de pronunciá-las. Depois de alguns minutos, ela respirou fundo, desamarrou o roupão e o abriu, soltando a respiração que vinha prendendo desde então. Ela estava nua por baixo.

Meus olhos se deleitaram em seu corpo nu como se estivessem famintos. De alguma forma, nossos papéis haviam se invertido. Eu era o único que parecia não conseguir o suficiente. Ela era perfeita pra caralho. A claridade dos monitores destacava cada parte de seu corpo. Seus seios eram cheios o bastante para encher minhas mãos. Sua cintura era estreita e os quadris levemente arredondados. Seus mamilos estavam duros, e uma fina camada de desejo revestia o interior de suas coxas firmes. Eu podia sentir o cheiro de sua excitação doce, podia sentir o gosto. Minha língua se projetou e molhou meu lábio inferior, desejando o toque.

— Achei que você deveria ver com o que se comprometeu exclusivamente, *il mio capo*. Eu. Espero que tenha valido o alto preço. — Quando consegui desviar o olhar de seu corpo, a encarei, mas ela olhou para o outro lado. — Não sou nada além de pele e osso, mas...

Quando minhas mãos agarraram firmemente seus quadris e a levantaram e posicionaram sobre a mesa, ela arfou. Quando a puxei para mais perto de mim, sua boca se abriu e o hálito frio tocou minha pele em chamas. Eu a pressionei ainda mais perto do meu pau, estocando de leve até que um ruído ofegante escapou de sua boca macia. Suas mãos se estenderam, quase arranhando minha camisa, tentando chegar à pele.

Meus dentes morderam seu pescoço, abriram caminho até sua orelha.

— Eu tenho um acordo, — comentei. — Você deveria ter exigido mais.

— Ah. — Ela respirou fundo e sibilou quando mordeu seu pescoço com mais força. Suas unhas afundaram em minha pele, e a queimação me deixou ainda mais faminto. — Talvez devêssemos voltar para a mesa.

— Eu precisaria de fundos ilimitados, porque, porra... *Un estimabile valore*.

Não havia um preço que eu não teria pago para tê-la. Nenhum termo com o qual eu não teria concordado. Ela pode ter entrado no negócio sem capital, mas o poder total estava do seu lado. Havia algo nela que me possuía... que me deixava obcecado.

Então um golpe estranho me queimou profundamente.

Ciúmes.

A palavra pareceu vir até mim como um raio durante uma tempestade — bem quando eu estava em uma poça e ao lado de uma árvore. O rosto de Rocco na prefeitura, suas palavras, de repente, se encaixaram. Eu tenho idade suficiente para saber disso, mas não dou a mínima. Fiquei com ciúmes quando Harry Boy disse que a amava. Quando a chamou daquele apelido patético. *Strings*.

O pensamento fez meus dedos cravarem em seus quadris, puxando-a ainda mais para o meu pau. Algo selvagem me levou a reivindicar. Possuir. Controlar. Dominar o cheiro dela com o meu. Meus lábios desceram por seu peito, minha língua saboreava o gosto de sua pele, e quando peguei seu mamilo entre os dentes, ela se agitou.

— Apenas, — suspirou, — ... não cubra minha boca.

Então fui mais devagar, para não fazê-la sentir que havia me feito parar com suas palavras. Eu olhei para ela. Suas mãos agarraram minha camisa, mas suas unhas estavam retraídas. Seus olhos bem fechados. O coração parecia bater em meus ouvidos, mas não de prazer; de medo.

Suas asas tentavam voar, mas ela estava enraizada.

Ela me queria. Queria isso. Mas aquele filho da puta fez algo com ela do qual ela nunca se recuperou. Foi a primeira vez que percebi vulnerabilidade em sua voz. Mesmo no *The Club*, quando ela não tinha ideia de no que havia se inscrito, era uma mártir forte.

Vivo o muoi provando. Eu vivo ou morro tentando.

Com minha desaceleração, ela pareceu relaxar um pouco, e o momento passou. Ela concordou em me dar tempo. Eu tinha concordado com isso.

— Mariposa, — murmurei, minha voz baixa e áspera.

Ela levou um momento para abrir os olhos. Quando o fez, o que vi me chocou. Vergonha.

Eu a levantei, mantendo-a perto.

— Quando você estiver pronta para fazer sexo comigo, vista algo vermelho. *Consumami*.

Consuma-me.

— Você quer um fogo em sua cama, — falou isso como se fosse questionável. Como se fogo fosse uma palavra ruim. Como se fosse algo a temer. Talvez para ela fosse. Uma borboleta era uma criatura frágil e poderia ser facilmente engolfada pelas chamas, mas não se a carregassem dentro de si. Ela carregava a força para fazer a mudança.

— Sim. Um fogo. Assim saberei que você está pronta.

— Eu quero estar, — ela sussurrou.

— Você vai estar. Vamos trabalhar nisso.

Senti seu sorriso contra meu peito. Ela me beijou ali e depois ao redor da cicatriz no meu pescoço. Congelei, mas ela não percebeu. *Obrigado, porra*. Ela bocejou e se aninhou a mim.

— Hora de dormir. — Levantei-a da escrivaninha e a levei até o quarto principal.

— Vamos dormir na mesma cama? Eu quero. Você disse, durante a reunião, que a decisão seria minha assim que eu chegasse aqui.

Foi por isso que tornei o outro quarto tão desagradável. Ela precisava estar ao meu lado.

Coloquei-a no meio da cama imensa e ela tirou o roupão, dispensando-o ao lado. Rastejando sob as cobertas, ela se aproximou do travesseiro e então esticou uma perna. Era uma bela visão, aquela perna nua se projetando daquela forma. Sua bunda era uma porção macia também. Foi a primeira vez que pude dar uma boa olhada nisso. Queria mordê-la até que ela gritasse. Então eu queria foder com gosto.

— Você vem?

Engoli em seco o nó na garganta.

— Mais tarde. Tenho algum trabalho a fazer. Se precisar de mim, seu relógio está na mesa de cabeceira. Pressione o botão ao lado e diga “ligue para o Capo”. Ele conectará você a mim imediatamente. Você pode chamar o Giovanni da mesma forma.

— Chamá-lo de Capo também?

— Não. Isso é só para mim. Você diz o nome *dele* e isso a conectará a ele imediatamente.

Ela sinalizou com a mão, como se fosse uma arma, e apontou-a para mim, então piscou ao mesmo tempo em que fez um barulho de clique com a boca.

— Entendi. — Então riu, e percebi que ela estava me zoando o tempo todo.

Fazia um tempo, anos, desde que havia passado tanto tempo com uma mulher. E nenhuma como essa. Eu ia ter que acelerar para acompanhar.

Ela se sentou, esfregando os olhos e deixando as cobertas caírem. Seus mamilos ainda duros.

— Você é uma daquelas pessoas que não conseguem dormir?

Dei de ombros.

— Depende da noite. — *E se você estiver disposta a transar a noite toda.*

— Então eu realmente vim morar na Batcaverna.

Longe disso, mas se isso significava que ela se sentiria mais segura aqui comigo, deixei rolar.

— Ei, — ela chamou, me detendo antes de eu sair. — Você tem tempo para assistir a um filme antes de ir trabalhar? Talvez possamos fazer vaca preta? Sempre quis uma. Temos todas as coisas.

Esse lugar era grande. Era novo. Ela estava tendo problemas para se ajustar. Então pensei na casa em Staten Island, como era confortável, e aquela palavra proibida passou pela minha mente de novo. *Ciúmes*. Harry Boy havia pensado nisso com antecedência. O lugar era confortável para ela.

De volta ao ponto. Ela só teria que se acostumar com isso.

Tirei minha camisa e a estendi para ela, que se ajoelhou na cama e pegou-a de mim. Nossas mãos se tocaram, e aquela tempestade elétrica que estava se formando dentro de mim a noite toda pareceu enviar uma onda de choque pelo meu braço. Mariposa aceitou minha oferta, mas seus olhos percorreram meu peito nu enquanto o fazia.

— Coloque isso, — pedi, com a voz baixa.

Ela assentiu e vestiu. A camisa mais parecia um vestido imenso em seu corpo.

— Então isso é um sim?

— O que vai ser?

— Que tal Freddie Mãos de Tesoura? E vou fazer os milkshakes!



CAPÍTULO 12

Capo

As luzes do carro iluminavam a garagem de um dos meus prédios. Um segundo depois, entrei e estacionei. Uma das canções ridículas de Mariposa tocava no rádio. Sentia meu cérebro encolher cada vez que a garota tocava uma nota. Mariposa adorava, no entanto. E, às vezes, quando uma parte específica tocava, ela apontava para mim e dublava a letra.

Foi uma das coisas mais estranhas que já vi alguém fazer. Mas então eu precisava me lembrar que ela era jovem. Aquela inocência que eu queria desesperadamente salvar havia sido preservada de alguma forma, e quando se sentia livre o suficiente para se reconectar consigo, ela aparecia em momentos como aqueles.

Minhas botas pisavam silenciosamente na calçada enquanto eu caminhava para o interior. Donato havia enviado dois caras para vigiar, então meus olhos se estreitaram em uma terceira figura antes de relaxar. Estendi a mão e Donato a apertou. Ele me puxou e demos um tapa nas costas um do outro.

— Ouvi dizer que tenho que te dar os parabéns, — ele disse, em italiano. Ergueu um copo da mesa e brindamos antes de dizer *salute*, então bebemos o excelente uísque.

— Ele ainda canta como um canário? — Calcei as luvas. Era difícil me enxergar no escuro, vestido de preto da cabeça aos pés.

— Já passamos disso. Está com raiva agora. Exige falar com o homem que ordenou sua captura. Ele nos garante que pagará qualquer resgate.

Nós dois sorrimos. Dei um tapinha no ombro de Donato, que saiu logo depois com seus homens. Cobri meu rosto com uma máscara de esqui antes de entrar na sala. A luz era fraca e iluminava apenas a mesa e duas cadeiras. Fora isso, havia apenas um catre. Um vaso sanitário ficava ao lado. Não havia janelas em nenhum dos cômodos, apenas paredes de tijolos.

O homem a quem vim ver se levantou da cama, tentando ficar quieto, mas não conseguiu. Ele estava resfolegando.

— Peguei você agora, seu filho da puta, — sua voz soou com certa empolgação. — Você deixa uma arma para trás e não espera que eu a use em você?

Engatilhou e então...

Clique.

Clique. Clique. Clique. Clique.

Eu ri quando ele jogou a arma contra a parede.

— Filho da puta! Você brincou comigo!

Ele me atacou e eu o parei no meio do caminho, usando meu punho para socar seu estômago. Sua boca abriu e fechou enquanto ele arfava como um peixe fora d'água. Peguei-o pelo colarinho e joguei-o em direção à mesa. Caiu no chão e, em vez de se levantar, de lutar, olhou para mim.

— Sente-se, — ordenei.

Seus olhos se estreitaram.

— Eu te conheço?

— Não, — respondi.

Ele lambeu os lábios e ergueu as mãos sujas.

— Eu disse aos outros caras, os sem máscaras, que vou dizer o que você quiser. Tenho conexões. Farei o que for preciso. O que você quiser é seu. Tudo o que precisa fazer é dizer o que quer.

— Ah, — expirei. — Seu pessoal não vai mais nos matar?

Ele falou sobre suas conexões e como éramos todos homens mortos quando o peguei pela primeira vez. *Homens mortos*. Ele não tinha ideia de que apenas *um* homem o havia levado. Eu. O resto eram apenas cães de guarda até eu voltar para terminar isso.

Seus olhos se estreitaram ainda mais, quase se fecharam, tentando ver além da escuridão que me encobria.

— Não, eles pegarão leve com você se me deixar ir agora. Vou me certificar disso.

— Por que você não usou a arma, Quillo?

— Eu tentei! Não tinha balas.

— Quis dizer antes. Em si mesmo. Você nem verificou.

Ele tentou ser sutil quando se afastou de mim, mas notei a reação.

— Para que serve uma arma sem balas?

— Você conhece o jogo, — eu falei. — Estava dando a você uma saída fácil.

Um dos homens de Donato havia deixado a arma sobre a mesa. Ele havia lhe dado uma opção: pegar o caminho mais fácil — colocar uma bala em seu cérebro — ou seria eu quem acabaria com isso. Só que o homem de Donato não mencionou meu nome. Ele me chamou de “Destino” e disse a ele que filho da puta cruel eu era. Mas o problema com homens como Quillon “*Quillo*” Zamboni é que eles pensam que são donos do mundo. Portanto, ele pensou que sairia dessa vivo.

Ele tinha conexões. Seu pai teve também. Mas ele sabia como o jogo funcionava, e se alguém poderoso o suficiente quisesse você morto, você estaria morto. E, se você fosse um covarde, colocar a arma em seu próprio cérebro e explodi-lo seria mais fácil do que o que quer que o destino tenha planejado para você.

Ele não tentou usar a arma contra si mesmo. Nunca sequer cogitou isso. Um dos homens de Donato estava de guarda na porta, e nenhum clique havia sido disparado. Se tivesse, ele teria recebido uma bala para tentar novamente.

Uma maldita piada doentia. Se ele decidisse acabar com tudo antes que a tortura realmente começasse, teria que fazer de novo, porque a arma não tinha uma bala. Era a minha maneira de sacaneá-lo um pouco mais.

Demorou um pouco, mas quando ele percebeu como eu o havia chamado, se levantou e oscilou um pouco como se estivesse em um barco durante uma tempestade.

— Você me chamou de Quillo. — Inclinou a cabeça de leve para o lado.

— O quê? Você é bom demais para Quillo, *Quillon*? Você sempre foi um idiota, mas nunca mostrou o quanto era um idiota pomposo até concorrer

ao cargo. Quillon parecia mais adequado do que Quillo, tenho certeza. Vocês políticos fodidos que começam nas trincheiras são todos iguais. Tentando provar que são algo que nunca serão.

Peguei a arma do chão antes de me sentar à mesa, à sua frente. Em seguida, coloquei a pistola sobre a superfície e relaxei em meu assento.

— Honesto. *Sincero*.

Ele engoliu em seco e deu um passo para mais perto da mesa.

— Mostre sua cara, — solicitou. — Eu *conheço* você.

— Ah. — Segurei a parte inferior da máscara. — Você pensa que sim. Mas está enganado. — Então removi a máscara completamente.

Ele ofegou e automaticamente recuou em seus passos, direto para a cama, caindo sentado assim que a parte de trás dos joelhos tocaram a estrutura. Aos tropeços, se levantou apressado.

— Não! — Balançou a cabeça, acenando as mãos de modo frenético à frente. — Não. Você é um fantasma! Estou morto. Eles devem ter me matado. Estou no inferno. Com você. Eu preciso de perdão. Querido Deus, livrai-me! — Caiu de joelhos e começou a rezar o Santo Rosário. Seu medo perfumava o ar com amargura. Tinha o mesmo sabor de sangue fresco.

— Pare de ser dramático. — Usei minha perna para empurrar a outra cadeira para mais perto dele. — Sente-se. Vamos bater um papo. É hora de nos atualizarmos.

— Vittorio. — Balançou a cabeça, como se estivesse tentando acordar. — Você é um fantasma. O que quer comigo?

Chamei-o de tolo em italiano.

— Você tem medo de um fantasma. Deveria ter mais medo de mim. Eu ainda tenho sangue em minhas veias. Posso ser morto. De novo. Então, você sabe o que isso significa? Sou perigoso. Sou o fantasma vivo que você deveria temer.

Ele se levantou, ainda trôpego, e empurrou a cadeira para mais perto da mesa. Mesmo que ele não estivesse à vontade, relaxou um pouco pensando que poderia me convencer do contrário. Pensando que ele poderia tentar jogar em nossa história para liquidar qualquer que fosse esse problema. Ele assumiu que tinha a ver com negócios.

— Posso? — Colocou a mão perto da minha.

Balancei a cabeça e ele usou seu dedo indicador para tocar em meu pulso. E se afastou quando sentiu.

— Você não está morto.

— Aparentemente.

Então ele sorriu, e isso iluminou seu rosto. Uma onda de alívio tomou conta dele.

— Filho da puta! Você está vivo. — Ficou parado por um segundo, e então, excitado demais para ficar de pé por mais tempo, sentou-se. — E quando isso foi um problema? Você *não* ser perigoso? Diga-me algo que não sei, como por que estou aqui.

— Com o tempo, — eu disse, observando-o ficar tão perto de mim novamente. Estar ao lado dele parecia como nos velhos tempos, mas desta vez eu ia rasgar sua garganta e ver como ele sangrava aos meus pés. Ou talvez eu fosse mais criativo. — Você precisa me contar coisas. Primeiro.

— Espere. — Ele ergueu a mão. — É você quem está começando as guerras entre todas as famílias. Seu pai mandou você fazer isso? Meu pai está em maus lençóis. Achei que talvez isso tivesse a ver com ele, mas depois pensei mais um pouco. Ele está em apuros desde que Angelina... — parou, sem ir mais longe.

Sim, o pai dele tinha dividido a cidade depois do que aconteceu. Quillo não teve tempo de reagir, então Arturo passou a usá-lo para o que precisasse. Quillo era o equivalente a um escravo contratado. Ele teve que pagar pelos pecados de seu pai e pelos da irmã, que transou com dois irmãos. O fato de ela ter nos sacaneado não importava. Porém, ela estava revelando segredos — segredos que ninguém perguntou — e então armou para um de nós. Sua lealdade foi testada e provou ser tão fraca quanto água. *Quer continuar neste jogo, precisa de sangue.*

— Não tenho pai, — declarei. — Não tenho nada além de inimigos.

— Merda. — Ele passou as mãos pelo cabelo, fazendo com que as mechas loiras se arrepiassem. — Então você está orquestrando uma guerra massiva. Você matou os chefes dessas famílias. Seus filhos. Você é louco pra caralho! O que você está fazendo é insano, uma missão suicida. Depois de sua morte, bem, não a morte, mas...

— Minha morte, — concordei.

— Arturo se tornou ainda mais forte com Achille ao seu lado. Ele não se importa com quem mata. É um selvagem. Tira a vida de inocentes sem nem piscar. Um maldito lobo raivoso. A única família da qual os Scarpone recuaram é a dos Fausti, mas ninguém os aceita.

Abri e fechei os braços.

— Parece que minha vida sempre teve um curto prazo de validade.

Achille certificou-se disso. Arturo levou adiante.

— Ele foi obrigado. Você não pode dar ordens e fazer com que seus homens o desobedeçam.

— Desobedecer, — testei a palavra. — Isso é o que você chamaria de salvar uma garotinha de um destino que ela não merecia?

Ele pareceu sentir algo de mim então, mas não tinha ideia do que, a menos que soubesse quem ela era, e eu duvidava disso. Se o fizesse, a teria entregado aos Scarpone quando teve a chance.

Seu olhar pousou na minha cicatriz, e então ele encontrou meus olhos novamente.

— Por que você a salvou? A filha de Palermo? Ele nunca fez nenhum favor a você. Ele tentou matar Arturo bem na sua frente. O único homem que feriu *Lupo*. — *Lobo*. — Palermo trabalhou para o seu pai... Arturo... durante anos. Arturo confiava nele como um filho. E ele o traiu da pior maneira. Então, por quê?

— Tive meus motivos.

— Motivos. E aonde diabos isso te levou? A viver como um fantasma em sua própria cidade? Calado? — Nós nos observamos por alguns minutos, e o único som era o da descarga no banheiro. Então ele falou novamente. — Agora eu entendi. Você voltou para acabar com todos eles. Está começando uma guerra para que eles não saibam em quem confiar. Uma família tentando destruir a outra. Até os irlandeses se envolveram. O que eles fizeram com você?

Eu sorri.

— É o caos, não é?

— Sim. — Acenou com a cabeça uma vez. — Você pode dizer isso.

— Eu disse. Agora me diga algo que eu não sei.

— Você parece saber tudo. A única coisa que você nunca soube foi que Achille aproveitou a oportunidade de correr de volta para Arturo e te dedurar por não ter matado a filha de Palermo na frente dele. A esposa dele também.

— Ah, — sorri novamente. — Eu *sabia*.

— Então eu realmente não entendo por que você fez isso. Alguns dizem que preferem enfrentar o inferno a Arturo Scarpone.

— Enfrentei o inferno e sobrevivi. — Sentei-me um pouco para frente, chegando mais perto. — Conte-me sobre a garota que você adotou há cinco anos.

Ele mordeu o lábio por dentro e olhou para a parede com a porra de sua cara de político. Parecia que ele estava cagando.

Levantei-me tão abruptamente que a cadeira tombou e ele não teve chance de reagir. Agarrei-o pela garganta e apertei até que seus olhos comessem a lacrimejar. Quando o soltei, ele caiu de volta no assento, ofegante. Ergui minha cadeira do chão e me sentei outra vez.

— Você me conhece, Quillo. Vou quebrar seu pescoço em segundos e bancar o idiota de novo.

— Cinco anos atrás. — Ele arquejou. — Cinco anos atrás...

Perguntei-me quantas crianças inocentes ele e sua família criaram ao longo dos anos, e em quantas delas ele tocou enquanto sua esposa, a cadela alpinista social, ignorou. Ela aparecia regularmente ao *Macchiavello's* com seus falsos amigos. Tinha trepado com metade deles.

— Mari, — ele tentou dizer o nome dela inteiro, mas balancei a cabeça, desafiando-o. — Você quer o sobrenome dela? — Prendeu a respiração, mas sua voz era como uma lixa.

— Sim, fale para mim.

— Flores.

— O que você lembra dela? — Cravei os dentes sobre o lábio inferior. — Especificamente. — Ele percebeu o gesto e assentiu.

— Só me dê um segundo. — Respirou fundo algumas vezes e então suspirou. — Jovem. Por volta dos treze anos, talvez menos.

Não, seu filho da puta, ela parecia mais jovem porque estava em um lar adotivo e nunca teve um fluxo constante de refeições adequadas. O que tornou sua ofensa ainda pior. Ele pensou que ela era mais jovem e ainda assim colocou as mãos nela.

— Seu rosto tinha potencial para se tornar algo especial. Seu nariz era estranho, mas o corpo era firme. Ela tinha seios bonitos. E a bunda? Era magra, mas já tinha desabrochado. — Ele riu. — Nós nos tocamos... — Quando ele olhou no meu rosto, os dentes sobre o meu lábio, foi mais rápido e esperto. Mudou sua história. — Eu a toquei. Tudo bem! *Eu* a toquei. Ela era irresistível.

— Ela lutou.

— A princípio, não. Ela não esperava. Na última vez, puxou uma faca para mim. Então se foi. Desapareceu. Eles a deram como fugitiva por um tempo, mas ela era uma criança do sistema. Ninguém realmente vai procurar.

— Você a fez acreditar que bondade vem com obrigações.

— Sim. Acolhi a cadela sem-teto. — Seu rosto estava contraído, mas, de repente, relaxou. — É ela! A filha de Palermo! Você está procurando por ela.

Ele era estúpido em alguns aspectos, mas muito perspicaz em outros. Sabia que, se eu estava perguntando, havia uma razão.

— Os Scarpone têm uma pista sobre ela.

Ele fez um barulho incrédulo.

— Sim. Colocaram um preço pela cabeça dela. Desde aquela noite. Só aumenta com o tempo. Mais interesse adquirido com os anos. O primeiro a trazer a cabeça decepada para Arturo fica com o pote inteiro de doces. *Cara...* — Ele balançou a cabeça e assobiou.

Eu sabia que ele gostaria de ter juntado as peças antes, tê-la reconhecido, então todo o pote de doces poderia ter sido dele, com acesso total a sua boceta antes de entregá-la. O pote não era de dinheiro; tratava-se de cair nas boas graças de Arturo e seu cão de caça, Achille. Se Quillo tinha que responder a Arturo, lidava com Achille regularmente.

— Ainda não consigo esquecer você chamando os Scarpone. Cara, os tempos mudaram. — Ele suspirou e então seus olhos se arregalaram. — Eu me lembro de algo mais sobre ela. Os seus lábios. Aqueles lábios... — Seus olhos suavizaram com o pensamento. — Você está procurando por ela agora? Posso te ajudar. Não consigo me lembrar da cor do cabelo ou dos olhos, mas realmente não é problema. Conheço pessoas que a reconheceriam em qualquer lugar. E, se você está preocupado porque posso correr para contar a sua família, saiba que não direi nada. Você e minha irmã...

Ele se deteve, e para sua sorte o fez. Eu estava prestes a cortar a cabeça dele e entregá-la gratuitamente à família Scarpone.

— Apenas oferecendo... — ergueu as mãos.

Inclinei-me para o lado, tirei outra pequena arma do cós traseiro da calça e coloquei-a sobre a mesa. Quillo olhou para ela antes de fixar os olhos em mim. Inclinei-me para frente e juntei minhas mãos, cobrindo a boca.

— Não preciso procurá-la, Quillo. Sei onde ela está neste maldito segundo.

— Sabe?

— Sim. Ela está em casa, na nossa cama, dormindo. Minha esposa. Você tocou na minha mulher, Quillo. Você a tocou quando ela era uma criança que estava sob seus cuidados. O que deveria ser um lugar seguro, você transformou em uma prisão de escória. Quer saber por que fiz o que fiz?

Por que salvei Marietta Bettina Palermo? — Deslizei os dentes sobre o lábio. — Eu a salvei porque ela era inocente. Mudei minha vida para que a inocência dela pudesse viver. E então você sabe o que descobri, Quillo? Que um bastardo doente a fez acreditar que bondade era uma coisa desagradável. Que vem com obrigações. Você pegou tudo que sacrifiquei por ela e distorceu. Pegou essa inocência e a fez se sentir envergonhada. Fez algo que deveria estar limpo, a única vez na vida que pode ser, parecer imundo ao colocar suas mãos nela. Como você acha que me sinto com isso, Quillo? O que você acha que vou fazer para garantir que nunca mais faça isso? Não à minha esposa. A ninguém.

Ele não disse nada por um tempo, nem tentou negar ou se defender. Não podia. Existem alguns homens que se sentam e pedem desculpas. Esse não. Não havia desculpa que pudesse salvar sua vida. Assuntos podem ser negociados, mas uma ofensa pessoal? Imperdoável.

Ele estava suando de novo, os lábios franzidos.

— Você se apaixonou por ela. Você se apaixonou pela filha de Palermo.

Sorri e Quillo moveu sua cabeça para trás em resposta, mas ele estava prestes a usar a raiva para cobrir seu medo. Velhos hábitos costumam a morrer, mas nunca esqueci.

Bateu na mesa com o punho, chacoalhando a arma.

— Você a ama, porra! A cria daquele filho da puta do Palermo! Ele era tão mau quanto seu pai! Minha irmã era uma boa menina. Não merecia o que aconteceu com ela! E você ficou lá sentado, assistindo. E agora se senta na minha frente e me condena, quando sua consciência é tão imunda quanto a deles. Você os viu rasgar minha irmã em duas e não sentiu nada! Ela queria que você a amasse! Ela amava você. E você nem poderia dizer isso. Você nem lutou por ela! E agora você se casa com a filha de Palermo. Uma prostituta! Um vagabundo... — Inclinei-me sobre a mesa e agarrei-o pela garganta novamente, e dessa vez ele tentou lutar comigo. Tentou arranhar a luva de couro, mas foi subjugado.

— Você está fora de forma, Quillo. Todas aquelas refeições ricas e gordurosas foram direto para o seu coração. Todo esse chiado. — Balancei a cabeça. — Não é bom. Cuidado com essa boca, ou vou ter que arrancar essa língua. Abrir um pouco as vias aéreas.

Uma vez que ele relaxou e parou de lutar comigo, o soltei e ele desabou na cadeira novamente. Então ofegou, batendo na mesa para respirar.

Peguei a arma, examinei-a e depois a abaixei quando ele se acalmou.

— Isso não tem a ver com amor, mas com lealdade. Respeito. Algo que sua família nunca conheceu. Então... — Empurrei a arma para ele. — O que será? A arma ou eu? — Sorri, mostrando alguns dentes.

Ele pegou a arma da mesa, pressionou contra a têmpora e fechou os olhos. Então, me mostrou o dedo do meio e disse com escárnio:

— *Vá se foder, Príncipe Bonitão. Vejo você no inferno um dia,* — e puxou o gatilho.

Clique.

Demorou um segundo, mas seus olhos se abriram quando ele percebeu que a arma estava vazia. *Clique. Clique. Clique.* Seu dedo frenético puxava continuamente o gatilho.

Inclinei a cabeça para trás e gargalhei.

— Eles podem ter me matado, mas algumas coisas sempre permanecem as mesmas, Quillo. Aparentemente, o mesmo vale para você. Você nunca aprende. — Suspirei. — Você deveria saber... que eu nunca pegaria leve com você.

Então me levantei da cadeira e bati em seu peito com tanta força que senti seu osso estalar contra minha luva. Cobri sua boca e nariz, drenando sua vida aos poucos.



CAPÍTULO 13

Mariposa

— O que você acha, Vera II? Devemos adicionar mais alecrim? Mais manjerição? Ou que tal tomilho? — Levei-o ao nariz e inalei com muita força. Então espirrei e tossei. — Nossa, só um pouco disso já é potente... Mas alecrim? Adoro o cheiro.

Dessa vez não coloquei o vaso tão perto.

Vera II parecia exatamente com Vera I, exceto que seu pote era diferente. Depois que Capo me mostrou o local e comecei a me acomodar, notei Vera II na minha mesa de cabeceira, bem ao lado do relógio. As folhas da Vera original eram escassas, e o mesmo acontecia com Vera II. Eu poderia jurar que era a mesma planta, mas sabia que não.

Como ele poderia ter me dado?

Parecia estranho como eram parecidas. Eu pensei que ele teria comprado uma babosa mais cheia.

Dessa vez, jurei aumentar Vera II. Ela já tinha uma dose de alimento vegetal para suculentas. De vez em quando, eu a movia para que tivesse a mesma quantidade de claridade e descanso.

Durante uma das consultas ao médico — um dos vários que tive que ver, já que não fazia exames há anos, e esse foi um ponto durante nossa

reunião —, li uma matéria enquanto estava na sala de espera. A revista afirmou que conversar com suas plantas as faz crescer mais rápido. Também dizia que as plantas pareciam reagir melhor às vozes femininas do que às masculinas. Então, sempre que eu estava sozinha em casa, Vera II e eu conversávamos.

Como eu jantava sozinha em casa, ela era meu “ombro-amigo”.

Poderia ter ligado para Keely, mas decidi não fazer isso. Estava casada há duas semanas e, embora falasse com Kee de vez em quando, nossas conversas pareciam... curtas.

Eu sabia que ela ainda me amava, mas minha amiga estava tentando entender os sentimentos românticos de Harrison e os meus platônicos, depois que ele confessou para mim como se sentia. Estávamos em terreno instável. Geralmente conversávamos sobre tudo — principalmente sobre como iríamos sobreviver —, mas como tudo havia virado de cabeça para baixo, trocamos o que chamávamos de “problemas de gente pobre” por “problemas de gente rica”.

Era um mundo totalmente novo para mim, e eu ainda estava tentando compreendê-lo. Tantas coisas que escrevi em meu diário estavam acontecendo ao mesmo tempo. E, em algum lugar lá no fundo, um medo sombrio me consumia. Fiquei esperando que os sapatos que serviam desaparecessem e os que eram muito apertados — e me faziam sangrar — reaparecessem.

Olhei para os meus pés. Eu estava descalça. Eu adorava a sensação do piso frio e limpo do Corpo de Bombeiros sob eles. E, em alguns cômodos, era tão suave que dava vontade de chorar.

Este lugar. Cheirava a casa para mim. *Parecia* um lar. Nunca quis ir embora e, desde que cheguei, só saí para me encontrar com os organizadores do casamento no escritório de Rocco, fazer os ajustes do meu segundo vestido de noiva e comprar mantimentos. Eu tinha um cartão preto elegante, que meu marido insistia que eu usasse. Tinha meu nome, *Mariposa Macchiavello*, e era ilimitado. O cartão preto não era nada comparado à minha nova identidade e passaporte, no entanto. Meus olhos se encheram de lágrimas com isso.

— Que tal isso, Vera II? Essa consistência parece certa para você?

Levantei a tigela, mostrando à minha planta a mistura que havia feito para passar entre as camadas da massa que cozinhava no fogão. Estava tentando fazer lasanha *al forno*. Quando Capo me trouxe aqui depois do

casamento, encontrei uma bandeja cheia disso na geladeira. Foi a melhor coisa que já provei, então procurei em um dos meus muitos livros de receitas e encontrei uma.

Até então, não tinha feito uma refeição que realmente tivesse um gosto bom. Mas como eu não tinha nada além de tempo em minhas mãos, estava determinada a acertar em algum momento. Colocando a tigela na mesa, decidi pegar os ingredientes de que precisaria para um bolo de creme italiano. Era como tentar tocar o topo de duas montanhas em um dia, mas era tudo ou nada. De qualquer maneira, ganhando ou perdendo, estava começando.

— Foda-se, — expirei.

O tamanho monstruoso da despensa me chocou. Era maior que o apartamento que aluguei de Merv, o pervertido morto — o novo apelido de Kee para ele —, e estava livre de ratos.

Enquanto vasculhava por algumas coisas, um estalo soou na cozinha, e a princípio pensei que alguém estivesse atirando em mim. Apertei o saco de açúcar contra o peito, imaginando o que estava acontecendo. Então o cheiro de fumaça assaltou meu nariz e um alarme alto soou.

— Merda! A massa!

Ainda segurando o saco de açúcar, corri tão rápido que, quando entrei na cozinha, escorreguei no piso de madeira lustroso. Porém, Capo tinha chegado antes de mim, tirado a panela do fogão e a colocado sob água fria. A panela chiava e estalava, realmente irritada, e mais fumaça engrossava o ar.

Ele acenou com a cabeça em direção ao fogão.

— Ligue o ventilador.

Coloquei o açúcar no balcão e fiz o que ele disse. Demorou alguns minutos, mas o ar começou a clarear, deixando apenas redemoinhos brancos destacados pelo sol persistente. E o cheiro. Era uma mistura de plástico queimado com algo que eu nem sabia nomear, a não ser *nojento*. Depois de colocar a panela arruinada na pia, ele se virou para mim.

— Talvez eu devesse ter mantido este lugar como está. Uma estação de bombeiros.

Não consegui responder. Ele estava sem camisa, apenas com uma toalha enrolada em sua cintura fina. Sua pele era lisa e firme, úmida após um banho quente. Seu cabelo estava penteado para trás — bem preto quando estava molhado — e gotas escorriam por seus ombros e tórax. Seus olhos azuis brilhavam ainda mais intensos, de um tom tão deslumbrante que me

perguntei se a cor foi roubada de um oceano escondido. Mesmo que o odor ainda persistisse, o banho havia tornado seu cheiro mais forte. Era como se tivesse acabado de sair da praia, mas com um perfume dez vezes melhor.

Essa era a primeira vez em que o via assim, quase sem nada. Seus ombros eram largos. Seu peito e abdômen musculosos pareciam esculpidos em pedra. Ele provavelmente tinha sete gomos em vez de seis. A toalha pendia a ponto de deixar à mostra duas reentrâncias profundas em cada lado de seus quadris, formando um V. Uma espessa mecha de cabelo preto espiava pelo tecido. Seus braços pareciam pertencer a uma daquelas revistas fitness. Suas pernas eram longas e magras. Pareciam fortes, mas não muito volumosas.

Uma coisa sobre meu marido — algo que aprendi durante nosso curto período juntos — era que, mesmo quando uma situação se tornava estranha, ele não se importava. Ele parecia me devorar. Meus olhos estavam grudados nele, sem vergonha alguma, e os dele estavam grudados em mim. Ele não tentaria me distrair ou fingir que não sabia o que havia acontecido comigo. Não iria acenar com a panela estragada e dizer *jantar, lembra?* Ele diria *você não está vestindo vermelho e não está na minha cama, então sei o que isso significa. Você ainda não está pronta para me foder.*

Então exploraríamos um ao outro um pouco mais ou faríamos outra coisa. Assistíamos a filmes ou ouvíamos música, ou conversávamos sobre lugares para onde poderíamos viajar ou coisas que poderíamos fazer em casa mais tarde. Ele queria que eu acrescentasse meu próprio toque assim que descobrisse o que desejava. O problema era que estava perfeito desse jeito. Até as roupas, sapatos e joias que ele escolheu para mim e arrumou no armário. Era tudo um sonho que havia se tornado realidade. Talvez ele também fosse — na superfície. Ainda não tinha me puxado para o fundo do poço. Finalmente entendi as palavras que morriam de vontade de sair da minha boca.

— Quando você chegou em casa?

— No momento em que você estava lendo a receita de lasanha *al forno* para... — olhou para a planta no balcão e depois para mim novamente, — Vera II. Ela não é muito de falar.

— Não, — concordei, recostando-me ao balcão. Meus olhos continuavam se desviando para sua toalha a cada segundo. Ele não estava duro, mas havia uma protuberância gigantesca. Não podia fingir que não estava curiosa para saber como era. Como *ele* era. Nu. Respirei fundo e soltei

lentamente: — Ela é uma boa ouvinte, mas não muito fofoqueira.

— Tem algo para desabafar?

— Por quê? Você vai ouvir?

— Não é isso que os maridos fazem?

Uma risada espontânea escapou da minha boca.

— Posso não saber nada sobre vida doméstica, mas *sei* que os homens não são bons ouvintes. Audição seletiva.

— Audição seletiva, — ele repetiu, um tom suspeito em sua voz. — Onde você ouviu isso?

Eu sorri.

— Noite das garotas.

A esposa de Rocco, Rosaria, havia me convidado para me juntar a ela e às mulheres da *famiglia* Fausti em suas noites de garotas. Algumas eram apenas amigas, mas todas eram, em sua maioria, parentes por casamento. Rocco tinha três irmãos. Brando, Dario e Romeu. Brando era o mais velho e o mais intenso. Ele mal acenou com a cabeça quando perguntei se tinha gostado da camisa emoldurada que sua esposa, Scarlett, havia lhe dado. Convidei Keely para vir comigo uma noite, mas ela parecia ter ciúmes de como Scarlett e eu nos dávamos bem. Depois disso, não a convidei novamente porque não queria que as coisas ficassem estranhas.

Quando Scarlett me viu pela primeira vez, ela falou: “*Eu disse que te veria de novo!*”. E então me envolveu em seus braços pequenos e me abraçou. Ela era uma bailarina famosa e, comparada ao marido, tão pequena. Eu não sabia dizer o que havia nela, mas ela me fazia sentir mais leve. Ela me fez sentir como se eu pertencesse ao grupo. Ela e as outras esposas me fizeram sentir como uma família.

A noite das garotas sempre acontecia na casa de uma delas (no próximo fim de semana seria na nossa, no prédio ao lado do Corpo de Bombeiros), e isso deixava Capo tranquilo. Depois do nosso casamento na Prefeitura, ele aumentou nossa segurança. Ele tinha três novos Giovannis, que somavam quatro, e Capo parecia... um pouco nervoso quando estávamos em público.

No entanto, as noites fora eram divertidas para mim. Conversávamos sobre os livros que líamos, algumas das meninas faziam crochê ou tricô, e em algum momento sempre acabávamos falando sobre nossos homens.

Nossos homens.

Meu homem.

Capo era meu.

A verdade dessas palavras roubou minha respiração. Eu era a esposa de alguém.

Dele.

Toquei a aliança em meu dedo esquerdo, um lembrete. *Isto não é um sonho.*

Ele se aproximou, prendendo-me contra o balcão, um braço de cada lado. Sua aliança de casamento tilintou contra o mármore quando ele apoiou as mãos contra a pedra. Estendi a mão e puxei as pontas de seu cabelo úmido. Gotas escorriam por seu peito.

— Sobre o que estávamos falando? — perguntou.

Eu sorri.

— Viu? Audição seletiva. Noite das garotas... Ah. — Comecei a rir. — Você está brincando comigo!

— Você tem que acelerar para acompanhar, Borboleta, — deu um beijo na minha testa.

Borboleta. Ele nunca tinha me chamado assim antes. Só Mariposa.

— Sim, — eu disse, minha voz suave. — Se eu quiser correr com o lobo solitário, preciso melhorar meu jogo.

Sua boca deslizou da minha testa para o nariz; seus lábios macios, mas firmes. Ele beijou a ponte do meu nariz, uma vez de cada lado e uma no centro, antes de seus lábios encontrarem os meus. Como de costume, reagi a ele, faminta por seu toque. Minhas mãos se estenderam para tocá-lo, para trazê-lo para mais perto, e arrastei as unhas de leve ao longo de suas costelas.

Com o leve toque, seus olhos se abriram e me encararam. Quando minhas unhas se moveram para suas costas, meu toque mais forte, ele fez um barulho selvagem em sua garganta e seus olhos se fecharam. Sua língua se moveu mais rápido, mais forte, girando com a minha, e tudo ao meu redor pareceu desaparecer.

Levantando meus braços, ele tirou minha camiseta, uma peça que eu usava porque a cor me lembrava seus olhos. O beijo foi interrompido apenas por um segundo, não o suficiente para me trazer de volta à realidade. Suas mãos espalmaram meus seios, e seus polegares acariciaram meus mamilos. Um som suave e necessitado escapou dos meus lábios. Minhas unhas cravaram em sua pele, querendo mais.

Ele interrompeu o beijo de novo, quase violentamente, movendo sua cabeça para baixo, e a umidade de seu cabelo tocou minha pele

superaquecida. Suspirei quando sua boca substituiu um de seus polegares. Ele me chupou forte, fazendo meu estômago contrair. A pulsação entre minhas pernas queimava, implorando por alívio. Minha calcinha estava encharcada.

— Por favor, — pedi, sem perceber que tinha murmurado as palavras. Só notei depois, mas não importava. — Mais.

— Diga meu nome, Mariposa. O nome que você me deu.

— *Il mio capo*.

Suas mãos abriram rapidamente o botão do meu short jeans. A peça escorregou pelas minhas pernas e me liberei dela com um chute. Fiz o mesmo com a calcinha.

Capo me levantou como uma boneca de pano no balcão, acomodando minha bunda contra o mármore frio.

— Segure firme, — acenou com a cabeça para os meus braços.

Quase sem respirar, apoiei as palmas no balcão. Sua boca encontrou a minha novamente, e foi um belo duelo entre nossas línguas. Um gemido gutural ecoou da minha garganta, e ele pareceu engoli-lo. Então sua boca se moveu para baixo — me fazendo lambe os lábios para prová-lo novamente enquanto minha cabeça se inclinava para trás — e meus olhos se fecharam. Ele me lambeu do pescoço ao umbigo, depois de volta para cima e para baixo novamente.

Meu corpo inteiro parecia estar prestes a explodir. A estilhaçar em um milhão de pedaços. A dor entre minhas pernas não tinha nome. Nem mesmo passar fome parecia ser suficiente. Minhas coxas tremiam em expectativa. A barba por fazer em seu rosto arranhava minha pele, sua língua era exatamente o oposto, e a umidade de seu cabelo ainda deixava uma trilha fresca. Ele afastou minhas coxas e, quando sua boca se fechou sobre mim lá embaixo, tive que pressionar mais forte contra o balcão para me manter firme.

Foda-me. Foda-me. Foda-me.

Nada nunca foi tão bom.

A sensação estava contida em uma área, onde a boca e língua dele faziam sua mágica, mas enviou ondas de choque por todo o meu corpo.

Eu me pressionava contra sua boca, sem nem um pinga de vergonha, seu nome na minha língua.

— Capo. Isto é tão... — sussurrei quando sua mão começou a torcer meu mamilo. — Isto é tão, tão bom, *il mio Capo*.

Era tão bom poder dizer isso. Fiquei traumatizada com o que

Zamboni tinha feito comigo, mas sempre que Capo me tocava, eu respondia ao seu toque sem medo. Minha respiração acelerava cada vez mais. Eu estava ofegante e fazendo barulhos que nunca tinha me ouvido fazer antes. Se ele parasse, eu partiria para a violência.

Ele fazia algo comigo, com aquela boca mágica, que me fez perder o controle. Então, me mordeu com força... lá embaixo. Meus braços cederam, mas antes que eu pudesse desabar para trás, Capo me pegou.

Mantive os olhos bem fechados.

— Estou tão tonta. Isso é normal?

Ele riu baixinho, beijando o topo da minha cabeça.

— Sim. Quando é bom.

— Tão bom, — sussurrei. — Tão, tão bom.

Ficamos assim por um tempo, sem nos mover. Isso foi o mais longe que já havíamos ido. E, embora ainda não tivesse chegado ao vermelho, estava cada vez mais perto do fogo. Eu o queria mais do que tudo, mas havia algo em mim que impedia o ato um pouco antes de ir até o fim.

Zamboni era o principal motivo, mas havia outro também. Só percebi depois de me mudar e flertar com o desejo, tão perto de me entregar a ele. Eu queria que a conexão crescesse entre nós antes de dar a ele meu corpo. O amor não era uma opção, ele deixou isso claro, mas isso não significava que tudo o mais que concordamos não pudesse ser explorado.

Um relacionamento mais profundo. Uma sensação mais profunda de intimidade. Uma lealdade mais profunda. Talvez até uma amizade mais profunda. Talvez eu fosse uma tola, mas precisava sentir mais dele, um pouco mais de calor, para que, depois que tudo acabasse, minha alma não se sentisse tão sozinha. Soaria como uma grande bobagem se eu dissesse isso em voz alta, mas no fundo eu sabia que era verdade. Sua natureza fria podia ser tão dura, às vezes. Nada poderia quebrá-lo, nem mesmo o fogo.

Antes de Jocelyn morrer, ela tentou transformar anos em meses. Uma noite, quando sua mente parecia mais afiada do que o normal, ela me disse:

“— Não há nada mais solitário do que acordar com alguém a quem você deu tudo de si, apenas para perceber que eles deram apenas metade da noite. Vai acontecer e vai doer, mas você vai sobreviver.”

Eu poderia sobreviver a esse arranjo se isso acontecesse entre nós?

Poderia viver sem o amor do tipo pelo qual as pessoas sacrificam suas vidas e almas em romances e filmes, e eu acho que, às vezes, na vida real também, mas eu poderia viver sem sentir... algo mútuo?

A resposta dele não importava, apenas a minha resposta. Minha lealdade a ele era alta, tão alta quanto o céu. Ele havia garantido isso há muito tempo, quando eu tinha 5 anos. Eu viveria com esse arranjo, mas apenas sobreviveria ao sexo.

Ele me encarou por um tempo, então se inclinou e beijou meus lábios.

— Vista-se.

Deu um passo para trás e a toalha fez uma tenda na frente dele. Seu tamanho não parecia... normal. A toalha e o quanto ele estava duro deixavam pouco para a imaginação. E eu imaginei uma cobra. Uma cobra píton enorme. Uma coisa era suspeitar, mas outra era ver o contorno tão de perto. E estava à uma distância ínfima.

Como isso iria caber em mim?

— Vai caber, — ele disse, lendo meus pensamentos. — Seu corpo foi feito para o meu.

Balancei a cabeça, olhando em seus olhos. Minhas unhas batiam contra o balcão. O que ele chamou de *agitarsi* em italiano. *Inquietação*. Parei porque ele não gostava quando eu fazia isso. Capo disse que não havia motivo para eu ficar nervosa. Nunca. Mas se ele tivesse visto o que acabei de fazer pela primeira vez? Também ficaria nervoso.

— Para onde estamos indo? — minha voz soou rouca, como se eu tivesse gritado. Cada parte minha parecia drenada, mas da melhor maneira. De alguma forma primitiva, gostei que ele deixou uma marca em mim, algo mais profundo do que a pele. Ele havia tocado músculos e ossos.

— Ao *Macchiavello's* para jantar. — Ele me examinou nua, exceto pelo meu sutiã de renda, sentada no balcão de mármore. — No entanto, nada que eu colocar na minha boca hoje à noite vai se comparar ao que acabei de comer. — Ele passou os dentes pelo lábio inferior. — *Vieni*. — Estendeu a mão. — Hora de se vestir.



Quando entramos na suíte master, Capo suspirou.

— Diga-me por que você está tão nervosa.

Além do fato de que acabei de ver uma poderosa cobra píton? Eu ia dizer, mas não disse. O gelo que o seguia, às vezes, era espesso. Escolhi ser

honestas sobre outra coisa.

— O... uhm, cara que... bem, não sei o que ele faz. Aquele que sai correndo para te encontrar quando você chega no restaurante. Ele foi meio mal comigo.

Esta seria a primeira vez que comeríamos em seu restaurante. O cara desbocado, Bruno, que me disse que iria me esmagar como um inseto, era meio difícil de esquecer. Ele me lembrou Zamboni. E os mesmos sentimentos de vergonha foram direto para minha alma como ácido.

Capo parou, de repente, e eu quase me choquei contra suas costas. Ele soltou minha mão e se virou para mim. Quase dei um passo para trás, mas não o fiz. Sua intensidade podia ser ameaçadora, às vezes, mas uma coisa boa na noite das garotas foi que aprendi que não era só o Capo. Todos os homens naquele círculo pareciam ser semelhantes dessa maneira.

“— *Fique firme*, Scarlett me disse. — *Você é tão poderosa quanto ele.*”

Seu conselho passou pela minha cabeça, mas continuei vendo um cervo fugindo de um lobo. Olhei para sua tatuagem e depois para seu rosto, grata por ele ter me chamado de Borboleta, não algo que era uma presa.

— O que você quer dizer? — sua voz soou severa. — Meio maldoso. Ou é “*sim, ele foi mau comigo, Capo*”, ou “*não, ele não foi mau comigo, Capo*”. Não há meio-termo, Mariposa. Use todas as suas palavras comigo.

Ótimo. Ele estava jogando minhas palavras de volta para mim, as que proferi na casa do Harrison. Entrelacei minhas mãos, à frente, e estalei os dedos.

— Não é tão simples assim. Talvez eu estivesse fazendo algo que não deveria. Não sei por que você o contratou. Se fosse para afugentar estranhos de sua janela, para não assustar os clientes, então “*não, ele não foi mau*”. Estava apenas fazendo seu trabalho, mostrando dentes afiados e grandes garras. Se ele não deveria fazer as pessoas pobres se sentirem envergonhadas por não poderem comprar um bife em um restaurante caro, então “*sim, ele, definitivamente, foi mau comigo*”. Esquece essa palavra. Foi um babaca.

Ele estudou meu rosto por um momento.

— Por que você foi para o *Macchiavello's*? Nosso restaurante. Você se lembrou de alguma coisa?

Ele fez questão de dizer “nosso” de uma maneira firme, para que eu aceitasse seu negócio como meu. Era difícil quando, na metade do tempo, tudo isso ainda parecia um sonho. Balancei a cabeça.

— Não. Eu costumava passar algumas vezes por lá quando ia para a *Home Run*. Dá pra ver do lado de fora as pessoas comendo. Sempre tinha um cheiro gostoso no ar. Eu estava com fome. — Dei de ombros. — Ninguém nunca saiu com sobras, então imaginei que o bife devia valer um rim.

Ele balançou o queixo, assim como eu fiz do lado de fora de seu restaurante quando Bruno me deu trabalho.

— Faz sentido agora. Porque você disse o que disse.

— Depois que parei de sentir vergonha, fiquei com raiva. Seu cara me irritou.

— Você sempre voltava.

— Não sei por quê. Você me deixou... curiosa. — Mordi o lábio, mas parei quando ele estreitou os olhos. — Você se lembrou de mim, então?

— Você parecia familiar, mas não, não totalmente. Você cresceu.

— Um pouco. — Eu sorri, mas foi fraco. — Foi um inferno chegar aos dias de hoje.

— Mariposa. — Tocou meu queixo e depois beijou meus lábios suavemente. Então ele pegou minha mão de novo e me levou para o enorme armário.

Demorou apenas alguns minutos para encontrar o que procurava, no seu lado. Mesmo que tudo estivesse organizado, roupas casuais, inverno, primavera, verão e outono, demorei para encontrar as coisas no meu lado.

Eu ainda estava remexendo, tentando encontrar a roupa certa, quando ele me disse para encontrá-lo em seu escritório quando eu terminasse. Ele usava um terno preto com uma camisa branca e uma gravata preta. Ele parecia um gângster dos anos 20. Todos os seus ternos eram escuros, pretos ou azul-marinho. Por alguma razão, a visão dele me lembrou da tatuagem em seu braço — escuridão total, exceto por aqueles olhos azul-claros.

Alguns homens fazem isso tão fácil. Dez minutos e... pronto.

Suspirei, empurrando os muitos cabides até chegar a um vestido de chiffon preto enfeitado. A franja parecia uma cascata de água à noite; as bordas com pontas prateadas, como se o luar as tocasse. Tinha um efeito *ombré*. Segurando o vestido junto ao meu corpo, vi que o comprimento parava pouco acima dos joelhos. Era elegante e sexy ao mesmo tempo.

Demorei um pouco para fazer a maquiagem e cabelo. A equipe de Sawyer me ensinou como fazer as duas coisas. Mantive o tom mais suave nos olhos, mas optei por batom vermelho-sangue. Enrolei meu cabelo, mas não fiz cachos completos. Deixei ondulado. Depois, me besuntei com o creme

que Capo tanto amava e borrifei o perfume. Então me vesti.

Três pulseiras de ouro branco incrustadas de diamantes e safiras, e um par de brincos combinando quase completaram o traje.

— *Foda-se*, — exalei.

Eu esperava que as joias no bracelete não fossem reais. Eu já tinha que me preocupar o suficiente com o anel no meu dedo esquerdo. Talvez eles simplesmente cortassem meu pulso e acabassem com isso. Eles podiam até ir atrás das minhas orelhas se notassem os brincos.

Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos chocantes — *esta era a minha vida* agora —, e encontrei um sapato preto de salto alto que deixava meus pés lindos.

Tudo pronto.

— Mariposa... — Capo parou quando nos encontramos no “corredor” do closet. Foi a primeira vez que eu realmente me arrumei desde que nos casamos. Gostei de como ele olhou para mim, como quando abri meu roupão e mostrei a ele meus bens, na noite de nosso casamento na Prefeitura.

— O que você acha? — Eu me virei um pouco para ele. — Bom o bastante?

Queria deixá-lo orgulhoso enquanto me postava em seu braço. Queria parecer bem, *não*, deslumbrante para ele. Nunca pensei que usaria eu e *deslumbrante* na mesma frase, mas as coisas mudaram. Esse homem era tão bonito que, às vezes, era difícil recuperar o fôlego. E ele havia me escolhido. A garota com a *schnozzola* de formato estranho.

— *Sbalorditiva*. — Ele arrastou os dentes pelo lábio inferior. — Você me deixa orgulhoso, Mariposa.

Sbalorditiva. Eu sabia o que a palavra significava, sem que Capo tivesse que traduzir. Esplêndida. Houve momentos em que eu não tinha ideia do que ele estava dizendo, mas em outros, sim. Era estranho entender palavras que eu nunca tinha ouvido, em um idioma diferente, mas de alguma forma saber seu significado. Então a última parte de seu elogio veio à minha mente. *Você me deixa orgulhoso*.

Antes que eu pudesse dizer algo estúpido, ele levou minha mão à boca e deu um beijo suave em meus dedos.

— Não mereço seu tempo ou companhia, mas independentemente disso é meu. Para o resto da minha vida.

E com isso ele entrelaçou os dedos aos meus e saímos.



O carro de Capo parou suavemente em seu lugar reservado na frente do *Macchiavello's*. Ele dirigia seu Mercedes AMG Vision Gran Turismo. Era todo prateado e elegante, parecia o carro do Batman. Imaginei que era o que ele pretendia, já que morávamos no que parecia ser uma Batcaverna.

Na nossa chegada, algumas pessoas pararam para olhar. Sempre que ele estacionava um de seus carros, parecia causar um rebuliço. Ou talvez fosse Capo. Ele causava a agitação. Mas sua impressionante coleção de veículos parecia ser a única coisa que se dava ao luxo de fazer o suficiente para chamar a atenção. Não combinava exatamente com seu estilo de vida recluso, mas eu estava descobrindo que não podia assumir nada com ele.

Capo desceu, ignorando os homens que apontavam para seu carro, e caminhou para o meu lado para abrir a porta, ajeitando o botão do terno antes de fazê-lo.

Hesitei, esperando que Bruno aparecesse. Não esperava que ele fosse mau comigo como da última vez — afinal, eu era a esposa de seu capo —, mas esperava que ele não cuspsse no meu bife enquanto o trazia da cozinha.

— Venha, — Capo disse, estendendo a mão.

Coloquei a minha na dele, e as luzes do *Macchiavello's* captaram todas as minhas joias, fazendo os diamantes e safiras brilharem contra a minha pele. Meus saltos ecoavam contra a calçada em uma bela melodia. Dessa vez, em vez de a lixeira agredir meu nariz, sua colônia e meu perfume pareciam flutuar no ar, acariciando-o. O cheiro de bife intensificava à medida que nos aproximávamos da porta. Meu estômago roncou, pronto para atacar alguma coisa.

— Tem certeza de que não preciso vender um rim para isso? — brinquei.

Ele levantou meu braço e deu um beijo firme em meu pulso.

— Acho que você já vendeu o suficiente. Você está fora do mercado, Mariposa. Você pertence a mim. Ninguém vai tocar em você, muito menos em algo tão valioso quanto um rim.

Na porta, um homem esperava, vestido com o melhor terno, e mantendo-a aberta.

— Sr. Mac. — Ele assentiu. — É um prazer vê-lo esta noite.

— Sylvester. — Capo assentiu e então me puxou para frente, acomodando a mão viril na parte inferior das minhas costas. Seu toque era quente, suave e tão firme quanto o beijo. — Minha esposa, — apresentou. — Mariposa Macchiavello.

O homem segurou minha mão e a apertou levemente. Então me parabenizou, me chamou de Sra. Macchiavello e depois nos conduziu para longe da porta.

— Sylvester é o gerente noturno, — Capo informou.

Enquanto seguíamos, Capo e Sylvester falavam em italiano, e pude entender algumas coisas. A conversa deles foi sobre o restaurante. Assuntos de negócios. Mas não pude deixar de notar como todos os funcionários estavam olhando para mim — com olhares nervosos. Os clientes eram diferentes. Estes olharam para mim com curiosidade explícita.

Quem era essa garota comum andando ao lado de um homem tão poderoso?

Em vez de me concentrar na merda que estava acontecendo ao meu redor, decidi saborear a experiência. Lembrei-me do quanto queria isso, o *bife*, e decidi fazer da minha primeira visita a melhor.

O restaurante era tão elegante quanto imaginei que seria, mas também era romântico. Algumas paredes expunham o que imaginei serem os tijolos da construção original, enquanto outras eram pintadas de vermelho-escuro. As cadeiras e mesas eram pretas, e os candelabros de bronze sustentavam velas cintilantes. Cada mesa continha uma única rosa branca em um vaso de cristal.

O bar ficava do outro lado, uma seção totalmente diferente do prédio. Pelo que pude ver, as prateleiras estavam cheias com centenas de frascos brilhantes de formas únicas. A área me lembrou dos antigos bares clandestinos dos quais Pops costumava me contar histórias. Todo aquele lado tinha paredes de tijolos como as do restaurante. O chão era de mármore listrado de preto e branco. Algumas mesas foram colocadas em torno de uma pequena pista de dança.

Homens e mulheres com roupas caras sentavam-se ao longo do bar, em cadeiras vintage de couro. Alguns deles estavam virados uns para os outros, a conversa fluindo, o riso se elevando sobre a música suave. Um homem usando gravata preta estava sentado a um piano de cauda no canto, tocando o instrumento e cantarolando baixinho.

Os cheiros... me deixaram com água na boca. Também não era

apenas bife. Molhos e vinhos ricos pairavam no ar. Abaixo da superfície, algo doce circulava. Eu cheirei com mais força. Chocolate, e isso me lembrou o aroma do *The Club*.

Sylvester parou em uma porta que realmente não parecia uma. Era de tijolo, combinando com a parede, e apenas um anel dourado se projetava dela. Ele a abriu, revelando uma sala enorme. Uma mesa que provavelmente poderia acomodar quarenta pessoas se situava no centro. O cheiro do cômodo era muito doce, como chocolate novamente, mas ainda mais forte, e as velas faziam o espaço parecer mais cálido. Mais rico. Mais sexy. O brilho dos diamantes em minhas mãos e pulsos suavizou quando entramos. Assim como o vestido. O chiffon parecia brilhar, a luz refletia na prata e faiscava.

Essa sala era parecida com o restaurante, mas em menor escala. Era um ambiente íntimo. A música tocava aqui, transmitida por um alto-falante em algum lugar. O que chamou minha atenção em seguida me fez andar mais para olhar para fora. Não era uma janela, mas, sim, um pedaço quadrado de vidro. Eu podia ver o restaurante inteiro.

— Nós podemos vê-los, mas eles não podem nos ver aqui dentro, — Capo falou, andando atrás de mim, olhando para o seu mundo.

— O espelho? — cogitei.

Eu tinha notado quando entramos, mas realmente não pensei em nada disso. Era chique, com detalhes de bronze ao redor, mas era apenas um espelho. *Aparentemente, não*. Era uma forma de ele observar sem que ninguém soubesse.

— Você é perspicaz, — ele elogiou.

— Na verdade, se eu não tivesse visto esta sala, provavelmente teria me certificado de que meu batom ainda estava retocado quando eu passasse por perto.

Ele riu bem baixinho, e sua respiração se espalhou pela minha pele, fazendo meus braços se arrepiarem. Seu peito pressionou minhas costas, e eu tive vontade de me inclinar para trás e repousar a cabeça contra ele.

— Para que você usa este cômodo?

— Festas privadas, mas exclusivas.

— Exclusivas, — eu repeti. — Como para os Fausti?

— Sim. — Ele me virou em direção à mesa e então puxou uma cadeira para mim. Estava ao lado da cadeira na cabeceira da mesa. Seu lugar. Ele se sentou e olhou para mim depois que o fez. — Então, o que você acha, Mariposa? Faz jus à fama?

— É lindo, — eu falei. — Mas preciso daquele bife primeiro para ter certeza.

Ele sorriu para mim, seus olhos de um azul mais profundo sob essa luz. Safira, da mesma cor das joias do meu pulso.

— Deve ser bom ser você, — suspirei dramaticamente. — Você é dono de um dos melhores restaurantes de Nova York.

— Você também, — ele lembrou. — E, apesar de gostar da comida daqui, meu lugar preferido é a *Mamma's Pizzeria*. Mas não conte para minhas tias quando chegarmos à Sicília. Elas vão querer minha cabeça em uma bandeja. Algumas das receitas que usamos aqui são delas, aquelas que nunca mudam. Quem trabalha na cozinha tem que jurar segredo. Tão sério quanto a *omertà*.

— *Mammas's*? Sério? Comparado a isso?

Já estive no *Mamma's*. Você pode comprar uma fatia enorme de pizza por três dólares, ou uma refeição inteira — salada, bebida e uma fatia — por cinco. Era o paraíso dos pobres.

— Você já foi?

— Sim. Fui com Keely e Harri... — Ao olhar em seu rosto, parei. Seus olhos se estreitaram e seus lábios se tornaram severos. — Já fui.

— Vamos um dia. De moto. Você vai comer aqui hoje à noite e então vamos comparar depois de irmos ao *Mamma's*.

A moto. Ele tinha algumas bem diferentes, mas me mostrou uma especial e disse que me levaria para um passeio algum dia. Parecia elegante e supaveloz. Eu concordei, porém apoiei a mão em um carro. Nem sei qual era. Ele apenas sorriu. Acho que encarou isso como um desafio.

Uma garota vestida com um elegante terninho preto entrou na sala segurando um copo cheio de líquido dourado. Ela colocou um guardanapo e depois o copo na minha frente.

— Aproveite, Sra. Macchiavello.

Ela nem olhou para mim e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, como: “*O que é isso?*”, ela se foi.

— O que é isso? — perguntei ao Capo em vez disso. Eu tinha visto uma mulher no bar com essa bebida.

Capo explicou que era um coquetel chamado “o príncipe dourado”. Ele achou que eu iria gostar, então tomou a liberdade de pedir para mim com antecedência. Tomei um gole e me apaixonei.

Pousando-o com cuidado, eu disse, brincando:

— O quê? Nenhum coquetel com meu nome? — Bebi um pouco mais. — Isto é delicioso.

Ele sorriu e, quando a mesma garota voltou, disse a ela para trazer a bebida mais popular do cardápio do bar. Ela voltou alguns minutos depois com uma bebida azul-escura em um copo que tinha uma borboleta em tom azul-claro na borda. A borboleta era feita de açúcar.

— Sêrio? — Eu ri. — Você está brincando!

— Parece que um homem não pode ter segredos perto de você, — ele piscou. Então se virou para a garota. — Diga à minha esposa qual é o nome dessa bebida, Liza.

— Claro, Sr. Mac. — A mulher chamada Liza, com um elegante corte de cabelo, virou-se para mim. — Essa é a nossa Mariposa, a bebida mais pedida do cardápio.

A Mariposa era doce. Eu honestamente não consegui decidir de qual gostei mais. E então vários garçons começaram a entrar na sala, um após o outro, entregando bandeja após bandeja de comida. Quando terminaram, a mesa inteira estava cheia de pratos fumegantes. Parecia que todos os itens do menu haviam sido pedidos.

— Como vamos comer tudo isso? — Examinei nosso bufê privado. — Estamos esperando mais pessoas?

— Você pode experimentar um pouco de tudo. — Ele acenou com a mão casualmente, como se não fosse grande coisa. — Eu os fiz servir tudo no estilo familiar. Assim podemos pegar o que quisermos e não mexer nas sobras.

— Entendi. — Meu corpo estava quente por causa das bebidas. — Mas isso é muita comida. Não quero que vá para...

Ele pegou minha mão e apertou.

— Vamos doar para as pessoas necessitadas depois. Vou mandar nosso pessoal embalar para viagem.

— Ok, — assenti com a cabeça. — Vamos comer.

A conversa foi leve enquanto comíamos. Foi um banquete digno de uma rainha. Era assim que Capo me fazia sentir. Ele me encorajou a experimentar um pouco de todos os pratos. O bife *valia o rim*, mas, honestamente, o segundo prato foi o que me fez pensar em sacrificar meu precioso órgão. Eu me apaixonei pela massa recheada com molho de creme e carne de caranguejo com limão. Valia um rim e um pouco de sangue.

Capo até me deu uma ou duas garfadas depois que eu o provar do

meu prato. Estava tão envolvida com o êxtase da comida, que nem pensei nele comendo aqui antes ou sendo dono do lugar. Éramos apenas nós dois, o resto do mundo em silêncio, embora eles passassem pelo espelho constantemente. Havia tantas pessoas tentando se olhar quando passavam sem realmente querer que os outros percebessem.

Capo deu uma risada gutural quando eu o chamei assim — um olho mágico.

Depois dos pratos principais, ele sugeriu que dançássemos, pois pediu que a sobremesa chegasse um pouco depois do jantar. A dança neste lugar era diferente da maneira como as pessoas dançavam no *The Club*. Uma banda de jazz havia começado, acompanhada por uma mulher que cantava com uma voz maravilhosa. Capo me ensinou alguns passos, já que eu não tinha ideia do que estava fazendo. Ele era suave e surpreendentemente um bom professor.

Eu sabia que sempre me lembraria do quanto ri naquela noite.

— Onde você aprendeu a dançar assim? — perguntei, quase sem fôlego quando ele puxou meu assento novamente na sala exclusiva. Fiquei surpresa ao ver que a mesa ainda estava cheia com a comida do jantar. Achei que, depois que ele mencionou a sobremesa, estaríamos comendo isso em breve.

Ele voltou a se sentar.

— Minha mãe.

— Você não fala muito sobre ela. — Ele raramente falava sobre alguém da família. Eu sabia que seu avô estava na Itália, e que tinha um tio (citado quando ele falou quem sabia do quartel secreto) e tias (pois os havia mencionado naquela noite), mas fora isso ele não mencionou mais ninguém.

— Ela morreu quando eu era mais jovem.

— Parece que temos algo em comum então, — eu falei.

— Parece que sim.

Nossos olhos se encontraram. Lentamente, oh, tão lentamente, ele se aproximou e depositou um beijo em meus lábios. Quando abri os olhos, ele estava me observando com uma expressão que não consegui explicar. Quando alguns garçons entraram novamente, sentei-me, um pouco tonta.

— Sr. Mac? Você está pronto para eu retirar isso...

Foda-se. Era Bruno. Eu nem tinha percebido que ele entrara na sala. Presumi que Capo havia lhe dado a noite de folga, ou talvez ele só trabalhasse durante o dia. Capo disse que Sylvester era seu gerente noturno.

Eu só tinha visto Espertinho durante o dia. Nunca tinha vindo aqui à noite. Em vez de um terno fino, como de costume, ele usava um traje de limpeza. Algo vermelho estava manchado em sua testa.

Ao me ver, ele parou. Mesmo com roupas bonitas, joias caras no dedo, no pulso e nas orelhas, ele me reconheceu. O choque em seu olhar veio e passou em um piscar de olhos, então foi substituído por frieza.

Ele disfarçou bem quando Capo chamou seu nome e depois me apresentou como sua esposa. Bruno enxugou as mãos no avental sujo e foi estender a mão para mim, mas Capo balançou a cabeça, levando a bebida aos lábios, sem sequer olhar para o homem.

— Suas mãos estão sujas. Sujas demais para tocar em minha esposa.

Minhas bochechas queimaram e eu desviei o olhar. Eu sabia o que Capo estava fazendo. E odiei isso. Isso só chamou a atenção para algo que eu não queria reconhecer.

— Claro, Sr. Mac, — Bruno disse, sua voz era débil. — Eu não estava pensando. — Então o tom baixou ainda mais: — Gostaria de falar com você sobre minha posição. Não sei...

— Estou jantando com minha esposa, — Capo o interrompeu e tomou outro gole de seu uísque. — Falaremos de negócios mais tarde. Agora, você tem um trabalho a fazer. E é limpar esta mesa. Quero impecável. Depois, você ajudará Emilio a encaixotar as sobras. Então procurará nas ruas as pessoas mais famintas que puder encontrar. Você vai alimentá-las.

— Sim, senhor. — Bruno começou a tirar tudo o que não havíamos comido, e eu tentei evitar seu olhar e sua proximidade quando ele se aproximava para pegar um prato ou talheres.

Aquilo foi tão constrangedor que eu queria dar um chute na canela de Capo com meus saltos afiados. Quem ele pensava que era? O rei de Nova York? Ele não podia reagir dessa maneira sempre que alguém era mau comigo. Além disso, isso fez eu me sentir ainda pior. Isso lançou uma grande luz sobre o que havia sido feito e provou a Bruno que ele havia me atingido. Ele me fez sentir pequena. Insignificante.

Sempre que um garçom entrava, Capo o dispensava. Ele queria que Bruno cuidasse de tudo sozinho enquanto eu me mantinha ali sentada, observando, como se isso me fizesse sentir melhor. Depois que todos os pratos foram retirados e Bruno limpou loucamente, polindo a mesa chique, ele chegou perto o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro de lixeiras nele. Uma migalha perdida caiu no meu colo e ele se desculpou, mas, quando

olhei para o seu rosto, me lançou um olhar frio. Quando encarei Capo, ele estava olhando para frente novamente, mordendo o lábio inferior.

Um segundo depois, Capo estava fora da cadeira, a pesada madeira tombada no chão, e ele tinha Bruno preso contra a parede. Alguns garçons entraram trazendo sobremesas, Sylvester logo atrás deles, e quando percebeu o que estava acontecendo, enxotou os garçons e fechou a porta. Os garçons e Sylvester estavam agrupados em um canto escuro, observando.

Eu me levantei, com os punhos cerrados, sem saber o que fazer. A voz de Capo soava baixa, porém compreensível. Ele estava dizendo a Bruno que sabia o que tinha feito comigo quando eu estava na rua e quando ele estava limpando a mesa, e se o visse olhar para mim outra vez, ele o destruiria. Olhei para os garçons. Nenhum deles sequer olhava para mim. Não me admirava. Estavam com muito medo.

Sem fazer barulho, saí da sala, passei pela área de jantar e pelo bar e saí pela porta da frente. Giovanni apareceu do nada, me chamando para esperar Capo, mas recusei. Não parei até Capo me agarrar pelo braço com força.

Seus olhos quase brilharam na escuridão, parecendo assassinos.

— Para onde diabos você pensa que está indo?

— Não sei! Mas preciso de um pouco de espaço.

— Espaço, ah?

Ele pegou meu braço, levando-me para fora do caminho do tráfego de pedestres. Havia um bar na esquina, onde televisores que exibiam uma variedade de jogos cobriam as paredes. Uma televisão mostrava as notícias.

Consegui afastar meu braço de seu agarre quando estávamos ao lado do bar.

— Espaço, Capo. Você precisa da definição da palavra? — Maldito Caspar. Sua cláusula de definição me pegou.

Capo deu um passo para trás, olhando para mim.

— Espaço, — ele soletrou a palavra. — Posicionar (dois ou mais itens) distantes um do outro. Sei muito bem o que significa a palavra, Mariposa. O que eu não sei é por que você quer isso.

— Babaca, — retruquei. — Você sabe a definição dessa?

— Você está testando minha paciência.

Aaah, queria dizer, mas não disse.

— Você me envergonhou! — gritei. — Ninguém, nem mesmo Bruno, jamais me fez sentir tão pequena. — Comecei a andar em círculos,

girando a aliança no dedo. — Não sou melhor do que aquelas pessoas que servem a você e agora estão com medo de olhar para mim! Eles estão se comportando como se eu fosse alguém. Quando não sou. Eu não sou... — Estendi meu braço. — Não sou você. E aquele idiota do Bruno? Você basicamente deixou claro que ele fez me machucou!

— Sim.

— Então? Ele não sabia disso! Não até esta noite!

— Como seu capo, — ele retrucou para mim, — eu protejo você. Se alguém tocar em uma das garotas do *The Club*, haverá consequências.

Não sou uma de suas funcionárias; sou sua esposa!, queria gritar. Mas, um segundo depois, percebi quão errado era pensar nisso, quanto mais dizer em voz alta. Era mentira. Ele era meu capo. Eu até gravei isso no anel em seu dedo para provar.

Ele continuou, sem perder o ritmo:

— A maioria das pessoas sabe bem, mas tem aquelas que não entendem rápido o suficiente. Você é minha esposa. Sua carne, sangue e ossos pertencem a mim, assim como seus sentimentos. Alguém te machuca. Eles me machucaram. *Capisci?* Eu caço apenas para você. E lembre-se sempre disso, Mariposa. “*É melhor ser temido do que amado, se você não pode ser ambos.*” As pessoas vão temer você. Por quê? Eles me veem parado atrás de você. Eu não me acovardo. Não me curvo. Não me ajoelho para nenhum homem nesta Terra.

Desviei o olhar dele por um segundo. Meus olhos captaram a tatuagem em sua mão. Tudo o que ele disse, de repente, fez sentido — por que fez questão de ostentar a marca permanente em seu corpo. *Eu não me acovardo. Não me curvo. Não me ajoelho para nenhum homem nesta Terra.* Aquele era meu marido. Todo ele. Ele nunca tinha feito nada para me fazer acreditar no contrário.

— Todos eles sabem com quem você é casado agora, — eu sussurrei. *Uma garota das ruas. Uma menina que não tem nada a oferecer, só ganhar.* Ninguém sabia sobre esse arranjo, então do lado de fora parecia unilateral.

— Mariposa, — ele chamou. — Foi com ela que me casei. A garota que tinha um drinque no cardápio antes de aparecer na porta.

— Você deu o meu nome à bebida antes de nos casarmos?

— Foi o primeiro item do cardápio. Não dei nome a nenhum dos outros.

— Por quê?

— Um lembrete. — Mais uma vez, não consegui decifrar a expressão em seu rosto. Ele ainda estava chateado, mas parte do gelo havia derretido. Quando não consegui mais sustentar seu olhar, me afastei dele, olhando para a janela do bar esportivo. Meus olhos se estreitaram em uma faixa de notícias passando na parte inferior da tela.

Últimas notícias.

Uma imagem brilhou na tela.

Quillon Zamboni encontrado morto. Estrangulado.

No final, ele não conseguiu respirar.

Nem eu.

A mão de Capo tocou meu ombro e eu olhei para ele. Ele afastou minha mão que agora cobria a boca aberta em choque.

As pessoas vão temer você. Por quê? Eles me veem parado atrás de você.

Meu marido era o grande lobo mau, rosnando para quem chegasse perto demais. *Eu caço apenas para você.*

Engoli em seco, sentindo como se minha garganta estivesse se fechando, mas o ar ao meu redor se moveu e entrou em meus pulmões.

— Capo, — seu nome saiu firme, embora eu não sentisse nada. — Você conhece um cara chamado Merv?

— Conheci. Brevemente. — Desta vez ele desviou o olhar para a tela, o rosto inexpressivo. — Eu deveria ter contado a você. Vera II é, na verdade, Vera I. Ela foi um presente de boas-vindas. Essas plantas parecem ter raízes de aço.

Respirei fundo e suspirei. Então, com a mão trêmula, deslizei a minha por entre a dele.



CAPÍTULO 14

Mariposa

Nova York se tornou um campo de batalha ao qual sobrevivi por muito tempo. Cada som era um grito de guerra. Cada temporada dava motivos para correr e me esconder, por conta de algum elemento desconhecido vindo em minha direção. Cada cheiro era sangrento. Cada visão era alguém lutando para viver.

Itália, *Itália*, era a terra prometida depois da longa e cansativa luta.

Cada som era musical. Um amigo chamando o outro, algo em italiano que parecia acalorado, mas na verdade era uma brincadeira amigável. O verão parecia uma brisa quente da noite contra minha pele. Cada cheiro trazia a promessa de alguma comida nova para experimentar. Cada visão era pacífica. As pessoas conversavam e riam na praça, tomando sorvete e curtindo a vida.

Nunca me senti tão cansada, mas tão viva ao mesmo tempo.

O voo de Nova York foi longo e mal consegui dormir, então oscilei em meus pés, recusando-me a me mover. Mas não fiz isso por causa do cansaço. Puxei as alças da minha mochila.

— Você não me disse que eu precisava me vestir para isso.

Capo me lançou um olhar impaciente.

— O que você está usando está bom.

Olhei para mim mesma. Um lindo vestido de verão azul e um par de sandálias de couro com tiras cruzadas. Vendo que eu estava tendo problemas para saber o que escolher, Capo me ajudou a decidir o que levar para a Itália para nossa longa estadia. Adorei tudo na minha mala, parecia que combinava com o clima aqui, mas ele não me disse que iríamos em uma espécie de motocicleta para a casa do avô em Piazza.

— Por que você não pediu para o carro esperar? Aquele cara está com a minha bagagem. Como vou andar *nisso* se estou usando *isso*? Não posso mudar agora.

Um carro que parecia capaz de sobreviver a um bombardeio nos trouxe do aeroporto particular, e o motorista levou todas as minhas coisas com ele depois que nos deixou. Capo ergueu os óculos e os colocou no topo da cabeça. A luz brilhante atingiu seus olhos, e o azul parecia explodir como um vitral quando o sol incidia. Ele estava vestindo uma camisa justa que marcava todos os seus músculos impressionantes, um jeans escuro e botas de couro. A tatuagem em seu pulso parecia ainda mais feroz quando ele não estava vestindo um terno e seu braço inteiro estava à mostra. Seu relógio antigo parecia exatamente com... um relógio antigo. Mesmo que fosse caro.

— Use todas as palavras, Mariposa. Você está com medo?

— Não, não exatamente. — Hesitei, mas apenas por um segundo. — Não quero machucar minha *Gina*.

— Sua mochila? Vai ficar tudo bem.

— Não é minha mochila, Capo. Quem nomeia uma mochila? Minha *Gina*.

Seus olhos se estreitaram.

— Você nomeia merdas o tempo todo. Vera. Jornada. Achei que sua mochila também tinha nome. Então, se não é sua mochila, do que você está falando? E por que iria doer?

Apontei para baixo.

— Esta é minha *Gina*.

Ele seguiu a direção do meu dedo.

— Não estou entendendo.

— Minha vagina, — sussurrei.

Suas feições relaxaram, depois ficaram em branco antes de explodir em gargalhadas.

— *Gina*? Onde você ouviu isso? Ou é algo que você inventou?

— Não! — Eu estava na defensiva. — Jocelyn. Era assim que ela se referia! Ela me disse para ter cuidado com motos, pois elas podem machucar minha Gina. Depois do que aconteceu com... Zamboni, não quero... talvez... estragar o que ainda pode estar intacto.

Zamboni tinha usado seus dedos em mim, então eu não tinha certeza se ele tinha feito alguma coisa para me prejudicar — minha menstruação desceu naquela noite. Se não tivesse, era importante compartilhar essa parte de mim com alguém em quem eu confiava. Significaria muito saber que ele não me alterou fisicamente. Porque emocionalmente ele causou algum dano.

Com a menção de Zamboni, toda a diversão desapareceu do rosto de Capo. Não queria tocar no assunto, mas ele insistiu e eu precisava ser sincera sobre o motivo para hesitar em andar de moto. Não querendo que Zamboni tivesse o poder de arruinar nosso tempo — *minha primeira viagem à Itália!; para qualquer lugar* —, decidi tentar aliviar o clima. Eu sorri.

— Jocelyn costumava me observar da janela panorâmica quando eu brincava do lado de fora com os Ryan. Sempre que eu usava um vestido e ela achava que eu estava ficando muito “solta”, batia na janela e gritava: “Mari! Mantenha seu vestido para baixo, ou toda a vizinhança vai ver sua Gina”. Então ela batia um pouco mais. A vizinhança inteira achava que ela era maluca.

— Ela era, mas era uma boa pessoa.

— Jocelyn e Pops me trataram como se fosse deles.

— Sabia que iriam. Jocelyn sempre quis filhos, e o Sr. Gianelli amava crianças. Sabia que você estaria segura lá.

— Sim. — Soltei um suspiro, abanando algumas pequenas mechas de cabelo que haviam se soltado de minha trança cascata. Murmurei algo sobre o quanto sentia falta deles em italiano. Capo me observou por um momento.

— Acho que a razão pela qual você se lembra tanto do italiano, reconhecendo as palavras, é porque era como seus pais conversavam com você. Quando levei você para Jocelyn, ela só falava com você em inglês. Eles não queriam que ninguém soubesse que você falava italiano.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, mas pensar nos pais que nunca conheci fez meu coração pesar. Capo pareceu perceber.

— Estamos na Itália. Tudo o que pertence a Nova York fica em Nova York. — Ele passou o braço em volta da minha cintura, me puxando para mais perto. — O que você diz, *mia moglie*, está pronta para andar comigo? Prometo não machucar sua Gina. — Seu sorriso era largo. — Está segura sob

meus cuidados. E nem todo bairro ou *villa* verá isso. Sente-se perto de mim para que seu vestido não fique esvoaçando. Nós dois sabemos como me sinto sobre compartilhar o que é meu. Eu não compartilho.

Eu ri de quão ridículo soava *Gina* saindo de sua boca. Mas ele estava certo. A Itália era perfeita demais para desperdiçar com coisas que não podiam ser mudadas.

— Você? Compartilhar? — zombei de brincadeira. — Nem em um milhão de anos.

— Você não me respondeu, Borboleta.

— *Si! Facciamolo! — Sim! Vamos fazer isso!*

Capo me soltou, passando a perna por cima do assento. Sentei-me atrás dele, grudando às suas costas como cola, e ele me entregou um capacete assim que me acomodei. Ele ligou a moto e eu podia senti-la vibrando sob as pernas. Enlacei sua cintura com firmeza.

Ele me levou em um passeio panorâmico pela cidade por um tempo antes de começarmos a nos dirigir para os arredores. De vez em quando parávamos em um semáforo, mas, quanto mais longe íamos, em menos semáforos parávamos. Ele ganhou velocidade e eu quase gritei para ele ir mais rápido.

Estava totalmente livre. Sem qualquer preocupação no mundo.

Rodamos por um tempo, seguindo estradas sinuosas. Enormes montanhas ao longe ficavam cada vez mais próximas, mas finalmente chegamos a uma entrada que parecia ter cinco quilômetros de extensão. Centenas de árvores ladeavam o caminho em ambos os lados. Os trabalhadores estavam fora, colhendo frutas. Caixotes transbordavam de limões e laranjas sanguíneas. Capo me disse que sua família possuía pomares de frutas cítricas.

Um pouco mais abaixo na estrada havia um portão e, além dele, o terreno se abria e dava acesso a uma enorme *villa* no centro. Era bege com persianas verdes e um telhado combinando. Duas outras *villas* ficavam de cada lado da principal, mas eu não tinha certeza se eram lugares onde as pessoas viviam ou outra coisa. Pequenos caminhos ladeados por vegetação levavam de um lugar a outro. O cheiro de chocolate era forte no ar.

Antes de pararmos, as pessoas começaram a sair da *villa* principal.
Um monte de gente.

— Ah, merda, — murmurei.

Achei ter ouvido Capo rir, mas não tinha certeza. Meu coração

começou a bater rápido e meu estômago despencou. Nunca me passou pela cabeça que a família dele pudesse ser grande. A julgar pelo número de pessoas saindo pela porta, eles precisavam de todos os três lugares para dormir.

A organizadora do casamento nunca mencionou quantos convidados iriam comparecer. Ela apenas informou que, o que quer que eu quisesse, o Sr. Macchiavello disse para me dar e ela o faria. Não havia me ocorrido que eu teria que impressionar todas essas pessoas com o que planejei.

Assim que Capo desligou a moto, eles correram para nós. Eu não tinha certeza de quem abracei, quem me beijou em cada bochecha e quem me segurou com o braço estendido, falando em um italiano tão rápido que não consegui acompanhar.

Por fim, Capo teve pena de mim e me puxou para o seu lado, assumindo o controle da situação. Eu estava muito ocupada tentando fazer anotações mentais, mas acho que eles fizeram a mesma coisa com ele. Quando ele conseguiu escapar, se agarrou a mim e começou a me apresentar a todos. Eu precisaria de outro diário para acompanhar. As irmãs de sua mãe — Stella, Eloisa, Candelora e Veronica — se destacavam, já que as havia citado no restaurante. O nome da mãe de Capo era Noemi. Ouvi Stella dizer a ele que ficaria orgulhosa. Então ela olhou para mim.

Os nomes de todos os seus tios, primos... Eu faria o meu melhor para não misturar ou errar. Reparei que todos chamavam Capo de Amadeo. Então, me perguntei o motivo. E me questionei por que ele não tinha me dado a opção de chamá-lo assim. Era Mac ou chefe ou Capo, mas não Amadeo.

O mar de pessoas se abriu, de repente. Um silêncio recaiu sobre a multidão. Então um homem mais velho apareceu na fila, apoiado em Candelora. Ele usava um chapéu de abas largas e um terno antigo com suspensórios. Mesmo com dificuldade, manteve a cabeça erguida. Era nítido que o tom natural de sua pele era bronzeado, mas ele estava pálido, o que o fazia parecer doente. Seus olhos castanhos estavam vivazes, porém, apesar das olheiras escuras. Quando ele sorriu, seu bigode branco estremeceu.

Capo foi ao encontro do avô antes que ele chegasse até nós. O velho deu um tapa no rosto do neto e disse algo baixo demais para eu ouvir. Capo se virou para mim e disse algo de volta. Quando o velho finalmente chegou até mim, bateu no capacete ainda na minha cabeça e eu explodi em gargalhadas. Tinha me esquecido de tirar a maldita coisa.

— Deixe-me vê-la. — Ele sorriu. — Deixe-me ver a mulher que

escolheu tomar meu neto como marido. Deixe-me ver se ela tem cabeça dura o suficiente para lidar com ele.

Tirei o capacete, colocando-o de volta na moto, e me virei para encará-lo novamente.

— Ah! *Bellisima*. — Ele segurou minhas mãos e apertou, enquanto se inclinava e beijava minhas bochechas. — Eu sou Pasquale Ranieri. Você pode me chamar de *Nonno*, se quiser.

— Esta é Mariposa, — Capo disse, tentando acompanhar Nonno. Seu avô não lhe deu a chance de me apresentar. — Minha esposa.

— Ainda não! — Pasquale riu. — Amadeo lhe contou que o fiz esperar até junho para poder se casar? — Olhei para Capo e depois para Pasquale. Então balancei a cabeça.

— Não.

Nonno fez um movimento de desdém com a mão para Capo.

— Você vai se casar na data em que eu me casei. Recuso-me a comparecer ao casamento do meu neto, a menos que ele concorde com isso. Também me recuso a morrer antes disso, mas isso é entre mim e... — Ergueu o rosto para o céu.

— Tenho certeza de que será muito especial, — sussurrei, apertando sua mão. Estava fria, mesmo no calor, e nada além de pele e osso, mas gostei da sensação na minha. Gostei dele de imediato. Ele me deixou à vontade.

— Mariposa, — repetiu meu nome lentamente e me observou por um minuto antes de sorrir de novo. — Uma borboletinha tão linda.



CAPÍTULO 15

Capo

Ela se encaixa.

Fazia uma semana que havíamos chegado a Módica, na Sicília, e as mudanças em minha esposa foram sutis para os outros, mas tão pronunciadas para mim.

Em vez de questionar suas decisões como antes de partirmos, havia uma confiança silenciosa nela que a fez assumir o comando — não era mais “seu”. Era “nosso”. Sua risada era ainda mais alta, ainda mais livre, do que tinha sido comigo. Meu avô ficou encantado. Ela o fazia rir mais do que qualquer um jamais fez. Exceto minha mãe.

Minhas *zie* — tias — se apaixonaram por ela. Elas a ensinaram a cozinhar. Até deram a receita secreta do chocolate Módica pelo qual eram famosas. *Ciocolato di Modica*. Era uma receita dos anos 1500 trazida para a Sicília pelos espanhóis, descendentes diretos da tradição asteca.

Minha esposa vinha até mim com um enorme sorriso no rosto e manchas marrons por toda a pele e roupas. Ela estava tão feliz quanto uma criança que havia brincado na lama o dia todo. Mariposa também tinha o cheiro do chocolate que eu tanto amava. Isso me lembrou minha mãe. E me dava alegria pensar que ela teria mimado Mariposa da mesma forma que as

zie.

Elas a estavam mimando com seu tempo e atenção. Estavam tratando-a como família. Zia Veronica até foi atrás dela com uma colher de pau quando Mari tentou adicionar alecrim ao seu pote de qualquer coisa.

Um dia, enquanto observava Mariposa bagunçar o chocolate, sorrindo para tudo e para nada, ouvi Zia Candelora dizer a ela: “*Seus pais deveriam ter dado o meu nome a você. Você brilha como se tivesse comido uma chama interna, e sua pele é feita de cera!*”

Zia Candelora era conhecida por sua hipérbole, mas não estava errada. Mariposa estava radiante. Seu sorriso era tão brilhante que as manchas douradas em seus olhos pareciam irreais. Ela estava se movendo na direção certa. Enquanto fazia isso, também teve a chance de descansar, de encontrar verdadeiramente a paz.

Mariposa dormia como se o diabo não a perseguisse, porque tinha um anjo atrás de si. Eu sabia como era isso. Também tive um anjo.

Na hora mais quente do dia, ela pegava um de seus livros, ou o dispositivo de leitura, encontrava seu lugar favorito — a rede entre duas castanheiras — e lia. Ela sempre usava um grande chapéu flexível e, antes de se sentir confortável, chutava as sandálias para o lado. Depois de uma hora, ela adormecia com o livro contra o peito.

Em Nova York, seu sono era picado, como se não pudesse dormir mais de uma hora por vez. À noite, ela voltava correndo para a *villa* e saía com meu avô, o homem que ela chamava de *Nonno*, de braços dados. Eles geralmente iam para seu jardim particular, já que ele não podia andar tanto. Ela mantinha o chapéu enquanto trabalhava. Ele a orientava. Dizia a ela para mover essa planta para outro local ou colher os frutos daquela, ou o que ele sentisse que precisava ser feito. Eu podia ouvi-los rindo juntos. Todos os dias ela contava uma nova piada para ele.

— Quer ouvir uma piada picante? — eu a ouvi perguntar quando achava que não havia mais ninguém por perto. Então deu a ele alguns segundos antes de dizer: — Às vezes, eu peço uma pizza sem recheio. Quando estou me sentindo *molhada*.

A risada dele rivalizava com a dela.

Depois de cuidar do jardim, ela se sentava ao seu lado, envolvia o braço no dele e descansava a cabeça em seu ombro. Ele contava histórias, lia ou recitava poesia para ela. Alguns dias ele fazia todos os três. Meu avô era um poeta e romancista de renome mundial. Ganhou o Prêmio Nobel de

Literatura na década de 70. Sua poesia era conhecida por ser lírica e cheia de paixão.

A risada selvagem de Mariposa o encantou, e de alguma forma ele a fez se apaixonar perdidamente por ele.

Raramente eu passava tempo com minha esposa desde que havíamos chegado. Todos queriam um pedaço dela. De vez em quando eu a levava para passear de moto ou caminhar no bosque, mas dava tempo para ela se sentir confortável para fazer da minha família a família dela. Mas, mesmo quando ela achava que eu não estava por perto, eu estava, e reservei um tempo para vê-la. Para ver a pessoa que ela sempre teve potencial para se tornar — a criança pela qual dei minha vida, e a mulher que agora era minha esposa.

Duas sombras se estendiam ao longo da calçada. Alguns segundos depois, meu tio e minha tia apareceram. Tito e Lola. Tito era primo de primeiro grau do meu avô, embora todos o chamassem de tio. Lola era irmã de Marzio Fausti. Marzio foi um dos líderes mais poderosos e implacáveis que os Fausti já viram. Tito era médico, um dos melhores, e cuidava deles como havia cuidado de mim. Tinha sido o anjo na minha retaguarda. E, além do meu avô, ele era a única figura masculina honrada em meu mundo.

Tito conheceu Mariposa na noite em que ela entrou no *The Club* como Sierra. Quando ela lhe deu esse nome, ele sabia que estava mentindo. Depois que Mariposa saiu, ele me aconselhou a não escolhê-la como noiva, principalmente com o que eu havia planejado. Ela era diferente e não pertencia a esta vida.

Eu discordei. Sua lealdade tinha o potencial de se tornar implacável se alguém quisesse me machucar. Ela era exatamente o tipo de rainha que um rei poderoso precisava ao seu lado.

Quando Mariposa se levantou para recebê-los, percebi que ela reconheceu Tito. Suas bochechas coraram um pouco quando meu avô a apresentou como Mariposa, não Sierra. Tito fez uma piada e ela relaxou, rindo. Lola a puxou para perto e eu estremeci em solidariedade. Sua felicidade vinha sempre em forma de um abraço apertado ou beliscão. Pelo menos eu sabia que ela gostara de Mariposa. Lola apenas esmagava ou beliscava as pessoas a quem apreciava.

— Amadeo! — uma voz suave chamou. — Amadeo! — Quando nossos olhos se encontraram, Gigi correu em minha direção e bateu contra meu peito quando estava perto o suficiente. Depois que terminou de me abraçar, ela bagunçou meu cabelo. — Não é justo quão bonito você é,

Amadeo. Um lindo demônio. — Ela sorriu. — Conheço dez dos rostos mais famosos de Hollywood que matariam para ser você.

— Estou feliz que você conseguiu vir, — eu disse. Georgina, ou Gigi, como todos a chamavam, era uma atriz famosa na Itália; e, como eu morava na América, não a via com frequência. — Ouvi dizer que você estava em algum lugar da Riviera Francesa, vivendo com um príncipe rico em seu iate.

— Ontem. — Acenou com a mão. — Hoje estou aqui para você. Eu tinha que ver esta ocasião monumental por mim mesma. Amadeo casado. O que os americanos dizem? *O inferno pode congelar*. — Ela me deu um soco de leve no braço e nós dois sorrimos. — Então, onde ela está? Essa mulher que domou seu coração selvagem.

— No jardim com o avô, — informei, em italiano. — Eles se sentam e conversam todas as noites.

Nós dois nos viramos para olhar naquela direção. Mariposa se levantou com uma mão ao redor dos olhos, tentando nos enxergar melhor. Eu reprimi meu sorriso. Ela não tinha ideia de que a estava observando, mas quando Gigi falou alto o suficiente para chamar a atenção, deve ter notado nós dois. E não parecia gostar disso.

— Amadeo, — Gigi falou, e parecia que ela já havia chamado meu nome antes.

— Hã?

Ela sorriu, mas não tocou seus olhos.

— Ela é bonita, mas não é o que eu esperava.

— Não? — perguntei, em italiano. — Quem você esperava?

— Alguém como eu.

Gigi era considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo. Nunca fui influenciado, porém, pelo voto popular. Aos meus olhos, a mulher que estava à minha frente, suja de terra do jardim, era a mais bonita do mundo. Ela tinha algo que eu nunca tinha visto em mais ninguém. Ou sentido por qualquer outra pessoa. Talvez a atração tivesse as mesmas regras dos fenômenos de feromônio. O que quer que me atraísse em Mariposa era só meu — portanto, que porra de tesouro raro.

Zia Stella e Zia Eloisa entraram no jardim. Queriam que Mariposa tomasse banho e se preparasse para um jantar que planejaram com todas as mulheres. Todos os homens iam jogar baseball. Mariposa não se movia. Se recusou a afastar o olhar de onde estávamos.

Gigi gemeu.

— Conversaremos melhor mais tarde. — Ela rapidamente beijou minha bochecha e então correu na direção oposta. Lola começou a vir em nossa direção.

Dessa vez, meu sorriso se espalhou, lento e satisfeito. Depois que Gigi foi embora, Mariposa permitiu que minhas tias a levassem.

— Aí está você! — Lola disse, quando me alcançou, beliscando minhas bochechas. — Como vai, *bell'uomo*?

— Estou bem, *Zia*, e você?

Ela sorriu.

— Eu a amo, Amadeo! Será uma esposa maravilhosa. Parece uma garota maravilhosa. — Hesitou por um segundo, então abriu a boca, mas rapidamente a fechou. — Seu avô e seu tio gostariam de falar com você, — ela avisou, em italiano, apontando para o jardim. — Vou encontrar Gigi. Preciso de fofocas das celebridades!

Antes que eu pudesse alcançá-los, um dos guardas me parou, falando no idioma pátrio:

— Um homem apareceu no portão. Ele afirma estar procurando o local onde as mulheres fazem chocolate. Disseram-lhe que poderia encontrar alguns aqui.

Minhas tias tinham lojas por toda a Itália, e a de Módica era extremamente movimentada, em especial durante a temporada turística. Assim que esgotavam, era isso. Você teria que voltar no dia seguinte, mas ninguém os direcionaria para cá. A empresa de chocolate era um negócio familiar e tínhamos nossos segredos, inclusive onde morávamos.

Ao longo dos anos, alguns homens fizeram a mesma coisa, exceto que suas desculpas variavam. Essa foi a primeira vez que qualquer um deles alegou que os trabalhadores da loja lhes deram esse endereço. Estavam ficando sem mentiras.

Não teria me surpreendido se o próprio Rei Lobo tivesse aparecido. Ele sentiu o diabo em seus calcanhares ultimamente. E, com a falta de Armino, Achille aumentava as chamadas.

— Traga-o para uma das *villas* no fundo da propriedade, — ordenei, em italiano, acenando com a cabeça para a mansão principal. — Espere com ele e não o deixe sair. Também não diga que veio ao lugar errado. Não fale nada além de que deve esperar.

— *Si*. — Ele reajustou a arma pendurada em seu ombro e enfiou a

mão no bolso em busca de um maço de cigarros, acendendo um na mesma hora. — Vou informar os outros.

O cheiro do cigarro permaneceu no ar mesmo depois que ele se foi.



Tito estava conversando com *Nonno* sobre novos tratamentos para o câncer quando me aproximei. Ele estava ouvindo, mas balançando a cabeça. Eu poderia ter dito a Tito para poupar o fôlego, mas ele nunca o fez. Eu tinha tentado convencer meu avô a fazer mais tratamentos, mas *Nonno* se recusou a aceitar a ideia. Disse que já tinha idade suficiente, já vivera o suficiente e, quando chegasse a hora, queria estar em casa, no conforto de sua própria cama. Era hora de ele ver minha avó e minha mãe novamente. Uma vida bem vivida lhe deu a graça de aceitar a morte.

A conversa diminuiu quando puxei uma cadeira na frente do banco, mas Tito não parou de falar até sentir que havia terminado. Depois, o silêncio preencheu o espaço entre nós até que meu avô bateu com a bengala no chão. Seus olhos estavam pesados. Ele estava cansado.

— Você queria me ver, — comecei.

Tito olhou para mim por baixo do chapéu de explorador e cruzou as pernas magras.

— Mariposa está diferente, Amadeo.

— Está, — concordei. — Ela está florescendo.

Meu avô apoiou-se na bengala e pigarreou.

— Você não me disse — ele retrucou, em italiano, — que Mariposa era a criança pela qual você trocou sua vida.

Meus olhos se encontraram com os dele.

— Ela te contou.

— Contei a ela uma história, a história de um homem que trocou sua vida por uma mulher que mal conhecia, o maior sacrifício conhecido pelo homem. Ela me disse que conhecia um homem tão honrado assim. Quando perguntei quem era esse grande homem, ela me disse que era você. Estou morrendo, mas ainda não perdi a cabeça.

O velho era astuto. Ele pegou o comentário dela e o conectou. Ele provavelmente perguntou quantos anos ela tinha e fez as contas. Então me enganou para que eu admitisse. A única maneira que ele sabia que eu o faria.

Ele bateu a bengala no chão novamente, desviando o olhar de mim.

— Diga-me, neto, você vai dar a vida que ela merece? — Encontrou meus olhos novamente. — Você salvou a vida dela sacrificando sua alma. O que seu sacrifício significará se ela acabar se escondendo em um armário enquanto o único homem que ela ama é morto por ser um tolo imprudente?

— *Amore?* — Eu ri, mas os dois homens estreitaram os olhos para mim. Continuei em italiano: — Lealdade. É isso que compartilhamos. Essa é a nossa base.

— E o amor? Agora ou no futuro.

— O amor nos torna tolos.

— Diz o homem que nunca se abriu para isso, — Tito murmurou. Estreitei meus olhos para ele, que se encolheu.

— Talvez, — meu avô falou. — Mas o que você sabe sobre isso, Amadeo? Como você pode falar sobre essas coisas quando não tem ideia do que está falando? Ou tem? Prove que estou errado. — Ele me olhou fixamente por um minuto e, quando nenhuma resposta veio, grunhiu. — Talvez, para os homens que amaram, você seja o tolo. — Bateu com a bengala no chão uma, duas, três vezes. — Lembre-se, Amadeo. Os tolos irão aonde nem mesmo os anjos ousam pisar.

— Mais uma vez, — pedi ao meu avô. — Bata a bengala no chão mais uma vez.

Ele fez sem me perguntar por quê. Então pigarreou de leve.

— Mariposa me lembra minha Noemi de muitas maneiras.

Desviei o olhar dessa vez, sabendo aonde ele estava indo com isso. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria ido embora, mas eu lhe devia mais respeito do que isso. Esses eram seus últimos dias, e se fosse preciso falar de coisas que poderiam lhe dar paz, eu ouviria. Eu me sacrificaria por ele como se sacrificou por mim.

— De certa forma, Mariposa é infantil; e de outra forma, uma mulher. É um equilíbrio delicado ser o suficiente de ambos sem tirar um do outro. Exagerar em um sem eliminar completamente o outro. Mariposa domina o equilíbrio. Sua mãe era assim. Quando se casou com seu pai, eu sabia que ele não cuidaria da criança; ele a mataria. Queria uma mulher de coração frio. A vida que ele escolheu para viver exigia isso. Sofri pela criança em minha filha antes mesmo de ela ser assassinada. Arturo assassinou aquela parte vital dela antes que sua alma deixasse este mundo. Quando uma mulher tem os dois lados, se um morre, o outro segue. Porque os dois juntos formam

um todo, entende?

Deixou este mundo... me deixou. Por sua própria mão. Por sua própria escolha. Minha mãe cometeu suicídio. Meu amor não foi suficiente para mantê-la aqui.

— Não vou perder o tempo que me resta falando em enigmas, — ele continuou. — Vou dizer o que penso.

Ele sempre o fez.

Ia continuar, mas vários carros pararam na entrada e os convidados para o jantar em homenagem a Mariposa se espalharam. Os homens estavam prontos para jogar baseball, incluindo Rocco e seus irmãos. Meu avô não falava de coisas pessoais na frente deles. Não que não se importasse com os Fausti — ele os considerava *famiglia* —, mas nunca tolerou seu estilo de vida.

Meu avô e Marzio eram amigos antes de uma bala acidentalmente matar Marzio. Ettore, um dos filhos de Marzio, segurava a arma, e a bala era para o filho mais velho de Luca, neto de Marzio, Brando. Em vez disso, a bala atingiu Marzio. Mas Marzio gostava de passar o tempo com meu avô. Eles discutiam sobre quase tudo, porém se respeitavam o suficiente para continuarem amigos no final. Marzio era um poeta de coração, e essa era a única coisa em que eles estavam certos.

A poesia era uma linguagem de amor.

A violência como chave para alcançar a paz não era algo em que Pasquale Ranieri acreditava, no entanto. Meu avô acreditava firmemente que, se você vive pela espada, morrerá por ela. Marzio acreditava que todo mundo iria morrer de qualquer maneira, e não importava como você fosse, a morte era a morte. Pacífica ou não.

Meu avô não apoiava meu estilo de vida. Nunca escondi meus planos. Ou quem eu era. Ele me amava apesar disso, mas nunca manteve seus pensamentos em segredo. Ele sentiu que era seu dever como meu avô tentar me guiar na direção que achava ser a certa. Ele havia perdido a filha para um fim violento, que acreditava ser culpa do marido. Meu avô tentou impedir minha mãe de se casar com Arturo, mas ela era cabeça-dura e pensou que seu amor poderia salvá-lo de si mesmo.

No final, ela não conseguiu se salvar de sua natureza violenta. Ele não queria uma esposa para liderar o bando com ele. Queria um brinquedo bonito que pudesse usar até não precisar mais dela. Uma linda garota do velho país que falava italiano havia impressionado seu capo na época. Então,

depois de ter usado minha mãe para acalmar o capo, Arturo cortou sua garganta e assumiu a família. Ele estava de pé naquele chão sangrento desde então.

Meu avô desviou o olhar quando Rocco, seus irmãos e alguns dos homens de alto escalão entraram no jardim. Todos estavam prontos para jogar bola. Olhei para meu avô, mas sabia que ele esperaria que fossem embora antes de falar novamente. Tito sentou-se, estreitando os olhos para nós, antes de ajeitar os óculos.

— O baseball é um jogo. Parece ser competitivo, mas divertido. Se ver um homem ficando muito grosseiro — ergueu o dedo indicador, — corte sua CABEÇA! — Fez um movimento de corte com o dedo levantado. — O médico está de folga hoje! — Ele tinha o hábito de alongar os erres quando estava bravo. Todos os homens ao redor dele sorriram, exceto meu avô.

Rocco puxou uma cadeira ao lado da minha.

— Devemos conversar antes do jogo.

— O homem no portão, — comentei. — Arturo o enviou.

— Si. Nova York é uma zona de guerra. Cinco famílias me procuraram a respeito dos problemas que estão enfrentando.

— Cinco. — Eu sorri. — O grande Arturo *Lupo* Scarpone finalmente procurou sua ajuda.

— Ajuda. Ou informação. Ele acha que é mais esperto do que eu. Faz perguntas com a intenção de esconder seu verdadeiro significado. Pediu permissão para falar com Lothario.

Lothario era um dos tios de Rocco. Marzio teve cinco filhos, e Luca era o mais velho. Algumas pessoas o chamavam de pesadelo. Ele era ainda mais implacável que o pai, mas algo aconteceu e ele acabou na prisão em Louisiana. Alguns dizem que tinha a ver com uma mulher, a mãe de Brando, mas os Fausti mantiveram um controle rígido sobre as coisas que queriam manter secretas.

Ettore era o filho que deveria governar após a morte de Marzio, mas desde que acidentalmente atirou em seu pai tentando matar Brando, Lothario assumiu o controle da família. Ele não era como o pai e não estava nem perto da formidável sombra que Luca projetava, mas até agora era honrado o suficiente para manter os acordos que seu pai havia feito comigo. Todos os Fausti viveram e morreram por um código. Sua palavra era tão boa quanto seu sangue. *La mia parola è buona quanto il mio sangue.*

Para falar com Lothario, você tinha que passar pelos canais. Arturo

passou por Rocco para tentar alcançá-lo.

Arturo exigiria que lhe dissessem se seu filho ainda estava vivo? Marzio havia me dado permissão para usar todos os meios necessários para obter minha vingança. Eu ainda estava, tecnicamente, sob sua proteção.

Portanto, não fiquei surpreso quando Rocco disse:

— Lothario negou seu pedido, mas não o quero envolvido. Como você sabe, os Fausti estão em guerra interna. — Ele colocou a luva no colo. — Chamar Lothario não fará bem a ninguém. Ele tem sua própria agenda e com o tempo lidará com as coisas, mas, por enquanto, devemos manter isso entre nós.

Concordei com a cabeça. Preferia mantê-lo fora disso também. Dizia-se que ele não era tão honrado quanto o resto de sua família.

Rocco virou sua luva de baseball.

— Arturo está falando com todas as famílias em Nova York. Mesmo em guerra, ele está tentando convencê-las de que não é a causa da contenda. Ele está dizendo que um estranho é responsável. Esteja preparado. Agora que a fumaça se dissipou, seus olhos estão abertos e alguns podem estar direcionados a você.

Eu sorri.

— Todos os olhos em mim.

Que comecem a porra dos jogos. Estava ficando chato jogar um jogo de cinco pessoas com apenas um jogador. Quando eles não sabiam que um jogo estava sendo jogado, não podiam trapacear, mas isso estava prestes a mudar.

Rocco e eu nos levantamos. Ele estendeu a mão e me puxou para perto, me dando um tapa nas costas.

— Chega de falar de negócios, — ele disse. — É hora de jogar bola!

— Iiihuuuuu! — Romeu, seu irmão, gritou, então todos os homens partiram para o campo. Rocco esperou por mim.

— Eu te encontro, — falei.

Ele olhou para o meu avô e acenou com a cabeça. Tito caminhou com Rocco em direção ao campo.

Sentei-me ao lado do meu avô. Ele olhou para longe.

— O que você está olhando?

— Não estou olhando, Amadeo, estou pensando.

— Isso mesmo. — Escondi meu sorriso. — Você ia me dizer o que pensou.

Ele se virou para mim e levantou a mão, como se fosse me dar um tapa. Eu me afastei, me preparando para isso. Não importava quantos anos eu tinha, ele era meu avô e me daria uma surra se pensasse que eu estava fazendo piada de algo que ele considerava sério. Depois de um segundo, com a mão ainda levantada, ele sorriu para mim. Então sua mão desceu sobre minha cabeça e ele a moveu para frente e para trás, rosnando para mim:

— Você me deixa furioso! — Então me puxou rudemente e beijou minha cabeça. — Sentirei mais sua falta, Amadeo, depois que eu partir.

Sua doença era uma cobra em volta do meu coração, e tornava difícil respirar quando pensava que ele me deixaria. Ele sempre me desafiou a ver as coisas de maneira diferente. Era o único que tinha coragem.

Olhei para o chão.

— *Non voglio parlare di questo.* — Não quero falar sobre isso.

— Devemos falar sobre coisas que achamos difíceis, — discordou, em italiano. — Ou nunca iremos conquistá-las.

Ficamos quietos por um tempo. Eu não conseguia olhar para ele, então continuei olhando para o chão, minha cabeça vazia de ideias. Meu avô voltou a olhar para o nada, mas percebi que sua cabeça estava cheia delas.

— Quando Tito me contou o que aconteceu com você, — ele continuou, em italiano, — aquele foi o primeiro dia em que falei com Deus desde a morte de sua mãe. Eu O odiava. Não entendia por que uma mulher fiel como sua avó tinha que sofrer tal perda quando tudo o que ela fazia era rezar. Rezar pela proteção de seus filhos. Por que Ele não protegeu minha filha? Por que Ele não a mandou para casa quando ela mais precisava de nós? A raiva me consumiu. Somos o que amamos, Amadeo. Eu adorava odiar. Era mais fácil do que sentir que, de alguma forma, eu havia sido esquecido por um Deus que eu não havia esquecido.

Alguns de meus primos caminhavam pelo caminho, conversando, e ele ficou quieto. Vendo isso, eles acenaram, mas não pararam. Um ou dois minutos depois que o grupo estava longe o suficiente para que não pudesse ouvir, meu avô torceu a bengala contra o chão e continuou sua linha de pensamento:

— A primeira vez que te vi, reconheci muito de sua mãe em você e senti que você era meu. Arturo o chamou de príncipe, mas você sempre foi meu menino. Meu Amadeo. Meu mesmo, e Tito não podia me dizer se você viveria ou morreria. Mais uma vez, encontrei-me em posição de perder tudo. Quando amamos, estamos à mercê da vida e da morte. O amor nos coloca em

posição de perder tudo. Uma chance... “há uma chance de que ele consiga”... Essa frase pode construir ou quebrar nossa alma. O milagre é que, mesmo que percamos tudo, de alguma forma o reconstruímos. Essa pequena parte de nós, a brasa de tudo o que resta em nós, torna-se nosso tudo até que acrescentemos algo a ela. Eu estava prestes a perder o pouco que tinha quando Tito ligou e me contou sobre sua condição. Isso teria me destruído. Eu não poderia sobreviver a isso.

Meu avô suspirou.

— Dirigi até a igreja e parei na frente da cruz, disposto a barganhar. Eu disse: *“Se Você salvá-lo, eu me darei a Você em seu lugar. Há coisas piores do que a morte que podem levar um homem. Não quero o pior de novo. Quero que meu neto viva. Quero que ele toque o amor e experimente o bom da vida. Deixe-o experimentar a sensação indescritível de se apaixonar, de amar o suficiente para morrer pela mulher digna de seu sacrifício. Deixe-o experimentar a alegria indescritível de se tornar pai. Deixe-o se apaixonar por sua vida! Deixe-o viver com amor em seu coração, e não vingança no mais profundo de sua alma”*.

Olhei para ele pelo canto do olho. Meu avô lutou contra o câncer durante anos, depois que vim morar com ele.

— Si. Descobri logo que Ele me levou a sério. Você foi salvo, mas eu enfrentaria a morte. Mesmo assim, não perdi tudo de novo. Eu ainda tinha parte da minha Noemi para guardar aqui. Ela vive através de você.

Apoiou-se um pouco na bengala, torcendo-a um pouco.

— Depois que você veio até nós, me disseram que você salvou uma criança. Você deu sua vida para que ela pudesse viver. Meu sacrifício foi recompensado. Não foi feito em vão. E nem o seu. Esperava que o fato de ela viver fosse o suficiente para mantê-lo contente. Mas eu vi. Vi como o ódio corroe suas entranhas como ácido. Procurei Marzio e pedi a ele que o ajudasse, embora não concordasse com sua ideia de um meio para um fim. Não está em meu sangue ser um homem assim, ou entendê-lo.

Parou por um segundo.

— Às vezes, eu não entendo você, meu próprio sangue, mas posso entender o ódio. Me odiei uma vez, a ponto de me corroer como ácido. A diferença entre nós é que eu levo para minha caneta enquanto você leva para sua espada. Marzio me negou. Ele disse que você era um homem adulto e, se precisasse de sua atenção, ele ouviria. Sabemos que sim, e depois, embora a morte estivesse com você, pude ver a vida em você novamente. Isso me deu

esperança.

Ele colocou a mão na parte de trás da minha cabeça, me sacudindo um pouco.

— Então vou dizer o que penso agora, Amadeo. Acho que você se apaixonou pela inocência daquela garotinha, porque ela te lembrou sua mãe, em tempos melhores. É por isso que você salvou a vida de Mariposa, sacrificando a sua. Você sabe o que é o verdadeiro sacrifício e o que vale sua alma agora. Não sacrifique a segunda chance que lhe foi dada por algo que amanhã não significará nada. Não se proteja do amor quando o homem sentado ao seu lado te ama o suficiente para dar a vida dele pela sua. Deixe que o amor te consuma, Amadeo, porque nos tornamos aquilo que consumimos. O que você se tornará se continuar consumindo vingança? O que isso fará com a Borboleta pela qual você deu sua vida? Seu sacrifício será em vão. Seu e meu. De nada valerá se você não puder sentir nada além de ódio. Isso é o que eu *sei*.



CAPÍTULO 16

Capo

Tínhamos planejado um jantar com nossa família mais próxima na noite anterior ao casamento. As tochas tornavam o ar noturno enfumaçado, uma música suave tocava e as pessoas sentavam-se a uma mesa organizada para cem pessoas, comendo e rindo.

A noite foi tão movimentada que não tive muito tempo a sós com Mariposa, mas ela nunca esteve longe da minha vista enquanto falava com Keely e sua família. Logo depois que Mariposa disse algo ao pai de Keely, a mãe dela falou algo a minha esposa. A expressão de Mariposa mudou, ela balançou a cabeça, disse mais alguma coisa e depois se afastou, cabisbaixa.

Isso me incomodou da maneira errada, porra.

Eu me certificaria de descobrir do que se tratava e lidaria com isso. Um minuto depois, Mariposa sentou-se ao meu lado. Ela continuou mexendo no guardanapo sobre a mesa.

— Diga-me o que há de errado, — pedi.

— Nada.

Levantando-me, dei-lhe a mão e disse-lhe que íamos passear sozinhos pelos bosques. Keely passou voando por nós, com o pescoço vermelho, e eu me virei para olhar para sua família antes de me voltar para

Mariposa e insistir para que ela se me acompanhasse.

Os bosques estavam repletos de lâmpadas, que iluminaram nosso caminho enquanto caminhávamos. Os homens que trabalhavam nos campos tinham me ajudado a pendurar inúmeras luzes solares nas árvores, para ocasiões especiais.

Mariposa ficou em silêncio.

— Um passeio nos bosques, hein?

— Não tive a chance de falar com você em particular.

Ela me cutucou com o braço.

— Ficando com frio na barriga?

— Minha mente governa minha barriga, e minha mente está decidida.

— Olhei para o vestido dela. Mariposa parecia uma deusa romana. A cor era azul-claro, o material quase transparente, e pendia sobre seus braços. Quando o vento soprava, o vestido esvoaçava como asas. A bainha varria o chão enquanto caminhávamos, e notei que ela não a segurava. — Sua cor favorita. Azul. Ficou lindo em você.

Ela olhou para mim, bem no fundo dos olhos, e tive que segurá-la antes que caísse sobre um caixote deixado no chão. Então explodiu em gargalhadas.

— Muito vinho.

Ela não bebeu uma gota.

— É isso que as crianças estão chamando de divertido hoje em dia?

— Você está me acusando de mentir, Capo?

— Depende. Se é assim que as crianças estão chamando. — Dei de ombros. — Você está dizendo a verdade. Senão, seu lindo nariz vai crescer como o do Pinóquio.

— Aah! — Ela riu ainda mais. — Quem está mentindo agora? *Lindo nariz.*

— Você é linda, — retruquei. — A mulher mais bonita, para mim.

Ela limpou algo do meu rosto.

— Tem certeza disso? — E me mostrou a mão. Tinha uma mancha de batom vermelho.

Gigi. Ela tinha me beijado na bochecha mais cedo. Mariposa notou. Eu até a peguei zombando de Gigi. Mariposa fingiu rir como ela e depois balançou os peitos. Gigi não tinha notado, mas eu, sim. Mariposa ainda nem a conhecia. Elas nunca pareciam estar no mesmo lugar ao mesmo tempo. E quando Gigi aparecia, ela falava comigo quando Mariposa não estava ao meu

lado.

— Não digo coisas para me divertir, Mariposa.

Quase ri da careta azeda que ela fez em resposta, mas não o fiz. Não queria brigar na noite anterior ao nosso casamento formal. Não havia nada pelo que brigar.

Ficamos calados depois disso. Ela tinha seus pensamentos e eu tinha os meus.

Então ela inspirou fundo, trazendo-me de volta.

— Adoro o cheiro daqui. Me lembra o novo perfume. — Levantou o braço e eu inalei o cheiro em sua pele. Foi do mesmo estilista que fez o outro dela, mas esse era diferente. Tinha notas de flor de laranjeira e mar. Ambos os perfumes pareciam feitos para ela, mas o novo era ainda mais perfeito. Beije seu pulso e então segurei sua mão.

— Por aqui. — Levei-a mais para dentro do bosque, querendo ir o mais longe possível das pessoas.

— Capô, — sussurrou, sem olhar para mim. — Foi uma coisa legal que você fez por mim esta noite. Ter trocado meu jantar.

Antes de comer o bife no *Macchiavello's*, ela tinha dito ao organizador para servi-lo no jantar naquela noite. Depois que ela comeu lá, se apaixonou pelo prato de macarrão e caranguejo. Fiz com que ele mudasse seu pedido no último minuto, depois que descobri que ela havia pedido o bife antes de saber qual era o gosto da massa. Mariposa queria me agradecer por isso, mas tínhamos um acordo e não era necessário. Nós dois fazíamos um pelo outro.

Balancei a cabeça.

— Você tem sido ótima com meu avô. Ele realmente gosta de passar tempo com você.

Ela endureceu.

— Meu acordo é com você, — disse, mantendo o rosto sério. — Com mais ninguém. Gosto de passar tempo com ele. Porque *eu* quero.

Não queria ofendê-la, mas ofendi.

— Diga, Mariposa, se você se apaixonasse, o amor anularia sua lei da bondade?

— Lei? — ela quase zombou, mas demorou um pouco para responder: — Não tenho certeza. Precisaria de tempo para pensar nisso.

Ou sentir.

Suspirei, apontando para duas caixas viradas.

— Aqui estamos. — Fiz sinal para ela se sentar e me acomodei ao seu lado.

O silêncio foi bem-vindo depois de estarmos cercados pela família desde que chegamos. Quando vim morar aqui, às vezes caminhava pelos bosques para ficar sozinho. Gostava de me sentar em uma caixa e clarear a mente de todos os pensamentos. Depois, planejava minhas melhores estratégias.

— Algo errado, Capo?

Percebi que ela estava falando comigo. Olhava para mim, esperando que eu respondesse.

— Não. Está tranquilo aqui. Estou contente.

— Tudo bem, — sussurrou.

Ela olhou para suas mãos, e coloquei as minhas sobre as dela, fazendo-a olhar para mim novamente.

— Não queria fazer isso na frente de todo mundo. Queria te dar isso em particular. — Enfiei a mão no bolso e tirei um rosário feito de pérolas verdadeiras. Os espaçadores foram feitos com safiras. A cruz era de ouro. Abri a palma da sua mão e a coloquei no centro, fechando seus dedos em torno dela. — Isso era da sua mãe. Achei que você gostaria de tê-lo. Você pode carregá-lo amanhã, se quiser. Alguma coisa velha.

— Da minha mãe, — sua voz era suave quando abriu a palma da mão, como se eu tivesse dado um tesouro inestimável. — Onde você conseguiu isso? — Seus dedos acariciaram delicadamente as contas, talvez tentando encontrar uma conexão, tentando se lembrar de algo. Quando ela encontrou uma mancha de sangue, tentou limpá-la, mas estava manchada para sempre.

— Você, — respondi. — Sua mãe orava com você todas as noites antes de dormir. Você rezava o rosário com ela em italiano. Na noite em que a levei comigo, estava perto de seus livros de colorir e você o entregou para mim.

— Você guardou.

— Sempre, — assenti.

Depois de alguns minutos, ela colocou o rosário sobre o colo e uma mão procurou por algo atrás das costas. Então, entregou uma pequena caixa para mim.

— Quando você me disse que iríamos caminhar, decidi dar a você o que eu tinha também. Se não, teria que enviá-lo com alguém amanhã. Esta

noite parece certa.

Sorri com o fato de que ela tinha enfiado a caixa no tecido macio de seu vestido sem que eu percebesse. Essa garotinha poderia ter trazido uma faca e me esfaqueado pelas costas, e eu não teria a menor ideia até que ela se cravasse na minha carne. Percebi, naquele momento, o quanto eu confiava nela. Podia ser algo tolo, mas como eu estava correndo atrás de decisões atípicas quando se tratava de Mariposa, por que não adicionar mais um à lista?

O sorriso desapareceu do meu rosto quando abri o presente.

— O joalheiro da sua família provavelmente me odeia porque não pensei nisso até chegarmos aqui, e ele teve que apressar o pedido novamente. Achei... achei que você gostaria de levar um pedaço da sua mãe no... dia do nosso casamento. Parecia uma maneira inteligente de fazer isso. Você tem tantas delas em casa.

Ela tinha me dado abotoaduras, abotoaduras com a foto da minha mãe em cada uma.

— Mariposa... — comecei, mas não consegui terminar.

— Lembre-se do nosso acordo, — sussurrou. — Eu faço por você. Você faz por mim. Estamos quites.

Longe disso, mas não respondi.

— Ela é tão bonita, — disse, olhando para as abotoaduras. — Você se parece muito com ela, apenas uma versão masculina.

Sorri.

— Meu avô, — eu falei. — Ela parecia com ele, apenas mais feminina. Tinha as feições dele, mas os olhos azuis são do lado da minha avó. Então, tecnicamente, pareço com ele quando era mais jovem.

— De qualquer forma, nunca vi uma mulher mais bonita.

Eu também pensava isso, até olhar para você — estava prestes a dizer, mas me contive. Pigarreei de leve, fechei a caixa e me levantei, estendendo minha mão.

— Hora de ir, Borboleta. Temos um longo dia amanhã.



CAPÍTULO 17

Mariposa

— Pare de tamborilar os dedos, — repeti as palavras como um mantra. De novo e de novo e de novo. As palavras eram quase um canto sob minha respiração. Espiei dentro da igreja pela décima vez. Estava lotada. Todos os assentos.

Algumas vozes estavam em volume baixo, mas quase soava como o zumbido das abelhas, e isso fez meus braços se arrepiarem.

Dei um passo para trás.

— *Agitarsi*. Pare de se mexer, Mari.

Não consegui me livrar do nervosismo hoje. Estava agarrado a mim. O casamento em Nova York pareceu simples, concluído e finalizado em minutos, mas este? Este tinha significado.

Nonno estava sentado na frente da igreja, conversando com amigos e familiares, e o dia estava fazendo bem a ele. Ele parecia... saudável. Continuou sorrindo, rindo, e acenou para todos quando foram ajudá-lo. Ele não estava apenas sobrevivendo; estava vivendo. Isso me deu esperança para o futuro. Se ele pudesse continuar tendo dias como este, talvez eles pudessem fazer algo para ajudá-lo.

Felicidade era o melhor remédio, né?

Portanto, o dia precisava ser perfeito para ele. Eu queria caminhar até o altar com a cabeça erguida, meus passos perfeitos e um sorriso largo no rosto. Mas continuei tendo visões de gargalhadas explodindo da minha boca, ou tropeçando nos meus próprios pés ou no véu. Todos os *dois metros* de tecido.

Olhei para o meu vestido. Minhas mãos estavam espalmadas na cintura, para tentar conter a inquietação, e elas estavam tremendo.

O vestido. Suspirei. Estava apaixonada por ele. Era justo com mangas compridas, costas decotadas e cauda longa, mas não muito. Porém, o que mais gostei foi o que a estilista chamou de “padrões geométricos” que percorriam o tecido macio. Havia dito a ela que queria algo inspirado em borboletas, mas nada com muito frufu. Como meu anel de noivado, eu queria algo artístico, uma indicação sutil do nome que ele havia me dado. *Mariposa*. Mas o vestido não devia tornar a conexão muito óbvia. Era algo entre nós que podíamos compartilhar, como uma piada particular que ninguém mais entenderia.

Quando pisei à luz do entardecer, com velas queimando ao meu redor, os detalhes do vestido ganharam vida. Os pormenores transparentes e os padrões geométricos profundos deram a impressão de uma borboleta branca ao abrir as asas durante o pôr do sol. Todas as linhas em suas asas, aquelas que faziam parecer feitas de seda, estavam à mostra.

Mariposa. A maneira como ele dizia meu nome, com sua voz profunda e rouca, me fez estremecer só de pensar nisso. Eu tinha conectado a rouquidão em sua voz à cicatriz em torno de sua garganta. Às vezes, ele bebia água para tentar aliviar a tensão.

Pensar no som de sua voz me deixou ainda mais nervosa.

— Você *vai* tropeçar, Mari.

Quase o mordi na noite anterior, quando ele olhou para mim e as luzes nas árvores fizeram a cor de seus olhos parecer uma... coisa hipnótica e brilhante. Como quando a lua toca o oceano escuro e pinta a superfície de prata.

— Você vai ficar bem, *bella*, — prometeu em uma voz suave, e eu quase desmaiei de alívio.

Scarlett. Ela e as outras mulheres da noite das garotas se tornaram uma família para mim. Estiveram comigo o dia todo, normalizando os momentos, mas também tornando-os especiais. Elas me tratavam como família, como uma delas. Pouco antes de sairmos para a igreja, mostrei a ela

o rosário de minha mãe, sem saber onde colocá-lo, mas querendo carregá-lo comigo.

Ela o pegou de mim, junto com o buquê, e disse que me devolveria antes da cerimônia.

— Espero que você goste. — Estendeu as centenas de flores de laranjeira para eu ver. Havia enrolado o rosário na parte de baixo, em volta da seda branca que mantinha as flores juntas, e a cruz pendurada na frente.

— É... — eu não conseguia nem encontrar as palavras.

Ela sorriu para mim.

— Você não precisa dizer nada. Somos uma família e é isso que fazemos. Estamos aqui um para o outro nos bons e maus momentos.

Olhei para ela e nós duas sorrimos.

Scarlett estendeu a mão e agarrou a minha, segurando com força.

— Queria te dizer isso no dia em que te conheci na *Home Run*, mas eu realmente não te conhecia na época. Agora que eu sei... — suspirou. — É difícil imaginar uma noite que desejamos nunca chegar ao fim, especialmente quando tudo o que conhecemos é pesadelo, mas acredite, vale a pena desejar que algumas noites durem para sempre. Amadeo...

— Mari, — ao som da voz, Scarlett e eu nos viramos para olhar. Keely vinha pelas portas que nos separavam da igreja. Ela olhou entre nós. — Vou esperar...

— Não. — Scarlett apertou minha mão novamente. — Eu já estava de saída. — Ela me abraçou e sussurrou no meu ouvido: — Isto. Isto era para ser. — E então nos deixou.

Keely observou Scarlett fechar a porta antes de dizer:

— Não posso deixar de pensar em gangues quando os vejo... os Fausti e suas esposas. A dinâmica. Eles acolhem pessoas que não têm ninguém e as tratam como família. Fazem com que se sintam aceitos, porque antes não havia ninguém para aceitá-los.

Apertei o buquê, meu nervosismo piorando cada vez mais.

— É sobre isso que você veio falar comigo pouco antes do meu casamento? Scarlett é diferente. Ela é uma boa pessoa. E a família de Capo também. Tudo bem que tenho mais pessoas para adicionar à minha família agora. Você ainda é minha família, Kee.

Ela acenou com a mão.

— Eu sei. Talvez eu esteja com um pouco de ciúme.

— Você não precisa ficar. Sempre serei sua irmã. Scarlett e as outras

garotas são primas.

Keely se virou para mim e me olhou da cabeça aos pés. Ela sorriu, seus olhos agora marejados.

— Mari, eu sei que já te disse isso, mas você está... tão linda. De verdade. E você cheira tão bem também.

Eu sorri.

— São todas as flores de laranjeira.

— Você é como uma borboleta, sempre atraída pelo doce. — Então ela desviou o olhar de mim. — Sei que deveria esperar para te dizer isso, mas quero te contar agora. Sinto muito, Mari. Lamento muito pela maneira como mamãe tratou você.

Soltei um suspiro trêmulo, tentando me controlar. Keely tinha boas intenções, mas eu não queria falar sobre as atitudes de sua mãe. Como eu não tinha pai para me levar até o altar, perguntei estupidamente ao pai de Keely se ele aceitaria, em nosso jantar de ensaio. Seu rosto se iluminou e ele estava prestes a responder quando Catriona falou: *“Não. É gentil da sua parte perguntar, mas ele não pode aceitar. Ele só tem uma filha e precisa caminhar com ela primeiro. Isso tiraria a oportunidade de Keely”*.

Não tinha certeza do porquê isso me machucou tanto. Talvez porque sempre os considerei minha família e pensei que seria bom ter alguém conhecido me levando até o altar. Alguém que me conheceu quando criança.

Tudo o que pude fazer foi acenar com a cabeça, mais como um balançar sem controle, antes de sair e enterrar meus sentimentos feridos. Eu me recusei a deixar Capo ver isso. Depois do que ele basicamente admitiu ter feito com Merv, eu estava com medo de deixá-lo ver como Catriona me abalara, com medo do que ele faria com ela ou sua família. Pedir a Harrison também estava fora de questão, considerando o que ele sentia por mim. Teria sido uma coisa atrevida de se fazer. Não importava. Nem queria pensar nisso de novo.

— Keely. Não se desculpe por algo que você não fez. E eu entendo por que ela se sente assim.

— Não inteiramente, mas ainda assim. Não está certo. Você tem que saber que eu nunca me sentiria em desvantagem.

— Eu sei. — Aprumei a postura e beijei sua bochecha. — Agora vá se sentar. Acho que estamos prestes a começar.

Pare de se mexer. Pare de se mexer. Pare de se mexer. Pare de se mexer.

Depois que Keely entrou, foi tudo o que pude fazer. Fiquei mexendo na cruz na frente do buquê.

Tio Tito saiu pela porta e, quando me viu, parou. Ele colocou a mão sobre o coração e imitou a batida. Rápido. Eu me apaixonei por ele tanto quanto por *Nonno*.

Depois que Capo e eu voltamos de nossa caminhada nos bosques, ele disse que queria falar comigo e que eu deveria ter uma boa-noite de sono. Não consegui. Então sentei-me com a família e aproveitei mais uma hora ou mais com eles. Antes de me levantar para sair, tio Tito sentou-se ao meu lado. Ele pegou minha mão, segurou-a perto do coração e perguntou se eu lhe daria a honra de permitir que ele me levasse até o altar. Fiquei boquiaberta. Como ele sabia?

Eu captei a silhueta de Capo à distância. Quase parecia azul, de todas as tochas que nos cercavam. Ele estava nos observando.

— Seria uma honra, *farfalla*, — tio Tito disse, chamando-me de borboleta em italiano. — Como minha esposa e eu não fomos dotados com a capacidade de ter filhos, nunca terei a chance de levar uma filha ao altar. Isso significaria muito para *mim*.

Minha resposta veio na forma de um abraço esmagador que dei. Ele era um anjo disfarçado de médico.

— *Farfalla*, — suspirou, trazendo-me de volta para o momento. — Sou grato a Deus por uma bênção neste dia. Por eu ter olhos que te veem neste momento. — Ele pegou minha mão e beijou meus dedos suavemente. — É uma grande honra estar ao seu lado.

Ninguém nunca havia me tocado profundo o suficiente para me fazer chorar de felicidade. Não pude deixar de me perguntar se era porque este pequeno homem havia me tocado tão fundo, ou se eu estava começando a amolecer porque meus sentimentos não estavam tão bem enterrados quanto antes. Eu não tinha tanto medo de eles ficarem machucados e espancados, usados e esfarrapados, torcidos em algo desagradável e horrível. Ou de alguma forma em dívida.

Meu tempo na Itália havia me mudado. Meu tempo com ele havia me mudado.

Uma voz suave na igreja começou a cantar. Estava na hora. Respirei fundo e suspirei. Tio Tito abaixou meu véu antes de me oferecer o braço. Enganchei o meu no dele, usando sua força para me manter de pé.

Centenas de pessoas.

Centenas.

Todos assistindo.

Esperando.

Para me ver.

As portas da igreja se abriram e centenas de pessoas se levantaram. Quando demos um passo à frente, um suspiro coletivo e suave pareceu encher o ar. Todos os olhos estavam em mim.

Mas havia apenas um par que eu procurava.

Os dele.

Velas iluminavam o caminho, o sol da tarde dando lugar à escuridão, e a luz suave atravessava o tecido do meu vestido, como a luz de velas transpassava um mosaico na igreja, destacando todas as linhas do tecido. Todas as lutas pelas quais a borboleta passa para chegar a um estado de vida. Capo nos encontrou antes de chegarmos ao altar. Ele apertou a mão do tio Tito, mas antes que a soltasse, falou com Capo:

— *Assumi a responsabilidade por esta linda garota; você assumirá a responsabilidade por esta linda mulher pelo resto de sua vida.*

Capo sorriu para ele e deu-lhe um tapinha nas costas. Tio Tito levantou meu véu e deu um beijo suave em minha bochecha antes de se sentar com sua esposa, tia Lola.

Capo me ofereceu sua mão e eu aceitei, feliz como nunca por estar fisicamente conectada a ele. Sua confiança alimentou a minha, deixando meus passos firmes. Mantive a cabeça erguida, mas queria mais do que tudo enxugar a lágrima do meu rosto. Não tinha ideia de quando isso aconteceu, porém era um fato. Não queria que ninguém visse. Olhando para Capo, pensei, *deixe-o ver*. Deixe-o ver o bom e o mau, o sujo e o limpo, o feio e o bonito, o alegre e o triste. Deixe-o me ver. *Tudo de mim. Atreva-se a viver.*

Essa era eu ousando viver, para mostrar a alguém quem eu realmente era. Para permitir que eles passem pela superfície e entrem nas profundezas secretas que costumavam ser só minhas.

— Bocelli, — Capo sussurrou enquanto nos dirigíamos para o padre à nossa espera.

— E Pausini. — Sorri, apertando sua mão. — Queria manter minha cabeça no lugar. Organizar minha mente.

Quando paramos na frente do padre, me virei para Capo e ele se virou para mim. Ele segurou minhas mãos. Todas as palavras foram ditas. Todas as promessas foram feitas. Então colocou um novo anel no meu dedo,

de diamante e safira. Eu deslizei de volta a aliança de casamento dele, a que dei de presente em Nova York. *Il mio capo.*

Antes que o padre nos anunciasse como marido e mulher, Capo se inclinou e usou seus lábios para coletar outra lágrima que havia caído de meu olho. E, quando o padre disse as palavras finais, ele alcançou minha boca e beijou meus lábios, selando o acordo eterno.

Tutto suo. Tutto mio. Per sempre.

Tudo dele. Tudo meu. Para sempre.



Milhares de borboletas flutuavam ao nosso redor, pequenas explosões de cores esvoaçando no ar da noite. Todos os arranjos de flores, milhares de flores de laranjeira, foram borrifados com néctar de borboleta. Talvez todas tomassem uma bebida antes de flexionar as asas e decolar para onde quer que estivessem indo. Uma borboleta azul pousou no meu ombro antes de voar para outro lugar. Foi uma surpresa do Capo. Assim era o que estávamos fazendo naquele momento.

— Não sabia que estávamos fazendo isso, — eu disse.

Meu marido me levou para a pista de dança que havia sido montada atrás da propriedade da *villa* de seu avô. Centenas de pessoas assistiram à nossa primeira dança como *marito e moglie*.

Seus olhos estavam firmes nos meus enquanto nos balançávamos.

— Você faz por mim. Eu faço por você.

— Ah, — eu sorri. — Bocelli para essa garota. — Capo nunca se referiu à cantora pelo nome, apenas como *essa garota*.

Ele pediu a canção que ouvimos no carro, a caminho da casa de Harrison, como nossa “primeira música”. Quando começou a tocar, explodi em gargalhadas, pensando que ele estava brincando comigo. Com a mão estendida, ele me lançou um olhar entrecerrado, então a peguei e lá estávamos nós. Nos movendo para a música que ele disse uma vez que deveria estar em uma trilha sonora de Tim Burton.

— Você sabe o que isso significa, certo? — Ele me girou para longe, então voltei para seu corpo com um suave *whooo*. Ele era gracioso quando dançava. Minha mão esquerda pressionou seu peito, e a nova aliança brilhava como seus olhos. Era simples, delicada, combinava com o anel de noivado,

mas não tão pesada. — Sua cabeça não vai estar no lugar pelo resto da noite. Todos os seus parafusos ficarão soltos. Como os meus.

Seu sorriso se espalhou pelo rosto, bem devagar.

— É assim que deve ser. Sua cabeça deve estar no lugar para a cerimônia, mas para a recepção... — Encolheu os ombros largos, que alongaram o fino terno feito sob medida. — Você deveria ficar um pouco rebelde. É uma celebração.

Era mesmo.

Nunca tinha ido a uma festa tão divertida. Centenas de pessoas comeram, riram e dançaram. Eu estava começando a entender o que Scarlett queria dizer com “desejar que uma noite nunca terminasse”. Desejei uma jarra de vidro mágica. Gostaria de poder lançar a lua cheia sobre os bosques. Queria pegar a noite e a lua e todas as risadas e o clima quente e engarrafá-los enquanto eu vivesse. E, depois que eu morrer, fugir para lá como meu paraíso.

Era meu. Era dele. Nosso.

A única perturbação foi a chegada de Harrison e a presença daquela atriz Gigi. Disseram-me que Harrison não viria e, dadas as circunstâncias, achei melhor. Ele não tinha aparecido na igreja, mas decidiu atrapalhar a recepção, de certa forma.

Harrison me convidou para dançar e eu aceitei com relutância. Não queria um problema. Nunca tive uma noite perfeita antes, muito menos um dia, e esse estava chegando muito perto disso.

— Você está linda, *Strings*, — ele falou, me movendo, mas de uma forma diferente de Capo. Com Harrison, nossos movimentos pareciam familiares, fraternos. Com Capo, eu não conseguia acalmar meu coração ou o frio na barriga. — Você está feliz?

Olhei para ele.

— Estou, Harrison. Realmente estou.

— Por enquanto.

Tentei me retirar de seu aperto, mas ele se recusou a me deixar ir.

— Não faça isso, — implorei, mantendo a voz baixa.

Ele me observou por um momento e então se inclinou para beijar minha bochecha. Fechei os olhos, não querendo ver seu sofrimento.

— Se você diz que está feliz, estou feliz. Mas, quando ele te machucar e te deixar em pedaços, estarei esperando para te levar para casa. Lembre-se disso, Mari.

Balancei a cabeça.

— Você não entende, Harrison. Não é tão simples assim. Estou em...
— Quaisquer que fossem as palavras que estavam prestes a sair da minha boca, elas pararam bem antes. De qualquer maneira, não era da conta dele. — Estou onde eu pertença.

Capo interrompeu então, tirando-me dos braços de Harrison. Eu poderia dizer que Capo estava irritado. Quando ele disse que não compartilhava, realmente quis dizer isso. Sabia que ele estava tentando me dar o que eu queria, as pessoas que eu considerava minha família ao meu lado, mas não havia como consertar o que havia acontecido na casa de Harrison. E não me passaram despercebidos os olhares intensos que Capo deu à mãe de Keely.

Quando ela fez um comentário sobre o quão próximo ele era de sua família, meu marido deu a ela a definição de família e, em seguida, acrescentou: *“Pessoas que estão lá para você nos bons e maus momentos, não apenas pelo sangue. Se não for dessa forma, então não significam nada”*. Tive a sensação de que ele estava dizendo a Catriona que ela não significava nada. Qualquer que fosse o problema dele com ela, esperava que não fosse entre mim e Keely. Já havia um problema com Harrison.

Depois que o tio Tito interrompeu Capo, vi Gigi aproveitar a oportunidade para dançar com ele. Eles combinavam. Cabelo preto sedoso. Atributos nítidos. Olhos em forma de gato. Ela não era alta, mas tinha corpo, curvas em todos os lugares certos. Seus lábios eram geralmente vermelhos como os de uma sereia. Quando Capo me pegou olhando, me virei e voltei para a minha dança com o tio Tito. Decidi não dar espaço a ela na minha cabeça. Capo se casou comigo. Tínhamos um acordo e, não importava quanta história existisse entre eles, porque eu sabia que havia, concordamos em ser exclusivos.

Por que me corrói o estômago saber que ela é tão próxima dele? Que ele pode pensar que ela é mais bonita do que eu?

Scarlett me salvou dos pensamentos enlouquecedores. Uma música agitada substituiu a que estávamos dançando, e ela me puxou ainda mais para a pista de dança. Cercadas por todas as mulheres da noite das garotas, mantivemos o ritmo. Minha pele estava pegajosa de suor, minhas bochechas queimavam pelo esforço de tanto sorrir, e pela primeira vez em toda a minha vida eu estava grata pelos pés machucados. Tinha dançado tanto que minhas solas estavam me matando.

Capo me levou para a lateral, me colocou em um banco sob uma parreira e sentou-se ao meu lado. Ele tirou meus sapatos, colocou-os no chão e começou a massagear meus pés. Fechei os olhos, soltando gemidos indecentes, mas era tão bom que nem me importei. Ao seu toque, a dor pareceu derreter.

— É bom ter um amigo — eu disse, com um sorriso, — que tem boas mãos.

— Boas mãos, hein? — Não conseguia vê-lo, mas percebi que ele estava sorrindo. — É bom ter uma amiga — ele disse e pressionou ainda mais forte, me fazendo gemer baixinho, — que reage do jeito como você reage quando eu te toco.

— Amigos não devem fazer amigos ecoarem barulhos constrangedores.

Então explodi em gargalhadas com minha tentativa esfarrapada de piada.

Um segundo depois, elas desapareceram quando Capo se inclinou para frente, agarrou minha nuca e pressionou os lábios nos meus. Minhas mãos subiram lentamente por seu peito, até os ombros, e tentei puxá-lo ainda mais para perto.

Estava faminta por algo que me governava. Sua língua girou com a minha, lenta e suave no começo, mas quando me abriu para ele, se tornou áspero, exigente. Nossas bocas em guerra. Minha atração por ele poderia me destruir. Quando ele me beijava, perdia todo o senso de mim mesma e, de alguma forma, desaparecia nele.

Nada, absolutamente nada, importava.

Scarlett uma vez nos disse, na noite das garotas, que as pessoas nos tempos antigos acreditavam que, quando você beijava, perdia sua alma. Havia mais do que isso, mas essa era a essência. Quanto mais Capo me beijava, mais eu perdia uma parte vital de mim para ele.

Uma vez estive disposta a trocar um rim por um pedaço de bife. Estive disposta a trocar algo que ajudava meu corpo a funcionar adequadamente, por algo que alimentasse minha necessidade de vida.

Não era normal, então, perder uma parte vital de mim para o homem que eu chamava de marido?

Segurei sua camisa em meus punhos, não querendo me afastar ou interromper o beijo. Queria suas mãos no meu corpo, sua boca na minha, como se ele estivesse me dando ar para respirar.

Dou a ele algo que não posso viver sem. Ele me dá algo sem o qual não pode viver.

Eu queria. Eu queria. Eu queria. Eu queria mais... dele... disso.

Não era normal, então, trocar algo que ajudava meu corpo a funcionar bem, como meu coração, por algo que alimentasse minha necessidade de intimidade?

Ele interrompeu o beijo e levei um minuto para perceber que havíamos nos separado, que eu estava entrando na realidade novamente.

Lá estava ele. Lá estava eu. Separados.

Mantive os olhos fechados, minhas mãos nos lábios, exigindo manter os sentimentos por perto.

Perda.

Uma simples palavra enviou meu coração em um tipo diferente de espiral, e o medo se agarrou a mim. Não conseguia abrir os olhos para ver o sentimento na cara, para abrir a boca e praguejar, porque eu estava em guerra por não querer perder o que tinha acabado de vivenciar. Queria saboreá-lo. Uma explosão aconteceu à distância e levei um susto.

— Abra os olhos, Mariposa, — Capo pediu.

Eu o fiz.

Fogos de artifício explodiram sobre nossas cabeças, iluminando o céu com as cores mais lindas. Centenas de pessoas se aglomeraram, de olhos no céu, curtindo o show noturno. Capo segurou meu queixo com as pontas dos dedos e me fez olhar para ele.

— Seu vestido. Todas as curvas que você fez por merecer estão em exibição, Mariposa. Suas veias são feitas de seda.

— Você notou. — Ele me disse em italiano que eu estava deslumbrante, a caminho da recepção, mas não comentou sobre as linhas ou o que elas significavam para nós.

— Sou cuidadoso com minhas palavras agora, mesmo que eu use todas elas, — sorriu.

— Hora e lugar. — Eu sorri. — Você me trouxe aqui para me contar.

— Em particular.

Sorri ainda mais.

— Você entendeu a piada particular.

— Nunca chamaria esse vestido de piada. — Seu dedo traçou uma linha no meu braço. O material era transparente ali, mas as linhas eram tão profundas quanto no corpete. — Mas é algo que só nós dois sabemos. Nosso.

O traçado de seu dedo continuou por cima do meu ombro, descendo pelo peito e terminando no coração. Minha mão cobriu a dele, tentando segurar o sentimento novamente. Encontrei seus olhos por... não tive certeza por quanto tempo. Mas então me virei para olhar para o céu, incapaz de igualar a intensidade.

— Não faça isso comigo, — ele pediu.

— Fazer, o quê? — Continuei a assistir aos fogos de artifício. Ele virou meu rosto e eu encontrei seus olhos.

— Desviar o olhar. — Ele procurou algo em meu olhar, mas eu não tinha certeza do que estava procurando.

No entanto, senti quando o encontrou. A fechadura girou, e o som de algo dentro de mim se abrindo ecoou por cada parte do meu corpo.

— Amadeo.

Capo me encarou por mais um segundo antes de se virar para um dos guardas. Recusei-me a olhar para o homem. Recusei-me a dar-lhe um segundo do nosso tempo. Guardas significavam apenas inquietação, e qualquer guerra que existisse fora dos portões não afetaria nossa noite — não naquela época nem cem anos depois.

Meus olhos examinaram a festa enquanto Capo e o guarda falavam em siciliano. As pessoas ainda dançavam enquanto os fogos de artifício continuavam. Harrison dançava com Gigi. De vez em quando, seus olhos vasculhavam a multidão. Parecia que ele estava procurando alguém.

— Ele está tentando te deixar com ciúmes. — Pisquei, percebendo que era a voz de Capo, e só então desviei o olhar da noite para ele.

— Ele... quem?

— Harry Boy. Está dançando com Gigi para te deixar com ciúmes.

E você? Você está com ciúmes por ela estar dançando com ele? Eu ia perguntar, mas novamente ela não estava conseguindo nenhum espaço na minha vida. Não importava se Capo estava com ciúmes ou não. Nós tínhamos feito um acordo. Ele iria para casa comigo.

— Ele está perdendo seu tempo. — Hesitei, mas tive que perguntar: — Tudo certo?

Ele suspirou e se levantou, pegando meus sapatos e segurando as tiras com os dedos. Então estendeu a mão livre para mim. Depois que entrelacei à dele, começamos a caminhar de volta para a recepção. Mesmo que Capo negasse, eu sabia que algo havia mudado. Mais guardas se dirigiam para a frente da propriedade. Os que ficaram mais perto pareciam estar em

alerta máximo. Alguns deles se posicionaram em torno de *Nonno*, que estava tão bêbado que ria de tudo e de nada.

Capo fez um movimento de desdém com a mão. Meus sapatos pendiam de seus dedos e faziam barulho.

— Um convidado que não foi convidado.

— Alguém que eu conheça?

— Não. — Ele parou por um momento no meio da multidão. — Como foi sua noite, Mariposa?

— Esta foi a melhor noite da minha vida, — respondi, honestamente. — Se eu tivesse o poder de parar o tempo, teria parado na videira.

— Fim?

Balancei a cabeça uma vez, mas estava tentando descobrir o que isso significava exatamente.

— Preciso usar todas as palavras. — Ele me girou no ritmo de alguma música rápida que tocava. — Você está pronta para encerrar a noite?

— Aah, — eu ri. — Sim, se você estiver. — A festa era dele também.

Olhou para o avô, que sorria de orelha a orelha enquanto curti um charuto com tio Tito e um bando de Fausti, e depois para os homens que iam para o portão.

— Mais uma música, — ele falou, e parecia que estava determinado a fazer o que queria. Quase parecia que estava desafiando o não convidado a cruzar os portões e tentar detê-lo.

Depois de mais quatro danças, meus pés ainda descalços, meu vestido sujo na batinha, demos as mãos enquanto uma fila de estrelinhas nos mandava para uma *villa* particular em algum lugar da propriedade.



A *villa* escondida era antiga e pequena, mas quem quer que tenha entrado e preparado tornou-a o mais romântica possível. O ar da noite estava quente contra a minha pele, como se tivesse se agarrado ao meu vestido e preenchido o espaço brilhante. Centenas de velas agrupadas em uma lareira de tijolos em arco iluminavam a escuridão. Eu só tinha visto fotos de imagens assim em revistas. O cheiro de flor de laranjeira permeava o ambiente.

Soube então que as tias de Capo haviam entrado e tornado o lugar ainda mais especial. Elas tinham quatro velas de grife que vendiam em suas

lojas. Flores de laranjeira. Limão. Pistache. Chocolate. Eu tinha ligado os pontos ao cheiro de chocolate no *The Club*. Capo deve ter comprado as velas a granel.

Uma enorme cama de madeira com cabeceira esculpida ficava no centro do quarto. Os lençóis dourados eram frescos, mas o edredom grosso e macio havia sido dobrado aos pés da cama. Entre dois travesseiros enormes, uma única e perfeita rosa vermelha tinha sido colocada. Acima da cama havia uma simples cruz de madeira.

— Você ou eu?

— Você ou eu...? — Virei-me para encontrar Capo olhando para mim.

Sua gravata estava pendurada em uma cadeira no canto, e sua camisa, desabotoada. Suas mangas já estavam arregaçadas até os cotovelos. Diante do fogo, tinha que admitir, ele me deixava nervosa. Não importava como eu olhasse para ele, era intimidador, e não apenas na aparência física.

Todo o medo que tive próximo à videira me atingiu com força e tirou o meu fôlego.

— Banho, — acenou com a cabeça para trás, em direção a uma porta aberta.

Olhei para os meus pés. Eles ainda estavam descalços e imundos, mas felizmente eu não havia os machucado em nossa caminhada até a *villa*. Isso porque Capo insistiu em me carregar. Ele queria passar direto pela soleira comigo, mas o impedi.

— Não deveríamos nos beijar ou algo assim para dar sorte? — perguntei.

Sua risada foi baixa e rouca, mas ele me beijou. Acabou muito cedo, porém estar dentro da *villa* me deu um frio na barriga.

— Você primeiro, — respondi. — Gostaria de ficar no meu vestido o maior tempo possível. Só posso usá-lo uma vez. Parece um grande desperdício...

Ele deu um passo à frente e me beijou. Suas mãos se fecharam em meu cabelo e ele me manteve firme contra si. Quando se afastou, meus olhos ainda estavam fechados.

— Sua boca está inquieta.

Eu sorri, mas meu lábio inferior tremeu.

— E você se recusa a permitir isso, Capo. — Antes que eu pudesse abrir os olhos, ele estava me levando para longe do quarto e em direção ao

banheiro. — O que você está fazendo?

— É mais seguro se você ficar perto de mim. O banheiro não tem janelas.

— Por quê? Algo está errado?

— As pessoas continuam aparecendo sem convite.

Pessoas? Mais de uma?

— Você sabe quem são elas?

Ele soltou minha mão e foi até o chuveiro simples, ligando-o. Assim que o fluxo começou a cair, jogou a camisa sobre a cadeira em frente ao espelho. Desabotoou a calça e largou-a por cima da camisa. Suas meias saíram em seguida. E então a cueca boxer.

Eu me senti como um daqueles personagens de desenhos animados quando os olhos saltam das órbitas. Ele era magro e tinha músculos em todos os lugares certos. E eu estava certa sobre ele ser uma cobra píton. Seu tamanho só aumentou minha ansiedade.

Eu me sentia um caminhão fuleiro para aquele volume todo de areia... O homem era fantástico. Sequer percebi que estava boquiaberta até encontrar seus olhos.

— Não queria encarar... — murmurei e ele sorriu.

— Não queria? Ou você quis e fez, e agora se sente culpada por ter sido pega?

Dei de ombros.

— Ouvi dizer que é falta de educação olhar fixamente.

Capo inclinou a cabeça para trás e riu.

— Só é falta de educação se não pertencer a você. — Então suspirou, mas de um jeito bom, como se sentisse aliviado. — Gosto quando você me encara, Mariposa.

— Também gosto quando você olha para mim, — sussurrei, enquanto ele entrava no chuveiro e fechava o boxe.

Capo era quase grande demais para o pequeno espaço. Era alto e de ombros largos. Pelo menos a banheira ao lado era grande o suficiente para dois.

Suas costas eram cheias de músculos e, quando ele se movia para se lavar, eles ondulavam. A água e a luz das velas faziam sua pele brilhar. Sentei-me na cadeira, não querendo desviar o olhar dele, mas incapaz de ficar de pé por mais tempo. Apenas observá-lo tomar banho fez o ponto entre as minhas pernas pulsar. Minha barriga estava tão apertada quanto um punho

fechado. Meus seios pareciam estar lutando contra o vestido, de repente, tão sensíveis que doíam.

Lambi meus lábios.

Engoli em seco.

Eu ansiava pelo contato.

Suas costas ainda estavam voltadas para mim e, quando ele se virou, sua ereção tocou o vidro. Meu marido começou a se lavar enquanto me observava olhando para ele. Seu pênis balançava cada vez que o acariciava. Passou os dentes pelo lábio inferior e, quando fiz um barulho do fundo da garganta, seus olhos ficaram mais sérios, mais fechados. Eu me sentia fraca. O pouco de vapor no cômodo estava me afetando. *Ele estava me afetando.* Então abri a boca.

— Estamos em perigo? — *Estou em perigo? Não por causa deles, mas por causa de você.*

Ele piscou para mim, como se tivesse que se lembrar de com quem estava — a garota de vestido branco. Não de vermelho. Então ele começou a enxaguar o corpo e nosso momento acabou.

— Estamos todos em perigo, Mariposa. Algumas pessoas mais do que outras.

— Nós somos as “algumas pessoas”, eu acho.

Ele assentiu com a cabeça e depois desligou a água. Então me virei e peguei uma toalha no balcão e entreguei a ele. Capo a pegou e em seguida se virou para buscar algo em sua bolsa. Depois que me deu uma boa visão de sua bela bunda, prendeu a toalha em volta da cintura.

Eu me levantei e fiquei de frente ao espelho. Observei-o se aproximar, e ele parou às minhas costas. Eu podia sentir o calor de seu corpo através do vestido. Capo moveu meu cabelo para o lado e então me ajudou a baixar a parte de cima do vestido. Meu sofisticado sutiã adesivo branco brilhava contra a minha pele. Beijou minha nuca, observando-me enquanto o fazia, e então seus dedos acariciaram meus braços com total leveza.

— As borboletas têm menos cores favoritas quando se trata de flores. Você sabe quais são? — sua voz era baixa, quase rouca.

— Não, — sussurrei.

Um arrepio passou por mim com seu toque constante, sua voz rouca, e isso me fez tremer.

— *Ti piace la mia bocca sulla tua pelle. Tremi per me,* — disse as palavras quase para si mesmo, algo sobre eu gostar de sua boca na minha

pele, e eu tremer por ele. Então suavemente nos trouxe de volta ao seu comentário sobre a borboleta: — Azul para verde. — Meus olhos se ergueram para encontrar os dele.

Azul para cor de mel.

— Ainda bem que não sou uma borboleta de verdade então, ou talvez eu tivesse aceitado o aviso na primeira vez em que vi seus olhos e voado para algo mais leve.

— Ainda bem. — Ele passou a língua da minha nuca até o centro das costas, e então arrastou beijos firmes em seu caminho de volta. Suas mãos se moveram para meus quadris, e ele nos moveu lentamente. — Se você soubesse os pensamentos que tenho sobre você desde a noite no *The Club*, as fantasias... Você teria fugido.

— Não, — contra-argUMENTEI, inspirando uma respiração trêmula e soltando-a lentamente. — Agora que te encontrei, não posso voar para longe. Me sinto atraída pelo azul... todos os tons. É minha cor favorita. Parece me curar, não me machucar.

Suas mãos acariciaram acima dos meus seios, circulando os adesivos, até que ele os removeu. Com um toque tão suave que me deu vontade de gemer, acariciou meus mamilos. Derreti em suas costas e ele parecia me absorver.

— Eu, — mal consegui falar — ... preciso tomar banho.

Ele acenou com a cabeça uma vez e então beijou a lateral do meu pescoço, seus lábios quentes em minha pulsação. Pouco depois, se afastou e vestiu a calça do pijama.

— Espere. — Suspirei quando ele foi embora, me sentindo zozna. — Aonde você está indo?

— Aqui não tem janela, Mariposa. Você está segura.
Com isso, ele me deixou sozinha.



CAPÍTULO 18

Mariposa

Ele estava dormindo quando entrei no quarto, recostado à enorme cabeceira, com o laptop no colo. Fui na ponta dos pés em sua direção, ainda esfregando o creme de perfume floral em meus braços. Tentei ficar ainda mais quieta quanto mais perto chegava dele. Capo tinha o sono leve. Na verdade, não conseguia me lembrar de uma vez em que ele adormeceu primeiro. Geralmente eu dormia antes e, toda vez que acordava durante a noite, ele ainda estava desperto.

Na Itália, porém, eu dormia a noite toda. Mas ainda achava que ele não.

Seu cabelo estava úmido do banho, cheirava ao oceano, e tive que me impedir de estender a mão e tocar seu rosto. Não era mais suave durante o sono, mas mais relaxado. Exceto pelo semblante fechado. Só era perceptível quando ele descansava, como se tivesse que lutar para mantê-lo longe de seu rosto quando tinha controle. Certa vez, eu disse a Capo que ele teria rugas prematuras se continuasse assim, e ele apenas balançou a cabeça e disse: *“Cicatrizes não me incomodam. Significam apenas que conquistei meu lugar neste mundo.”*

Dei mais um passo para perto e me inclinei para pegar o computador,

uma mão de cada lado para deslizá-lo para mim e para longe dele.

— Alguns vigiam o lobo, — sussurrei.

Quando fui mover o computador, ele agarrou minhas mãos.

— Não estou dormindo. Apenas descansando os olhos.

Se qualquer outra pessoa tivesse dito isso, eu teria rido e dito, *sim, certo*, mas acreditei nele. Estava sempre de guarda.

Seus olhos se abriram lentamente para os meus. Então depararam com a seda vermelha.

— Estou pronta, — sussurrei. Embora minha voz estivesse firme, cada parte minha tremia como se eu tivesse frio, o que me fez sentir quase... dolorida. Minhas entranhas estavam quentes.

O chuveiro não me fez nenhum favor. Depois que ele saiu, me deixou pegando fogo, e nem a água fria apagou as chamas. Todas as minhas defesas foram consumidas, deixando-me vazia.

O vazio exigiu que seu toque tomasse o lugar do medo que me impediu de fazer isso com ele antes. Não importava se éramos casados ou não, se aconteceu uma semana atrás, em nossa noite de núpcias ou no dia seguinte. Eu sabia quando era a hora certa.

Agora.

Ele me encarou por um momento ou dois, e jogou o computador em uma bolsa ao lado da cama. Então seu corpo colidiu com o meu. Achei que ele seria gentil comigo, mas foi exatamente o oposto. Áspero. Sua boca começou outra guerra com a minha enquanto suas mãos agarravam meu cabelo, me mantendo o mais perto possível. Talvez meu lábio tivesse se partido. Ou o dele.

Minhas mãos tatearam em busca de pele para tocar, para agarrar, para devolver o que ele me deu. Quando passei as unhas por suas costas nuas, ele sibilou e seu toque se tornou ainda mais rude. Minhas costas bateram contra a parede e o beijo cessou, mas sua boca continuou trabalhando. A barba em seu rosto arranhou minha pele enquanto raspava contra mim. Seus dentes mordiscaram. Sua língua lambeu. Ele empurrou meus seios para cima, fazendo-os saltar da seda, e quando pegou meu mamilo entre os dentes e mordeu, meus joelhos quase cederam. O choque foi direto entre minhas pernas.

— Você veio até mim em *rosso*, — disse, sua boca gananciosa na minha pele, as mãos espalmando minha bunda.

Seus dedos cravaram em minha carne, mantendo-me presa contra ele.

Sua ereção era dura contra a minha pele macia. Eu me perguntei como seria a sensação entre minhas pernas. Como ele iria se sentir sobre mim, em mim, ao meu redor... me consumindo. Se eu pensasse nisso por muito tempo, ficaria nervosa; mas presa no momento, não desejava nada além dele.

— Você queria um incêndio, — mal consegui dizer. Ele moveu meu pescoço para o lado, e assobieei quando mordeu e chupou a pele ali. — *Sono tuo, Capo*. — Eu sou sua, chefe.

— Coloque seus braços em volta do meu pescoço e envolva as pernas ao meu redor.

Assim o fiz e ele me levantou, seus braços sob minhas costas. Nos beijamos enquanto ele nos movia em direção à cama. Uma vez lá, me sentou, seus olhos tão gananciosos quanto sua boca e dedos.

— Você é linda pra caralho. — Passou os dentes pelo lábio inferior. — *Mia Mariposa*.

Coloquei um pé de cada lado dele, logo acima de seus quadris, e uma vez que tinha uma boa pegada, empurrei suas calças para baixo. O comprimento dele saltou livre, e nunca tinha visto nada tão erótico como esse homem nu na minha frente.

Quando ele começou a subir na cama, eu me arrastei um pouco para trás, abrindo espaço. Seus lábios vieram para os meus novamente, enquanto seus braços fortes eram como barras ladeando minha cabeça. Ele beliscou e lambeu e provocou. Então sua boca se moveu para baixo, sua língua fazendo rotas ao longo da minha pele. Capo empurrou a seda vermelha para baixo, e meu corpo, meus seios, eram dele para serem tomados. Eu me pressionei à sua boca, querendo mais.

A dor entre minhas pernas implorava por alívio. E não percebi que estava choramingando, movendo meus quadris para cima, até que sua mão baixou e me tocou lá. Ele sussurrou algo sobre eu estar pronta, molhada e quente, em italiano. Um ruído sobre o qual eu não tinha controle saiu de meus lábios. Não me importava. Não tinha vergonha.

Não haveria vergonha aqui. Ele a aniquilou.

Quanto mais eu reagia, mais ele parecia me querer. Quando eu fazia barulho, seu toque intensificava, ou sua boca mordida e chupava. E quando ele arrancou a camisola do meu corpo e a jogou do outro lado do quarto, meu marido vibrou como uma borboleta que foi incendiada na escuridão. Ele se recostou, observando meu corpo nu com olhos escuros como safiras.

— Não pare. — Inspirei. — Por favor.

Sua mão deslizou pelo meu corpo, seus dedos acariciando meus mamilos. Um suave *ahh* deixou meus lábios e levantei meus quadris, implorando para que ele se movesse mais para baixo. Seus olhos se moveram para lá e então gentilmente me separou, abrindo-me para ele. Quando começou a me tocar, observou. Ele observava o que estava fazendo comigo e depois me encarava. E quando sua boca veio para mim, como tinha feito antes, eu gritei de prazer. Eu estava tão perto. Tão perto de ser despedaçada por sua língua. Mas eu queria mais. Ansiava por tudo dele, como nunca tinha ansiado por nada antes.

— Me faça sua, Capo, — pedi, sem fôlego.

Ele se ajoelhou sobre mim, seu pau na mão, acariciando-o.

— É isso que você quer?

— *Dominami.* — Respirei fundo e soltei um lento sopro de ar. *Me domine.*

— *Ti domino,* — sua voz era baixa e áspera. E nunca quis esquecer o olhar em seu rosto.

Ele estava perdendo o controle, embora, de alguma forma, tivesse cada grama dele trancado neste quarto.

— Uma palavra, Mariposa.

— Você, — mal consegui dizer, — ... dentro de mim.

— São quatro.

— Sim. — Sim. Sim. Sim. SIM!

Ele se abaixou e eu abri as pernas para acomodá-lo quando entrou. Eu podia sentir a ponta dele perto da minha entrada, e quase levantei meu traseiro, recusando-me a esperar mais um segundo. Queria senti-lo pressionado contra a maldita dor que não cedia. Seu rosto estava perto do meu, e ele me lambeu até a orelha.

— Isso vai doer, — sussurrou.

Vale a pena sangrar por todas as coisas boas, eu queria dizer, mas não o fiz. Sem palavras, o puxei para mais perto, minhas unhas cravando em suas costas, tirando sangue.

Sangue por sangue.

A violência por trás disso o incitou a se mover. Ele entrou em mim lentamente, seu tamanho esticando, esticando, esticando minhas paredes, e eu não tinha certeza se seria confortável, mas queria. Queria que ele me preenchesse, se movesse mais forte, mais rápido. Queria que ele me levasse ao limite.

Capo se moveu ainda mais fundo, e eu assobieei uma respiração. Dor. Muita dor. Uma queimação, como um fósforo aceso por dentro. Eu estava perto de gritar e pedir para ele tirar, mas então Capo se moveu ainda mais fundo e a dor diminuiu, duelando com o prazer. Ele me invadiu, foi além dos limites e se mudou para um espaço que ninguém jamais havia tocado antes. Um barulho estranho, entre um choro e um gemido suave, escapou dos meus lábios. Aquele ponto em que ele continuou tocando era como... nada que já senti antes.

— Isso, *mia* Mariposa, — sua voz estava tensa quando ele deslizou ainda mais fundo, cada centímetro dele empurrando para mim. — Relaxe. *Porra*. Você é tão apertada.

Suas pálpebras estavam entrecerradas, como se ele estivesse bêbado. Sua testa, franzida. Sua boca entreaberta emitiu um grunhido selvagem com a garganta. Eu queria que ele fizesse isso de novo. Isso me fez sentir poderosa, tão embriagada quanto ele. Ele tinha feito isso por minha causa.

Meu marido começou a se mover um pouco mais rápido, bombeando dentro e fora de mim, e enquanto o fazia sua mão se acomodou entre minhas pernas. Em seguida, ele passou a mesma mão pelo peito, sobre o coração, e deixou uma mancha de sangue vermelho brilhante, da cor da seda que havia sido arrancada do meu corpo.

Tantos sentimentos me atingiram ao mesmo tempo.

Isso. O que estávamos fazendo.

Esta. Esta parte do meu corpo que ainda era minha para dar a quem eu quisesse, e eu tinha dado a este homem. *Meu marido*.

Ele colocou minha mão sobre o coração, onde estava a mancha de sangue.

— Fizemos votos, — disse, em italiano, — mas nenhum como este. Este é um voto de sangue entre nós dois. Entre nossa carne. — Saiu de mim e depois voltou, me fazendo perder o fôlego. — Você me pertence de todas as formas agora, Mariposa.

Era inútil lutar contra a sensação de ser dominada por ele. Não havia espaço para me mover, para me esconder, para escapar dele e da intensidade, e se eu não cedesse à pressão ela me dividiria em duas. Não pude me conter. Uma onda de intenso prazer surgiu dentro de mim, e me deixei levar, entregando-me a ela. A ele. Minhas unhas cravaram em sua carne ainda mais forte, minhas costas arquearam e eu gritei. Ele parecia engolir meu prazer sem que seus lábios sequer tocassem os meus.

Todo o meu corpo estremeceu, drenando-me de tudo, menos dele. A dor estava lá, ainda ardente, mas o prazer disparou por todas as outras partes, o choque tão grande que pareceu parar meu coração. Ele se moveu ainda mais rápido, fazendo sons que bebi como um vinho amargo ou um doce veneno. Só o tempo diria se ele era minha graça salvadora ou meu maior inimigo. Não haveria meio-termo aqui. Ele foi ainda mais fundo e eu gritei de novo, tão sensível depois do que tinha acabado de fazer comigo.

Já havíamos discutido os detalhes da proteção. Cabia a mim. Eu queria filhos — *tudo bem para ele*. Se eu não quisesse... *Tudo bem para ele*. Foi minha escolha. Resolvi esperar para tomar anticoncepcional, quando o médico perguntou. Não tinha certeza do porquê, mas não queria barreiras entre nós na primeira vez.

O que quer que seja, será.

— Mariposa, — rosnou meu nome um segundo depois, com a cabeça inclinada para trás, a boca entreaberta e os olhos bem fechados. Todos os seus músculos se contraíram e então ele se derramou dentro de mim. Senti a combinação do meu desejo, meu sangue e sua semente se misturando.

Ele não saiu de mim. Não imediatamente. Capo olhou para mim. Eu olhei para ele. Ele me beijou entre os olhos, me fazendo fechá-los.

A dor entre minhas pernas tornou-se real, não por desejo, mas pelo que tínhamos acabado de fazer, e cada parte minha parecia dolorida. Quando ele puxou para fora, estremei, como se ele tivesse puxado uma faca da minha carne, de repente me sentindo sozinha e com frio. *Sangrando*. Em vez de dois, senti que éramos um.

A conexão me fez sentir... O que o padre disse? *E os dois se tornarão uma só carne. Então eles não são mais dois, mas um*. Também não havia como pedir de novo. Não tinha certeza se poderia me mover. Ou como eu lidaria com isso novamente mais tarde, ou esta noite, se ele quisesse. Tinha sido tão... penetrante, e não apenas fisicamente.

— Mariposa. — Ele me estudou. — É normal doer na primeira vez. Sangrar.

— Eu sei. — Os lençóis embaixo de mim estavam encharcados de sangue. Quando perguntei à minha médica o que esperar da primeira vez, ela me disse que sangrar era normal. Não sangrar também. Todo mundo era diferente. Ela me contou tudo sobre todas as circunstâncias para que eu não ficasse surpresa.

Ele beijou meus lábios.

— Use todas as palavras.

Não esperava me sentir mais perto de você, eu queria dizer. *Não esperava que essa... conexão crescesse ainda mais dentro de mim tão rápido.*

Todo o medo que senti na videira não era porque eu tinha medo de sexo, mas das cordas emocionais que ele trazia. Cordas que me assustavam pra caralho, porque eu era casada com um homem que tinha uma forte aversão ao amor. Mesmo se eu quisesse isso, o que não queria, nunca poderia acontecer dessa maneira.

— Foi... bom para você? — Mordi o lábio, realmente não querendo compartilhar meus medos mais profundos. Em vez disso, escolhi um superficial.

Talvez fosse estúpido, mas eu queria que ele gostasse de mim também. Embora nunca tenhamos discutido sua história em detalhes, um homem como ele provavelmente teve muitas mulheres. Mulheres como Gigi e a bonita secretária de Rocco, Giada.

— Tão inocente. — Acho que foi o que ele falou em italiano, e então me respondeu em inglês: — Eu disse fogo. Você o trouxe. Do tipo que consome água.

— Ainda não. — Eu sorri meio timidamente, e não tinha certeza do porquê. — Não tinha certeza do que esperar... esta noite. Agora que sei...

— Você vai me matar.

— Eu? — Levantei-me sobre os cotovelos, aproximando-me de seu rosto. — Matar você?

— Você não tem ideia, — ele sussurrou. — Do que faz comigo. — Seus olhos baixaram e ele acariciou minha coxa, coberta de sangue seco. — *Vieni. — Vem. — Vou lavá-la no chuveiro, la mia farfalla.* Então vamos tomar banho de banheira. Vai ajudar a aliviar seus músculos.

Sem perguntar, ele me pegou da cama, nós dois ainda nus, e me levou para o banheiro. Depois de tomarmos banho juntos, adormeci com a cabeça encostada em seu peito, seus dedos acariciando minhas costas naquele delicioso “C”, no calor da banheira. Não ouvi nada além do som de seu coração batendo contra o meu ouvido. Não cheirava nada além de sua pele. Não senti nada além *dele*.



Nunca aprendi a nadar — e não conseguia me lembrar de andar de bicicleta —, mas sabia como era estar submersa em uma banheira. Os sons vinham em ecos, tão próximos e tão distantes. Quanto mais perto da superfície, porém, mais claros se tornavam.

Carros se aproximando. Música de fundo. *Boca da verdade. A lenda é que, se você está mentindo, você coloca sua mão lá dentro e ela será mordida.* Mais música. Risadas. *Vamos ver você fazer isso.* Voz mais alta. Feminina. *Clara.* Voz mais profunda. Masculina. Mais música. *Dun. Dun. Dun. Gritando. Olá. Sua besta!*

Meus olhos lentamente se abriram. Onde eu estava? Mesmos pontos turísticos. Os mesmos cheiros. *Ainda na villa escondida.*

Bocejei e me espreguiceei, a consciência despertando, e os sons de fundo tomaram forma em minha mente. Um filme. *A Princesa e o Plebeu*, com Audrey Hepburn e Gregory Peck. Começamos a assistir e devo ter adormecido.

Fazia dois dias do nosso casamento e eu estava alegremente dolorida e cansada o tempo todo. Tirando sonecas sempre que podia. Então eu acordava, ele me beijava ou me tocava, e estávamos nisso de novo.

— Você faz bolhas com a boca quando dorme. — Mesmo que meu cérebro estivesse ligado, meus olhos demoraram a abrir. Pisquei para ele. Capo estava apoiado na mão, seu bíceps perfeito como um nó rígido, me observando.

— Você estava me olhando dormir? — minha voz era áspera, quase estilhaçada. Estávamos tendo alguns momentos selvagens.

Ele sorriu e eu empurrei seu peito nu. Ele manteve minha mão lá, chupando meu dedo indicador.

— Isso é tão assustador, Capo. É como se você estivesse me perseguindo durante o sono.

— Seus sonhos. — Ele riu, o som saindo áspero e baixo.

— E o que você quer dizer? — Estreitei meus olhos para ele. — Eu faço bolhas?

— Assim. — Empurrou os lábios com o ar, fazendo um barulho suave de estalo quando se separaram, e então os relaxou e fez isso de novo. Era como se ele não tivesse o controle dos lábios, e um leve sopro de ar continuava fazendo “bolhas”. Minha risada ecoou até o teto.

— Devo estar me afogando no sono. Ou talvez eu seja meio peixe.

— Tem dormido pesado ultimamente.

— Quando eu durmo, — sorri.

Ele se inclinou e me beijou suavemente. Fiz um barulho de *mmm* e ele segurou meu seio, como se estivesse pesando em sua mão. Eu não conseguia me lembrar da última vez que havia usado roupas.

— Diga-me algo sobre você, Capo, — minha voz saiu suave, tão suave quanto o beijo tinha sido.

Eu aprendi que, além do beijo ocasional, não havia nada de suave em Capo Macchiavello. A primeira vez que fizemos foi o mais gentil possível. E eu gostei. Gostei quando ele quase me rasgou em duas. Gostava quando os orgasmos que ele me dava eram tão intensos que a tontura me atingia. Estava tonta dia e noite.

— Você sabe tudo que vale a pena saber.

— Não o coração.

— Com o tempo. — Balancei a cabeça e gentilmente toquei a cicatriz na garganta. Nunca deixei minha mão lá por muito tempo, mas às vezes ansiava por descobrir a história por trás dela. Como isso aconteceu. Nunca perguntei, mas mesmo que tivesse, ele não parecia pronto para compartilhar. Às vezes, quando eu o tocava ou beijava ali, seus músculos se contraíam.

— Você coloca muito na mesa, mas eu quero algo que não faz parte do acordo, Capo.

— Algo dado sem condições.

— Sim.

— Os limites existem por uma razão, Mariposa.

— Você não disse que não poderíamos compartilhar nada. Apenas disse que com o tempo me daria o coração e todas as suas veias. Assim como eu disse que com o tempo te daria meu corpo. E dei.

Ele suspirou.

— Vinte malditas perguntas.

— Uau! Eu começo!

— Não concordei, Mariposa.

— Também não disse não. E você meio que disse sim. Você disse...

— Ele colocou a mão na minha boca e eu tentei mordê-lo, mas Capo não tinha gordura suficiente na palma da mão.

— Eu sei o que eu disse.

— Dez perguntas, — minha voz estava abafada. Ele liberou minha boca.

— Duas.

— Duas?! Isso é uma para cada. É insignificante. Nada. Isso é ser mesquinho. Você é tão livre com dinheiro, por que não com todas as suas palavras?

— Palavras valem mais que dinheiro.

— As palavras são gratuitas, Capo. Isso não está me custando nada. Viu? Não há nenhum homenzinho correndo por aí com um pote de coleta, gritando: “Conta! Você tem uma conta!”. Não há guia para palavras.

— As duas perguntas são para mim e tenho certeza de que isso vai me custar *algo*.

— Você não tem uma para mim?

Isso estava certo. Ele sabia tudo sobre mim. E o que não sabia? Não importava. Eu era entediante. Tudo o que fiz foi sobreviver. Nem tinha feito sexo até estar com ele. Ele estudou meu rosto por um momento.

— Na verdade, tenho uma pergunta.

— Apenas uma?

— *Uno*.

Tudo bem. Esfreguei mentalmente as mãos, como um vilão em um livro romântico. Eu tinha uma moeda de troca.

— Para sua única pergunta sobre mim, posso fazer mais de duas, desde que não ultrapassem nenhuma linha invisível. E vou por último.

— Vinte malditas perguntas.

Ele suspirou. Então mergulhou e pegou meu mamilo em sua boca, e como sua língua fez coisas realmente mágicas, eu me empurrei contra ele. Minha barriga se contraiu, e imediatamente a dor entre as pernas começou a me deixar toda sensível. Ele me mordeu forte e eu puxei seu cabelo. Capo me soltou de repente.

— Pergunte.

— O quê? — Ofeguei. — Agora?

Ele riu e me disse para parar de fazer beicinho.

— Você queria fazer isso. Jogar este jogo ridículo de caçar informações.

— Eu quero. — Levantei-me e fiquei apoiada no cotovelo, de frente para ele. Meus mamilos formigavam, desejando a fricção contra seu peito, mas segui em frente. — Já se apaixonou alguma vez?

— Não. Próxima.

— Espere. Espere. — Ergui uma mão. — É isso? *Não*?

Ele estreitou os olhos para mim.

— Essa pergunta não merece mais do que uma resposta: “sim” ou “não”.

Acenei com a mão, descartando seu tom cortante.

— Qual é a sua cor favorita?

— Dourado.

Minhas perguntas continuaram nessa linha por um tempo. Mantive as perguntas básicas, porque depois da primeira sabia que ele diria que tropecei em alguma linha invisível e a usaria para chegar à minha pergunta. Estava guardando as questões candentes para o final. Depois de esgotar as básicas, perguntei:

— Seu pai é um homem mau?

Eu tinha visto fotos de sua mãe e ouvido histórias sobre ela, mas ninguém jamais havia mencionado seu pai. Era como se ele fosse um assunto quente que ninguém queria tocar. Tentei comentá-lo com as irmãs, mas elas se recusaram a fofocar sobre ele, alegando que era podre, e isso era tudo que eu precisava saber. Capo ficou quieto.

— Ele não é um homem mau. É uma alma má.

A intensidade em seus olhos me fez desviar os meus. Olhei para o lençol, sem captar nada.

— É por isso que você é tão próximo dos Fausti? Por que eles tratam você como família?

O que Keely tinha me dito antes do casamento, sobre como as pessoas solitárias encontram multidões criminosas para se aproximar, voltou para mim. Foi isso que aconteceu com ele? Seu pai estava faltando em sua vida? Abusivo? Então ele correu para a família Scarpone? Depois para os Fausti quando isso não deu certo — quando ele se recusou a deixá-los me matar?

Pelo que descobri sobre os Fausti, a palavra deles era tão boa quanto o sangue deles. E, se eles o aceitassem em seu rebanho, você estaria lá por toda a vida, desde que não os traísse. Eles pareciam excepcionalmente próximos de Capo. Claro, tio Tito era parente de sangue de Capo e casado com Lola Fausti, então havia uma conexão. Mas parecia mais forte do que isso. Eram leais a ele. Tanto quanto Capo era com eles.

Parecia... um pouco exagerado para mim, no entanto. Por que procurar esse tipo de família, jurar fidelidade a eles, quando se tinha uma família incrível, de verdade, bem na palma da mão?

— Use todas as suas palavras, Mariposa, já que custam tão pouco.

Inspirei e depois expirei.

— Você... faz coisas ilegais para os Fausti?

— Sim, — a palavra era clara, mas longe de ser simples. — Já fiz e faço. Os Fausti estiveram ao meu lado durante um período muito difícil da minha vida. Eles não precisavam me ajudar, mas ajudaram. Eu chamo as pessoas desta terra de minha família porque sou do mesmo sangue deles, e eles nunca foram nada além de bons para mim e para os meus. Incluindo você. Os Fausti são minha família porque, quando eu estava nas trincheiras sangrando, eles se sentaram ao lado do anjo e me prometeram que um dia a vingança seria minha.

— Você mataria por eles.

— Já o fiz.

— Eles... protegem você? — Engoli em seco.

— Eles ficam de olho, mas na maioria das vezes eu faço do meu jeito. Pedi uma coisa a eles, Mariposa. Que eles me deem tempo; isso significa algumas coisas diferentes. Eles ficam de olho. Me dizem quando há alguém que não deveria se aproximar, de vez em quando. Eu precisava garantir tempo para colocar as coisas em movimento, e foi isso que eles fizeram por mim. Mas quando chegar a hora de cobrar as dívidas, as contas serão acertadas entre mim e meus inimigos. Ninguém mais.

— Eu realmente não entendo.

Suas palavras me deixaram nervosa. Sabia que ele estava em maus negócios desde o momento em que o vi fora do restaurante. Cada vez que eu estava perto dele, algo ao seu redor me alertava para o fato de que era poderoso, estava no controle, e que havia pessoas que queriam testar essas linhas duras. Ele nunca escondeu nada de mim, mas eu sabia que havia mais. O coração, como ele o havia chamado durante a reunião, e todas as veias que levavam a ele. Quando iria compartilhá-los? Minha vida estava em jogo. A dele também. E isso me deixava nervosa. Mais do que deveria. A ideia de nunca mais vê-lo fazia coisas perversas com meus pensamentos e sentimentos. Keely e seus irmãos, os Fausti, todos da família de Capo, todos pareciam veias em meu corpo.

Capo. Ele parecia meu coração.

Merda. Merda. Merda. De onde veio isso?

— Você vai, — prometeu. — Com o tempo.

Não conseguia entender o olhar em seu rosto. Ou ele tinha ido fundo o suficiente para ver os pensamentos que eu tinha acabado de ter, ou estava

perto de descobri-los. Mesmo que não fosse amor, tinha a ver com assuntos do coração. Ele não poderia descobrir, ou poderia rescindir o acordo alegando que o amor, ou qualquer coisa próxima a ele, nunca deveria fazer parte disso.

— Hora de pagar. — Ele apertou minha coxa, trazendo minha atenção de volta para si. Nossos olhares se encontraram. Eu estava olhando para a tatuagem em sua mão.

— Se as palavras têm um preço, pegue meu dinheiro, — mal consegui dizer.

— Você já gostou de um menino?

— Tipo um crush?

— Seja lá como vocês, jovens, chamam hoje em dia. — Apesar do meu medo repentino, sorri para esconder meus pensamentos anteriores e os sentimentos que eles deixaram para trás.

— Não.

Mentira.

— Já se apaixonou, Mariposa?

Apertei os lençóis e puxei as cobertas para esconder meus seios, ou talvez meu coração.

— São duas perguntas.

Ele deu de ombros.

— Já que suas palavras custam *niente*, é melhor eu ir à falência, pois elas me custam muito. Diga-me se você já se apaixonou.

— O amor não foi feito para garotas como eu.

Evitando uma mentira.

Ele estava certo. As palavras não eram de graça, e as minhas me custaram *il tutto*. Tudo. Nunca estive tão quebrada em toda a minha vida. Perdi o fôlego quando Capo, de repente, me virou de costas, pairando seu corpo sobre o meu. Quando pensei nele como uma onda me levando para seu oceano? Sim, acertei o alvo. Na metade do tempo, ele conseguia roubar minha respiração sem nem mesmo me tocar. Felizmente, ele ainda não havia batido em uma rocha metafórica.

— Acabou o jogo, Mariposa. — Seus olhos estavam intensos nos meus. Depois de alguns batimentos cardíacos, ele disse: — Você confia em mim.

Isso me levou a uma reviravolta.

— O quê? Você está na minha cabeça agora, Capo? — Seu peito mal tocou meus seios, e um som suave de lamento saiu da minha boca.

— Mais do que palavras, Mariposa, — ele disse. — Aprenda o que significa falar comigo sem palavras. — Não tinha certeza do que ele queria dizer exatamente, mas minha cabeça estava ficando muito nublada para entender. Olhei para o meu pulso preso em seu aperto.

— Confio. Em você.

— Você confia. Coloquei minha mão sobre sua boca mais cedo e você nem percebeu.

Merda. Não mesmo.

— Você confia em mim, — disse, novamente.

Algo me dizia que sua declaração não tinha nada a ver com meus sentimentos, mas algo mais... sexual. Estava grata pela mudança. Talvez ele não visse como minhas palavras me quebraram enquanto estava ocupado com outras... coisas.

— Sim, — confirmei, empurrando meus quadris para cima para encontrar sua ereção.

Ele sorriu e o olhar foi direto para as minhas pernas. Suas mãos deslizaram entre minhas coxas e eu respirei fundo, lentamente empurrando para fora. Seus dedos deslizaram, deslizaram, deslizaram, até que ele começou a massagear meu traseiro.

— Veja só, — sussurrou. — Como você me entende sem o uso de palavras.

O que quer que ele tivesse em mente era a melhor distração, e inevitavelmente eu o entenderia sem o uso de palavras. Eu seria consumida por nada além de sentimentos.



CAPÍTULO 19

Mariposa

Antes que eu percebesse, estávamos casados — de novo — há duas semanas. Quando chegamos, não consegui manter meus olhos em Capo por tempo suficiente para acompanhá-lo. Depois que nos casamos — de novo —, seus olhos estavam sempre em mim, os meus nele, e éramos inseparáveis.

Parecia que ele estava propositalmente tentando fazer um esforço para passar um tempo comigo. Talvez fosse porque nossa lua de mel, para algum destino desconhecido que Capo havia escolhido, tivesse sido adiada. Não parecia que ele sentia pena de qualquer coisa, mas parecia que estava tentando compensar isso. Afinal, fazia parte do nosso acordo. Tínhamos o para sempre para ter uma lua de mel. Por outro lado, não havia como dizer quanto tempo seu avô tinha, e eu queria que ficássemos e passássemos tempo com ele. Como tínhamos algum tempo disponível e o Capo descobriu que eu não sabia andar de bicicleta nem nadar, ele reservou um tempo para me ensinar a fazer as duas coisas.

As praias da Sicília eram algo saído de um conto de fadas aquático. As cores da água eram vívidas, do verde cristalino ao azul-safira da lagoa. O sol era quente e a areia branca. E os cheiros — limão, água fresca, coco e até frutos do mar — me deixaram embriagada no verão.

Levei cerca de uma semana para me sentir realmente segura na água, mas não me preocupei muito porque Capo ficou perto de mim o tempo todo, mesmo depois de me sentir segura com o que ele havia me ensinado. Os banhos noturnos eram os meus favoritos, quando o sol se punha na água e as cores mais bonitas iluminavam o céu, pouco antes de as estrelas aparecerem. *Paraíso*. Decidi que tinha que ser real depois de ser consumida por algo tão perfeito quanto o oceano.

Capo me ensinou a andar de bicicleta em frente à nossa *villa* escondida, nos dias em que não íamos à praia. No início, fiz muitas oscilações de um lado para o outro. Caí três vezes, uma vez de propósito. Depois disso, de aprender por completo, em algumas noites pedalávamos pelos bosques pouco antes do pôr do sol.

O ar estava perfumado com raspas de limão fresco e laranjas excessivamente maduras. Os cheiros ficavam mais intensos à noite, como se estivessem segurando o calor, e depois que o sol escaldante se punha liberavam seus perfumes. Às vezes, continuávamos a pedalar mesmo à noite, para que eu pudesse me perder nas estrelas cadentes.

Paradiso. Decidi que tinha que ser real depois de ser consumida por algo tão perfeito como um simples passeio de bicicleta por centenas de árvores frutíferas. Quão amável e bom o mundo parecia ser quando o diabo tropeçava e caía sobre seus calcanhares em vez de estar sobre eles.

Alguns dias, Capo vinha comigo para a rede em que eu gostava de dormir nas horas mais quentes do dia. O chapéu enorme que eu usava protegia meus olhos do sol enquanto meu corpo absorvia o calor. Ele lia para mim os poemas de seu avô. O velho nunca o faria. Ele disse que, se eu quisesse lê-los, seria bem-vinda, mas que preferia inventar histórias ou ler para mim o livro de outra pessoa.

Quando era tolerável para seu avô desfrutar do jardim, Capo o acompanhava e depois se sentava ao lado dele em um banco de madeira. Enquanto os dois homens se sentavam próximo, escutei como *Nonno* me orientou — *mova isso para lá, precisa de mais sol. Mova aquele ali, precisa de menos. Faça a poda suave. Deixe esse ir por um tempo. Precisa de tempo para crescer mais selvagem.*

Durante uma de nossas visitas, ele me disse que as plantas eram muito parecidas com as pessoas. Eram todas tão diferentes, mas ao mesmo tempo — *todas precisam do básico para crescer, e sem raízes nenhuma delas pode sobreviver.* Logo depois de dizer as palavras, ele procurou por Capo e o

encontrou nos observando de longe.

— Ele apreciava sua beleza, — *Nonno* me disse. — Ele não sente que merece tal presente.

Coloquei o chapéu na cabeça e continuei a regar. *Apreciar minha beleza era exagerar*, pensei, mas Capo estava nos observando. Embora tivéssemos passado um tempo separados antes do casamento, nunca senti que ele estava muito longe. Parte disso, eu sabia, era o fato de que seu avô estava morrendo. Vi o jeito como ele olhava para *Nonno* quando pensava que o avô não estava olhando. Era como se Capo estivesse tentando absorver a memória dele, sem querer enfrentar os últimos momentos que teriam. Sempre que alguém fazia um comentário sobre como *Nonno* estava ficando cansado, ou como sua coloração estava mais pálida, ou como ele não comia tanto, Capo se virava e se recusava a ouvir.

Talvez a família tenha visto algo que eu não vi. Comparando o homem que conheci com o homem sentado no banco, com o rosto voltado para o sol suave, achei que ele parecia melhor. Ele parecia... contente. Quando o conheci, não senti paz, mas não sabia disso na época. Depois que chegamos, e principalmente depois do nosso casamento, algo mudou em *Nonno*, algo que me fez sentir a vida nele novamente, embora todos os seus médicos dissessem que ele estava definhando.

Enquanto me afastava da planta que estava podando, estreitei os olhos para a visão à minha frente. Ambos os homens não diziam nada enquanto se sentavam um ao lado do outro, observando-me cuidar do jardim. Eles estavam ficando quietos. O que quer que Capo tenha contido incomodava *Nonno*. Acho que *Nonno* sabia que Capo queria lhe contar coisas, coisas que ele nunca mais poderia contar, mas sua recusa da situação o impediu.

Eu queria dizer ao Capo que, embora fosse uma menina da rua e não tivesse muita experiência em viver a vida, sabia que ele não precisava usar suas palavras para falar com o avô, assim como ele me disse que eu tinha olhado além de palavras e entendido algo mais profundo nele.

Como *Nonno* havia trabalhado com palavras durante toda a sua vida, ele parecia entender o que as palavras poderiam apenas sugerir. Havia significados mais profundos a serem encontrados se apenas abrísssemos nossos corações, não nossos olhos ou ouvidos, para eles.

Nonno queria que Capo fosse feliz. Capo queria dizer ao avô tudo o que sua boca — ou seria seu coração? — se recusava a dizer, mas não podia;

isso significaria algo definitivo. Então Capo não encontrava alegria em nada. Mesmo quando estávamos na intimidade, ele enterrou a dor disso. Às vezes, do que parecia muito mais. Eu sabia que Capo Macchiavello não era um bom homem, mas ele era meu. Enquanto eu vivesse, seria a mulher ao lado dele. Faria o que fosse preciso para cuidar dele como ele cuidou de mim.

Uma ideia me ocorreu então.

Sorrindo, levantei a mangueira, testando a pressão da água. O mundo ficou rosa por causa do pôr do sol e, quando fiz chover suavemente, me lembrou purpurina sendo jogada no ar. Um segundo depois, caiu no chão como orvalho, e eu fiz de novo. A ação chamou a atenção de *Nonno*, mas Capo estava observando alguns homens que trabalhavam nos bosques enquanto iam e vinham. Pressionando o cabo, pulverizei novamente, e dessa vez o jato parecia mais o disparo de uma bala.

— Precisão, — sussurrei para mim mesma. — É a melhor amiga de uma garota.

Então levantei a mangueira, apertei o gatilho e acertei Capo diretamente na testa. Levou um momento para ele perceber o que eu tinha feito. Ele piscou enquanto a água escorria por seu nariz, e então seus olhos encontraram os meus. Antes que ele pudesse se mover, atirei nele de novo, mas um pouco do jato atingiu *Nonno*. O velho já estava histérico. Sua risada fez com que alguns membros da família se reunissem, e parecia que eles continuaram se multiplicando a partir daí. Todas as suas filhas o tocavam enquanto ele ria. Eles também estavam rindo, gritando insultos.

Capo se levantou de seu assento na segunda vez que o acertei e, movendo-se como um lobo à espreita, tentava tirar a mangueira de mim. Eu não cairia sem lutar e, até que ele tivesse a arma, recusei-me a soltar o gatilho.

Mostrei minha língua para ele.

— Você não pode me pegar!

— Você é tão infantil, — ele disse. Seu cabelo estava encharcado, e quando ele o alisou para trás, aqueles olhos da cor de safira reagiram à luz que se esvaía. Eu sorri.

— Talvez, mas quem está com a mangueira? — Acertei-o bem na virilha.

Ele estava se aproximando de mim, e quanto mais perto chegava, mais eu me perdia. Não conseguia controlar a risada. Gargalhei ainda mais quando atirei em Gigi em seguida. Ela soltou um grito de gelar o sangue, o

que fez todos os outros rirem ainda mais. Aqui eles a tratavam como qualquer outra pessoa, mas em seu mundo ela era tratada como vidro. Seus olhos se estreitaram em um olhar de “*eu vou te pegar, criança*”.

— Opa! — gritei para ela. — Não consigo manter meus braços firmes!

Minha vingança me fez fechar os olhos para o Lobo, e ele me agarrou pela cintura enquanto lutávamos pela mangueira, então a água espirrou descontrolada. De repente, todo mundo estava jogando baldes de água uns nos outros. As crianças riram. Os adultos gritavam como Gigi quando o primeiro jato de água fria atingia a pele quente.

Então o jardim e as áreas ao redor se tornaram puro caos. Eu ainda tentava segurar minha arma, mas Capo de alguma forma virou-a para mim. Meu vestido simples de verão estava encharcado e grudado. Minha risada acabou comigo no final — dedos escorregadios também eram uma desvantagem — e ele pegou a mangueira e se recusou a desistir de mim. Eu corri, tentando me esquivar, rindo como uma doida — uma das palavras favoritas de *Nonno* — enquanto Capo se vingava.

Após ele ter se vingado de mim o suficiente, corri para fora do caos. Eu não tinha ideia de para onde ia, rindo do jeito que estava, mas meus pés pareciam ter um destino. Capo entregou a mangueira a seu avô e me assustou quando saiu atrás de mim. Enquanto corríamos, minha risada ecoou atrás de mim e, pouco antes de chegarmos a uma área da propriedade com uma *villa* em ruínas, percebi que ele estava me conduzindo para lá de propósito.

A *villa* havia desmoronado, provavelmente, anos atrás. Não tinha telhado, mas a fundação era forte, assim como algumas das paredes de tijolos, mesmo que as videiras se agarrassem a elas. A luz ainda estava diminuindo, mas o ar parecia pesado com os restos da luz do sol, e ela se esgueirou por todas as fendas, o que fez com que a área brilhasse.

Reduzindo a velocidade e respirando pesadamente, me virei e caminhei para trás, as mãos levantadas em sinal de rendição.

— Não faça isso, — sussurrei. — Pense nisso. Lembre. Você é mais homem do que animal. Você tem mais do que necessidades básicas.

Aquele sorriso maquiavélico surgiu em seu rosto.

— Você deveria ter aprendido, Mariposa. Deve sempre pensar antes de agir. Quando se trata de foder você, sou todo animal.

Os pensamentos da noite anterior me invadiram — ele tocando em mim e então me deixando subir em cima dele. Eu o montei com força, a

fricção entre nossos corpos como um fogo, e quebramos a cabeceira da cama com nosso impulso insano. Estar com ele era como falar de boa comida enquanto se comia bem.

— Lobo faminto, — sussurrei.

— O que tem o lobo faminto?

— É assim que você está olhando para mim.

— Você está errada.

— Se estou, não é por muito.

Ele uivou baixinho e depois sorriu.

— Nunca vou tirar o seu gosto da minha língua, e estou morrendo de fome, não... faminto. Eu desejo você, estar dentro de você, como nunca desejei nada na minha vida.

Minhas costas colidiram contra o tijolo. Ele me empurrou ainda mais para a parede áspera quando se chocou contra mim, sua ereção dura na minha barriga. Minha perna subiu, envolvendo seu quadril, e sua mão deslizou pela parte interna da minha coxa lisa, indo em direção à bunda. Meus dedos puxaram as pontas de seu cabelo, sentindo as gotas de água que continuavam enchando sua camisa.

Nossos olhos se conectaram. Durou apenas alguns segundos, mas para mim o momento parecia durar uma vida inteira. Algo se moveu entre nós, e eu não tinha certeza do que era, apenas que parecia mais forte do que nunca. Ele me consumiu como o mais belo oceano, e então escreveu suas iniciais em minha alma.

O medo de a videira me atingiu com o que parecia ser um golpe para acabar com tudo. As paredes serrilhadas ao meu redor poderiam muito bem ter me apunhalado no coração. Minhas palmas formigaram, meu estômago se encheu de borboletas venenosas, e meu coração foi para a garganta, dificultando a respiração.

O rugido do meu sangue encheu meus ouvidos. Uma respiração ofegante escapou da minha boca em um profundo assobio. Ondas da cor de seus olhos me levaram para muito longe da costa. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Ia me afogar em meus sentimentos por ele. O medo absurdo me dava um soco nos momentos mais inesperados. Eu o enterrava tão abaixo da superfície que geralmente ficava escondido da luz, mas quando Capo causava estragos em meu coração — a maneira como ele olhava para mim, com olhos semicerrados e uma expressão que era confusa de alguma forma, mas determinada — libertava o pânico de sua jaula.

Eu não conseguia nadar rápido o suficiente para escondê-lo de novo. Então fiz o que pude. Dei um soco na cara do medo. Eu queria isso, ele, mais do que estava com medo. Minhas palavras, ou o que não disse, já me custaram tudo.

Estar com Capo, percebi, parecia muito com viver — e viver significava arriscar.

O medo quebrou e explodiu quando sua boca encontrou a minha, suas mãos seguraram minha bunda e me puxaram para frente. Consegui desabotoar sua calça jeans, empurrando-a para baixo o máximo que podia, e então sua cueca boxer. Elas estavam encharcadas e grudadas em seu corpo. Eu estava muito perdida em sua boca, que sugava as gotas de água da minha pele, para perceber que Capo havia rasgado a calcinha rendada dos meus quadris.

Ele a enfiou no bolso de trás antes de me levantar um pouco, minha perna ainda enrolada em seu quadril, e então entrou em mim com tanta força e profundidade que minha cabeça bateu na parede. Ele bombeou tão rápido que meu mundo girou com o súbito transbordamento de sensações.

Para cada grama que eu dava, ele pegava mais dois. Para cada grama que eu pegava, ele dava quatro.

Eu não precisava que ele me tocasse com os dedos para me fazer quebrar em um milhão de pedaços. Ele sabia onde me alcançar e ficava tocando o local, às vezes trilhando-o sem parar. Então foi difícil acompanhar, não ceder, mas aguentei, prolongando o momento, ampliando a conexão.

— Isso, — ele murmurou contra o meu pescoço. — Entregue-se a mim, Mariposa. Sempre.

Não conquistar. Não possuir. Entregar. Talvez ele tenha percebido que não importava quanto dinheiro um homem tivesse para comprar coisas, não havia nada como uma mulher se entregando a ele.

Os ruídos que fazíamos eram animais e ecoavam ao nosso redor. O cheiro de água, do terreno de um prédio vazio e do nosso sexo enchiam o ar quente. Ele parecia saber que eu estava me segurando, não soltando até que o fizesse. Mesmo molhada, eu podia sentir o gosto salgado em meus lábios, do suor enquanto ele trabalhava no meu corpo. Capo diminuiu a velocidade, suas investidas mais lentas, mas não menos intensas. Mordido o lábio, fazendo-o sangrar, e ele avançou para lamber o local.

— Goze para mim, Mariposa, — disse, em italiano. — Goze agora.

Ele estocou com tanta força, uma vez, que senti ondas de choque por

todo o meu corpo. Suspirei fundo porque tinha certeza de que ele havia perfurado meu útero. Capo diminuiu a velocidade apenas para investir de novo, até que seu ritmo aumentou e não pude mais negar a tensão. Isso me consumiu. Isso o consumiu. Eu gritei ao mesmo tempo que ele se derramou em mim, e sua boca se chocou com a minha novamente, engolindo-a. Ficamos assim por um tempo, ambos respirando pesado, minha cabeça pressionada contra seu peito. Quando ele saiu de mim, estremeci, desejando a sensação de ser apenas uma com ele.

— *Vertiginoso*, — sua voz era áspera. *Tonto*.

Olhei para cima e encontrei seus olhos. Dessa vez, eu não tinha certeza de com quem ele estava falando. Levantei quatro dedos.

— Quantos?

— Oito, — ele falou e colocou meus dedos em sua boca, mordendo-os. Então usou minha calcinha para me limpar um pouco. Depois de terminar, a enfiou de volta no bolso.

Um garotinho perseguindo outro passou correndo pelo nosso local secreto. Eles estavam rindo, ainda tentando jogar água um no outro. Por acordo tácito, deixamos a *villa* abandonada de mãos dadas. Quando voltamos para o jardim, as crianças ainda estavam brincando, os adultos ainda riam. *Nonno* ainda estava atrás deles com a mangueira. Capo ficou comigo por um minuto, observando, em seguida soltou minha mão e sentou-se ao lado do avô. Ele apontou o borrifo para as crianças, estimulando a diversão, e *Nonno* começou a rir ainda mais quando um garotinho escorregou e caiu na lama. Capo sorriu enquanto guiava a mão de seu avô para borrifar o pobre garoto ainda caído.

Nossa ausência não havia diminuído a alegria, mas desde que voltamos parecia ainda mais completa. Meu coração disparou quando Capo pegou seu avô pela cabeça, puxou-o para si e o beijou ali. Então disse algo em seu ouvido. O sorriso de *Nonno* foi imediato. Então os dois olharam para mim antes de Capo puxá-lo mais uma vez, sacudindo-o um pouco. Talvez a alegria de viver tenha diminuído a dor de dizer adeus, da única maneira que Capo podia.



Um jardim de borboletas.

De onde vieram as plantas para criar uma, eu não fazia ideia, mas quando saí da *villa* com uma xícara de café expresso na mão, elas estavam aos meus pés. Capo as estava descarregando de um carrinho de quatro rodas com uma alça, como uma carroça. Ele usava uma regata branca justa, calça cáqui e botas de trabalho. Sua regata já estava manchada de lama.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Meu marido geralmente estava em algum lugar da *villa* quando eu acordava, mas naquela manhã ele havia sumido. Desde o nosso segundo casamento, não tinha me deixado sozinha. A primeira coisa que pensei foi que algo havia acontecido com *Nonno*, e comecei a entrar em pânico. Mas eu sabia que Capo teria me acordado, então me acalmei e preparei um pouco de café antes de encontrá-lo na frente da *villa*. Descarregando.

Os músculos de seus braços e costas se flexionaram quando ele pegou uma pedra enorme, que parecia mais velha que as montanhas que nos cercavam, do leito da carroça de quatro rodas. Então ele pensou melhor e colocou-a de volta.

— Onde você quer isso? — olhou da pedra para mim.

— *Nonno* mandou tudo isso?

— Não. — Ele enxugou uma linha de suor da testa. Era cedo, mas o sol já estava queimando a terra. — Onde você quer isso?

Tínhamos ficado acordados a noite anterior toda, então Capo só conseguiu dormir, talvez, duas horas. Eu me sentia cansada até os ossos, por isso não tinha ideia de onde queria alguma coisa.

— Capo. — Tomei um gole de café. — Estou confusa. De onde veio tudo isso? E por que eu iria querer colocá-la em qualquer lugar? Eu não moro aqui.

— Você mora, — ele disse. — Quando viermos visitar. Esta é a minha *villa*. Podemos refazer. A aparência dela nunca me importou. Era apenas um lugar para dormir.

— As plantas?

— Um jardim. Para você. Você precisa plantar tudo isso.

Ah. Ele tinha feito isso, mas não queria admitir. *Cabeça-dura*.

A julgar pela quantidade de plantas descarregadas, ele já havia feito uma ou duas viagens. Não reconheci todas as flores, mas imaginei que deviam ser o que *Nonno* chamava de plantas de néctar. Elas atrairiam borboletas. Capo tinha o suficiente para criar uma plantação ao redor da *villa*. Talvez ainda mais. Caminhando mais longe com meus chinelos, examinei a

terra. Ele andou comigo, nós dois em silêncio. Quando voltamos para a frente da *villa*, assenti.

— Quero passear pela *villa* com todas as flores diferentes. Quero uma videira no quintal. Faremos um jardim de borboletas maior lá também. Colocaremos as pedras em locais diversos para que as borboletas possam se aquecer ao sol. Vamos precisar de um bebedouro para pássaros, ou algo parecido, para colocar areia. Não devemos enchê-lo, apenas umedecer a areia com água. *Nonno* disse que as borboletas gostam da umidade. — Bati na xícara de café, pensando. — Vou perguntar a *Nonno* onde ele acha que devemos colocar as plantas. Quero dizer, quais pontos seriam melhores para cada uma. Que tal ir buscá-lo para o café da manhã? Você pode trazê-lo de volta na engenhoca de quatro rodas.

Capo não se mexeu. Ele olhou para mim como se eu fosse uma nova pessoa.

— O quê? — Tive um forte desejo de me mexer. Senti como se tivesse crescido uma cabeça extra e não tinha ideia de que ela estava mostrando a língua para ele. Capo balançou sua cabeça.

— Você é mandona.

— Quem diria? — sorri.

— Eu... — hesitou — Eu sabia que essa hora chegaria. — Mesmo que seus lábios se franzissem, algo em seu tom parecia satisfeito.

Depois de descarregar o restante do carrinho, ele o puxou de volta para a *villa* de seu avô. Antes de sair, deu ordens aos homens que estavam por perto para ficarem de olho em mim. Ele nunca me deixava sozinha. Tinha mais homens por perto desde que os convidados indesejados apareceram.

Corri para dentro e rapidamente me vesti para o dia. Não tinha tempo para me preocupar com a minha aparência, não quando queria refrescar a *villa* e preparar um delicioso café da manhã. Levei cinco minutos para me limpar e vinte para fazer a refeição. Fiz mais café — café latte —, croissants (*cornettos*) e uma simples omelete. Coloquei diversos acompanhamentos na mesa giratória ao centro, e até mesmo colhi flores silvestres para espalhar pela casa. Não havia vasos, então usei potes velhos de geleia.

As irmãs me ensinaram tanto. Ouvi *Nonno* rindo sobre as rodas crepitantes da carroça enquanto ela percorria o terreno irregular. Desamarrei meu avental e corri para fora. Ele estava sentado no fundo, cercado por mais plantas, ainda rindo. A visão dele fez meu sorriso crescer ainda mais.

— Foi uma viagem turbulenta, *Farfalla*, mas consegui! — Ele

enxugou o rosto com o lenço que guardava no bolso.

Zia Stella caminhou logo atrás dos homens, com um sorriso no rosto.

— Você deveria tê-lo visto! — Ela veio em minha direção quando Capo praticamente pegou seu avô e o colocou de pé. Capo o segurou enquanto eles vinham em nossa direção. — Ele exigiu que Amadeo o levasse por toda a propriedade. E, se houvesse uma colina, *Nonno* queria ir mais rápido! Ele continuou como se estivesse em um daqueles passeios assustadores e tivesse sete anos novamente. Levantou os braços no ar e foi, *weeeeee!*

Perto o suficiente para me agarrar, ela beijou meu rosto e entrou na *villa*. Beije *Nonno* em cada uma de suas bochechas e dei-lhe um braço para ajudá-lo a entrar.

— O toque de uma mulher — ele disse, suavemente, olhando em volta, — faz toda a diferença em uma casa.

Tomamos um café da manhã agradável. *Zia Stella* e *Nonno* fingiram que amaram tudo. Capo não disse nada, mas quando se levantou para lavar o prato, me deu um beijo na bochecha e disse:

— Desta vez, provei todos os ingredientes. — Ele até voltou por alguns segundos.

Passamos o resto do dia plantando. *Nonno* me ajudou a decidir onde colocar todas as diferentes flores para que prosperassem em seus novos lares. Quando Capo não estava olhando, ele me cutucou com o cotovelo e disse uma palavra: “*Radici*”. Raízes.

Capo trabalhou na videira quase o dia todo. De tempos em tempos, quando o sol estava quente demais para *Nonno*, ele se sentava perto de Capo sob a árvore nos fundos e dizia a ele o que fazer. Eu não podia acreditar em como *Nonno* parecia bem. Ele quase brilhava. Parecia que havia ganhado um segundo fôlego e estava surfando na onda. Nós até desfrutamos de um almoço leve do lado de fora e, quando a noite caiu, tínhamos terminado. A *villa* e o quintal, de repente, tinham promessas a serem cumpridas. E de alguma forma estranha, me senti tão enraizada quanto as novas plantas que se acostumavam com seus novos lares. Fiz um desejo — que todas as borboletas que trilhassem o caminho para nossa casa encontrassem abrigo.

Zia Eloisa trouxe o jantar. Nós nos reunimos ao redor da mesa e jantamos em estilo familiar. As travessas passavam de mão em mão, muito vinho foi servido, e as risadas compartilhadas eram mais fartas do que a comida e o vinho juntos. As estrelas já haviam aparecido quando terminamos.

As irmãs e alguns primos saíram primeiro. Capo planejava trazer *Nonno* de volta para sua *villa* no carrinho, mas seu avô queria se sentar no quintal e aproveitar todas as novas adições antes de partir. Capo e eu o ajudamos a sair e ele se sentou no banco, enquanto nós nos sentamos um de cada lado dele. Ele voltou os olhos para o céu e ficou muito quieto.

Nenhum de nós disse nada por um tempo. Todos nós parecíamos estar perdidos em nossos próprios pensamentos. Depois de mais ou menos trinta minutos, Capo perguntou ao avô algo sobre a videira. Ele não respondeu. A princípio, parecia que estava dormindo. Capo sentou-se mais rápido do que pensei ser possível e o sacudiu.

— Papà!

Sentei-me também, me perguntando por que ele não estava respondendo. Depois de um segundo ele respondeu, mas suas palavras não faziam sentido. Elas soavam arrastadas e seus olhos pareciam embriagados.

— Mariposa. — Capo saltou de seu lugar, em direção à frente da *villa*. — Continue falando com ele!

Eu me ajoelhei na frente de *Nonno*, segurando sua mão contra o meu coração.

— *Nonno*, — tentei fazer minha voz soar o mais calma possível. Se ele estivesse morrendo, eu não queria que sentisse o caos, o meu medo, porque eu tremia, estava com o coração partido. — *Nonno*, por favor, não vá. Você tem tanto para viver. Você precisa ficar conosco. Por favor. Não vá embora. — Beijei sua mão, mais e mais. Ele ergueu a mão livre e pousou-a na minha cabeça. Suas palavras estavam arrastadas, mas eu podia entendê-las.

— Eu vivi uma vida longa. Vivi uma vida plena. — Ele respirou, e eu podia dizer que era superficial. — Não recebi tudo o que pedi, mas recebi tudo o que sempre precisei. Meus últimos dias foram cheios de alegria. Revisitei as primeiras vezes. A primeira vez que provei o ar. A primeira vez que senti o sol e a lua em meu rosto. A primeira vez que me apaixonei. Recebi tudo o que precisava. Meu trabalho aqui está feito. Meu sacrifício não foi em vão.

Eu não tinha percebido que Capo havia me afastado de seu avô até que o vi de longe, sentado ao lado do tio Tito, verificando seu pulso. Sob as estrelas, *Nonno* parecia em paz, contente, como se todos os seus desejos tivessem se tornado realidade. Todas as suas necessidades foram atendidas.

A paz encontrada por *Nonno* foi o oposto dos gritos que chegaram

aos meus ouvidos quando suas filhas e a família se aglomeraram ao redor, de luto pelo homem que significou tanto para tantos.



Eu já havia vivenciado a morte em minha vida.

A dos meus pais.

Perder o Capo pela primeira vez.

Jocelyn e Pops.

De certa forma, nunca sofri verdadeiramente por meus pais ou por Jocelyn e Pops. Não tive tempo. Depois que fui transferida de um lar aos 5 anos e da única casa de que me lembrava aos 10, toda a minha vida daquele ponto em diante foi consumida pela sobrevivência. Eu costumava pensar neles, mas não por muito tempo. Doía demais. E para continuar respirando, eu tinha que manter a cabeça no lugar. Portanto, a morte não era desconhecida para mim, mas, ainda assim, eu não havia experimentado uma perda neste nível — tão próxima e já madura o suficiente para saber o que a perda significava no momento.

Todos vestiram preto para o funeral, e eu nunca tinha ouvido alguém chorar tão alto quanto uma das filhas de *Nonno* quando fecharam seu caixão. Isso fez meus joelhos ficarem fracos. Capo teve que me segurar para evitar que eu caísse. Era o tipo de choro que todo mundo teme — o soluço de uma alma de luto pela única pessoa que levou metade dela com ele.

Após o funeral, voltamos para a *villa* de seu avô. Tentei me manter quieta, ficar fora do caminho e ajudar o máximo possível. Meu coração parecia estar sangrando, então eu nem conseguia compreender o que as pessoas mais próximas a ele sentiam. *Nonno* era uma daquelas almas de que o mundo jamais esqueceria. Suas palavras foram queimadas no papel. Ele ficaria para sempre imortalizado entre as páginas e nos corações de todos que mais o amaram.

Ao contrário de mim, que a certa altura pensei que poderia ser encontrada em uma lixeira de Nova York. As únicas pessoas que se lembrariam de mim seriam Keely e seus irmãos. Eu nem tinha deixado uma marca neste mundo. Nem mesmo um corte de papel. Outra Sierra. Suspirei, meus olhos examinando a multidão, procurando por Capo. Ele tinha entrado e saído da minha visão o dia todo. Sempre me checava e depois desaparecia.

— Rocco, — eu disse, tocando seu braço. Ele estava finalmente sozinho, pegando uma bebida. — Você viu o Capo?

— No escritório de seu avô.

Assenti com a cabeça e fui procurá-lo.

A porta estava ligeiramente aberta, mas nada de Capo. Entrei, notando que alguns dos livros de seu avô haviam sido retirados. Antes de morrer, ele havia escrito uma carta para cada um de seus filhos, netos e bisnetos. Havia escrito poemas e histórias para eles. Quando cheguei perto o suficiente de sua mesa, notei um livro ali, aberto.

Mariposa,

A menor criatura pode causar o maior impacto. Você foi vista e é valorizada. Compartilhe isso com os bisnetos que não conhecerei. Isto é para eles tanto quanto é para você.

Você criou raízes em meu coração e se abrigou lá para sempre.

. Nonno

Sentei-me e abri a primeira página. Era um livro infantil ilustrado. Um lobo negro com olhos azul-claros estava sentado em uma floresta escura, com uma lua cheia pairando sobre sua cabeça. Ele era um lobo solitário, sem matilha para liderar, porque exigia ser o alfa. Então uma lagarta marrom veio até o lobo na página três. A lagarta disse ao lobo que a razão de ele estar tão sozinho era porque ele perdeu algo que um dia lhe pertencera. Ou talvez tivesse sido roubado.

— *Quem ousaria roubar de mim?* — o lobo rosnou para ela. — *Diga-me o que perdi para que eu possa reencontrá-lo e chamá-lo de meu.*

Ela rastejou até o nariz dele e disse:

— *Siga-me e eu lhe mostrarei.*

O lobo pensou que o que ele perdera era algo tangível, algo que poderia morder com seus dentes afiados, mas a lagarta nunca lhe disse nada diferente. Ela o deixou acreditar.

Alguns precisam ver, não ouvir, ela pensou.

O que aconteceu a seguir foi uma viagem. Eles encontraram outras criaturas na floresta, se viraram e se perderam. E, finalmente, quando o lobo estava prestes a comê-la por levá-lo em uma expedição tola, ela o encaminhou a um jardim mágico. Lá ele encontrou um coelho para comer. Lá encontrou abrigo do sol escaldante. Lá ela o escondeu na escuridão, para que ele pudesse descansar, e o alertou quando alguém estava por perto.

Ela se tornou sua companheira durante tudo isso. Mesmo quando estava cansada e machucada por suas próprias lutas, ela nunca o deixou sozinho. Durante a jornada, o lobo começou a perceber que a lagarta não tinha dado nada para ele tocar, mas havia lhe oferecido tantas coisas para sentir.

Os sentimentos eram ainda mais tangíveis do que o coelho que ele havia devorado. Através das ações da lagarta, ela o amou o tempo todo, uma criatura tão diferente dela; uma criatura que poderia acabar com o mundo dela com um estalar de boca ou um golpe de sua pata enorme.

O que eu não esperava a seguir era a morte da lagarta. O lobo lamentou por ela, ambos percebendo no último segundo o quanto significavam um para o outro e que lições deveriam ser aprendidas sobre viver e morrer. Foi preciso a morte para fazê-los entender o que a vida estava tentando lhes ensinar.

O que o lobo havia perdido era sua capacidade de amar. Por muito tempo ele correu com o bando, mordendo e rosnando, sempre lutando por sua posição até ser banido. Quando ele se viu sozinho, ficou com... ele mesmo. O lobo havia esquecido que era capaz de amar. Ele tinha que aprender a dar e receber novamente. O que a lagarta precisava entender era que suas lutas não foram em vão. No final, ela seria lembrada por tudo o que havia feito. Mesmo que fosse por esse animal rosnante e violento. Ele nunca a esqueceria. Ela o ensinou a amar sem forçá-lo a ser algo que ele não era. Fraco. O amor dela só o tornava mais forte.

A última página mostrava uma borboleta azul aninhada no pelo grosso do lobo, a lua bem acima deles, sentados no jardim mágico.

— *Nonno*.

Fechei o livro e descansei a cabeça contra a capa dura. Ele havia escrito um livro infantil para seus bisnetos. Ele havia escrito um livro infantil em homenagem à garota que disse ser mulher e criança. Ele sabia que eu amaria e estimaria isso. Até mesmo a obra de arte era algo saído de um conto de fadas caprichoso.

— Acredito que esse livro foi o último dele.

Pulei ao som da voz suave de Rocco. Ele ficou atrás de mim, olhando para o exemplar. Corri minha mão sobre a capa, querendo trancá-la e mantê-la segura.

— Você leu isso? É... nem tenho palavras.

— Um pouco. Seu marido estava lendo quando o encontrei aqui.

— Onde ele está?

— Não sei, Mariposa. Ele está... sofrendo.

— Eu sei, — disse, pensando nas palavras do livro, tentando encontrar um significado mais profundo. — Você pode me levar à igreja, Rocco?

Ele se sentou na beirada da mesa, com uma perna pendurada, me observando.

— Por que à igreja?

Seu avô me disse que havia feito um acordo com Deus, na primeira vez que ele voltou à igreja depois que a mãe de Capo, sua filha, havia tirado a própria vida. Talvez eu estivesse errada, mas senti isso no meu estômago.

— Aonde um homem iria para desaparecer e, ainda assim, ser visto?

Ele deu um toquinho no meu queixo.

— Garota esperta.

Rocco me levou à igreja onde Capo e eu nos casamos, em um Lamborghini cinza-chumbo. Se eu esperava chegar lá em tempo recorde, meu desejo foi atendido. Enquanto caminhávamos em direção aos degraus, dois homens de terno estavam prestes a entrar. Rocco passou a mão pela minha cintura e me puxou para mais perto. Eu estava prestes a sair de seu abraço, porque ele nunca havia me tocado assim antes, mas com o sutil balançar de sua cabeça fiquei quieta.

— Arturo, — Rocco chamou, parando-os antes que o outro cara, o mais jovem, abrisse a porta. Arturo, o mais velho dos dois homens, estreitou os olhos para nós antes que começassem a se aproximar.

— Rocco. — Ele estendeu a mão quando estávamos perto o suficiente, mas Rocco não a pegou.

Não havia nada remotamente amigável em Rocco naquele momento. Eu nunca o tinha visto daquele jeito e, honestamente, isso enviou uma pontada de medo em meu peito. O Fausti estava surgindo nele. Algumas pessoas os chamavam de leões. Ele tinha uma tatuagem no antebraço, um rosário em volta da crina e um coração sagrado no meio. Não era perceptível sob sua camisa, mas eu já tinha visto isso antes, quando ele arregaçou as mangas. Arturo era americano e me parecia familiar, embora eu nunca o tivesse visto. Traços bem-marcados. Cabelo preto ralo com mechas grisalhas. Ombros largos, mas um pouco barrigudo. Olhos castanhos. O homem ao lado dele era todo sólido, com cabelo loiro e olhos castanhos. Ele compartilhava algumas das características com o homem mais velho.

Depois que Arturo recolheu a mão, ele deu um tapa nas costas do jovem.

— Você se lembra de Achille. — O mais jovem deu um passo à frente e assentiu.

— O que o traz aqui, Arturo? — Rocco indagou, descartando totalmente o homem com o nome estranho. *Achille*.

Então vi fogo nos olhos escuros de Achille. Ele não gostou de ser dispensado. Observei os dois homens estranhos cuidadosamente depois disso. Algo em Arturo me fez querer dar um passo gigante para trás, mas Achille me fez sentir como se estivesse respirando no meu pescoço, mesmo estando à minha frente.

Minha respiração ficou presa na garganta quando notei a mão de Achille. Ele tinha uma tatuagem. Ambos tinham. Arturo tinha uma no pulso e Achille tinha uma no mesmo lugar que Capo, no dorso da mão. Lobos negros. Os olhos eram diferentes. Tudo escuridão, nada de azul como o lobo de Capo. Eu me obriguei a desviar o olhar, para não chamar a atenção. Arturo olhou para mim e depois para Rocco.

— Essa é sua esposa? — Um segundo depois, ele ergueu as mãos. — Não quero parecer rude.

Rocco sorriu, mas estava longe de ser amigável.

— Você sabe quem é minha esposa. Esta é a esposa de Amadeo.

— Amadeo, — Arturo repetiu. Ele parecia estar pensando no nome. — O filho de Stella?

— Você não pertence a este lugar hoje, — Rocco disse, sem controlar a irritação em sua voz. — A família está de luto. Sua presença será tomada pelo que é, um insulto.

— Ouvi sobre o velho. — Arturo balançou a cabeça, tristemente. — Lamento escutar isso. Esperava prestar minhas condolências pessoalmente.

Lamenta, o caralho, eu quase disse. Não tinha ideia de quem ele era, mas era tão falso. E Achille se recusou a desviar o olhar de mim. Ele me observou com olhos cruéis, olhos que me fizeram querer encolher em minha pele e desaparecer.

— Eu sou Achille, — ele se apresentou lentamente, estendendo a mão para pegar a minha. Eu mantive a minha recuada, recusando-me a tocá-lo. Ele sorriu diante do meu desconforto. Ele era do tipo que conhecia e gostava. Achille era Merv, o Pervertido, o Remake, mas mais perigoso. Ele não ficaria sem fôlego por um condicionamento físico debilitado. — Não

fazem garotas como você — apontou para mim, — na América. Se você não fosse casada, talvez eu estivesse interessado em fazer um *acordo* com sua família. Me pergunto quanto você custaria.

Percebi então... ele pensava que eu falava apenas italiano. Era por isso que estava falando comigo como se eu fosse lerda. *Babaca estúpido*. Rocco me empurrou para trás e ficou cara a cara com Achille, olhando-o de uma forma que me fez encolher. Segurei sua camisa em minhas mãos.

— Você não pertence a este lugar, — Rocco falou para Arturo, mas olhando para Achille. — Pegue seu filho e vá embora. Se você quiser prestar suas condolências pessoalmente, ligue primeiro. A família nunca gostou de você, e duvido que o façam depois de hoje. Envie flores. Isso é apropriado se você sentir que deve expressar sua dor.

Arturo ficou parado por um minuto. Seus olhos se moveram pela situação — nós e a igreja — e finalmente ele suspirou. Arturo pôs a mão no ombro de seu filho e o puxou de volta, agradecendo a Rocco em italiano por seu tempo. Achille estalou os lábios para mim antes de seguir a ordem de Arturo para sair. Enquanto Rocco os observava partir, ele deu um telefonema. Falou em siciliano rápido. Ele estava enviando homens para vigiar os americanos. Depois que eles saíram, Rocco colocou a mão na parte inferior das minhas costas, incitando-me em direção às portas da igreja. Ele abriu uma para mim, mas não fez nenhum movimento para entrar.

— Você vem? — perguntei.

— Em um minuto. Tenho outra ligação a fazer. — Eu hesitei. — Não tenha medo, Mariposa. Não permitirei que te machuquem.

— Eles são... homens maus?

— *Si*. Eles são dois dos piores. Se você os vir na rua, atravesse para o outro lado. Fui claro?

— Cristalino. — Eu sabia que eram más notícias, mas esperava que ele me desse um pouco mais de informação.

Deixando Rocco fazer sua ligação, entrei na igreja. Estava quieto e, no silêncio, as lembranças do nosso segundo casamento me assaltaram. O dia trouxe tanta alegria. *Nonno*. Nunca esqueceria o quão vivo ele estava. Horas atrás, ele era uma figura silenciosa em um caixão. As igrejas eram como hospitais nesse sentido. A linha invisível entre a vida e a morte era constantemente ultrapassada.

Meus saltos mal faziam barulho enquanto eu caminhava, mas quando entrei realmente na igreja, parei e me escondi nas sombras. Capo estava

sentado em um dos bancos, com Gigi ao lado dele segurando seu ombro. Quando ela começou a chorar, ele estendeu a mão e apertou sua nuca.

— Amadeo. — Ela fungou. Então descansou a cabeça no ombro dele.

Nunca me considereí uma pessoa vingativa. Nunca tive um motivo bom o suficiente para trazer alguém de volta. Na maioria das vezes, se uma pessoa me fazia correr, eu continuava correndo para evitar problemas. Mas em um dia em que tanto havia sido selado, para nunca mais ser aberto, ainda era difícil controlar o súbito desejo de machucá-la. Machucá-la tanto quanto ela estava me machucando.

Capo era *meu* marido. Não dela.

Minha falta de experiência, especialmente em confortar um homem quando ele está deprimido, nunca foi tão aparente naquele momento. Ela estava oferecendo força suficiente para que ele percebesse, mas ao mesmo tempo vulnerabilidade bastante para que ele não se sentisse fraco. E ela usara o nome especial dele. *Amadeo*. Ela sempre o fazia. O nome que ele nunca me deu a opção de usar.

Depois de alguns minutos, Rocco entrou na igreja. Quando me viu parada ali, olhou para os dois sentados em frente ao altar e para mim. Então continuou adiante e chamou Capo. Gigi se virou para olhar, mas Capo não. Antes de se levantar, ela deu um beijo suave em sua bochecha, provavelmente deixando uma mancha vermelha para trás. Rocco sentou-se ao lado de Capo e suas palavras foram acaloradas e baixas. Gigi se aproximou de mim. Seu rosto perfeito parecia ainda mais deslumbrante com lágrimas. Ela tirou um lenço de papel da bolsa e enxugou as bochechas.

— Ele é todo seu, — falou. — Cuide dele.

Eu não disse nada, apenas desviei o olhar, tentando não respirar quando seu perfume caro permaneceu no ar depois que ela se foi. As vozes de Rocco e Capo ainda estavam abafadas, mas Rocco se levantou. O que quer que Capo tenha dito a ele, ou não, o deixou com raiva.

— Você gostaria que eu te levasse para casa? — Rocco indagou enquanto se preparava para sair.

— Não, — respondi. — Vou ficar com ele.

Rocco assentiu e depois saiu.

Dei passos lentos até onde meu marido estava sentado, uma figura solitária em uma igreja enorme. Substituí Rocco, sentando-me ao lado dele. Capo nem olhou para mim quando me sentei. Seus olhos estavam erguidos e seu rosto inexpressivo. Estava frio e duro. Eu me perguntei se era realmente

uma perda de tempo continuar tentando evitar suas ondas enormes. Ele realmente me deixaria, ou alguém, entrar?

Ficamos em silêncio por um tempo. Então sua mão se estendeu e cessou o movimento da minha perna. Não tinha percebido que estava quicando com nervosismo.

— Fale o que está pensando, Mariposa.

— Capo. — Respirei fundo e soltei o ar. — A vida é curta. É muito curta para não viver e não manter o amor depois de encontrá-lo. Você deveria estar com Gigi. Você obviamente a ama. Eu... não quero atrapalhar isso. Seja o que for que há entre vocês dois, você deve ir em frente.

Levantei-me, prestes a sair, quando ele disse:

— Você me deixaria tão facilmente? — perguntou para mim, sem me encarar. Continuou olhando para cima, mas o tom de sua voz me deteve.

Facilmente? Tão *facilmente*? Ele não tinha ideia do quanto eu estava sofrendo também. O quanto seu avô e toda sua família significavam para mim. O quanto ele significava para mim. Mas conhecer sua família, seu avô, me deu coragem para dizer as palavras. *Você deve ir em frente.*

Como uma receita, às vezes era preciso mais medo do que qualquer outra coisa para criar coragem, para criar abnegação. Mesmo que isso me machucasse em um lugar no meu coração que eu nunca soube que existia até ele, e me deixasse furiosa pensar neles juntos, se Capo tivesse encontrado o amor, e Gigi fosse o que ele queria... Eu me recusava a ficar no caminho. Seja qual for o motivo que o levou a procurar por mim, não era bom o suficiente. Um acordo não era bom o suficiente. Nada seria tão bom o suficiente se o amor verdadeiro o encontrasse.

— Não é tão fácil, — falei. — Não é tão simples assim. Você conhece meus sentimentos sobre o amor. A lealdade é a base, mas o amor, o amor é a construção toda. Isso supera tudo. Uma razão. *Amore*. A única razão para me fazer ir embora e me afastar de você.

O amor era tanto a razão para ficar quanto para partir.

— Você está seguindo o caminho da mãe de verdade, — ele constatou.

Ele estava de luto e, aparentemente, não usava todas as suas palavras.

— Mãe de verdade? — perguntei, confusa.

— Uma velha história. É mais ou menos assim... Duas mulheres estavam brigando por um bebê, ambas alegavam ser a mãe dele. O rei descobre a rivalidade e convoca as duas mulheres para sua câmara. Ele ouve

os dois lados, mas não tem ideia de quem é a verdadeira mãe. Assim, faz o que um rei faz de melhor e decide com base no que sabe. Ele diz às duas mães que, como não pode realmente tomar uma decisão, o bebê pertence a ambas. Ele vai pegar sua espada e cortar o bebê ao meio. Cada mãe fica com uma metade. Uma mãe concorda com isso. A outra mãe se recusa. Ela diz ao rei que a outra mulher pode ter o filho. Ela não quer vê-lo ferido. O rei dá o bebê à mulher altruísta.

— Ela amava o bebê o suficiente para sacrificar seu próprio coração por ele, — eu supus.

— Até mesmo porque se importava. Não precisava ser amor.

— Acho que você pode me chamar de mãe verdadeira então. Porém, quando Gigi foi embora, ela me disse para cuidar de você. Então o que acontece se nós duas entregarmos você ao rei?

— Nenhuma de vocês fará isso, — retrucou.

Foi estranho, mas eu poderia jurar que suas próximas palavras seriam *porque eu sou o rei*.

— Capo...

— Não tenho paciência para isso agora, Mariposa.

— Entendo. Foi estúpido da minha parte trazer isso à tona.

Foi. Deixei minhas emoções tomarem conta de mim, mas, sinceramente, queria que ele fosse feliz. A morte de seu avô apenas provou que só temos aqui e agora; uma vida para viver.

— Se cuide, Capo, — sussurrei, antes de começar a me afastar.

Dinheiro à parte, nunca pedi muito, mas naquele momento exigi clareza sobre isso, sobre o amor, como exigi seu respeito.

— Você não precisa de permissão para me chamar de Amadeo, — ele alegou, e eu parei, ainda de costas. — *Nonno* me deu esse nome. Ele queria que esse fosse meu nome desde o nascimento. É por isso que minha família me chama de Amadeo. É seu direito me chamar do que quiser. No entanto, eu nunca permitiria que outra pessoa me chamasse de Capo ou marido. Esses são só seus. Você me nomeou, Mariposa, assim como eu te nomeei. O resto — ele suspirou, — não importa. Nomes são apenas nomes. Rótulos que são apenas superficiais.

Ele deve ter sentido minha hesitação, porque pigarreou de leve.

— Gigi é filha de Stella. Minha prima em primeiro grau, então o que você está sugerindo é incesto. Nunca parecia surgir em uma conversa quem ela era para mim e, honestamente, gostei de ver você com ciúmes quando

pensava que ela era *alguém* para mim.

Em vez de dizer algo que parecia um pedido de desculpas, eu interoguei:

— Você gostou disso?

— Sua reação foi fofa.

Fofa. Eu odiava essa palavra. Filhotes são fofos. Bebês são fofos. Até mesmo vegetais minúsculos são fofos. Mas uma mulher adulta não deve ser fofa. Ela deveria ser...

— Sua mente está inquieta. — Então ele abaixou a cabeça, apoiando a testa nas mãos em forma de torre.

Voltei na ponta dos pés para o banco e deslizei ao lado dele novamente. Levantei a mão lentamente e a coloquei em suas costas. Seus músculos estavam tensos, quase rígidos, mas ao meu toque ele pareceu relaxar um pouco.

Quanto a mim? Tentei não me mexer. A ideia de ir tão fundo com ele me deixou ansiosa. Crenças e fé eram pessoais. Eram duas das poucas coisas nesta vida que realmente eram nossas para manter, e além do amor e dos nossos pecados, o que mais havia para levar quando morrêssemos?

Capo veio à igreja por um motivo. *Preciso desaparecer, mas ainda ser visto.*

De repente, o peso do meu bolso me chamou. *Brinque comigo*, parecia sussurrar, mas bem no meu ouvido. Peguei o rosário de minha mãe, esfregando as contas frias entre os dedos. Pela primeira vez ele olhou para mim, para o que eu estava fazendo. Um raio de luz atravessou o vitral e atingiu seus olhos. Ele se tornou o mosaico — o vidro segurando a maré. Olhei para sua garganta. Alguém tentou destruir todas as suas defesas. Quem quer que fosse, o destruiu, e então ele se recompôs. As duras linhas metálicas que mantêm o vidro inteiro eram tão evidentes em seu rosto, se alguém tivesse coragem de ver.

Preciso desaparecer, mas ainda ser visto.

Ti vedo. Eu te vejo.

Vejo através do lindo vidro azul quebrado. Vejo as linhas duras que mantêm vocês juntos. Tenho a coragem de ver além do caçador e nos olhos do homem que se conecta a um coração pulsante.

Eu vejo você, meu marido. Vejo você, meu capo. Vejo você, meu coração.

Vejo você, meu tudo.

Segurei o rosário com uma das mãos e estendi a outra para tocar seu rosto.

— É bom ter um amigo que... não se importa com a quietude, não importa o quão alto seja o silêncio, — minha voz era tão suave quanto meu toque.

— É bom ter você, Mariposa, — sua voz era áspera. — *La mia piccola farfalla*. — Minha pequena borboleta.

Então não dissemos mais nada, nos encontrando nas profundezas de sua dor silenciosa que, de alguma forma, parecia tão alta dentro do meu coração.



CAPÍTULO 20

Mariposa

Depois que saímos da igreja, Capo voltou correndo para a casa de seu avô. Ele me instruiu a fazer as malas, dizendo que estávamos indo para nossa lua de mel. Eu me senti culpada. Estávamos deixando a família em um momento em que deveria ficar unida, mas Capo disse que eles nos deram sua bênção. Seu avô gostaria que fôssemos. Algo estava errado, porém, e eu sabia que tinha algo a ver com os dois homens que encontrei fora da igreja.

As tatuagens em suas mãos combinavam com as de Capo. Ficou entendido que ele andou com eles em certo ponto. Mas me perguntei... talvez a cicatriz em sua garganta tivesse algo a ver com eles? Eu não tinha certeza e, quando fiz algumas perguntas, Capo me disse para continuar fazendo as malas. Tomei sua recusa em responder como um sim. Talvez ele quisesse afastar Achille e Arturo de sua família?

Levamos duas horas para nos despedir de todos. Eles me fizeram prometer trazer Amadeo de volta em breve. Eles sentiram que ele tinha ficado longe de “casa” por muito tempo. Eu não tinha ideia de como responder quando eles continuaram me dizendo que me amavam e sentiriam minha falta. O que mais me surpreendeu foi que algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto depois que saímos. Cobri meus olhos com óculos escuros para

tentar escondê-las, mas Capo notou. Ele enxugou uma lágrima da minha pele e a esfregou contra seus lábios.

— Ir embora não significa que você vai para sempre. Você vai voltar.

Eu ainda não fazia ideia de para onde estávamos indo, mas depois que embarcamos no maior barco que já vi, sabia que faríamos uma viagem náutica. Capo conheceu o capitão assim que embarcamos. Ele era parente dos Fausti de alguma forma — é claro.

Capo me corrigiu quando chamei de barco. Era um *iate*. Barco. Iate. Mansão flutuante. Era tudo a mesma coisa para mim. Tinha várias cabines luxuosas, diversos trabalhadores eficientes, e tudo o que *desejávamos* estava a apenas um pedido de distância.

Adormeci em algum lugar na Sicília e acordei em Cala Gonone, uma cidade da Sardenha. Passamos o dia lá. A água era de cor safira, topázio e de um verde que eu nem conseguia descrever em palavras. Dava para ver o fundo. Era como um buraco de golfinho trazendo nadadores para outro mundo. O mar estava fresco, minha pele quente, seus lábios salgados quando tocaram os meus, e eu não poderia imaginar um lugar mais perfeito se tentasse. Naquela noite, adormeci na Sardenha e acordei em um porto em algum lugar da Grécia. *Grécia!*

Eu sabia que Capo provavelmente tinha mexido nas minhas coisas quando as entreguei no *The Club*. Estar na Grécia fez esse pensamento ir de *provavelmente* e o transformou em algo sólido, *com certeza*. Escrevi em Jornada sobre a Grécia e o quanto queria conhecer. Um dos clientes da *Home Run* era grego e contava as histórias mais maravilhosas sobre o nascer e o pôr do sol, as casas iluminadas, o mar ofuscante, os moinhos de vento, as montanhas, a comida e as pessoas.

A primeira coisa que Capo fez depois que fomos deixados em terra foi encontrar uma loja que vendesse câmeras. Ele me disse ser inaceitável que eu estivesse endireitando os dedos, colocando-os na frente do rosto e fazendo um barulho de clique quando a visão que eu nunca queria esquecer estava no enquadramento. Se eu quisesse uma câmera, compraria uma câmera.

Ele comprou uma bem sofisticada para mim e levei duas horas para descobrir como fazê-la funcionar, mas uma vez que consegui, não havia como parar. Raramente não estava em volta do meu pescoço. E devo ter passado por cinco cartões de memória, preenchendo todos eles até a capacidade máxima. Amanhecer e pôr do sol, casas caiadas de branco, mares ofuscantes, moinhos de vento, montanhas, comida e pessoas. Capo e eu.

Apenas... Capo. A câmera amou seu rosto e corpo.

Durante nosso tempo, pude conhecer um lado diferente dele. Ele ficou mais à vontade e, quando sentiu que eu estava me aquietando, me incentivou a fazer coisas que nunca havia imaginado antes. Nadar nua à noite sob as estrelas com ele, caminhar para lugares que eram ocupados apenas por flores silvestres e cabras, invadir um casamento e dançar até que meu rosto parecesse permanentemente preso em um sorriso, fazer rafting no Monte Olimpo, andar de caiaque sobre águas tão claras que a superfície parecia vidro e as profundezas como tesouro azul e verde, fazer sexo em enseadas isoladas e comer coisas que exigiam uma certa coragem, como salada de ouriço-do-mar — direto do mar — e cordeiro. Desenhei a linha no saco de tinta de um polvo e caracóis que estouraram quando você os colocava em uma panela para fritar. No entanto, me apaixonei por romãs, e o chef manteve a cozinha abastecida com elas.

Estávamos na Grécia há um mês quando Capo recebeu uma ligação de Rocco. Ele teve que tapar o ouvido para ouvir o que Rocco estava dizendo. Meu marido havia me surpreendido com uma noite em Atenas. A Ópera Nacional Grega estava apresentando Carmen no Odeon de Herodes Atticus, um teatro de pedra externo que existia desde 161 d.C. Era um declive acentuado, quase como uma tigela com laterais altas. Mais além, a cidade de Atenas brilhava, enquanto as montanhas ao longe criavam sombras escarpadas. Nunca tinha ido a um lugar com tanta história. Eu não só podia tocá-lo, como também sentir o cheiro no ar. Capo encerrou a ligação e mordeu o lábio inferior. Com ele, a paixão e a raiva estavam intimamente relacionadas. Ele só rolava os dentes sobre o lábio inferior quando me queria ou quando estava chateado.

— Algo errado? — Ele não olhou para mim, apenas para os atores que representavam seus papéis no palco. — Boo, bam, boo. — Encarei-o até que ele encontrou meus olhos.

— Partimos esta noite, Mariposa.

Eu temia esse dia, mas sabia que chegaria mais cedo ou mais tarde.

— Por quê?

— Um dos meus prédios em Nova York explodiu.

Essa frase concluiu nosso tempo na Grécia.

Estaríamos de volta a Nova York, de volta à realidade, no dia seguinte.



CAPÍTULO 21

Capo

Cada passo que dei foi planejado. Nada do que fiz foi por acaso. No meu mundo, circunstâncias imprevistas podem te matar. Após minha morte, aprendi a cronometrar minhas respirações a cada segundo que passava. E me lembrava muito bem de como sessenta segundos equivaliam a uma vida inteira — o próximo possivelmente seria o último.

Eu tinha causado as guerras. Eu me infiltrei sem suspeitas e matei irmãos, filhos, tios e bons amigos. Todas as evidências apontavam para a família Scarpone. Até mesmo sacaneei com os irlandeses. E, como eu havia planejado, o inferno começou. Ninguém confiava em ninguém, nem mesmo um centavo. Era um centavo que geralmente os mantinha alinhados um com o outro.

Eu sabia a quem devia matar em cada família. Sabia como configurar todo o cenário. Houve uma época em que eu era assim: o príncipe do rei, aquele que ele, às vezes, chamava de garoto bonito assassino. Quando Arturo queria matar alguém que tinha lhe feito algo pessoal, ele chamava Achille ou a mim para lidar com isso. Nós éramos os lobos atrás de ovelhas para o matadouro. Arturo nunca pensou em ninguém além dos Fausti como competidores. Ele os chamou de leões, uma raça diferente de animal. Não

precisávamos nos preocupar com eles ou derrubá-los, porque eles tinham seu próprio território. Mas quando se tratava de derrubar outros lobos, aqueles que o desafiaram, que queriam ser o alfa, éramos enviados para destruir.

Eu havia deixado a filha de outro lobo partir e, aos olhos de Arturo, o pecado era imperdoável. Então ele enviou uma matilha atrás de mim. Eles chegaram perto de rasgar minha garganta.

Então me tornei um fantasma. Vi isso em cada rosto de cada homem que matei depois da minha morte. Eles pensaram que eu tinha vindo para levá-los ao inferno. Foi especialmente doce ver o reconhecimento nos rostos dos animais que participaram da minha morte. Os covardes que seguraram meus braços enquanto a faca me cortava profundamente. Aqueles que seguraram uma mulher contra sua vontade e a agrediram na minha frente até que a despedaçaram.

Uma coisa sobre a morte — você não tem nada além de tempo. Então foi isso que fiz. Esperei. Desapareci na Itália por um tempo. Comecei a usar o nome de Amadeo, para começar. Então, uma visita a Marzio Fausti me trouxe de volta à vida. Ele me emprestou dinheiro suficiente para investir em negócios em declínio. Em troca, eu mataria pela família dele até pagar cada centavo com juros. Ele se ofereceu para matar Arturo, mas pedi que fosse poupado. Queria fazer isso do meu jeito.

Queria me vingar de uma forma que alimentasse a alma arrancada de seu corpo e faminta por muito tempo.

Depois que meus investimentos valeram a pena — os hotéis, o restaurante, o *The Club*, além de inúmeras propriedades, juntamente aos investimentos que Rocco fez para mim —, meu plano realmente começou a tomar forma. Parecia um lobo vingativo com dentes mais afiados que os outros. Deixei pequenas pistas aqui e ali, suficientes para eles sentirem um cheiro novo, mas também familiar.

Vittorio?

Não, não pode ser.

Ah, mas é ele mesmo, filhos da puta.

Pequenas pistas levaram a pistas mais robustas, até que não estava mais funcionando. Meus esquemas se tornaram maiores. Não o suficiente para me delatar, mas para que o cheiro ficasse mais forte. De vez em quando, um dos Scarpone fazia uma viagem à Itália sob o pretexto de “visitar a

família”.

Eu ri, e uma respiração fria saiu da minha boca.

— Família, — disse a palavra como uma provocação, uma piada.

Depois da última viagem de pai e filho, quando Arturo e Achille quase me descobriram na igreja, eles começaram a se esgueirar pelos prédios de Nova York. Prédios de um certo Amadeo Macchiavello. Se eu ainda estivesse vivo, eles estavam tentando me atrair da única maneira que sabiam — atacando primeiro. Eles não conseguiam encontrar provas da minha existência de outra maneira.

Achille até tentou me encontrar no *The Club* depois que seu filho foi morto. Eu o observei do andar privado acima. Ele estava louco com a perda de poder. Continuou agarrando homens de cabelos pretos e virando-os, procurando por mim em seus rostos. Para constar, eles nunca encontraram o corpo do filho de Achille. Meu túmulo vazio era o último lugar em que eles procurariam. Houve uma história rica em detalhes. Depois que o homem que Arturo enviou para me matar pensou que havia concluído o serviço, ele deveria pegar meu corpo e jogá-lo no rio Hudson com os restos de carne que foram eliminados. No entanto, não contavam com a chegada de um anjo.

Tito Sala.

Ele apareceu pouco antes de eu dar meu último suspiro e me salvou. Rocco e Dario estavam com ele. O homem que cortou minha garganta morreu em um acidente de carro dois dias depois. Seus freios falharam. Aparentemente, ele nunca disse a Arturo que não tinha desovado meu corpo, porque não queria que Arturo o matasse. Depois que todos os homens fugiram e apenas o que me “matou” foi deixado, ele viu as sombras vindo atrás de si no beco ao lado de *Dolce*. Ele havia disparado, indo direto para o Rei Lobo para entregar a mentira — *sim, ele se foi*.

Sua mentira não o salvou. Nada o teria salvado. Arturo nunca deixava testemunhas. Era muito arriscado. Então mandou matar o homem. Mas funcionou para mim, porque Arturo o matou antes de descobrir a verdade. Angelina já estava morta, nosso sangue se misturando no beco. Foi um adeus final apropriado.

Os Fausti deixaram meu sangue na viela, mas também deixaram rastros que levavam ao Hudson. Eu não queria ser encontrado e sabia que era para onde o homem me levaria a seguir — enquanto ele cortava minha garganta, havia sussurrado em meu ouvido: “*Você não é bom o suficiente para ser deixado na rua ao lado de uma lixeira. Seu velho quer que você*

fique com os peixes no Hudson, uma sepultura aquática”. Ele falou demais quando tentou cortar minha garganta.

Os detetives declararam nossos casos, o de Angelina e o meu, como assassinatos, mas depois que nenhuma pista apontou para os assassinos, o caso foi arquivado e a caixa de evidências foi lacrada.

Sim, eles não tinham investigado com afinco. Mesmo que tivessem, nunca teriam me encontrado. Eu era um fantasma, como alguns me chamavam.

Os Scarpone estavam sentindo a pressão daquele fantasma. Quando as pistas ficaram muito chatas para mim, comecei a deixar evidências mais firmes, aquelas que os levariam um pouco mais perto. Eu queria foder com suas cabeças antes de cortá-las. Em uma tentativa de convencer as outras famílias de que não foram os Scarpone que iniciaram as guerras, matando seus homens e se apossando de seus carregamentos roubados, eles conectaram isso a um homem.

Eu.

Um homem que eles não conheciam. Um homem que, do nada, começou a pisar em todos os seus territórios. Claro, Arturo nunca mencionou Vittorio Lupo Scarpone para as outras famílias. Se o fizesse, pintaria Arturo como instável, e a última coisa que queria era ser rotulado de louco, a menos que chegasse à violência. Vendo fantasmas? Acreditando que o filho que você matara voltou dos mortos? Sim, não é bom para os negócios.

Então a pressão estava sobre mim. Eu estava sendo atingido por todos os lados, mas, depois de alguns meses, as outras famílias seguiram em frente, convencidas de que os Scarpone eram os culpados, já que nenhum homem procurando iniciar uma guerra havia sido encontrado.

No entanto, os Scarpone não desistiram. Eles estavam determinados a me expor, me fazer mostrar o rosto ou jogar minhas cinzas ao vento. Para cada propriedade que eles incendiaram ou explodiram, eu fiz o mesmo com duas deles. E seus carregamentos de mercadorias roubadas? Desaparecidos. Perdidos. Sem nunca chegar. Então, dias depois, alguns de seus itens flutuaram do Hudson.

Nunca tinha visto Achille chorar, nem mesmo por causa do filho, até que milhões de dólares em drogas desapareceram. Eu o vi no cais, conversando com um capataz pago, puxando seu cabelo, girando, praguejando e xingando até a última geração.

Waaaa. Waaaa. Waaaa. Waa.

Sua vida perfeita estava implodindo e não havia nada que ele pudesse fazer para impedir.

Isso é o que acontece quando você tenta pegar um homem a quem transformou em fantasma.

Meses se passaram desde nossa lua de mel. Eu perdi uma quantidade substancial de propriedades e dinheiro, mas não foi nada comparado ao pagamento que recebi, que não tinha nada a ver com *la moneta*. Fodi uma família que ninguém foi capaz de tocar antes. Os Scarpone, liderados pelo rei de Nova York e seu filho louco, o Coringa.

A notícia nas ruas era que as famílias que originalmente decidiram ajudá-los a me fazer sair da toca, um homem que nenhum deles conseguiu encontrar, na verdade desistiram porque queriam a família Scarpone destruída. A disposição deles em ajudar fora uma tática de guerra. Eles concordaram no início, mas depois desistiram na esperança de que eu acabasse com os Scarpone. Completamente. Um pouco mais de tempo e toda a cidade de Nova York ficaria me devendo.

O movimento me fez olhar para cima. Uma sombra se aproximou da janela do andar superior, espiando. Arturo tinha dois híbridos de lobo como animais de estimação, e eles nem se importavam em desviar o olhar de suas guloseimas. Eles se deitaram aos meus pés e lamberam o sangue dos bifes que eu trouxe. Eu governava sua casa, até seus cachorros.

Sim, desça, podemos acabar com isso aqui e agora se você quiser, velho. Arturo era velho, e qualquer decisão que tomasse era feita de seu escritório. Achille tinha controle total do corpo, exceto o cérebro e o coração. Ele não tinha nascido com nenhum dos dois.

Enquanto eu me encontrava abaixo da janela de Arturo, vestido de preto, ele não podia me ver, mas eu podia vê-lo. Podia até ouvir sua esposa, a loira burra com seios falsos, falando com ele. Ela também já havia ido ao restaurante. E era uma piada do caralho. Era mais burra que uma parede. Não era de admirar que tenha parido o Coringa quando tinha apenas 17 anos.

Ninguém jamais seria capaz de substituir minha mãe. Ela deu um príncipe a Arturo e ele a destruiu. Havia matado sua inocência. Estraçalhado. Então ela se matou por causa disso. Ele pegou algo que deveria ser único, inocente, e transformou em algo sujo.

O visor do meu telefone se acendeu. Uma foto minha e de Mariposa, no nosso casamento na Itália, apareceu na tela. Nem um segundo depois, a música que Mariposa e eu dançamos ressoou pelo alto-falante, aquela que

soava como uma trilha sonora de Tim Burton. Minha esposa mudava constantemente a foto do perfil no meu telefone e o toque. Então comecei a fazer o mesmo com ela. Dessa vez, porém, ela me pegou em um momento ruim. E a culpa era toda minha. Eu deveria ter colocado o telefone no modo silencioso.

Arturo ficaria curioso, então encaminhei a ligação para a caixa-postal e silencieiei o telefone. Rapidamente enviei uma mensagem para ela.

Eu: No trabalho. Você está bem?

Um segundo depois, sua resposta veio.

Sua esposa (ela programou isso no meu celular): Tudo bem, só estou sozinha nesta casa grande sem você .

Eu sorri. Outra mensagem.

Sua esposa: É bom ter um amigo que fica em casa e assiste a filmes antigos comigo. Vou fazer pipoca e vaca preta.

As luzes do quintal se acenderam e os cachorros pularam em direção à porta dos fundos. Um segundo depois, Arturo apareceu segurando uma arma.

— Quem está aí? — Ele estreitou os olhos. Então chamou seus homens para verificar o pátio. Ele estava ficando muito descuidado em sua velhice. Ele deveria saber que seus homens tinham que ter checado o lugar primeiro.

Uma bala e a vida dele era minha.

Fácil pra caralho.

Já tinha ido embora antes mesmo de seus cães de guarda chegarem ao lugar em que me encontrava atrás da árvore. Meu telefone acendeu novamente quando abri a porta do carro. A neve cobria o para-brisa e o couro parecia gelo. Minha respiração embaçou quando tomei outra respiração profunda.

Sua esposa: Pensando bem. Você pode trazer marshmallows? Nós estamos sem. Como está frio, o chocolate quente será melhor.

Eu: Você vai ficar me devendo.

Sua esposa: Esse era o meu plano.

Então me enviou uma carinha sorridente piscando.

Sentei-me no frio por um tempo, olhando para o celular, então cliquei na foto que ela tinha carregado. Estávamos sentados sob a videira e eu esfregava os pés dela. O fotógrafo nos flagrou em um momento de ternura. Mariposa gostou tanto que mandou ampliá-la e pendurá-la sobre a nossa lareira.

Arrastei a ponta do dedo pelas outras duas imagens. Algumas delas eu havia tirado na Grécia.

Naquele momento, eu era um mentiroso. Na minha vida, uma vez fiz algo que não estava nos meus planos.

Ela.

Minha esposa.

Ela mudou todo o curso da minha vida.

Foi uma surpresa na primeira vez, e novamente quando voltou para minha vida. Seria um tolo pensar que o destino não existe, que algumas coisas nesta vida não nos pertencem, por mais que lutemos contra elas. Mariposa Macchiavello era minha em todos os sentidos. Desde o momento em que a encontrei em uma noite como essa. Escura. Fria. Nevando. O ar estava quase azul de frio. Sem estrelas no céu. Ela tinha apenas 5 anos na época. Apenas cinco. Sua inocência foi um golpe em meu coração.

A grande mochila de sua mãe estava pressionada contra seu pequeno peito enquanto nos afastávamos do lugar onde Palermo os estava escondendo.



— *Para onde estamos indo?* — *ela havia me perguntado em italiano.*

— *Você vai para casa, Mariposa,* — *respondi no mesmo idioma.*

Foi basicamente tudo o que ela disse. Seu pai falava principalmente italiano em casa, mas na rua, apenas em inglês. Sua mãe deixou a Sicília e foi direto para a América. Seu inglês era limitado.

Suas sobrancelhas franziram.

— *Para sua casa.*

Não respondi e ela continuou me encarando, as pernas tão curtas que mal chegavam ao final do assento.

— *Você sabe o que significa mariposa?* — *perguntei.*

Ela balançou a cabeça.

— *Non. Non ho capito.* — *Ela não entendeu.*

— *Significa borboleta,* — *revelei.* — *Farfalla ma in spagnolo.*

Ela pensou por um minuto antes de assentir.



Se os Scarpone encontrassem Mariposa, o jogo seria diferente. Não teria mais nada para eles roubarem ou explodirem. Não seria mais um fantasma, mas um homem com tudo a perder. Ela era a única coisa neste mundo que valia alguma coisa para mim.

Tudo.

Ela valia tudo para mim desde aquela noite fria de dezembro, quando me pediu para pintar com ela, quando me deu o rosário porque disse que eu estava inquieto. Ela tinha me desconcertado na primeira vez em que a vi. Olhar para ela era como olhar para o meu futuro e, a menos que ela vivesse, o resto da minha vida não parecia importar. Era como negociar minha maldade para que um grama de bondade sobrasse no mundo.

— *Porra,* — *suspirei.* Onde eu estava antes de ficar mole demais?
Mariposa inquieta.

Sua mãe, Maria, sabia disso e, em vez de lhe dar algo infantil, como um cobertor macio ou um bichinho de pelúcia, havia dado a Mariposa o rosário para confortá-la quando estivesse ansiosa. Quando a vi fazendo isso na igreja, depois do enterro do meu avô, o ato me levou de volta à época de seus 5 anos, e não pude deixar de questionar o quanto Maria havia incutido nela, mesmo naquela tenra idade.

Dê o fora daqui, Capo. Pensar em sua esposa enquanto estiver em território Scarpone só vai te matar.

Ainda não.

Acendi os faróis, as partículas de neve girando pelos facho de luz. Ajustei a marcha e engatei. Eu iria para um prédio separado antes de ir para casa. Usaria os prédios de conexão para caminhar até outro e depois pegaria outro carro, tomando uma saída diferente. Saberria se eles estivessem me seguindo. Rastreei todos eles em meus computadores. Mesmo os computadores não inspiravam confiança suficiente, no entanto. Era por isso que minha esposa estava no Corpo de Bombeiros. Mesmo que explodissem o outro prédio, ela estaria segura do outro lado. Além disso, todo o quarteirão era “propriedade” de Luca Fausti, pai de Rocco. Ninguém o tocava. Se o fizessem, eles se arrependeriam.

Os Scarpone nem passariam dirigindo por aquele quarteirão, muito menos colocariam o dedo em uma de suas propriedades. Luca Fausti não gostava de Arturo. Nunca gostou. E depois que Marzio contou sobre o que havia acontecido comigo, ele estava mais do que disposto a se meter na confusão para me defender.

Ainda assim, dei um passo além para me certificar de que Mariposa estava segura. O Corpo de Bombeiros abandonado não receberia uma segunda olhada. Porém, eu não gostava que os Scarpone a vissem, ficassem tão perto dela, como estiveram na Itália. Eles sabiam que, se algo fosse me atrair da toca, seria o funeral do meu avô. Eu estava a segundos de ser descoberto quando Rocco — na verdade, minha esposa, já que ela foi à minha procura — os deteve.

Na época, não dei a mínima. Era mais fácil morrer do que sentir a dor de perder o homem que me ensinou tudo sobre a vida. Então *mia farfalla* me trouxe de volta. A vida nela me deixou com fome novamente.

Pisei no freio quando um homem correndo na rua decidiu atravessar. Ele correu bem na frente do meu carro, diminuindo a velocidade quando passou pelo capô. Ele parou por um segundo com as mãos nos quadris, respirando pesadamente. A tatuagem de lobo em sua mão se destacou, o brilho dos meus faróis realçando a tinta. Ele estreitou os olhos para o carro, tentando ver através das janelas escuras. Mas não podia.

— Coringa, — minha voz era baixa, áspera. — Você está tentando ver alguém que não existe mais.

Levantei a mão em saudação. Ele estreitou os olhos novamente, mas

não se mexeu. Saí devagar, observando-o pelo espelho retrovisor. Ele se afastou do meio-fio e parou no meio da rua, tentando ler a placa do carro. *Fique à vontade*. Obteria algum nome e número aleatórios.

Ele sempre foi um filho da puta estúpido. Não conseguia ver além do que estava bem na frente de seu rosto.

Sim, minha esposa estava protegida deles, desta vida de vingança que escolhi. O júri ainda estava decidindo sobre o meu destino. Eu não sabia quem era mais perigoso para mim — os Scarpone ou ela.



CAPÍTULO 22

Mariposa

Ele estava atrasado. Eu também estava, mas isso não vinha ao caso.

Capo estava “trabalhando” até mais tarde desde a noite em que voltamos da Grécia. Não mencionou o que havia acontecido com seu prédio ou o que quer que estivesse acontecendo, mas chamei isso de intuição de esposa — eu sabia que ele havia travado uma batalha que foi mantida em segredo.

Achei que o prédio dele, ou um prédio explodido em pedacinhos, teria virado notícia, mas não. Assistia ao noticiário todas as noites e... nada. As supostas “guerras” entre as famílias conectadas haviam diminuído, informou o noticiário, e logo depois que isso foi resolvido, tudo voltou a ser política.

Normalmente eu não me importava quando ele se atrasava, mas essa noite era importante por dois motivos. Primeiro: Keely teve sua estreia na Broadway. Ela estava fazendo o papel principal, de uma guerreira escocesa incrível que era uma excelente arqueira. Segundo: Não queria pensar no motivo dois. Fiquei nervosa por continuar pensando nisso, então esperei que acontecesse.

— Mariposa, — Capo chamou, entrando no quarto. Ele me encontrou

sentada nua no banheiro, retocando a maquiagem. Ele parou com o paletó sobre o braço, me olhando. — Do jeito que eu quero você, — disse, sua voz baixa. — Fique de pé.

Enquanto eu fazia isso, ele jogou o paletó no balcão e afrouxou a gravata, sem perder o contato com os olhos. O frenesi que existia entre nós, algo carnal, parecia alimentar o desejo dele tanto quanto o meu.

Um longo momento pareceu se estender antes que algo aparentasse explodir dentro de mim, antes que seu corpo procurasse o meu. Nossos corpos colidiram um contra o outro, meus dedos famintos contra sua pele, sua boca devorando a minha. Minhas costas bateram na parede do banheiro e, sem que ele tivesse que me instruir, minhas pernas envolveram sua cintura, pedindo, implorando, exigindo que ele acalmasse a dor.

Vim a saber que qualquer coisa que estivesse entre nós era primordial, mas básica, animalesca. E foi assim que nos despedaçamos, como animais que não sabem distinguir o certo do errado, que não têm outro pensamento ou sentimento, a não ser o aqui e agora. Fazia apenas horas, mas a dor gritava... agora mesmo!

Os ruídos que fazíamos ecoavam pelo enorme banheiro, e os seus sons de prazer reverberavam dentro de mim. Atingiam cada cavidade, pingavam de osso a osso, deslizavam direto pela minha corrente sanguínea.

Ele me levou cada vez mais alto, minhas costas deslizando contra as portas do boxe, seus impulsos duros e enlouquecidos. Ele leu minha linguagem corporal, talvez a maneira como comecei a tremer e como meus gemidos estavam ficando altos — talvez a súplica estivesse piorando. Então, em outra explosão nós gozamos juntos, seu rosnado gutural engolindo o meu, mais suave, enquanto ele se derramava em mim com tanto prazer que me fazia sentir a mulher mais poderosa do mundo.

Ficamos conectados por um momento, nossas respirações se acalmando, e quando finalmente encontrei forças para abrir os olhos, sorri para ele. Meu marido estava me observando.

— Bem-vindo ao lar, Capo, — eu disse, com a voz embargada. Ele sorriu e me colocou de pé.

— Minha hora favorita do dia, — confessou.

— A minha também, — sussurrei, atordoada, enquanto ele me levava para o chuveiro e molhava toda a maquiagem que apliquei e meu cabelo.

Íamos nos atrasar.

Refiz apressadamente o que ele havia estragado e tentei fazer o

melhor com meu cabelo sem ter que mexer muito. Essa noite era uma razão para me vestir bem, então escolhi usar um macacão de seda cor de safira, diamantes, safiras e pulseiras de ouro em meus pulsos para combinar.

— Azul. — Ele sorriu quando saiu do closet, entregando-me um par de sapatos que pedi para ele encontrar. Levou dez minutos para se vestir.

— Minha cor marca registrada, — eu disse.

Ele assentiu.

— *Sempre bella in blu. — Sempre linda de azul.*

Nós nos encaramos por um momento ou dois. A intensidade em seus olhos era difícil de encontrar, especialmente quando as imagens da noite anterior, quando ele trouxe os marshmallows para casa, fizeram coisas para mim que arrepiaram minha pele com a lembrança. Em público, o homem era o mais reservado possível, mas a portas fechadas... era um animal insaciável. E quando tinha tempo... gratificação adiada era sua especialidade.

— Realmente deveria ser um crime para qualquer homem parecer tão bem quanto você, — comentei, incapaz de me conter.

— É por isso que me casei com a mulher mais bonita. — Ele deslizou o paletó em meus braços, ajudando-me a vesti-lo. — Ninguém olhará para mim, e, sim, para você.

Às vezes, eu esquecia o quanto ele era recluso. Mesmo que as mulheres olhassem para ele aonde quer que fôssemos, Capo não parecia notar ou se importar. Quanto mais cedo ele estivesse atrás de portas fechadas, mais cedo se abriria para mim.

Desde o dia do funeral de seu avô, depois do que aconteceu na igreja, algo mudou entre nós. *Nonno* me disse que todas as mudanças na vida começam com um ponto crucial. Ele me explicou o que era — *o ponto decisivo ou mais importante da questão, o coração* — e quando mudava, mudava todo o curso das coisas.

— *Compare isso com pegar uma estrada diferente, — ele dissera. — Às vezes, fazemos isso por acidente; às vezes, fazemos isso por vontade, mas muda tudo além desse ponto. Isso muda a história que ainda não aconteceu.*

Aquele tempo na Grécia só ajudou. Capo estava mais relaxado, mais à vontade, embora eu soubesse que ele estava de luto. De alguma forma, porém, eu sabia que Capo estava me ensinando a viver — quase através da morte — e parecia que era em homenagem a alguma coisa. Embora eu não soubesse exatamente o quê. Talvez o fato de ele ter salvado minha vida? E o custo para ele, porque eu sabia que tinha que haver um, seria em vão se eu

não aproveitasse ao máximo meu tempo aqui.

Nonno era um homem filosófico. Seu neto também. Eu tentava acompanhar.

Giovanni nos levou para a Broadway. O show estava lotado; esgotado. Acenei para a família de Keely enquanto me sentava. Eu estava tão nervosa por ela, que meu pé batia no chão. Capo apertou minha coxa, contendo o movimento.

— *Dov'è il tuo rosario?* — *Onde está o seu rosário?* — ele perguntou, em italiano.

Vasculhei minha bolsa e o puxei para fora. As luzes suaves faziam as pérolas brilharem contra o escuro das minhas unhas enquanto eu esfregava uma conta entre os dedos. Ele raramente tinha que me lembrar de usar o rosário para aliviar minha ansiedade, mas nessa noite minha mente estava correndo em muitas direções diferentes, me dilacerando.

As luzes se apagaram completamente, a cortina foi levantada e o espetáculo começou. Capo pegou minha mão e nós assistimos.

Dizer que eu estava orgulhosa seria um eufemismo. Se Keely não chegasse ao noticiário com sua performance, toda a comunidade da Broadway poderia ir se ferrar, no que me dizia respeito. Após a peça, fomos convidados para o camarim. Entreguei a ela as flores que trouxe e a abracei mais do que o necessário. Keely nos convidou para jantar com ela e sua família, mas recusei. Era sempre meio constrangedor, e quanto menos tempo passássemos juntos, melhor.

Percebi que o cara que estava na festa na casa de Harrison, aquele que foi atrás de Keely, estava lá. Cash. Não parecia que Keely queria estar perto dele. Ele falava com ela e ela o ignorava. Quando ela teve que responder a ele, suas respostas foram secas. O tempo todo, Capo manteve a mão no meu pescoço, aquela com a tatuagem, meu cabelo cobrindo-a. Parecia que ele fazia isso de propósito, mas eu não tinha certeza.

Não respirei fundo até sairmos do teatro. A noite estava congelante e a neve caía em rajadas. Na verdade, me sentia bem e não estava com vontade de ir direto para casa. Esse foi o primeiro inverno em que não tive medo de bater os dentes a noite toda. Para ganhar tempo, sugeri que comêssemos alguma coisa. Capo concordou. Caminhamos pelas ruas, a mão dele ainda no meu pescoço. A cidade estava enfeitada com decorações festivas. Milhares de luzes foram penduradas, Papais Noéis agitavam sinos nas esquinas e as vitrines foram enfeitadas com coisas bonitas que imploravam para ser

compradas.

Capo ficou quieto a maior parte da noite. E me perguntei no que ele estava pensando, olhando para ele.

— Você tem estado quieto.

— Não dá para falar muito durante um show da Broadway, — a respiração saiu de sua boca em uma nuvem.

Sorri um pouco e ele me puxou para mais perto. Depois que fez isso, senti seu aperto em meu pescoço, como se tivesse visto alguém que conheceu em uma vida anterior, alguém que ele queria evitar. Mas quando olhei para Capo novamente, ele estava olhando para mim.

Diminuí nossos passos e parei diante de uma vitrine repleta de bichinhos de porcelana. No centro do cenário, uma roda-gigante girava e girava, cheia de animaizinhos felizes em seus assentos. Mais figurinhas estavam em movimento, girando em círculos no chão, como se estivessem em um carnaval.

Um elefante segurava uma bexiga azul. Duas girafas estavam em um balão de ar quente. Um tigre voava em um avião, com um lenço em volta do pescoço. Um hipopótamo usava um tutu e segurava um algodão-doce rosa. O ponto alto: um lobo preto com a cabeça voltada para cima, e uma borboleta azul descansando em seu nariz.

As pequenas figuras pareciam antiguidades. Talvez francesas. Eu poderia jurar que ouvi uma música tilintante vindo de trás do vidro.

Eu me afastei da vitrine e fui em direção ao homem ao meu lado. A neve caía em seu cabelo, nos cílios, e seus olhos pareciam ainda mais azuis.

— Não estou dizendo isso só porque você é meu marido. Você realmente é o homem mais atraente que já vi. — Era mais do que atraente, mas não queria soar muito feminina chamando-o de lindo.

Seus olhos voaram para os meus.

— Você já me elogiou o suficiente esta noite, — sua voz era áspera, como se o frio se agarrasse à sua cicatriz e tornasse difícil para ele falar.

Olhei para baixo, e, de repente, os botões do seu casaco chamaram minha atenção. Brinquei com um, esfregando-o entre os dedos.

— Estou grávida, Capo.

Era difícil encontrar seu olhar. Ele ficaria com raiva? Ele me disse que a escolha era minha. Se eu quisesse um filho com ele, tudo bem. Se eu não quisesse, tudo bem também.

Ele ficou quieto por tanto tempo, que respirei fundo e, por fim, olhei

para cima. Eu não tinha certeza do que esperar, mas o que não esperava era que ele parecesse tão pálido. Suas mãos tremiam quando ele tocou meu rosto. Seus olhos pareciam tão... incertos. Nunca tinha visto isso antes. Isso me assustou, mas não queria que ele percebesse, então continuei falando:

— O bebê deve nascer em agosto. O médico disse que está tudo bem. Estava esperando o momento perfeito para te contar, mas minha mente continua inquieta, então...

Ele ergueu meu queixo, forçando-me a olhar para ele. Sem dizer uma palavra, beijou meus lábios devagar.

Era isso. Um beijo.

Talvez ele estivesse sobrecarregado? Mesmo depois que começamos a andar de novo, ele não disse nada. *Isso me agrada. Isso é uma merda.* Nada.

Quando chegamos a um restaurante italiano caro, *Dolce*, parei. O que quer que estivessem cozinhando lá dentro cheirava muito, muito bem. Não tive enjoos matinais nem nada, então, quando o médico confirmou que eu estava grávida, foi difícil de acreditar. Estava preocupada que minha falta de enjoos significasse que algo estava errado. Ele me garantiu que as gestações eram tão únicas quanto as mulheres que as vivenciavam.

Tive alguns sintomas, no entanto. Seios mais cheios. A Gina mais sensível. Eu precisava de sexo com mais frequência para satisfazer o desejo, o que dizia alguma coisa, porque parecia que era tudo o que fazíamos. A exaustão extrema, que eu pensava ser de tanto sexo, era outro sintoma. Ah, e alguns alimentos tinham um cheiro tão delicioso que era impossível deixar passar.

— E esse lugar? — Apontei meu polegar em direção a ele. — Eles são conhecidos por...

— Vitela à parmegiana.

Estudei seu rosto com mais atenção. Ele estava suando? Sob a neve? Sua voz estava mais baixa, ainda mais áspera.

— Capo, — sussurrei.

Dei um passo mais perto dele e ele deu um passo para trás, seus olhos se voltando para o beco ao lado do restaurante. Ele estreitou os olhos, como se pudesse ver através da escuridão. Talvez pudesse. Algo estava errado, mas eu não tinha ideia do quê.

— Podemos ir para outro lugar, — sugeri. — Não temos que comer aqui.

Um monte de vozes veio do beco. Homens. Talvez bêbados. Eles estavam falando alto. Detestável. Antes que eu pudesse reagir, Capo me pressionou contra a parede do restaurante e protegeu meu corpo com o dele. Ele estava me machucando, quase me esmagando contra a parede, mas eu não emiti nenhum som. Em vez disso, levantei os braços e enlacei o pescoço dele, tentando escondê-lo.

— Ooh! — um dos homens gritou como uma mulher. — Não acredito que você faria isso *comigo*!

— Depois que ela tentou sacanear você e ele? — o outro homem zombou. — Ela mereceu tudo o que aconteceu.

— Bobby, você tem um cigarro?

Quando os homens se aproximaram, Capo me pressionou ainda mais e então me beijou, a mão com a tatuagem no meu cabelo. Enquanto eles passavam, eu podia sentir o cheiro de uísque como fogo no ar. Todo o corpo de Capo tremeu sob minhas mãos. Ele estava suando. E depois que os homens foram embora, realmente notei seus olhos. Suas pupilas estavam dilatadas, todo o azul substituído pelo preto, e ele parecia... surtado.

Não com raiva, mas quase insano.

Mais quatro homens vieram do beco um segundo depois, e parecia que meu coração estava preso na garganta. O tijolo se enterrou nas minhas costas com a pressão.

Esses caras eram mais jovens e nem se deram ao trabalho de olhar para nós. No entanto, um deles parecia familiar para mim. Ele me lembrou Armino Scarpone. Tentei ver se algum deles tinha a tatuagem do lobo, mas eles se moviam muito rápido, deixando para trás fortes odores do restaurante.

Ainda não ficou claro para mim como meu marido conheceu os Scarpone, o que fez por eles e por que me salvou deles, além do fato de que ele achava que eu era inocente em qualquer guerra que meu pai tivesse se metido. Capo tinha me dito isso. As atitudes de meu pai colocaram os Scarpone atrás de mim e de minha mãe. Devíamos pagar por seus pecados.

Mesmo depois que os homens foram embora, Capo ainda me segurou contra a parede, sem se mexer. Estava ficando difícil para mim respirar.

— Capo, — sussurrei, deslizando as mãos debaixo de seus braços. — Está tudo bem. Vamos. Vamos encontrar outro lugar para comer.

Ele não me respondeu, e isso estava me assustando. Ele nunca havia agido dessa maneira antes.

— Capo, — tentei novamente. — Estou com frio. Podemos comer

em casa. — Apertei seu casaco, descansando a cabeça em seu peito. Beije-o ali, esperando que ele sentisse. — Temos sobras de lasanha *al forno*. Vamos para casa. Ligue para o Giovanni e peça para ele nos buscar. Vou apertar o botão do meu relógio.

Finalmente, suas mãos cobriram as minhas. Ele me puxou para o lado dele, quase me fazendo tropeçar, e antes que eu pudesse dizer outra palavra, me forçou a andar. Acompanhá-lo era mais parecido com isso. Quando passamos pelo beco, ele me moveu mais rápido. Mas não rápido o suficiente para que meus olhos não percebessem. A área parecia mais fria, e o vapor subia da cozinha em nuvens brancas e fantasmagóricas. Eu tremi, e arrepios subiram por meus braços. Não tinha ideia do porquê a visão disso me assustou, mas naquela noite tive um pesadelo.

O sangue de Capo se acumulava no cimento do lado de fora da cozinha, em grandes poças escuras. O cheiro ferroso era denso no ar. Seus olhos estavam muito azuis em seu rosto pálido. Seus lábios, quase brancos. O rosário que eu lhe dera estava preso em suas mãos manchadas de sangue. Seu hálito quente na noite fria fazia neblina.

Uma vez. Duas vezes. Então ele deu seu último suspiro.

Sua terceira respiração. O diabo vem em três.

Meus membros estavam pesados demais para se mover. Congelados. Não consegui salvá-lo e gritei de agonia — o mesmo som que ouvi de uma das *zias* quando fecharam o caixão de *Nonno*. Alguém tirou meu Capo de mim e partiu minha alma em duas.

Forçando meus olhos a se abrirem, estendi uma mão para Capo e com a outra alcancei o rosário na mesa de cabeceira. Quando coloquei a luminária ao lado da cama na posição mais suave, meus olhos foram atraídos para um ponto no rosário que estava manchado com o que parecia ser ferrugem. Seu velho relógio tinha manchas da mesma cor.

Um soluço quase escapou da minha garganta quando percebi que não era ferrugem, mas sangue.



CAPÍTULO 23

Mariposa

O frio de fevereiro era brutal. Não importava quantas camadas eu usasse, ainda sentia o frio. Mas muitas vezes me perguntei se isso tinha a ver com o clima ou com o frio que caiu sobre nós depois do que aconteceu em dezembro, após a estreia de Keely na Broadway.

Capo nunca esteve tão distante de mim. Ele trabalhou mais do que nunca e nem uma vez citou o bebê. Eu sabia que era minha decisão. O bebê era minha responsabilidade no sentido real, mas esperava que Capo pelo menos mostrasse algum tipo de emoção por ter um filho. Esperava que algum dia ele olhasse para a criança com mais em mente do que Rocco havia dito na reunião — a responsabilidade financeira de Capo.

Um filho. *Ele*. A técnica de ultrassom disse que, embora houvesse a possibilidade de ela estar errada — ainda tínhamos o que ela chamava de “grande ultrassom” para confirmar —, tinha quase certeza de que o bebê era um menino. Suas minúsculas partes já estavam visíveis. Capo tinha vindo comigo para aquele compromisso, e foi a primeira vez desde o *Dolce* que eu vi algum tipo de emoção cintilar em seu rosto.

Morreu assim que saímos do consultório médico.

Eu tentava falar com ele sobre isso, sobre tudo, mas ele sempre

mudava de assunto. Eu não estava mais perto do “coração” e das “veias”, que ele havia me prometido durante nossa reunião de arranjos contratuais.

Quando? Muitas vezes me perguntei. *Quando ele vai confiar em mim o suficiente para compartilhar seus segredos?*

O que quer que tenha acontecido naquela noite na frente do *Dolce* o endureceu, e eu me encontrei do lado de fora novamente. Ele traçou uma linha rígida sem me dar uma explicação, nos fazendo retroceder. Suas exigências sobre mim também se tornaram mais difíceis. Os lugares a que eu poderia ir eram limitados. Os Fausti enviaram mais reforços para vigiar nosso lugar. E Giovanni estava em alerta máximo o tempo todo, a ponto de me sentir sufocada. Não aguentava mais, então decidi ligar para Keely e perguntar se ela queria comer alguma coisa. Combinamos de comer no *Macchiavello's*. Giovanni considerou seguro, pois estava listado em sua lista de “lugares permitidos para ir”.

— Eu dirijo, — falei a Giovanni.

Capo me presenteou com uma Ferrari Portofino vermelho-maçã no Natal. Era automática, então eu não teria problemas com as marchas. Ele me ensinou a dirigir na Itália. Até fez uma piada sobre me manter fora das estradas principais até que eu fosse uma motorista segura o suficiente para não tirar um pobre carro de três rodas da encosta da montanha. Eu ainda não tinha dirigido a Ferrari, e queria. Parecia o momento perfeito.

Eu precisava de algum tipo de controle em minha vida. Precisava... apenas fazer algo sem ter que obter permissão de um homem que me lembrava uma versão italiana do Shrek. Keely colocou o pensamento na minha cabeça depois que viu Giovanni. Ela queria saber por que eu fiquei com o ogro quando todos os outros tinham deuses italianos para protegê-los.

Giovanni realmente não se parecia com Shrek. Eu inclinei a cabeça. Não muito.

— Hoje não, Sra. Macchiavello. — Giovanni roubou as chaves da minha mão, rápido demais para que eu as puxasse de volta. — Ordens de Mac.

Esqueça a aparência. Ele agiu mais como Shrek no início do primeiro filme. Em vez de *saia do meu pântano!*, foi *me dê essas chaves!*

Liguei para Mac.

— Por que não posso dirigir?

Ele suspirou, impaciente.

— *Não é seguro. Vou vê-la hoje à noite.*

Olhei para o meu telefone. Ele tinha desligado.

— *Uomo scortese*. — Mostrei a língua para a foto dele na minha tela. Eu tinha tirado na Grécia, seus olhos desafiando a água para saber quem usava a cor azul melhor.

A boca de Giovanni se contorceu. Ele não queria rir abertamente. Eu havia chamado seu chefe de homem rude.

Nós superamos a maior parte do tráfego e chegamos ao restaurante ao mesmo tempo que Keely. Bruno ergueu os olhos da mesa que estava limpando. Seus olhos voaram de volta para o prato sujo que ele estava colocando em uma bandeja, quando percebeu que era o inseto, *eu*.

Fomos levadas para a sala privada. O homem que costumava servir Capo — Sylvester — entrou e anotou nossos pedidos. Keely e eu comemos o bife. Estava frio e, além disso, o prato de caranguejo era sazonal. Quando Sylvester voltou com a bebida de Keely, ela o deteve antes que saísse.

— Espere. O que você quer beber, Mari?

— Isso, — levantei a água.

Seus olhos se estreitaram.

— Você não vai tomar um coquetel? Eles são tão... — Seus olhos se arregalaram. Sylvester saiu sem fazer barulho, tão quieto em comparação com o guincho de Keely. Ela deu um tapa na mesa. — Você está grávida!

Eu sorri e dei a ela todos os detalhes.

— Vou ser tia! — Ela ergueu o copo e brindou a mim a cada cadeira ao longo da mesa, fingindo que havia pessoas sentadas em cada uma delas. — Esse bebê vai ser tão lindo. — Tomou um gole de sua bebida. — Por que você não me contou antes?

Dei de ombros, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— O lance com Harrison... eu não queria que as coisas ficassem mais estranhas. Eu tenho... ficado longe. Não quero perder você. E não quero fazê-lo se sentir mal.

Ela me observou por um minuto antes de segurar minha mão.

— As coisas têm sido diferentes, certo? Eu tenho dado tempo a ele. Você também. Mas não importa o que aconteça, você será minha irmã até o fim.

Apertei a mão dela e nós duas sorrimos.

Depois que nosso jantar chegou, a conversa fluíu tão fácil como sempre. Dessa vez, porém, nossas vidas pareciam estar indo na direção certa, e foi divertido falar sobre todas as coisas positivas em vez de dicas de

sobrevivência. Rimos mais do que nunca. Fiz-lhe perguntas sobre a Broadway. Ela me fez perguntas sobre Capo e o bebê.

— Ele está animado?

Dei de ombros.

— Difícil dizer. Ele tem trabalhado muito.

Ela ainda não sabia sobre nosso acordo, então foi difícil me abrir. Eu não poderia contar a ela uma versão da verdade sem dizer tudo.

— Uhm. — Keely tomou outro gole. — Você não está sendo totalmente honesta. — Fiquei quieta por tempo suficiente. — Eu sei que ele te ama, Mari, mas você está escondendo algo de mim.

Meu garfo bateu no prato com um estrondo alto quando caiu de meus dedos.

— Ele me ama.

Ela inclinou a cabeça para trás e riu.

— Dã. Sua pateta. Ele é seu marido. Claro que te ama. Pelo menos, eu espero que sim. Ou por que ele se casaria com você? Apenas pelo seu corpo delicioso? Você tem um, mas em Nova York, e com um homem tão gostoso quanto ele, os corpos custam dez centavos. Tem de ser mais. Atração animal. Amor verdadeiro. Eu vejo e sinto ambos.

Não queria parecer muito animada, então mantive meu tom uniforme.

— Você vê?

— Ações, Mari. Não palavras. Eu posso dizer por suas ações. Vi o olhar no rosto de Capo quando Harrison confessou seu amor eterno por você na cozinha. O ciúme é uma cadela maldosa, e ela estava batendo em Capo por toda parte. Depois na Itália. A maneira como ele olhava para você quando você não estava olhando. Quando você caminhou até o altar? Duvido que existisse mais alguém naquele momento. Eu poderia dizer que a espera o estava matando. Um de seus lindos amigos... Rocco, sei lá... teve que colocar a mão em seu ombro para mantê-lo no lugar. — Ela suspirou. — Sua primeira dança. A maneira como ele estava esfregando seus pés sob a videira.

— Você viu isso?

— Sim. Mandeí o fotógrafo tirar uma foto. Não queria que vocês vissem. Foi tão... comovente.

— Essa é uma das minhas fotos favoritas, — confessei.

Ela sorriu para mim.

— Nunca vi você tão feliz, Mari. E honestamente. — Ela olhou em volta. — Sei que não tem nada a ver com... tudo isso. O dinheiro parece ser a

resposta para tudo quando você não tem nenhum, mas quando você está com fome de mais, de coisas como paixão e amor, até mesmo segurança, você descobre o que realmente queria quando consegue o que nunca soube que queria. Ou precisava.

Ela estava certa. Eu não conseguia medir minha fome de amor e paixão quando estava ofuscada pela sobrevivência. O medo sugou a vida de tudo.

Medo de sentir muito frio ou muito calor.

Medo de ser atacada nas ruas e não ter ninguém para te proteger.

Medo de ficar com tanta fome, que você recorreria a vasculhar o lixo.

Medo de morrer antes de viver de verdade.

Tomei um gole da minha água e olhei pela janela. Minha respiração ficou presa na garganta. Achille Scarpone estava sentado ao lado do espelho, rindo com um dos rapazes do beco. O jovem também tinha uma tatuagem de lobo na mão. Keely se virou para ver o que eu estava olhando.

— Isso é meio assustador. — Ela torceu o nariz. — Não é tão ruim quanto ter um no banheiro ou no camarim, mas ainda assim eu odiaria se estivesse comendo e alguém que eu não conhecesse me observasse sem que eu soubesse.

— Você não iria odiar, — eu disse. — Você não saberia.

— Você sabe o que quero dizer. — Ela semicerrou os olhos. — Capo tem uma tatuagem parecida. Eles se conhecem? O que isso significa?

— Não sei, — sussurrei, como se Achille pudesse me ouvir. — Ele não é amigável, no entanto.

Um minuto depois, o jovem apoiou o cotovelo na mesa e Achille também. O cara mais jovem se levantou depois que eles saíram da moldura da janela. Talvez ele tivesse ido embora? Achille ficou por perto, pediu outra bebida à garçonete.

Apertei o botão lateral do meu relógio. A tela se transformou em um teclado *touchscreen*, então enviei uma mensagem de texto para Capo.

Um dos homens da Itália está aqui. Sentado do lado de fora da janela do espião. Achille.

Esperava ter escrito o nome dele direito. Foi estranho. *A-kill-ee*. Meu relógio acendeu um segundo depois.

Fique em nossa sala privada. Estou a caminho.

Uma batida veio na porta e eu olhei para cima. Sylvester.

— Sra. Macchiavello, odeio incomodá-la, mas o detetive Stone pede para falar com você.

Olhei para Sylvester por um momento. Que porra de momento. O detetive Stone não tinha permissão para entrar nessa sala. Era usada exclusivamente para Capo e seus convidados. Stone não estava na lista de convidados. E, se eu o encontrasse na frente, Achille poderia me ver e me reconhecer, então talvez ele ficasse mais por perto. A ideia de estar perto dele fez com que o bife parecesse carne seca presa na garganta.

— Ele pode voltar depois? Estou jantando. — Estava quase acabando, mas ele não sabia disso. — Ou peça para ele ligar e marcar uma hora.

— Não. — Sylvester balançou a cabeça. — Ele diz que precisa falar com você agora. Se você estiver comendo, ele vai esperar até que termine o jantar.

— Faça com que ele me encontre na cozinha, — ordenei.

— Eu vou indo. — Keely se levantou abruptamente, jogando a bolsa por cima do ombro. Ela me deu um beijo forte na cabeça. — Ligue-me amanhã. Em breve iremos às compras para o nosso bebê.

— Keely. — Eu a parei. — O que está acontecendo com você e Stone? É por isso que ele está aqui?

— Nada. Entre nós, quero dizer. Não sei por que ele está aqui. Se for sobre mim, diga que você não tem ideia do que está acontecendo.

— Não tenho.

— Melhor assim. — Ela me deu um beijo e saiu.

Giovanni me acompanhou até a cozinha, seu aperto mais forte do que o normal.

— Você acha que eu vou correr para ele? — Puxei meu braço de seu aperto.

— Peço desculpas. O detetive Stone quer falar com você. Sozinho.

— Sobre o quê?

Giovanni deu de ombros.

— Mac não vai gostar disso.

— Vamos esperar que eu possa responder às perguntas dele antes que

Mac chegue aqui.

Entrei na cozinha. Estava abarrotada, o povo apressado, fogões fervilhando e dando a sensação de estarmos a um passo antes do inferno. O detetive Stone estava parado no canto, tentando sair do caminho, e quando me notou chamou-me com o dedo. Antes que eu pudesse alcançá-lo, ouvi Bruno conversando com um dos outros ajudantes. Ele estava falando sobre “*como mal podia esperar que alguém acabasse com ‘Mac’*”. Ele esperava que Stone o fizesse.

Bati no ombro dele. Ele congelou. Um segundo ou dois depois, se virou lentamente para mim.

— Você está demitido. Fofocar sobre os negócios do meu marido não é tolerado. Você assinou o acordo quando começou a trabalhar aqui. Pegue suas coisas e dê o fora.

— Demitido? — ele repetiu.

Arregalei os olhos, tentando ressaltar o que disse.

— Você precisa de um dicionário?

Seu rosto ficou com um tom cruel de vermelho. Ele abriu a boca para dizer algo, mas fechou assim que Stone se aproximou de nós. Bruno se virou e saiu, e depois alguns funcionários da cozinha aplaudiram baixinho.

Stone me pegou pelo braço, depois do drama na cozinha, e me levou para fora. Eu protestei, mas não adiantou. Ele disse que se recusava a falar dentro do restaurante. *Por quê?* Então me preocupei com Achille, que dobrava a esquina e estava me vendo. Ele não poderia me matar na frente de um detetive, poderia? *Acho que depende se Stone está no bolso dele*, pensei cinicamente.

— Você poderia ter me deixado pegar o casaco! — Cruzei os braços sobre o peito, tentando me proteger do frio. Era como ir de um lado do inferno para o outro em um segundo. — Isso é sobre o quê?

— Onde está Keely?

— Não sei. — Dei de ombros. — Se é Keely que você quer, vá encontrá-la. Está congelando aqui fora!

— O que você sabe sobre Cashel Kelly?

— Além do nome dele? Nada. — Levantei uma mão. — Honestamente.

Ele observou meu rosto, buscando qualquer sinal de desonestidade, por um minuto. Talvez procurando uma dica? Enfiei as mãos nos bolsos, sem querer me mexer.

— Parece que vocês, garotas, guardam muitos segredos umas das outras. Achei que vocês fossem amigas.

— Você tem razão. Não somos amigas. Somos irmãs.

— Bem, isso faz mais sentido. As irmãs nem sempre se dão tão bem quanto as amigas.

— Esta visita é sobre Keely? — Vapor saiu da minha boca.

— Sim e não. — Ele me observou novamente, dessa vez com as mãos nos quadris. Ele estava de casaco. Luvas. Boné. Talvez tenha pensado que, se me colocasse sob o frio, eu abriria a boca mais cedo. — Vocês, garotas, sempre vão atrás dos *bad boys* que nunca vão conseguir mudar?

— Isso soa como um monte de bobagem para mim, detetive Stone.

— Estou um pouco atrasado nos parabéns, Sra. Macchiavello. Ouvi dizer que você se casou com Mac Macchiavello, um dos homens mais ricos de Nova York. Ele é um homem cujo rosto raramente é visto. Ele desliza logo abaixo das linhas.

— Não há necessidade de me desejar felicidades pelo meu casamento. Você mal me conhece. E, novamente, *bobagens*. Estou aqui congelando minha bunda por bobagem.

— O que você sabe sobre a família Scarpone, Sra. Macchiavello?

— Neste momento? Um deles está sentado dentro do restaurante. Jantando.

— O nome dele é Achille Scarpone. Ele é o filho mais novo de Arturo Scarpone.

— Suponho que o outro cara que estava lá com Achille alguns minutos atrás é...

— Neto de Arturo, — Stone respondeu por mim. — Achille Scarpone tem quatro filhos. Bem. Teve. Você se lembra de Armino Scarpone?

— Sim.

— Ele foi dado como morto, — o detetive deixou isso pairar no ar entre nós.

— E daí...?

— E daí... Parece que desde que você se envolveu com Mac Macchiavello, todos que a ameaçaram de alguma forma desapareceram.

— Como quem? — menti.

Ele ergueu o dedo indicador.

— Quillon Zamboni. Estrangulado. — Levantou o dedo do meio, que

era adequado para o próximo nome. — Merv Johnson. Foi espancado a ponto de ficar irreconhecível. — Ele ergueu o dedo anelar. — Armino Scarpone. Ainda desaparecido.

— Deixe-me refrescar sua memória, detetive Stone. Encontrei Armino talvez três vezes. Ele sabia que eu estava em casa no dia em que matou Sierra. Ele é um Scarpone. Pode não estar morto, se apenas estiver desaparecido... afinal, ele matou uma garota e todos os sinais apontam para ele. Então, o que ele tem a ver comigo?

— Esqueça Armino. E os outros dois?

— Não estou associada a Quillon Zamboni.

— Errado. Ele criou você.

— E isso significa o quê, exatamente? Não o vejo há anos.

— Onde você foi depois que fugiu da casa dele, Mari? O que te fez fugir de lá?

— Preciso do meu advogado, detetive?

Ele sorriu.

— Esta é uma visita privada.

— Então vamos logo com isso.

Realmente comecei a tremer. E não foi só pelo frio.

— Arturo Scarpone tem um filho agora, mas ele tinha dois.

— Nós já revisamos...

— Você parece saber quem é Achille, mas conhece o filho mais velho dele?

Balancei a cabeça, cruzando os braços com força sobre o peito.

— Não tive o prazer.

— Não, — sua voz era baixa. — Você não faria isso. Ele foi dado como morto. Vittorio Lupo Scarpone. O caso nunca foi realmente resolvido. Há rumores de que ele foi jogado no Hudson em uma noite como esta, com blocos de cimento em volta das pernas. Mas ele já estava morto. Alguém cortou sua garganta. Há rumores de que o rei de Nova York, esse é Arturo, matou seu próprio filho. E Achille, o próximo na linha de sucessão ao infame trono de Scarpone, estava muito ansioso para ver seu irmão mais velho, a quem todos chamavam de Príncipe Bonito, morto. Eles chamam Achille de Coringa. Você já ouviu falar de um Coringa que perdeu a oportunidade de ser rei? — Ele parou por um segundo.

— Não, acho que não.

— Arturo, dizem, matou o próprio filho, porque o rapaz não matou o

filho de um inimigo mortal. Sobrenome Palermo. Primeiro nome Corrado. Aparentemente, o príncipe encontrou alguns escrúpulos. Ele era contra matar crianças, mesmo que fosse o filho do inimigo de seu pai. A pequena Marietta também não foi encontrada. Essa é a filha de Palermo.

— O-o-o que isso tem a ver com-m-igo? — Meus dentes começaram a bater e meus ossos tremeram.

De repente, tantas peças se encaixaram e fiquei com medo de que Stone visse a verdade em meu rosto. Fiquei grata pelo fato de a temperatura ter caído, o vento estar mais cortante e o vestido ser fino.

Ele deu de ombros.

— Pensei que você deveria conhecer o tipo de pessoa que seu marido recebe em seu local de trabalho.

— Ele também entretém os F-F-Fausti.

— Pior ainda. Luca Fausti matou minha tia e seu filho ainda não nasceu. Dirigindo bêbado. Eles, ao contrário do príncipe, não têm escrúpulos.

— Que tal a-a-atores e a-a-atrizes? M-m-músicos? Artistas mundialmente famosos? Esses s-s-são m-melhores?

— Não muito.

— N-n-não há co-como a-a-gradar você. — Dei um passo mais perto dele. Com o mesmo estalido, perguntei: — Quem é Cashel Kelly e por que você se importa se ele está com Keely ou não?

A princípio, pensei que o detetive não tivesse entendido minha pergunta. Meus dentes batiam tanto que minha fala estava quase ininteligível. Mas depois de um segundo, eu senti isso também. Outra presença. Vestido todo de preto, ele parecia uma parte destacada da noite tomando forma, aparecendo atrás de nós. Os olhos azuis de meu marido pareciam emergir da escuridão, tornando-se idêntico com o lobo em sua mão.

Capo deslizou meu casaco sobre os ombros e então me puxou para mais perto, aninhada ao seu corpo.

— Detetive, — sua voz saiu áspera. O frio ferrava ainda mais com sua voz. Isso me deu calafrios. — Da próxima vez que você pedir para falar com minha esposa, ligue primeiro para o nosso advogado e marque um horário. Acredito que você já o conheceu. Rocco Fausti. — Ao aceno de Stone, ele continuou: — Minha esposa foi amável o suficiente para concordar em falar com você na cozinha, onde estava quente, mas você a trouxe para o frio. Você tem o hábito, detetive, de fazer mulheres grávidas saírem em

temperaturas negativas sem casaco?

— Não sabia que ela estava grávida, — a voz de Stone não conseguiu esconder seu choque; não com o comentário sobre a gravidez, mas ao ver o homem parado na frente dele. Os olhos de Stone viajaram para a garganta de Capo antes de irem para suas mãos. A gola do casaco chegava acima da garganta, e a mão com a tatuagem estava enfiada no bolso. Ele havia fugido da polícia todo esse tempo?

— Mesmo se ela não estivesse, — Capo disse, seu tom afiado, — não aprecio minha esposa estar no frio e você a assediando sem motivo.

— Assédio? — O rosto de Stone se contorceu. — Estávamos apenas conversando. Esta visita foi pessoal.

— Nesse caso. — Capo passou os dentes pelo lábio inferior. — Se você tem um problema com a amiga da minha esposa, resolva com ela. Se tem um problema porque a amiga da minha esposa pode estar conectada a Cash Kelly, resolva isso com ela. Ou com ele. Nenhuma dessas bobagens chega perto de minha esposa novamente. Estamos entendidos?

Um assobio baixo soou no ar. A princípio, pensei que fosse o vento. Então percebi que era uma pessoa. Eu me virei para olhar, mas Capo me manteve firme no lugar.

— Detetiiiiive Stone! É você? Devíamos ter uma conversa fora da delegacia pelo menos uma vez. Inferno, eu vou até te pagar uma bebida. Você tem que ser humano sob esse terno barato, certo? — Sua risada gutural ecoou.

A voz familiar fez o frio parecer ainda mais intenso. Achille. Capo me apertou com mais força contra si. Ele olhou para mim uma vez e então encontrou os olhos de Stone. O detetive não parecia saber para quem olhar por mais tempo. Para Capo ou Achille, que se aproximou de nós.

— Parece que nosso negócio acabou aqui. — Stone acenou para mim uma vez e então se dirigiu na direção de Achille.

Capo me conduziu de volta para a cozinha, quase me empurrando pela porta para me levar de volta para dentro, antes que seu irmão visse nós dois.



Meu marido não disse uma palavra para mim no caminho de volta

para o Corpo de Bombeiros. Eu pensei que era o melhor. Nós dois tínhamos pensamentos demais para oferecer em uma conversa normal. Se ele me perguntasse se eu estava com fome, provavelmente diria:

— *Você é um Scarpone? Está brincando comigo?*

Eu sabia que Capo havia andado com eles, talvez tivesse sido um de seus homens uma vez, mas ele *era* um deles. O filho do rei de Nova York!

Depois, houve outras questões. A primeira era — você matou meus pais. A segunda — se o pai dele era o rei de Nova York; o irmão dele, o Coringa, e meu marido, o príncipe, o que isso significava para o nosso futuro? Para este bebê? O terceiro, e provavelmente não o último — aos olhos do mundo, meu marido estava morto, um maldito fantasma vestindo roupas masculinas caras.

Não é de admirar que Capo tenha se recusado a me dar o cerne da questão e as veias, como ele as chamou, na reunião. O coração que ele ia me oferecer não batia, não corria sangue; porque, de novo, estava morto.

O homem caminhando ao meu lado em nossa casa não deveria estar usando as pernas. Ele deveria estar submerso no rio Hudson, com pesos de cimento presos aos tornozelos, afogado há muito tempo. Quando eu tinha 5 anos de idade. Depois que ele salvou minha vida. Sua maldita família sedenta de sangue cortou sua garganta porque ele não me matou.

Quem o delatou?

Foi seu irmão?

Aquele bastardo parecia o Coringa. Ele não se parecia em nada com meu marido, o homem que Stone chamava de Vittorio, o Príncipe Bonito.

E Arturo? Que porra de rei ele era. Matar seu próprio filho? E isso de forma selvagem? Alguém precisava arrancar sua cabeça.

Espere, Mari.

Eu contive os pensamentos antes que eles viajassem demais. Por que eu estava ficando tão chateada com o que eles fizeram com Capo, quando deveria estar chateada com o que ele fez comigo? O mínimo que ele poderia ter feito era me dizer quem era desde o início. Ele havia me contado quem eu era, o que havia feito, mas havia deixado de fora uma parte vital da conversa.

Ele matou meus pais antes de me salvar. Não interveio enquanto outra pessoa daquela família cruel acabava com meus pais — ele o fez e depois mudou meu nome, meu endereço e me entregou para outras pessoas cuidarem de mim. Ele basicamente me apagou do mapa.

Por que ele não me contou?

Se tivesse algo a ver comigo, aceitando sua oferta... por que importava se ele se casasse comigo ou não? Sierra ou eu, outro daqueles rostos no *The Club* ou eu, ele só queria uma mulher faminta, uma mulher que não mordesse a mão que a alimentava. Por uma bolsa Gucci, Sierra teria cuspidos na cara de Stone.

Por que ele simplesmente não me deixou ir depois que percebeu que era eu? Por que ele está jogando esses jogos comigo?

— Vou tomar banho, — eu disse, deixando-o em nosso quarto. — Ainda estou com frio.

Ele ficou na entrada do banheiro, encostado no batente.

— Você me desobedeceu, Mariposa. — Parei de costas para ele, mas pude vê-lo através dos espelhos.

— Como?

— Você deixou a sala privada do restaurante, quando eu lhe disse para ficar lá.

— Eu não disse nada a Stone!

— Você não o fez. — Ele passou os dentes pelo lábio inferior. — Ainda assim. Não é a porra da questão.

Se ele queria uma briga, estava latindo para a árvore errada. Se queria um lobo, estava prestes a conseguir a versão fêmea de um.

— Qual é então? — indaguei, entredentes.

— Preciso manter você segura. Você é minha esposa. A mãe do meu filho.

Isso me chocou. Seu tom. Era mais suave, mas ainda áspero. Minha raiva fervia um pouco, o que me daria tempo para descobrir o que eu precisava antes de confrontá-lo. Eu queria todos os fatos antes de ir para a guerra. Depois de conversar com Stone, soube que não estava lidando com um homem comum. Esse homem viveu metade de sua vida como um fantasma. Por causa de quê? Vingança?

— Estarei no escritório.

Quando me virei, ele havia sumido.

Devo ter tomado o banho mais rápido da história, no Corpo de Bombeiros secreto. Tentei parecer indiferente enquanto secava o cabelo e depois me preparava para dormir. Coloquei o pijama mais grosso do armário, ainda sentindo o frio de antes, e meias ainda mais grossas. Deslizei para a cama, apoiei meus travesseiros contra a cabeceira e em seguida peguei meu laptop da mesa lateral.

A última página em que estive era um site para guardar ideias. Estava pensando no quarto do bebê. Nada comparado com aquelas estatuetas francesas que eu tinha visto na vitrine naquela noite, no entanto. Eu queria voltar e comprá-las, mas estava hesitante. O *Dolce* parecia ser o principal ponto de encontro dos Scarpone. Talvez eu pedisse a Keely para passar por aqui e pegar o nome da loja. Eu poderia ligar para eles, comprar as estatuetas pelo telefone e pedir para entregá-las.

Baixando a página, abri uma pesquisa totalmente nova. Digitei quatro palavras: Scarpone de New York. Milhares de resultados apareceram na página.

— Muitos, — suspirei.

Li os primeiros artigos, todavia. *Impiedosos. Alcateia de Lobos. Ardilosos. Alpinistas sociais.* Esses foram os adjetivos mais frequentemente usados. Encontrei algumas fotos de Arturo e Achille. *Eventos sofisticados. Jantares políticos. Apertando as mãos. Todos sorrisos.* Havia uma foto de Arturo com sua atual esposa, Bambi, que era mãe de Achille. Achille era a mistura perfeita dos dois. Meu marido se parecia mais com o lado materno da família. Então eu percebi. Era por isso que o chamavam de Príncipe Bonito. Em uma casa cheia de selvagens, ele se destacou. Rolei um pouco mais, mas apenas negociações criminosas “suspeitas” surgiram. Coisas pelas quais os Scarpone foram questionados, mas nunca indiciados. Dessa vez, reduzi minha busca.

Vittorio Lupo Scarpone

— Não pode ser, — murmurei, estreitando os olhos contra o brilho da tela.

Apenas três artigos o mencionavam. O primeiro tinha a foto de uma linda mulher sorrindo enquanto caminhava pela rua. Eu poderia dizer que era em algum lugar de Nova York. Dava para perceber que ela estava indo para algum local, tentando fugir das câmeras, mas ainda sorria para mostrar seu melhor lado. Se o outro lado fosse tão perfeito quanto o que demonstrava, ela não tinha defeitos.

Dois reinos se unem para formar uma família poderosa

O “Príncipe” de Nova York está prestes a se casar com uma das melhores dinastias políticas de Nova York.

Vittorio Lupo Scarpone, filho de Arturo Scarpone e da falecida Noemi Scarpone; e Angelina Zamboni, filha de

Angelo e Carmella Zamboni, se casarão na Catedral de St. Patrick no norte do estado de Nova York.

— Filho da puta, — sussurrei.

Quillon era parente de Angelina? Eles tinham o mesmo sobrenome e, quando olhei para ela com um pouco mais de atenção, havia algo ali. Não de imediato, mas na maneira como eles sorriam. Nada mais, porém, os conectava. Ela tinha um rosto magro. Pele bronzeada. Longo cabelo loiro escuro. Olhos escuros. Alta. Ela parecia muito alta. E seu nariz era... perfeito, junto com seus lábios. Era a princesa italiana para o incrivelmente lindo príncipe italiano.

Abri uma página separada e digitei o nome dela. Muito poucos resultados foram exibidos. Quillon era seu irmão. O resto dos artigos se concentrou em seu assassinato.

Seu assassinato.

Homens, mais de um, a atacaram no beco ao lado do *Dolce*, o restaurante que me deu arrepios. Especulou-se que Vittorio foi derrotado, lutando por Angelina antes que os homens a estupassem e colocassem uma bala em seu cérebro. Ela havia sofrido uma morte horrível, afirmava o artigo. Também estava grávida no momento em que faleceu.

Tive que fechar o computador por um segundo e respirar fundo, muito fundo. Então o abri de novo quando senti que podia respirar normalmente.

O sangue de Vittorio estava por toda a cena, tanto que suspeitaram que ele foi brutalmente esfaqueado e que depois seu corpo foi jogado na água em algum lugar. Eles não o encontraram.

— Claro que não, — eu disse para a tela. — Ele está sentado na sala ao lado. *Eu* o encontrei.

Não aguentava ler mais detalhes sobre o assassinato de Angelina, ou continuar vendo fotos dela, então voltei para minha pesquisa sobre Vittorio.

O segundo artigo falava sobre o casamento, os convidados de primeira linha esperados, quanto custaria o casamento do ano. Também fechei. Não consegui ler um artigo sobre o casamento deles depois de imaginar suas mortes horríveis.

O terceiro e último artigo dava detalhes sobre a morte de Vittorio. Era tudo especulação, no entanto. Ninguém realmente sabia o que havia acontecido com ele. Eu poderia dizer que o artigo insinuava a culpa de seu

pai e irmão, mas o jornalista estava com muito medo de dizer isso abertamente.

Vittorio Lupo Scarpone tornou-se uma lenda urbana, em certo sentido. Algumas pessoas, afirmava o texto, não achavam que ele estava morto. Pensavam que, depois de sua tentativa de assassinato, ele pegou dinheiro escondido e estava vivendo em uma ilha particular em algum lugar, para escapar das garras malignas de sua família.

Como 2Pac. Ou melhor ainda, Nicolau Maquiavel. A raiz da teoria 2Pac. Até Elvis. Todos aqueles “*ele está ou não está morto?*” nas manchetes de revistas.

— *Foda-se*, — eu disse.

Fiquei ali sentada por um minuto, mordendo o lábio, até pegar meu rosário. Eu me acalmei pouco depois de esfregar as pérolas, mas não totalmente. Minha ansiedade aumentou ainda mais depois que procurei por Noemi Ranieri Scarpone. Ela era ainda mais bonita que Angelina. Cabelo preto. Olhos azuis. Pele bronzeada. Esbelta. Grande sorriso. O primeiro artigo falava sobre ela ter se matado. Corria o boato de que tinha uma longa história com um distúrbio mental.

Rolei um pouco para baixo, familiarizada com a história, mas o que eu não sabia era que ela havia deixado um bilhete para Vittorio.

O artigo afirmava que ninguém jamais tinha visto o bilhete, mas havia rumores de que dizia: *Case-se por lealdade, não por amor. O amor mata a alma mais rápido do que uma adaga afiada no coração.*

Mesmo que isso não me fizesse sentir melhor, se Noemi tivesse deixado o bilhete, isso explicava muito sobre a aversão de meu marido ao amor.

— Procurando por algo?

Gritei um *ah!*, pulei e o computador voou pelo ar, e meus joelhos levantaram. Nós dois lutamos para chegar ao computador ao mesmo tempo, mas ele foi mais rápido. Não importava, de qualquer maneira; nós teríamos que ter essa conversa mais cedo ou mais tarde.

Achei que ele fosse olhar o que eu estava vendo, mas em vez disso me entregou o computador. Então se sentou na cama, de costas para mim. No lugar do computador, peguei o rosário, mexendo-o entre os dedos.

Tempo. Tanto tempo se passou — dez minutos? O que pareceu uma vida inteira para mim. Por fim, não aguentei mais a tensão.

— Por que não me disse quem você é, Vittorio?

— Eu lhe dei permissão para me chamar do nome que quiser. Você até me nomeou. Capo. Mas esse nome... esse está fora dos limites. Pertence a outra pessoa.

— Um fantasma, — eu disse.

— Um fantasma.

— Você matou meus pais, — sussurrei.

— Não havia outra escolha. — Ele suspirou. — Não me importei de matar seu pai, mas não queria tirar sua mãe de você. Ela era uma boa mulher, porém se casou com o tipo errado de homem. Ela sabia que eu precisava fazer aquilo. Ela me implorou. Se eu não a matasse, se não lhe desse uma morte rápida, Achille teria sido enviado em meu lugar. Ele é estúpido em alguns aspectos, mas quando se trata de localizar alguém, é implacável. Ele a teria farejado eventualmente. Muitas pessoas conheciam seu rosto. Mesmo na Itália eles a teriam encontrado. Eles também têm conexões lá. Naquela época, seus pais tinham pouco dinheiro. Eles estavam se escondendo de Arturo por um tempo. O que fiz com ela foi uma misericórdia, em comparação com o que Achille teria feito. A única coisa melhor para Achille teria sido fazer seu pai assistir enquanto ele fazia isso.

— Ele nunca me encontrou.

Apertei o rosário, esperando que não estourasse com o esforço.

— Há uma pessoa melhor em rastreamento do que ele. Melhor em se esconder também.

— Você.

— Eu tinha certeza de que eles não iriam encontrar você. Não encontraram. Cheguei até a te renomear no banco de dados de sangue.

— Como... como eles souberam que você me deixou ir?

— Um homem que jogava nos dois lados estava escondido na casa de seus pais naquela noite. Ele recebia informações de seu pai e depois entregava para Arturo. Se Arturo parecesse preocupado com alguma coisa, ou cada vez mais fraco, o traidor contaria a seu pai. Ele não sabia em quem apostar. Você foi uma circunstância imprevista que eu não esperava. Eu deveria ter verificado o lugar duas vezes, mas não o fiz. Queria tirar você dali. O rato foi até mim no dia seguinte, contando o que tinha feito; disse a Arturo que eu não te matei, que te escondi. Eu o matei depois, mas era tarde demais. Ele já havia me denunciado para Arturo e Achille.

— Seu pai mandou matá-lo por que você deixou uma criança inocente ir embora?

— Sim e não. — Ele se inclinou um pouco para frente, pressionando as palmas das mãos. — Sim. Nesse mundo, você não deixa nenhum membro de uma família rival vivo. Por exemplo, se você descobrisse mais tarde o que fiz com seus pais, poderia querer vingança. Se você não existisse mais, isso está resolvido. O sim também inclui desobedecer a suas ordens. Fui instruído a fazer seu pai assistir enquanto eu matava você e sua mãe. Arturo queria que ele sofresse por desafiá-lo, por tentar cortar sua garganta. Seu pai tinha esse mesmo traço implacável. Ele estava com fome de liderar e sedento de sangue. Ele queria o lugar de Arturo naquele mundo. Se eu não tivesse matado Palermo, mesmo sabendo que você e sua mãe corriam perigo, ele teria ido atrás de Arturo novamente.

— O que mais? — perguntei, quando ele parou de falar. — Você disse sim e não. Você me deu o sim.

— Era apenas uma questão de tempo até que eu fizesse algo para ser executado. Achille queria o trono para si. Uma e outra vez, eu me mostrei tão implacável quanto ele, ainda mais inteligente, e ele não suportava isso. Não importava o que eu fizesse, ele voltaria correndo e contaria a Arturo como eu, de alguma forma, estraguei tudo. Eu era *“bonito demais para governar”*. Ninguém me levaria a sério. Arturo me deu uma saída e eu me recusei a aceitar. Até disse a ele que desafiaria Achille para uma luta, se fosse preciso. Ele me disse que não havia necessidade. Eu governaria ao lado do rei e, depois que ele ficasse velho demais para governar, o reino seria meu. Então, uma noite, estávamos em uma festa. Todas essas figuras políticas poderosas estavam lá. Arturo tinha saído para pegar esse cara a quem queria sob seu domínio, mas nunca havia conseguido. Ele viu nós dois conversando e se aproximou. O político disse a Arturo que queria alguém como eu para trabalhar para ele. Eu era inteligente. Tinha um plano. *“Por mais charmoso que pudesse parecer”*. Depois disso...

Ele fez uma pausa, esticando os ombros, como se o terno sob medida tivesse ficado muito apertado de repente.

— Eu notei uma diferença nele. Ele conversava comigo de forma condescendente com mais frequência, e deu a Achille mais atribuições. E quando Achille reclamou de mim, o príncipe bonitão que conseguia tudo o que queria, Arturo engoliu em seco. Ele estava faminto por isso. Estava preocupado que, uma vez que me casasse com Angelina Zamboni, um acordo que ele fez, eu assumiria seu reino sem que ele o entregasse para mim. Angelina poderia encantar um vagabundo até extorquir seu último centavo, se

quisesse. Ela tinha grandes expectativas para sua vida, para seu marido.

Para o marido. O homem sentado ao meu lado. *Meu* marido.

— Por que eles a mataram? — perguntei, baixinho.

— Punição. Fizeram com ela o que fui enviado para fazer com sua mãe e com você. Matar você na frente do seu pai. Mas o destino de Angelina foi pior. Eles não apenas a mataram. Eles a violaram por todos os lados, até que a rasgaram em duas. Eu não consegui parar. Havia muitos deles e era apenas eu. O homem que eles enviaram para cortar minha garganta já havia começado a fazer o serviço... às vezes, as lembranças são um borrão. Outras vezes, ainda posso sentir o cheiro do sangue.

— Isso é... — eu nem tinha palavras.

— Eles provavelmente a teriam estuprado e deixado sair com vida dali, se fosse apenas a mim que pretendessem punir. Mas ela estava transando com Achille e comigo ao mesmo tempo. Ela me disse que estava grávida, na noite em que aconteceu. Ele admitiu, pouco antes de nos deixar no beco, para sermos massacrados, que ela estava contando coisas sobre mim. A lealdade é valorizada nesse mundo, Mariposa. Valorizada acima de qualquer outra coisa, até mesmo dinheiro e ouro. Achille mandou matar a mulher que estava grávida de seu filho, porque ela havia me traído. O homem que ele estava prestes a enviar para o túmulo porque ameaçou levar tudo o que queria.

— O bebê não era seu, — eu respirei.

— Não. Dele.

Clique. Clique. Clique.

As peças começaram a se encaixar.

— Aconteceu do lado de fora do *Dolce*. — Mordi o lábio com força.

— E ela disse a você que estava grávida a caminho.

— Logo depois de um show da Broadway.

— Ela armou para você.

— Os Zamboni entraram para a história como traidores. Nenhum deles jamais foi verdadeiramente leal. Eles estavam todos dispostos a superar o resto, não importava o custo. Coisas brilhantes. Eles adoravam coisas brilhantes para colecionar. Se você tivesse pesquisado um pouco mais, teria descoberto que a maioria das pessoas os chamou de família de Judas.

— Você estava controlando os resultados das minhas buscas.

— Eu controlo tudo.

É por isso que não há fotos dele. Ele tirou tudo.

Nós dois ficamos quietos, mas uma queimação dentro de mim se

recusou a permitir que eu ficasse calada por mais tempo.

— Você a amou?

Levou um momento.

— Quem?

— Angelina. Sua noiva.

Ele sorriu e isso me deu calafrios.

— Não. Foi um casamento arranjado. O amor mata a alma mais rápido do que uma adaga afiada no coração.

Limpei meus olhos, odiando que as lágrimas estivessem borrando meu mundo. Eu não sabia como me sentir com tudo isso. Levantei-me suavemente da cama, com medo de que, se fizesse algum movimento brusco, pudesse atrapalhar alguma coisa. Ele. E toda a luta se esvaiu de mim. Eu precisava de tempo para pensar, para processar tudo isso.

Fiquei parada na porta e ele inclinou a cabeça para o lado, me observando.

— Por que você não foi honesto comigo antes? Por que não me disse, desde o início, que matou meus pais? Você não me deu escolha! Eu não fazia ideia... Achei que talvez você andasse com a família Scarpone. Eu não tinha ideia de que era um deles. O filho do rei. Seu príncipe.

Ele estava em mim em um minuto. Tentei me afastar, mas não consegui. A parede pressionou minhas costas e fui forçada a olhar em seus olhos frios, gélidos.

— Eu deixei passar quando você me chamou de Vittorio. Vou deixar passar esse último comentário desta vez também, já que você não tem a menor ideia do que está falando. Não sou filho dele. Não sou o príncipe dele. Quando você me chama de filho do rei; quando me chama de príncipe; quando me chama de Vittorio; quando me chama de qualquer coisa que tenha a ver com essa vida, você está falando as palavras mais feias de todas para mim.

De repente, uma brasa pareceu explodir em chamas do nada. A última fagulha de luta que tive em mim.

— As palavras mais feias? Não, eu não penso assim. Você quer ouvir três palavrões, meu marido? Palavras que são mais sórdidas e distorcidas do que todas aquelas que você acabou de reunir? Eu te amo, e não há nada que você possa fazer. E o que é ainda melhor, eu não quero! Não quero te amar, mas eu o amo! Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo! Você me prejudicou com este... amor! Essa adaga? Você cravou bem no meu coração. Você fez eu me

apaixonar por você antes de ser honesto comigo, antes de usar a adaga em mim.

Sem pegar nenhuma das minhas coisas, fui para o quarto de hóspedes, o quarto que planejava decorar para o bebê. Meu marido me seguiu, porém não consegui entender nenhuma expressão em seu rosto. Mas eu não queria ver o rosto dele. Não queria nada com ele.

Ele matou meus pais.

Ele me salvou e depois me escondeu.

E os Scarpone o *mataram* por isso. Fizeram-no assistir a coisas terríveis. Eles iam jogá-lo no Hudson depois que ele sangrou no cimento, bem na frente de um monte de lixeiras. O príncipe com sangue Scarpone correndo em suas veias. *Sangue que lhes pertencia.*

Então eu o encontrei anos depois.

E ele me salvou novamente de um destino para o qual me colocou no caminho. O pai dele e o meu também são culpados.

No meio de toda aquela maldita loucura, de alguma forma eu me apaixonei. Estava tão profundamente apaixonada que não conseguia mais distinguir entre paixão e raiva. Queria dar um tapa nele e beijá-lo ao mesmo tempo.

Dar um tapa nele por não ter me contado.

Beijá-lo por me salvar. Por sofrer por mim. Por tudo o que ele passou por minha causa. Casar por lealdade, não por amor. O amor mata a alma mais rápido do que uma adaga afiada no coração. Ele havia levado uma adaga à garganta. Por mim.

Eu levei uma no coração. Por ele.

Toquei meu ventre. Estaria para sempre ligada a ele, a prova de seu voto de sangue ocupando espaço dentro de mim. Nós dois tivemos que sangrar por isso.

E me perguntei se no dia seguinte nosso acordo seria anulado e sem efeito devido ao... amor. Uma arma contra a qual ele não tinha defesa.

Não importava. Nada importava. Depois que ele me jogou contra aquela rocha metafórica, fiquei à deriva. Bati a porta na cara dele antes de deslizar para a cama e me esconder na escuridão.



Uma semana se passou. Nós não tínhamos nos falado. Nós não tínhamos nos tocado. Nós nem sequer tínhamos nos olhado.

Eu costumava preparar o café da manhã para Capo antes de ele sair para o trabalho. Estávamos em contato durante o dia. Fazíamos planos para o jantar. Às vezes, ele até me mandava uma piada suja. Não houve uma noite desde o nosso casamento, ou dia, em que não fizemos sexo. Eu não tinha passado um dia sequer sem vê-lo. Quando ele trabalhava demais, eu sentia a ausência da pessoa mais importante para mim.

Estava sentindo dificuldade em lidar com a ausência dele e não querer nada com ele ao mesmo tempo. Quando eu sentia o cheiro de café na cozinha logo ao acordar, ou da sua colônia em nosso banheiro, ou via uma de suas camisas no cesto, me dava vontade de queimar tudo, mas ao mesmo tempo de saborear cada cheiro, cada toque.

O amor não te deixa doente, como as pessoas afirmam. Ele entra silenciosamente, camada por camada, e causa cortes que podem nunca cicatrizar. Noemi estava certa de uma coisa: o amor não é uma doença. O amor é uma adaga.

No sétimo dia de silêncio, recebi uma visita inesperada.

Tio Tito.

Ele me abraçou com força antes de dar um tapinha na minha barriga.

— Como está nosso menino?

Bati no mesmo lugar.

— O doutor disse que tudo parece bem. Ele ainda parece realmente um garotinho.

Tio Tito riu disso. Ele me deu um pedaço do que parecia ser pão.

— Scarlett queria que eu trouxesse isso. Você se importaria de preparar um café para que possamos apreciá-lo? O bebê vai gostar dos mirtilos, tenho certeza.

Depois de servir uma xícara de café para ele, cortei uma fatia para cada um de nós e comemos em silêncio. De vez em quando, ele tomava um gole de café. Enquanto eu bebia, meus olhos se ergueram para encontrar os dele, e a sua gentileza quase me derrubou da cadeira. Acontecia nos momentos mais inesperados.

— Eu sei, — revelei. — Você foi o homem que salvou... meu marido.

Era difícil, para mim, chamá-lo de outra coisa. Os outros nomes pareciam errados, e quando pensei no que lhe deram ao nascer, *Vittorio*,

imaginei se referir a um homem morto.

Ele deu um tapinha na minha mão.

— Um tempo diferente. Um lugar diferente. Só fico agradecido por ter estado lá para ele.

O silêncio recaiu entre nós novamente. Eu não sabia o que dizer. Ainda não tinha resolvido um sentimento. A lealdade me mantinha enraizada. O amor estava me matando porque dava a ele o poder de enfiar a adaga ainda mais fundo. Seus segredos eram as dicas venenosas.

Quando olhei para cima, tio Tito estava me observando novamente.

— Ele me mandou aqui.

— Quem?

— Seu marido. Ele está inseguro.

— Isso é novo para ele, certo?

— Certo, — ele assentiu. — Na minha humilde opinião, pode fazer bem ao coração sentir coisas que nunca sentiu antes. Ele está sentindo tudo agora, não apenas existindo por vingança.

— Discordo sobre o coração. Às vezes, quando o coração sente coisas que nunca sentiu antes, dói. Muito.

— Ainda bem que o coração tem a incrível capacidade de se curar após um tempo quando se trata de tais coisas, ah? — Tio Tito tomou um gole de café e pousou a xícara. — Tudo o que Amadeo fez, *farfalla*, ele fez por você. Você entende isso, não é? Você mostrou algo que ele não via há muito tempo. Tanta inocência... uma inocência que ele não via desde sua mãe.

— Por que... — Meu joelho balançou sob a mesa. — Por que ele não me contou quem era e o que fez?

Tio Tito sorriu, mas isso fez a bondade em seus olhos se transformar em tristeza.

— Ele também estava inseguro na época.

— Inseguro sobre o quê?

Ele pegou nossos pratos e os colocou na pia.

— Talvez com o tempo você entenda. Não cabe a mim dizer. As palavras devem ser compartilhadas entre marido e mulher. Se você gostaria de saber, fale com seu marido. Abra as linhas de comunicação. — Respirou fundo. — É como o coração. O coração não pode bater sem um fluxo aberto. Se tiver coágulos, — ele encolheu os ombros, — morre. Pense em um casamento nesses mesmos termos.

O bom médico ficou comigo por cerca de mais uma hora e, depois de

compartilharmos fofocas familiares normais, do lado da família de Noemi, ele beijou minha cabeça com força e foi embora.

Depois que saiu, a casa pareceu muito silenciosa. Tudo o que fiz foi pensar nos mesmos problemas repetidamente, então meu cérebro começou a entrar em curto-circuito, meu coração a sangrar ou talvez recuar. Tio Tito tinha me dado mais coisas para pensar, o que fez minha necessidade de sair mais forte.

Giovanni teria que concordar com meu marido antes que qualquer plano fosse feito. Eu sabia que Capo me obrigaria a levar Giovanni se saísse de casa.

Eu precisava ficar longe de tudo relacionado a ele.

Talvez sem a influência dele, eu pudesse pensar com clareza. E, se as coisas não fossem tão ruins quanto pareciam, talvez meu coração pudesse começar a se curar. Ou talvez tirar o coágulo, como dizia tio Tito.

Liguei para Keely e disse a ela para me encontrar em nossa casa em trinta minutos. Poderíamos comer um pouco do bolo que Scarlett mandou pelo tio Tito.

Acabei descobrindo algumas coisas depois que me mudei.

Meu marido realmente sabia de tudo, mas o relógio era uma forma de ele acompanhar meus movimentos. Giovanni também, uma vez que atravessassei para o outro lado da casa. Eu sempre descia do quarto, então ele não fazia ideia do cômodo secreto.

Pouco antes dos trinta minutos, pedi a Giovanni que procurasse um par de botas no meu armário. Eu disse que minhas pernas estavam doendo. *Mentira*. Ele me lançou um olhar desconfiado, mas fez o que pedi. Nunca havia ordenado que fizesse nada por mim antes. Liguei rapidamente para a sala de controle, alegando que deviam verificar as câmeras nos fundos da casa. Parecia que dois homens estavam brigando na rua.

Deixei meu relógio no balcão da cozinha e saí pela porta da frente, então sinalizei com as mãos para Keely não sair do carro. Ela entendeu na hora e ligou o carro antes mesmo de eu entrar. Então partiu assim que entrei, e tive que fechar a porta com força enquanto o carro saía cantando os pneus.

— Ok. — Ela olhou pelo espelho retrovisor, certificando-se de que não estávamos sendo seguidas. — Por que estamos fugindo da sua casa?

— Preciso de um tempo. Não estou com vontade de estar cercada de homens hoje.

— Uuuuh. A lua de mel acabou. Que os jogos comecem!

— Não é um jogo, Keely. É casamento. — Acenei com a mão. — Acabamos de brigar.

— Sobre que tipo de fralda usar?

Quisera nossos problemas fossem tão domésticos. Eu não poderia dizer a ela toda a verdade, então o básico teria que servir.

— Algo parecido.

— Responda uma pergunta: nós o odiamos ou não?

— Não, — minha resposta veio rápida.

Como eu poderia odiá-lo depois que ele sacrificou sua vida pela minha? Mas como eu poderia não ficar com raiva dele por não ter me contado toda a verdade imediatamente? Depois de falarmos o suficiente dos meus problemas, eu me virei para encará-la.

— Quem é Cashel Kelly?

O carro desviou e eu olhei para o retrovisor, me perguntando se um dos caras tinha nos alcançado. Parecia tudo tranquilo, mas eles eram sorrateiros. Esperava que agissem como policiais e nos parassem a qualquer minuto.

— Cash, — ela disse, baixinho. — Quase todo mundo o chama de Cash. E Stone lhe contou sobre ele.

— Não exatamente. Ele estava procurando informações na noite em que jantamos.

Ela assentiu.

— O que você disse para ele?

— O que eu poderia dizer, Kee? Não tenho ideia do que está acontecendo!

— Cash Kelly é o novo chefe de Harrison.

Esperei alguns minutos.

— E...?

— Ele não é tudo o que parece ser.

— Isso parece ser uma tendência ultimamente. Prossiga.

Ela se virou para mim e estreitou os olhos.

— Espere. Para onde estamos indo?

Contei a ela sobre as estatuetas, mas perguntei se poderia passar por lá para que eu pudesse saber o nome da loja. Ela concordou e fez um desvio, indo na direção certa.

— Você está apaixonada por Cash, Kee?

Ela inclinou a cabeça para trás e explodiu em gargalhadas.

— Se Nova York fosse uma floresta selvagem de cimento, eu seria o arqueiro e ele seria meu alvo.

— Não gosto da imagem que você pintou em minha mente. Continuo vendo ele fugindo de você, com um alvo nas costas.

Ela sorriu.

— Não devemos mais falar sobre isso. O bebê. Vamos falar sobre o bebê. Conte-me mais sobre essas estatuetas e o tema que você está procurando.

Mesmo que eu quisesse chamar sua atenção pelo comentário estranho, disse a ela sobre as estatuetas e como eram fofas. Quando ela encontrou uma vaga para estacionar não muito longe da loja, bem na frente do *Dolce*, balancei a cabeça.

— Só preciso do nome, Kee! Vamos. Vamos fazer compras em outro lugar.

— Por que seu rosto está pálido? Você está com partículas de suor no lábio e está mais fria do que um urso polar no inverno. Aconteceu alguma coisa com você aqui?

Mordi o lábio e mexi na minha bolsa.

— Sim. Comi um parmegiana de vitela ruim. Simplesmente horrível.

— Mentirosa. — Ela apertou minha mão. — Fique parada. Mantenha as portas trancadas. Vou correr e ver se as estatuetas ainda estão lá. Obviamente significam muito para você.

Antes que eu pudesse impedi-la, ela estava fora do carro, correndo para chegar à pequena loja.

— Merda, merda, merda, — eu cantarolava.

Estava no coração do território Scarpone. *Dolce*. O nome quase me deu vontade de vomitar. Não havia nada de doce naquele restaurante ou no que havia acontecido do lado de fora de suas portas. Eu me perguntei quantas pessoas foram assassinadas naquele beco. Se a família Scarpone era proprietária, não havia como saber. Minhas pernas balançavam para cima e para baixo. Peguei meu rosário e mexi nas contas novamente. Dessa vez, fiquei pensando, *por favor, faça ela se apressar*.

Quando olhei para cima, vi quatro homens saindo do restaurante. Achille. Arturo. Um de seus netos, pensei; aquele que se parecia com Armino. E talvez o cara que Achille chamava de Bobby.

Todos eles pareciam cachorros grandes com seus casacos e ternos caros, três deles fumando cigarros, e todos tinham olhares idênticos de “eu

posso esta porra de lugar”. As tatuagens de lobo apenas aumentaram suas características assustadoras.

Keely desceu a rua ao mesmo tempo que caminhavam em sua direção.

Achille parou, observando-a passar. Era difícil não notá-la. Ela era uma chama brilhante na completa escuridão. Seu cabelo era encaracolado, selvagem e vermelho-flamejante, e ela o puxava para cima nas laterais, o que a fazia parecer muito mais alta do que era. Atraído por Keely, talvez porque ele estava com tanto frio, a observou caminhar até o carro, onde me notou sentada ao seu lado. Seus olhos se estreitaram e ele deu um passo para mais perto. Então assobiou, e seu filho e Bobby se postaram ao lado. Ele cutucou Bobby nas costelas.

— Keely, — minha voz saiu tão baixa que me obriguei a falar mais alto. — Tire-nos daqui!

— Você os conhece? — Ela estreitou os olhos na direção deles enquanto ligava o carro.

— Vai logo! — gritei.

— Tudo bem! Tudo bem! — Ela desviou para o trânsito, quase batendo num táxi. O motorista passou mostrando o dedo, enfiou o carro na nossa frente e continuou pisando no freio. — Aqueles são os Scarpone?

— Como você sabe disso?

— Idiota! — Pressionou a buzina. Ela contornou o motorista do táxi e mostrou o dedo ao passar por ele. Então fez a mesma coisa: cortou-o e começou a pisar no freio. — Eu ouvi coisas. Estava curiosa, então os procurei na internet. Não achei nada muito interessante, mas essas tatuagens significam alguma coisa, não é?

— Não importa. — Debochei das tatuagens, tentando minimizar o fato de que meu marido também tinha uma. — Eles ficaram nos encarando. Isso me assustou.

— Deveria. Eles são loucos.

— Sim, captei isso.

— Más notícias. — Ela soltou um suspiro. — Não há mais estatuetas. Meu coração batia forte, mas com isso ele afundou.

— O que aconteceu com elas?

— Alguém comprou tudo. — Keely checou o espelho retrovisor e então foi por um caminho diferente. — Talvez você possa encontrar outra loja que as tenha. Elas são francesas, como você imaginou. Antiguidades. O

vendedor disse que são raras. Supercaras. Ele me disse para tentar um lugar em Paris. Anotou o nome. Está no meu bolso. Talvez você possa perguntar a Scarlett se ela sabe alguma coisa sobre isso. Lembro dela dizendo que morou lá por um tempo.

Não deveria ter arriscado a viagem pelas estatuetas. Deveria ter pedido a ela para olhar quando estivesse sozinha. Quando eu não estivesse no carro.

Fiquei chateada por que alguém as comprou, mas o que me incomodava ainda mais era o que eu tinha feito. Talvez eu tivesse colocado meu marido em mais perigo do que ele já corria. Se Achille me conectasse com a Itália, com Amadeo, talvez acabasse se dando conta de alguma coisa. Ou ficaria curioso o suficiente para descobrir o que eu estava fazendo em seu território, depois que me viu na escadaria de uma igreja em outro país, no dia do funeral de *Nonno*.

Para piorar as coisas, as estatuetas haviam sumido. O risco nem tinha valido a pena.

Levei alguns minutos para perceber que estávamos indo em uma direção familiar.

— Para onde estamos indo, Kee?

— Para a casa do Harrison. Disse a ele que passaria por lá mais tarde, mas então você ligou. Queria dar a ele sua luva de baseball de quando era pequeno. Quando saímos da casa de mamãe, de alguma forma a luva acabou ficando no meio das minhas coisas, e eu sempre dizia que tinha esquecido em casa toda vez que ele me pedia. A verdade é que a levei para a *Home Run* sem dizer a ele e pedi a Caspar para emoldurá-la junto com sua camisa antiga. Queria fazer uma surpresa. Nunca comprei para ele um presente de inauguração da casa. E ele adotou um cachorrinho. Estou morrendo de vontade de ver.

— Não acho que seja uma boa ideia, Kee. Eu deveria ir para casa.

— Qual é, Mari. Você ainda pode ser amiga dele. Não precisamos ficar muito tempo.

Pensei nisso por um minuto. Se os Scarpone estavam nos rastreando, talvez fosse melhor não ir para casa imediatamente. Não achei que eles estivessem. Eu estava olhando pelo espelho retrovisor desde que saímos, mas arriscar não valia a pena. Talvez eu pedisse para Giovanni me buscar na casa de Harrison. Ou melhor ainda, onde quer que fôssemos fazer compras depois de sair de sua casa. Sim, era uma ideia melhor. Eu nem mencionaria Harrison

ou a casa em Staten Island.

Não queria ter que lidar com a fúria do meu marido quando descobrisse que eu havia escapado sem contar a ele imediatamente, ou a qualquer um dos homens da casa. Enganei todos eles e sabia que teria que pagar caro.



CAPÍTULO 24

Capo

Ela realmente achava que eu não iria encontrá-la? Só porque não levou o relógio, não significava que eu não pudesse rastreá-la de outra maneira.

Não demorei muito para encontrá-las. Não demorei muito para perceber aonde ela tinha ido primeiro e *quem* estava olhando para minha esposa. Os Scarpone. Mariposa deve ter percebido isso também, porque não muito tempo depois que sua amiga voltou para o carro, elas fugiram como se o diabo estivesse em seus calcanhares.

E estava mesmo, mas era o diabo errado.

Eu as segui até Staten Island. Meu instinto me disse que era a direção para onde estavam indo. Depois que sua amiga estacionou o carro e elas saíram, Harry Boy as encontrou na porta, com o maior sorriso no rosto quando percebeu que sua irmã não estava sozinha.

O sorriso era para minha esposa.

Ela sorriu de volta, mas não com tanta vontade. Quando ele se aproximou, Mariposa levantou a mão e ele a olhou um minuto antes de entender. Em vez de abraçá-lo, ela lhe deu um *high-five*. Seu sorriso se desfez um pouco, mas eu sabia que não iria detê-lo por muito tempo.

Então um cachorrinho saiu pulando pela porta, um pastor-alemão branco. Minha esposa se sentou na varanda, deixando o cachorro atacá-la com a língua, enquanto soltava aquela gargalhada que contorcia meu coração de um jeito estranho pra caralho. Harry Boy a devorava com uma colher invisível.

Então foi para lá que ela tinha ido quando fugiu de mim. Ela me disse que me amava.

Ela me ama, caralho.

Então correu para seu antigo reduto e para a casa segura de Harry Boy.

Era difícil alguém me deixar chocado, e Harry Boy estava longe disso. Mesmo que ele tivesse comprado a casa sem pensar em mim, sabia que um dia, quando nós brigássemos, ela correria para ele — para um lugar onde se sentisse confortável.

Foda-se isso.

Foda-se Harry Boy também. Foda-se o amor.

Onde está a lealdade que ela jurou a mim?

Minha esposa se levantou, tentando manter o cachorro quieto, e então disse algo para Harry Boy. Ele fez um gesto como *você não precisa perguntar*, e um segundo depois ela desapareceu atrás da porta da frente. Sua irmã estava do lado de fora com ele, colocando a mão em seu braço. Então ela foi até o carro, vasculhou por um segundo e depois lhe entregou um quadro de uma luva de baseball e uma camisa.

Ele a abraçou, mas a mulher lá dentro era mais importante.

Ele disse algo para sua irmã. Ela disse algo de volta. E então ele se virou em um círculo, passando as mãos pelo cabelo.

Perguntei-me se a irmã de Harry Boy havia contado sobre a gravidez de minha esposa.

Ele não parecia feliz. Na verdade, estava lívido. Eu sorri.

Sua irmã assentiu e então tocou sua barriga antes de tocá-lo no braço. E quando ele acenou, ela o deixou do lado de fora sozinho. Ela deve ter confirmado a notícia. Mariposa estava grávida do meu filho.

Era a hora certa. Os ânimos inflamaram-se de ambos os lados.

A cada passo que eu dava, os relógios revertiam. Eu tinha 17 anos novamente e estava indo atrás do meu adversário.

Aquele que continuou me tentando, mas dessa vez foi por causa de uma mulher, e essa mulher era *minha* esposa.

Houve um momento de clareza entre as passadas de minhas botas em seu gramado e o primeiro golpe, mas aquela palavra chocante passou pela minha mente naquele espaço estreito. *Ciúmes*. Parecia um atizador saído do inferno, que não parava de me esfaquear no mesmo ponto. Eu estava com ciúmes porque esse filho da puta tinha a atenção da minha esposa.

Ela se recusou a falar comigo. Se recusou a olhar para mim. Se recusou a me alimentar. Se recusou a dormir comigo. Se recusou a transar comigo. Mas aqui estava ela, passeando pela linha do tempo com esse perdedor, acariciando seu cachorro peludo.

Ele tinha me visto chegando, então não foi nenhuma surpresa quando meu punho acertou seu rosto. Eu não estava aqui para matá-lo, mas para lutar contra ele. A morte era mais fácil. Isso. Isso era lutar por sua honra. Eu queria que ele soubesse e se lembrasse. Queria que ele se lembrasse do meu punho acertando seu queixo quando pensasse nela.

Parecia que essa briga estava chegando há muito tempo.

Ele estava batendo tanto quanto eu. Em pouco tempo, os vizinhos começaram a trazer suas cadeiras de jardim, observando-nos como dois cães rosnando em seu gramado, brigando por uma parte de território.

— Você a roubou de mim! — ele resmungou.

Acertei um golpe em suas costelas, e os vizinhos fizeram um som coletivo de *ooh*.

— Ela sempre foi minha, Harry Boy. Você não poderia roubá-la, mesmo que tentasse. Ela é leal a mim.

Ele acertou um golpe na minha boca, e um dos vizinhos vaiou.

— Eu disse a ela. — Ele se virou para mim novamente, mas errou. — Quando você fodesse tudo, ela estaria aqui comigo. E onde ela está? Na minha casa.

Bati nele como um touro com a cabeça, bem no estômago, e nós caímos no chão grunhindo, desferindo socos em qualquer parte que podíamos. O primeiro jato de água não foi registrado, não até o frio se agarrar à pele. A adrenalina bombeava em minhas veias e meu sangue corria quente. Os jatos continuaram chegando. Harry Boy pulou primeiro, erguendo as mãos em sinal de rendição, cuspidando sangue pela boca. Eu me levantei logo depois e recebi outro jato forte no meu peito.

A irmã dele estava com a mangueira.

— Chega! — ela gritou. — Vocês dois!

— Eu... — Harry Boy foi se defender, sem dúvida, e sua irmã o

atingiu com o jato novamente, dessa vez na boca.

— Harrison, — sua voz estava séria. — Pare com isso. Você sabe que não vou parar até que pare com as desculpas. Agora entre logo dentro de casa antes que você pegue um resfriado!

— Cagão, — murmurei.

Ela me atingiu com a mangueira de novo.

— Você! Vou pegar algumas roupas secas, mas só se você fechar a boca!

Estreitei os olhos para ela, e ela fez o mesmo. Não era de admirar que Cash Kelly a quisesse. Ela não estava brincando. Talvez fosse arqueira de verdade e, pelo que Mariposa havia me dito, tinha uma pontaria incontestável.

Em vez de encará-la, olhei para a varanda e encontrei minha esposa parada, segurando-se no corrimão.

O cachorro estava sentado ao lado dela, olhando para cima com a língua de fora. Ela já tinha sua lealdade.

— O que você está fazendo aqui, *mio marito*?

Não Capó. *Meu marido*. Não que eu me importasse, mas ela se recusou a usar meu nome, meu nome verdadeiro. O que ela me deu. Foi o único nome que chamei de meu.

A amiga pegou a mangueira e começou a enrolar em direção à lateral da casa. Parecia que estava nos dando privacidade, mas não.

— Vim buscar minha esposa. Ela fugiu de mim.

— Não. — Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça. — Eu precisava de um pouco de espaço.

— Já chega disso entre nós.

— Você não está bravo por eu ter saído sozinha?

— Não. Não estou bravo. — Mordisquei meu lábio inferior. — Estou lívido.

Ela me observou por um momento. O sol caiu exatamente sobre ela, e algo em meu coração se contorceu de novo. Seu suéter mostrava a protuberância de sua barriga crescente. Engoli em seco, ignorando o fato de que minha garganta estava travada.

— Você tem direito a isso, — ela disse.

— Mas nada mais.

— Não, esse é o problema. Você tem direito a *tudo*.

Avancei um passo e ela não se mexeu. Se manteve firme enquanto

meu mundo inteiro balançava.

— Você não me deve nada, — falei.

— Nem mesmo lealdade?

— Só se você quiser. — Dei outro passo em direção a ela. Dessa vez Mariposa foi para a direita, em direção aos degraus, e depois que dei um passo para cima ela olhou para mim. — Eu me recuso a aceitar qualquer coisa que não seja mais dada.

— De mim?

— Só de você. Vou pegar o que eu quiser do resto do mundo e não dou a mínima. Mas você, se for bom, quero que dê; e uma vez que o fizer, nunca mais retire.

Ela assentiu.

— Não vim aqui para ver...

— Não importa. — Naquele momento, não. Estar perto dela novamente parecia vital para mim. Sua ausência em minha vida parecia a morte. Morte verdadeira. Eu sabia a diferença.

— Não?

Parei quando estava logo abaixo dela e caí de joelhos nos degraus.

— Eu não me curvo. Não me desfaço, porra. Não me ajoelho para nenhum homem nesta terra. — Não estava olhando para ela, então usei meus dedos para me guiar. Abracei seus quadris e descansei a testa em sua barriga. — Exceto você, Mariposa. Você pode me dobrar. Você pode me quebrar. Você é a única mulher que tem o poder de me deixar de joelhos. Eu preciso da sua misericórdia.

— Você me feriu profundamente, — ela sussurrou, e uma lágrima escorreu por sua bochecha e pousou em meu braço. Isso me feriu mais profundamente do que a cicatriz em volta do meu pescoço. Partiu o coração que eu não fazia ideia que tinha até agora. — Você deveria ter me contado. Por que não o fez?

— Isso, — minha voz estava estilhaçada. Eu a segurei com mais força. — Nós.

Ela passou as mãos pelo meu cabelo e beijou o topo da minha cabeça.

— Eu te amo, Capo. Estou tão apaixonada por você que, às vezes, é difícil respirar. Você... mexe comigo e eu quero ser arrebatada. Não me importo se eu me afogar em você. Para sempre. E não te amo por lealdade. Eu te amo porque... apenas... amo você.

Olhei para ela, e seus olhos eram tão sinceros. Não foi fácil para

Mariposa dizer essas palavras, mas ela o fez com um tom doce. Talvez ela tivesse pensado que estava me machucando de novo. Ou talvez estivesse tentando curar algo que ninguém mais poderia.

— Não vim aqui para fugir de você, Capo. Keely queria dar a Harrison um presente que está em seu porta-malas há muito tempo. Entrei porque precisava usar o banheiro. Por causa do bebê. — Ela tocou a barriga. — Só isso.

— Você já viu aquele carro antes? — Sua amiga apareceu na lateral da casa, olhando para a rua.

Mariposa e eu olhamos ao mesmo tempo. Era um carro popular, portanto nada se destacava nele, exceto os vidros fumê. Fiquei de pé, mantendo Mariposa atrás de mim.

— Não. — Ela espiou ao meu redor. — Nunca vi.

— Eu já, — Keely disse. — Já passou algumas vezes.

O vidro da janela começou a descer.

— Abaixa! — rugi.

Empurrei minha esposa para o chão, mas sua amiga congelou, observando a arma apontada para a casa, prestes a espalhar balas por toda a varanda da frente. Pulei sobre ela, derrubando-a no segundo em que a primeira rajada de tiros atingiu a residência. Do meu lugar no chão, puxei a arma às costas e mirei nos pneus.

Alvo atingido, dois deles estouraram. Assim que o carro parou, eu me levantei de um salto e observei as portas. Dois homens saíram e, antes que eu pudesse eliminá-los, o motorista enfiou uma bala no cérebro do passageiro. Ele deve ter recebido ordens para garantir que ninguém falasse. Incluindo o cara no banco do passageiro.

Essa foi a retribuição dos irlandeses ou dos Scarpone. Os irlandeses estavam em guerra. Cash estava lutando pelas ruas de *Hell's Kitchen* depois que seu pai foi assassinado. Ou Achille, de alguma forma, rastreou minha esposa até essa casa. Seu filho prodígio provavelmente encontrou algo que associava o carro de sua amiga a esse lugar. Estive muito ocupado lutando contra uma guerra interna quando deveria estar presente na guerra física.

Estava prestes a descobrir a quem pertencia o homem, mas antes que pudesse, mais barulho veio da casa. Quando me virei para olhar, Harry Boy estava com a arma apontada para o peito do motorista. O homem estava prestes a partir a pé, mas por algum motivo voltou.

Harry Boy deve ter saído em algum momento durante o ataque, pois

seu corpo estava sobre o de minha esposa. Não vou mentir. Ele tinha uma pontaria decente, mas o filho da puta cometeu um grave erro. Matou o idiota antes que eu tivesse a chance de interrogá-lo.

O cachorro ganiu, querendo ser solto. Depois que Harry Boy se ergueu, minha esposa se inclinou para a direita por um segundo, piscando.

— Mariposa. — Ajoelhei-me ao lado dela e toquei seu rosto. Quando ela se concentrou em mim, arrastei as mãos por todo o seu corpo. — Você está bem?

Ela assentiu, mas apontou para o meu braço.

— Você levou um tiro!

— Estou bem. Entre em casa.

Harry Boy ajudou a irmã a sair do chão e, depois que ela subiu os degraus, me disse que levaria Mariposa para dentro de casa.

Harry Boy me seguiu quando me aproximei do carro. Se fosse um presente dos Scarpone, poderia haver uma câmera no espelho. Os Scarpone, às vezes, exigiam provas de que o golpe que ordenavam havia sido executado. Eles começaram a fazer isso depois da minha morte. Não queriam mais do que um fantasma à espreita. Eu duvidava que esse carro em particular tivesse uma câmera, no entanto. Não era um dos carros deles — eles gostavam de carros com bagageiros fundos — mas novamente, talvez estivessem tentando fazer algo diferente.

O filho mais novo de Achille, um garoto prodígio, era quem monitorava as câmeras. Ele tinha um irmão gêmeo que era dez minutos mais velho, porém o prodígio sabia como fazer as evidências desaparecerem depois que eles conseguiam o que queriam. De qualquer maneira, eles não dariam uma boa olhada no meu rosto. Não hoje.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Harry Boy pedindo para que ele entrasse em contato.

— Deixe-me saber como isso se desenrola.

— Como você conseguiu meu número? — perguntou.

Acenei com a mão, despreocupado.

— Ligue para Kelly e informe-o. Ele precisa saber disso. Não há como dizer com quem ele fodeu e irritou. Isso pode ser uma retribuição na forma de uma vida que ele considera importante para si.

— Como você sabia sobre...

— Ao trabalho, Harry Boy. Não é seguro conversar na rua. — As sirenes se aproximaram. Eu precisava pegar minha esposa e ir embora.

— Mac? — Harry Boy chamou. Eu nem me virei. — Você salvou minha irmã.

— Certifique-se de dizer a Kelly que ele me deve uma.



CAPÍTULO 25

Mariposa

— Capo, — chamei, apertando sua mão. — Fale comigo.

Ele me tirou às pressas da casa de Harrison, me deu as chaves de uma caminhonete que parecia mais rápida que um carro esportivo e me disse para dirigir. Em seguida, me deu instruções, mas era para um lugar em que eu nunca tinha estado. Ele ligou para tio Tito e disse para nos encontrar no ponto de “encontro”.

Depois que Capo desligou, continuei falando com ele, porque a quantidade de sangue que estava perdendo me assustava. Ele me disse que foi bom Keely ter-lhe dado um banho de água fria e o fato de que estava congelando lá fora. O frio funcionou como um torniquete para diminuir o sangramento. Eu queria ligar o aquecedor do carro, mas ele se recusou.

— Você está com medo de que eu esteja morrendo, — ele disse.

— *O quê? Você está?*

Meu corpo inteiro convulsionou de medo. Eu sabia que amava o idiota, mas não tinha ideia do quanto até que vi quando ele levou um tiro pela minha amiga. A mulher que eu considerava minha irmã. Se eu o perdesse, perderia tudo.

— Pela centésima vez. Não. Isso não é nada. — Ele sorriu. — Você

fica fofa quando se preocupa.

Dei um tapa no braço dele e ele sibilou.

— Não brinque comigo, Capo. Não estou no clima. E não me chame de fofa! Não sou um bebê repolho.

— Bebê repolho, — ele repetiu, lentamente. — Como uma couve-de-Bruxelas.

Ele me disse para onde virar algumas vezes e depois ficou quieto. Encarou o lado de fora da janela com um olhar distante. De vez em quando, um arrepio violento o percorria. Quando o silêncio se estendeu por muito tempo, pigarreei de leve.

— Lembrei de algo, Capo. Quando estávamos na casa em Staten Island, lembrei de você. Só que as memórias estavam ao contrário. Lembrei-me de sair correndo pela porta, chorando para você voltar depois que me deixou com Jocelyn e Pops. Eu não queria que me deixasse. Você se ajoelhou nos degraus para que eu pudesse te olhar nos olhos. Assim como fez antes de aqueles caras atirarem em nós. Eu estava bem no alto da escada. Você estava ajoelhado no degrau abaixo. Disse que eu estava segura. Que tinha certeza disso. Você sempre cuidaria de mim. Então lhe dei o rosário. Coloquei no seu pescoço.

Podia sentir seus olhos em mim. Eu tinha toda a sua atenção.

— Sua mãe deu a você para impedi-la de ficar se mexendo, — revelou. — Você dormia com ele à noite. Era uma criança ansiosa. Fiquei emocionado por você ter me dado a única coisa que a fazia se sentir segura.

Eu balancei a cabeça, segurando o volante com força.

— Então me lembrei de estar em uma casa. Escondida em um armário. Você fez eu me esconder lá dentro?

— Sim.

— Você deu para mim meus lápis e meu livro de colorir. Eu disse que minha cor favorita era azul. Você me disse para colorir a página com a borboleta. Então eu fiz. Em seguida, ouvi alguns barulhos que me assustaram. Alguns minutos depois, você voltou para me buscar.

— E então eu te levei para Jocelyn.

— E então você me deixou. — Respirei. — Não me deixe de novo, Capo. Não vale a pena viver essa vida sem você ao meu lado.

Não era nada que o dinheiro pudesse comprar o tempo todo. Era meu marido. O amor que eu sentia dele. Senti isso, mesmo que não soubesse o que era até então. Nenhum homem se sacrifica como ele fez apenas pela

inocência. Dizem que é preciso coragem para fazer algo assim, mas eu discordava. Foi preciso amor. Talvez o que ele sentiu a princípio fosse um tipo de amor inocente — eu tinha apenas 5 anos —, mas à medida que me tornei mulher, o mesmo amor cresceu e se transformou em outra coisa.

Ele se virou para mim e deslizou a mão pela minha barriga. Eu podia sentir o calor de seu toque, embora ele estivesse com frio. Pela primeira vez, o bebê se agitou. Não foi um chute forte. Mais como asas me fazendo cócegas por dentro. Foi a coisa mais estranha que já senti, mas a mais maravilhosa.

Eu sorri.

— Ele se mexeu. Agora mesmo.

Capo levou a mão ao meu ventre, tentando senti-lo também. Eu disse a ele que demoraria um pouco para sentir, porque o movimento era suave como asas. Então olhei para ele e o que vi em seus olhos me fez perder todo o foco. Ele parecia... animado.

— Merda!

Puxei o volante na direção oposta, quase invadindo a pista do outro lado. Arrepios se espalharam pelos meus braços, e não por causa do quase acidente. Uma caixa no banco de trás começou a tocar música.

— O que é isso?

— Mantenha seus olhos na estrada, — sua voz era firme, voltando a ser o meu capo. Ele se virou e vasculhou na parte de trás por um segundo. Então levantou a mão para que eu pudesse ver. Era um lobo negro com uma borboleta no focinho. — Para o quarto dele.

— Você os comprou?

— Eles estão no banco de trás, Mariposa. — Apontou o óbvio. — O dono da loja falou que estavam faltando alguns itens da coleção, então liguei para uma loja em Paris e comprei também. Você tem uma escolha. Podemos buscá-los ou eles os enviarão.

Uma risada explosiva misturada com um soluço igualmente explosivo saiu da minha boca. Lágrimas turvaram minha visão. Então minha cara fechou depois que percebi.

— Você foi lá. No *Dolce*. Depois de tudo que aconteceu. Se eles tivessem visto você...

— Eles não viram. Eu os conheço, Mariposa. Conheço seus hábitos melhor do que eles. Eu poderia ter cortado suas gargantas centenas de vezes desde que me mataram.

— Por que você não o fez?

— Sou um fantasma que não os deixa em paz. Assim que eu os matar, acabou. — Ficou quieto por um segundo. — Estava na loja quando Keely estacionou do outro lado da rua do *Dolce*. Achille viu você.

— Por isso que ele alvejou a casa?

— É uma possibilidade. Ou pode ser outra pessoa.

— Outra pessoa?

— Cash Kelly deixou claro que sua amiga pertence a ele. Ele tem muitos inimigos agora. Está lutando por território. Espalhou-se a notícia de que algo é importante para ele. — Encolheu os ombros. — Vão destruí-lo para provar algum argumento.

— E se Cash achar que os Scarpone tentaram matar... o que quer que Keely seja para ele... ele vai retaliar.

— Ele ainda não está tão forte, mas está subindo. Só vai causar mais problemas para eles.

— Vai ser um pé no saco.

— Você fala tão eloquentemente.

Ele sorriu. Eu sorri também.

— É a verdade, certo?

— Sim, a verdade. Eles não querem mais problemas agora. Causei muitos conflitos entre todas as famílias. Fiz parecer que o outro era o culpado. Eu sou um fantasma, Mariposa. Eles acreditam que estou morto. Arturo e seu filho não podiam contar às outras famílias que suspeitavam de que Vittorio estava fodendo com todos eles. Mesmo que fosse verdade, por que eu visaria minha própria família? Todos saberiam então, com certeza, que Arturo me *matou*. Eles estão apenas começando a jogar bem novamente, já que Arturo os convenceu de que um estranho começou as guerras. Os Scarpone não podem arcar com batalhas mais longas. Tenho roubado a merda deles.

— Você os aleijou.

— Mais ou menos isso.

Sim, ele era maquiavélico, sim.

— Bem aqui... — Ele apontou para um prédio. Apertou um botão em seu relógio e a garagem se abriu. — Não há tempo para olhar ao redor. Fique perto de mim. Entramos e saímos.

— O que você quer dizer... saímos? Tio Tito deve nos encontrar aqui. Já estávamos nos apressando para entrar no prédio. Capo pegou a

caixa com as estatuetas do bebê e estava praticamente me fazendo correr. O prédio era simples, mas enorme. Tinha uma tonelada de merda aleatória nele. Todas as coisas que ele roubou dos Scarpone, provavelmente.

— Outro lugar.

— Seu braço!

— Vai ficar tudo bem.

Ele não estava bem. Estava sangrando. Sua camisa estava colada no corpo.

Três prédios abaixo, pelo menos, ele nos levou a outra garagem. Apertou o botão de um enorme tipo de veículo *off-road* e me disse para dirigir novamente. Dessa vez, eu realmente me arrastei para chegar aonde estávamos indo.

Outro armazém.

Tio Tito, Rocco e o irmão de Rocco, Dario, estavam lá quando chegamos. Antes de tio Tito começar a trabalhar, Capo prendeu meu relógio no pulso.

— Se você tirar isso de novo, — ele estreitou os olhos, — será punida.

— Eu... — Ele balançou a cabeça, *sem desculpas*, e foi se sentar à mesa. Havia duas na sala, uma de cada lado. A sala inteira foi montada para parecer um consultório médico ou uma pequena sala de emergência. Tio Tito fez Capo tirar a camisa e, quando o fez, filetes de sangue escorreram por seu peito de um buraco. O cheiro de sangue era forte, misturado com todos os antissépticos. Tio Tito avaliou a ferida e instruiu Dario a colocar um manguito de pressão no braço de Capo.

— Mariposa, — Capo disse.

Tive que piscar algumas vezes para me concentrar nele.

— *Sto bene*. — *Estou bem*, ele havia dito.

Balancei a cabeça, mas não me sentia muito bem. Quando tio Tito tirou um bisturi de sua bolsa, toda a sala escureceu. Quando acordei novamente, estava na mesa oposta e Capo sorria para mim.

— Boa soneca?

Tentei me sentar, mas tio Tito me impediu.

— Descanse, *nipote*. — Então andou pelo quarto, para a outra cama, em uma cadeira de rodinhas. Ele verificou o curativo no braço de Capo.

— O que aconteceu? — Esfreguei os olhos. — Você está bem?

— Você desmaiou — Capo avisou, — assim que viu o bisturi. E

estou bem. — Deu um tapinha na cabeça do tio Tito. — O anjo da vida parou a morte mais uma vez.

— Ah! — Tio Tito deu-lhe uma bofetada. — Absurdo! Não permita que seu marido brinque com coisa séria. Essa ferida não é nada! A bala estava perto da superfície.

Olhei para uma tigela prateada sobre uma mesa de inox. Uma bala ensanguentada estava nela. Não percebi que tinha desmaiado de novo até acordar em casa. Rocco me carregava. Olhei para a minha direita. Capo olhava para nós, a frieza nítida em seu olhar. Mas não era para mim, e, sim, para Rocco.

— Eu posso andar, — resmunguei.

— Bobagem, — tio Tito disse.

Capo lançou a ele um olhar atravessado.

— Seu marido está chateado porque me recuso a deixá-lo carregar você. Embora o ferimento não seja grave, ele não deveria carregar peso, por mais leve que fosse! — Apontou para Capo. — Ouça-me, ou vou colar suas mãos!

Eu ri baixinho, mas parei quando Capo virou o olhar atravessado para mim. Então eu ri um pouco mais quando pensei em Giovanni observando todos nós desaparecemos na suíte master e não saímos por um tempo. Capo me disse para ir para a cama assim que estivéssemos no lado secreto. Ele ia levar tio Tito e Rocco para fora. Antes de eles saírem, beijei os dois e agradeci. Tio Tito acenou e me deu instruções sobre o remédio que Capo deveria tomar e o que ele poderia ou não fazer.

Meu marido voltou ao quarto alguns minutos depois. Eu não conseguia me mexer. Tudo o que aconteceu parecia ter me exaurido.

— Chuveiro, — Capo mandou, apontando para o banheiro.

Balancei a cabeça.

— Chuveiro para mim. Você não pode molhar o braço. Ordens do médico.

— Você tem duas opções. Tomar banho comigo, ou tomar banho comigo depois que eu te jogar por cima do meu ombro.

Ele sorriu para mim quando enrolei seu braço em papel-filme da cozinha antes de entrarmos. Usei o chuveiro e apontei para longe dele. Mas quando lavei todas as manchas de sangue, seus ombros relaxaram e percebi que ele estava à vontade. E não importava o quanto eu protestasse, ele se recusava a deixar que eu me lavasse. Depois do banho, enquanto nos

secávamos, ele me encarou.

— O quê? — sussurrei.

— Sua barriga. — Acenou com a cabeça. — Está começando a aparecer.

Virei para o lado e sorri.

— Está. Me pergunto se ele vai ser grande como você. Espero que tenha seus olhos.

Um momento se passou e nenhum de nós disse nada. Ele segurou minha mão depois e me levou para o quarto. Subi e dei um tapinha no local ao meu lado. Entrecerrei os olhos quando ele começou a rastejar em minha direção.

— Capo, — eu disse. — Não vou ceder agora. O médico disse...

— Não dou a mínima para o que o médico diz. Isto é o que *eu* preciso. Você. Debaixo de mim. Implorando meu nome. Esse é o meu único remédio. Minha única cura neste mundo doente.

Mordi o lábio, sem saber o que fazer. Quando ele chegou perto o suficiente, usou sua boca para puxar meu lábio e gentilmente o chupou.

— Ah, — soltei um suspiro suave. Então minhas mãos flutuaram sobre seus ombros, seus braços e ao longo de suas costelas.

Ele sibilou e me puxou para baixo com um braço, colocando-me sob seu corpo forte. Em seguida, me beijou suave e lentamente, até que senti como se ele tivesse levado minha alma e eu estivesse perdida para qualquer um, menos para ele, então sua língua foi mais fundo e mais forte. Mas seus toques eram... leves.

— O que você está fazendo comigo? — sussurrei, quando sua língua se arrastou pela minha garganta, fazendo todo o caminho até os seios.

— Algo que eu deveria ter feito antes. Algo diferente.

Ele não disse nada depois disso, mas quando me penetrou, não foi duro ou áspero. Ele tomou seu tempo, movendo-se em um ritmo lento e sensual. Exigiu que eu mantivesse meus olhos abertos, os dele focados nos meus, seus dentes cravados em seu lábio inferior.

— Mariposa. — Seus olhos se fecharam, então, e ele fez um ruído estrangulado com a garganta.

O som do meu nome em seus lábios me fez dissolver nele. Um orgasmo me rasgou, embora o que ele fez para mim estava longe de ser rude. Capo continuou se movendo contra mim depois, implacável para perseguir seu êxtase, e eu gozei novamente com ele.

Meu marido não se afastou depois, embora tremesse. Fiquei com medo de olhar para o curativo e ver se havia ocorrido algo no braço, se o sangue estava jorrando. O pensamento me deixou nauseada. Sangue normalmente não me incomodava, mas o dele sim. O sonho continuou voltando para mim, tão fresco em minha mente.

Passei meus braços ao redor dele e enterrei meu rosto em seu peito. Beije-o no local quatro vezes.

Ele tentou se levantar, mas me recusei a deixá-lo ir.

Eu tinha tantas coisas para dizer:

O amor não é o punhal que você pensa que é. Só é usado como arma quando a pessoa que você ama a vira contra você. O amor é um escudo contra o resto do mundo. Apenas nós dois podemos permitir estranhos além de nossos portões. O amor decorre de tantas coisas diferentes. Companhia. Amizade. Lealdade... e lealdade pode gerar amor. Ou o amor pode gerar lealdade.

Fiquei calada, porém, porque não queria que ele pensasse que eu estava tentando convencê-lo ou convertê-lo. Não queria apontar o óbvio.

Você me ama também.

Ele parecia sentir meus pensamentos.

— No meu mundo, o amor só vai te matar, Mariposa, — o som de sua voz, baixa e fragmentada, fez eu me aproximar ainda mais dele. — É por isso que minha mãe deixou essas palavras para trás. Ela sabia o que eu enfrentaria. Ela costumava me dizer que eu era muito bonito. Que eles iam me comer vivo. Mas ela não viu isso em mim. Não viu que um rosto bonito não anula a crueldade no sangue. Sou tão selvagem quanto eles. Me impus. Provei o meu valor.

— Você ainda está impondo. — Beije seu pescoço suavemente. Ele cheirava a praia, como nosso tempo na Sicília e na Grécia. — Você não tem mais nada a provar. Porra nenhuma, Capo.

Ele se inclinou e me beijou na cabeça. Então deslizou para fora de mim, deixando-me vazia e estendendo a mão para ele. Descansou em seu braço bom, de frente para mim, e pegou minhas mãos nas suas, embalando-as.

— Você merece um coração, Mariposa. As veias você já tem.

— Um coração... *ah*. As veias são as três coisas ruins. Agora, e as boas?

Ele levou minhas mãos à boca.

— Flores de laranjeira. — Inalou em torno do meu pulso e depois soltou a respiração em um fluxo lento de ar quente. — Quer saber por que não contei quem eu era? *Semplice*. — *Simples*. — Não queria que você descobrisse. Se o fizesse, isso me deixaria... ansioso ao pensar que se afastaria de mim, que me diria para ir para o inferno, para me casar com outra pessoa. Não te contei, porque simplesmente quero sua companhia. Seu tempo.

Preciso desaparecer e ainda ser visto. Ele estava sozinho, solitário pra caramba, por causa daqueles bastardos implacáveis.

— Preciso de você para o resto da minha vida, Mariposa. Preciso que todos vocês pertençam apenas a mim. *Ossa delle mie ossa; carne della mia carne; la mia bella donna; mia moglie*. — *Ossos dos meus ossos; carne da minha carne; minha linda mulher; minha esposa*.

— Então você não teve que inventar alguma coisa? — Pisquei para ele. — Você teve o coração o tempo todo?

— Sim. Você. Você é o coração. — Pegou minhas mãos e as moveu para seu pescoço, logo acima da cicatriz. — Se isso não existisse. A voz. Como poderia te contar, Mariposa? Se as palavras não existissem mais, se alguém as roubasse, como nos comunicaríamos? Ações. Ações falam mais alto que palavras. Você não precisa de palavras para tornar isso real.

— Ações, — sussurrei. — Sua vida. Você sacrificou a sua pela minha.

Ele encostou a cabeça na minha.

— *Nel mio mondo l'amore ti farà solo uccidere. Sono un uomo morto dalla notte in cui ti ho lasciato alle spalle*. — A tradução de suas palavras foi um pouco solta, mas sua ponta era tão afiada quanto uma espada para matar por amor.

No meu mundo, o amor só vai te matar. Sou um homem morto desde a noite em que te deixei para trás.

Eu me afastei para vê-lo melhor, mas ele apenas me puxou para mais perto, tão perto que eu não conseguia respirar. Tão perto que minha respiração era dele e a dele era minha.

Non servono più parole. Não foram necessárias mais palavras, pois ele me deixou nadar tranquilamente.



CAPÍTULO 26

Mariposa

De alguma forma, por um *milagre*, convenci meu marido a tirar o dia de folga. Não só o dia, mas a noite também. Depois que a casa de Harrison foi atingida com balas, era difícil ficar longe dele. Meus pesadelos só estavam piorando. Era o mesmo repetidamente, exceto que o sangue aumentava a cada vez. Eu olhava para baixo e o rastejar lento se aproximava cada vez mais dos meus pés. Ainda não conseguia me mexer. Apenas gritar.

Na realidade, não em sonhos, ele, às vezes, ficava perto de mim. Em outras ocasiões, fazia o que queria. Buscar vingança contra a família Scarpone era um trabalho para ele. Um que ele amava muito. Quando admitiu para mim que não os matou porque estaria acabado, entendi imediatamente. Isso acabaria com seu reinado de tortura sobre eles. Quando fodeu com eles na vida, jogando, se emocionou. Uma vez que eles estivessem mortos, tudo estaria acabado, e Capo teria que lidar com... ele mesmo.

O que mais me preocupava era: Capo chegaria a eles primeiro? Ou eles finalmente teriam sucesso e acabariam com sua vida?

Era um jogo com apostas muito altas.

A sensação da vida se mexendo em meu ventre reforçava essa ideia. Passei a mão na barriga. Na última semana, parecia prestes a explodir. Eu

usava um vestido azul-marinho justo que esticava, mas era justo, e de todos os ângulos você poderia dizer que eu estava grávida.

— Mariposa.

Levei um minuto para perceber que Capo havia dito algo para mim. Depois da minha consulta médica, na qual o ultrassom confirmou que o bebê era um menino, ele me levou para comer na *Mamma's Pizzeria*. Nós nos sentamos na frente, em banquinhos, virados um para o outro.

— Sim? — Ele sorriu para mim e pegou a foto do ultrassom que coloquei entre nós, encostada em um cardápio de sobremesas, e mostrou para mim.

— Quero que ele tenha seu nariz.

— Seus olhos e meu nariz? — sorri.

Ele colocou a foto de volta, passou um dedo pela curva do meu nariz e depois me beijou na ponta. Suas mãos enlaçaram a minha barriga, embalaram a protuberância como uma bola.

— Me agrada que todos saibam que eu fiz isso com você.

Eu quase cuspi minha bebida.

— Você gosta que todo mundo saiba que me engravidou?

Ele se inclinou ainda mais perto, mantendo as mãos em volta da minha barriga. Meu joelho estava perto de sua virilha.

— Não, que todo mundo saiba que sou eu quem te fode.

Meus olhos se fecharam e a respiração escapou da minha boca rapidamente.

— Esqueça a pizza. Vamos para casa.

— Por que em casa? Eles têm um quarto nos fundos.

Eu me afastei dele, tentando avaliar sua expressão. Ele falava sério.

A garçonete colocou nossas saladas na mesa, com um tilintar alto contra o balcão antigo. Um segundo depois, um homem com um avental amarrado na cintura deslizou nossa pizza entre as duas tigelas.

— Bom apetite, — disse a garçonete, então se apressou na direção oposta para anotar mais pedidos.

Faltava requinte ao atendimento ao cliente, mas a comida era incrível. Era como ter um médico babaca sem modos, mas o melhor médico babaca sem modos. Meus olhos iam e vinham da refeição na minha frente — o homem — para a refeição real na minha frente — a pizza e as saladas. Ele se recostou, explodindo em gargalhadas.

— Você acabou de arrebentar minhas bolas.

Sem esperar, comecei a comer minha salada. Às vezes, eu gostava de colocar alface em cima da pizza e enrolar. O *Mamma's* tinha o melhor molho italiano.

— Não toquei nas suas bolas, Capo.

— Exatamente. Você escolheu isso — acenou com a mão em direção à mesa, — em vez de mim. Feriu minhas bolas sem sequer tocá-las.

— Não escolhi um pelo outro. — Dei uma mordida na pizza, quase gemendo. — Você é a sobremesa.

Ele se inclinou muito devagar, e o pedaço de salada que eu tinha acabado de pegar estava a caminho da minha boca. Lentamente, ah, tão lentamente, ele lambeu meu lábio inferior e removeu alguns restos de molho.

— Tudo fica mais gostoso na sua boca.

Foi difícil encontrar emoção na comida novamente, mas depois de um ou dois minutos, quando ele começou a comer, minha fome voltou ainda mais forte. Ele nem perguntou, apenas pediu outra pizza quando percebeu o quanto eu estava faminta.

— A salada aqui também é muito boa, — eu disse.

Ele pediu outra.

— Foi assim que conheci o velho Gianelli. — Limpou a boca com um guardanapo. Ainda me encarando, estendeu a mão e limpou meu rosto também. — Vim aqui para comer pizza.

— Vocês se uniram por causa da pizza?

Ele estendeu a mão, pegou um cardápio e apontou para um ponto no final.

— *Todos os ingredientes são cultivados localmente ou importados da Itália*, — li em voz alta.

— O velho Gianelli fornecia alho de sua horta. Os antigos donos eram amigos dele. Meu avô veio da Itália e eu o trouxe aqui. Eles se conheceram. Se conectaram. Por muito tempo, jogaram xadrez por correspondência pelo correio. Pararam de se falar depois que deixei você com eles. Não era seguro manter contato.

— *Nonno* confiava em Pops?

— Sim. — Tomou um gole de sua água. — Ele passou a conhecê-los bem. Foi assim que eu soube de todos os problemas de Jocelyn. Você foi desejada. Talvez até necessária em suas vidas.

Separei minha pizza.

— Eu... eu pareço com minha mãe?

Às vezes, me sentia culpada por isso, mas meu pai raramente passava pela minha cabeça. Eu o culpei por matar minha mãe. Ele sabia que tipo de pessoas eram os Scarpone e mesmo assim tentou dominá-los. Mesmo quando ele estava andando junto, ainda estava tramando.

O que mais me impressionou foi a foto que encontrei dele saindo do tribunal depois que os Scarpone o livraram de problemas, quando ainda estavam em boas relações.

De minha mãe, no entanto, nada surgiu quando procurei por ela.

O mau comportamento de Corrado foi notícia de primeira página. Pois a bondade e o amor de Maria, minha mãe, a colocaram em uma cova rasa.

Embora eu não conseguisse me lembrar de como ela era, pensava nela com frequência. Especialmente quando tocava em seu rosário. Mesmo quando criança, ela tentou me ensinar como aliviar minha ansiedade com a fé.

Capo olhou para o meu rosto, talvez relembando. Ele passou o dedo pelo meu nariz novamente.

— Seu nariz. Seus olhos. Até seus lábios se parecem com os dela. A cor dos seus olhos... — Inclinou a cabeça. — Eles parecem ser uma mistura. Seus olhos eram âmbar, como uísque em um copo ao pôr do sol. Ela era uma mulher bonita. — Ele ficou quieto por um momento, então continuou: — Seu pai costumava enterrar um monte de merdas. Armas. Dinheiro. Joias. Documentos. Quando o encontrei, ele estava em um bairro ruim. Do tipo em que as pessoas mantêm a cabeça baixa, os olhos desviados.

— Estou familiarizada.

Ele acenou com a cabeça uma vez.

— Não havia nada na casa além de móveis surrados. Quando ele fugiu, fugiu com muito pouco. Ele não teria jogado sua merda fora. Acreditava que iria fazer um nome para si mesmo. Acreditava que seria o novo capo da cidade.

— Você acha que ele pode ter enterrado fotos?

— Bingo.

— Eu adoraria... — Balancei o resto da minha bebida ao redor do copo. — Adoraria vê-la. Significaria muito para mim se eu tivesse fotos dela. — Toquei minha barriga. — Talvez eu veja um pouco dela nele.

Ficamos quietos quando a garçonete voltou para repor nossas bebidas. Eu só tinha uma coisa em mente, no entanto.

Estendi a mão e peguei a de Capo, descansando-a em minha barriga.

— Aqui está uma reviravolta que eles provavelmente nunca previram. Duas famílias que se odiavam agora estão unidas por um elo. Amor. Este garotinho os une em paz, quer eles queiram ou não.

Mesmo que Capo nunca falasse as palavras, este bebê foi criado a partir do amor. Ter filhos nunca passou pela minha cabeça quando eu estava lutando para sobreviver, mas quando Capo me deu a escolha, nunca quis mais nada. Ser capaz de segurar meu sangue em meus braços parecia o sonho mais incrível. Ver alguém que talvez se parecesse um pouco comigo parecia irreal. Eu ansiava por sentir aquela conexão especial.

Capo pegou uma fatia de pepino de sua tigela e colocou na frente da minha barriga. Então colocou outra bem perto. Como se minha barriga tivesse olhos.

— Aqui está uma reviravolta. Ele está do tamanho de uma manga agora, embora só devesse ser do tamanho de um pepino. Vai ser um menino grande.

O sorriso que veio ao meu rosto foi lento.

— Como seu Papà.

Capo chamou a garçonete.

— Não vamos deixá-lo esperando para comer então. — Ele pediu *spumoni* e sorvete, então olhou para mim. — Faça esse em dobro.

— Ei! — Comecei a rir, mas comi os pepinos que ele colocou na minha barriga. Então *ele* começou a rir.

Eu me levantei, passando a mão pelo meu vestido.

— O banheiro chama antes da sobremesa.

O sorriso em meu rosto permaneceu enquanto eu caminhava pelo restaurante. Quando cheguei aos fundos, onde ficavam os banheiros, notei um cômodo ao lado. A sala de que Capo estava falando. Cheirava a alho e tomate. Fiquei pensando se poderíamos dar uma olhada depois de comermos nosso *spumoni*.

A ida ao banheiro não demorou muito, e eu ainda estava enxugando as mãos em uma toalha de papel quando saí e corri direto para o braço de Capo. Ele estava parado na frente da porta do banheiro. Outro homem estava ao lado do depósito. Era muito mais baixo, mas tinha o peito musculoso. Eles se encaravam. O papel em minha mão caiu no chão quando notei a tatuagem em sua mão.

— Bobby, você tem um cigarro?

Os olhos do homem voaram para os meus. Depois, de volta ao Capo.

— Que porra? Vittorio? — a voz do homem saiu baixa e um leve brilho de suor apareceu sobre seu lábio superior.

Ele estava pálido, seus lábios muito vermelhos pela falta de cor em seu rosto. Eu me perguntava se os homens que Capo matou, aqueles que tentaram matá-lo, tiveram essa mesma reação quando pensaram que tinham visto seu fantasma. Capo não disse nada, mas acenou com a cabeça sinalizando que me queria atrás dele. Eu me movi, mas coloquei a mão ao seu lado, tentando espiar.

— Diga-me uma coisa, garota. — Levei um momento para perceber que Bobby estava falando comigo. — Você o vê também?

Eu não sabia o que dizer. Capo se recusou a responder, e eu não tinha certeza do que esse cara faria se eu confirmasse que era o homem que todos pensavam estar morto. Bobby sacaria uma arma e mataria nós dois? Se eu ficasse quieta e ele chateado? O que aconteceria, então?

— Vejo quem? — perguntei asperamente.

— O homem parado na sua frente. Esse que *você* está tocando. Ele deveria estar a sete palmos. Sua garganta foi cortada.

— Você fez isso com ele? — Fiquei surpresa com a quantidade de veneno em minha voz dirigida a esse homem que eu não conhecia, mas odiava por princípio.

Bobby balançou a cabeça, mas seus olhos nunca deixaram os de Capo. Eu não tinha certeza se ele estava avaliando meu marido, com medo de que ele fosse atacar, ou ainda em choque ao vê-lo.

— Não, não fui eu, garota. Não participei do assassinato dele. Houve uma época em que éramos próximos.

Capo riu, mas foi baixo.

— São essas as mentiras que contamos hoje em dia, Bobby?

Bobby estremeceu ao som da voz de Capo e então ergueu as duas mãos.

— Eu juro pela cabeça da minha mãe, Vittorio. Eu ouvi coisas, sabe? Mas isso ficou entre Arturo e Achille. Todos nós suspeitávamos, mas você sabe como é. O que está feito, está feito. Não podemos ir contra o chefe, cara. Achille admitiu isso para alguns de nós uns anos atrás, e estava implícito que nosso destino seria o mesmo seu se não fizéssemos o que era mandado sem questionar.

Capo sorriu, e eu estremeci dessa vez.

— Você nunca deveria ter vindo me procurar, Bobby. Deveria ter ficado sob a proteção do bando que você chama de *famiglia*.

Antes que eu pudesse respirar, Capo o atacou, batendo a cabeça contra a parede. A parte mais assustadora foi que tudo demorou menos de um segundo e ele quase não emitiu nenhum som. Quando Bobby caiu, Capo o pegou pela gola da camisa e começou a arrastá-lo em direção ao depósito.

— Mariposa, — a voz de Capo era cortante. — Mexa-se.

Levei um segundo para me concentrar, mas assim que o fiz, me apressei para acompanhá-lo. Assim que saímos, ele pegou Bobby e o jogou por cima do ombro.

— Você não pode matá-lo!

— Considere-o morto.

— Mas ele não fez isso, Capo! É inocente.

— Se você fica parado olhando, eu te considero mais culpado do que aquele que usa a faca. Ele é um maldito *poltroon*. E sua esposa fala demais.

— A segunda razão não é boa o suficiente! — Além disso, eu não sabia o que era um *poltroon* — talvez um covarde?

— É um bônus. Talvez ela cale a boca por cinco segundos, tempo suficiente para derramar uma lágrima de crocodilo.

Contornamos a lateral do prédio, indo direto para o carro estacionado bem em frente ao *Mamma's*.

— Alguém pode nos ver! — murmurei, entredentes.

— Estou morto. Deixe-os tentarem me encontrar. — Assim que Capo abriu as portas, dois carros pararam bem ao lado do nosso. — Entre, Mariposa! *Adesso!*

Atirei-me para dentro assim que as balas atingiram o exterior do carro. Eu cobri minha barriga, com medo de que alguém pudesse penetrar na camada à prova de balas.

Capo estava dentro do carro um segundo depois. Ele engatou a marcha e arrancou, batendo na lateral de um dos carros enquanto acelerava. Os carros que pararam em frente ao restaurante bloquearam o fluxo do trânsito. Buzinas soaram.

— Onde está Bobby? — perguntei, sem fôlego.

— Ele acabou sendo valioso no final.

— O quê?

— Ele levou aquelas balas para mim. Vamos chamar isso de vingança por não ter me contado que eu ia ter minha garganta cortada e

depois ficar parado assistindo.

— Justo. — Segurei firme no cinto de segurança. — Foram eles? Os Scarpone?

— Sim, mas não Arturo ou Achille. Garotos jovens. Apoio para Bobby. — Ele checou o espelho retrovisor. — Se segura.

Por quê? Quase gritei, mas não o fiz. Ele entrava e saía do trânsito sem se importar se havia apenas uma lufada de ar entre nosso carro e o da frente ou atrás de nós.

— Eles viram você?

— Eles viram *você*.

— Mas eu pensei que você queria... *Merda! Capo!* — Ele desviou, quase acertando um motociclista. — Pensei que você queria fazer uma grande entrada. Tipo, “*Boo, filhos da puta, estou de volta!*”. Então você daria a eles o que merecem.

— Você não está muito longe da verdade, mas isso não tem mais a ver comigo. Seu rosto foi visto muitas vezes. Muitas coincidências aconteceram para que não significasse nada. A única coisa que eles não têm certeza é de como Cash Kelly está envolvido nisso. Eles estão tentando conectar você a mim ou descobrir se você é um deles.

— Itália, — eu disse.

— Sim. O enterro do meu avô. Se eu estivesse em qualquer lugar, estaria lá. Isso se destaca para eles.

— Você estava. — Fechei os olhos, de repente, sentindo enjoo. — Você sabia... Você estava tentando se matar?

— Estava pronto para acabar com isso. Eles morrendo. Eu morrendo... de novo. Todos nós íamos morrer. — Rapidamente virou à direita e meu ombro bateu na lateral do carro. — Eles não me viram agora, no entanto. Bobby bloqueou meu rosto, e os caras naqueles carros são jovens. Eles não me reconheceriam. Não apenas pelo corpo. Eles estavam atrás de você.

— Todos aqueles homens por mim? Por que Bobby não pode lidar comigo sozinho?

— O que te assustaria mais, Mariposa? Um homem ou alguns?

— Um ou alguns... meu medidor de medo estaria aqui. — Levantei minha mão acima da cabeça.

— Bobby entrou pelos fundos, então ele não sabia se você estava sozinha. Essa é outra razão pela qual se ligou. Assim que te viu, pediu

reforços. Esse foi o fim de seu escopo de conhecimento antes que eu saísse ao ar livre. Se descobrirem quem você realmente é, Marietta, as coisas vão ficar mais perigosas. No momento, há apenas uma conexão. Nada mais. Mas é o suficiente.

Ele desviou no último segundo, parando na entrada de uma garagem, mas demorou menos de uma inspiração. Assim que estacionou, levantou o braço e quase atingiu a traseira do carro quando desceu e enquanto aceleramos a inclinação. No último andar — sete ou oito? — ele estacionou na área descoberta, bem na luz direta do sol.

Capo me disse para ficar parada até que ele viesse me pegar. Quando abriu minha porta, tentei enxugar uma lágrima que escorreu pelo rosto, mas ele percebeu.

— Mariposa. — Ele me tirou do carro e usou a mão livre para enfiar um boné de baseball na cabeça. Minha mochila de couro estava em suas costas. Eu a havia deixado no carro quando entramos na pizzeria. Ele me entregou um par de óculos de sol antes de colocar um também. — Vou acabar com isso. Está na hora.

— A foto do bebê, — quase não consegui dizer. Tínhamos deixado para trás no balcão.

Corremos para descer a rampa até os elevadores. Quando os alcançamos, ele me entregou algo do bolso.

Minhas lágrimas se acumularam dentro dos óculos, quase embaçando-os, mas o tesouro em minha mão estava claro como o dia.

— Você pegou.

— Eu também paguei a conta.

— Você o fez?

— Você adora ir lá, e eles têm uma memória melhor do que a dos Scarpone quando os clientes fogem. Então tirei a foto, deixei duzentos dólares para eles e segui você até o banheiro. Circunstâncias imprevistas. Tenha como regra considerar todos os cenários com antecedência, Mariposa.

— Bobby estava nos seguindo?

— Não. Ele gosta de comer lá, mas tenho certeza de que ligou para eles quando viu você. Estava trepando com uma das garçonetes. Ela é muito quieta. Ele teve um vislumbre seu logo antes de você entrar no banheiro. Fiquei escondido até pouco antes de você sair.

Parecia não haver mais nada a dizer. Fizemos o resto da viagem em silêncio. Uma vez do lado de fora, na frente, ele abriu outro carro e segurou a

porta para mim. Antes de eu entrar, uma grande explosão ocorreu no andar mais alto do estacionamento que havíamos acabado de deixar.

— Eles saberão que nós... quero dizer, esse é o seu carro, Capo.

— Não. — Ele tirou um computador do banco de trás e mexeu em algumas coisas. — A papelada diz que pertence a um cara que foi morto por volta de... — ele olhou para seu velho relógio — ... uma hora atrás. Os Scarpone estavam atrás dele.

— Em quanto tempo? — perguntei, minha voz calma. Olhei para a foto do bebê em minhas mãos. — Em quanto tempo você vai acabar com isso?

— Eles vão procurar por você. — Colocou o carro em movimento e arrancou. Estávamos em um passeio panorâmico pela cidade, como se a última hora não tivesse acontecido.

— Porque eles sabem que você virá atrás de mim.

— Ou espero que sim, se eu ainda estiver vivo. — Ele verificou o retrovisor. — Se eles estão caçando você, estão atrás de mim. Já tiraram minha voz. Vou encontrá-los no inferno antes que tomem meu coração.



CAPÍTULO 27

Capo

Minha esposa enfiou o rosário no meu pescoço antes de eu sair.

Um ritual.

Um rito de passagem.

Um símbolo de seu amor e sacrifício para levar comigo para a batalha.

Depois que o assassino fez um corte profundo o suficiente para que meu ar saísse da garganta em vez de pelo nariz ou pela boca, retirei o rosário e o segurei em minhas mãos antes de cair.

Cada respiração era uma luta.

Cada batida do meu coração foi sofrida.

Pensei que o lugar onde Mariposa encontrou seu paraíso — seu rosário — me tocaria. Porque eu sabia para onde estava indo. Inferno. Antes do meu último suspiro, eu queria tocar o lugar onde ela encontrou a paz. Para tocar o que o outro lado fez antes de dar o último suspiro.

Fé.

Apenas alguns momentos da minha primeira vida ficaram comigo ao longo dos anos. Um deles era a mãe de Mariposa, Maria, antes de eu puxar o gatilho.

Maria foi a primeira pessoa que matei que me perdoou pelo que eu estava prestes a fazer. Ela me disse que sabia que eu não tinha escolha. Disse que o que eu estava fazendo era mostrar sua misericórdia. Ela conhecia os selvagens de quem eu era parente. O que eles fariam com ela uma vez que a encontrassem. Naquele momento, porém, tentei pensar em maneiras de salvar as duas. Uma menina deve ter sua mãe.

No final, nós dois sabíamos que era inútil. Se eu fosse salvar sua filha, a garotinha que ela chamava de Marietta, todos os laços com sua vida original teriam que ser cortados.

— *Eu sei para onde estou indo, Vittorio. Posso ter cometido erros em minha vida; casei-me com um homem que não era um homem de Deus, mas ainda assim sou uma mulher de fé. Não temo a morte, porque estou em uma nova vida. Cuide do meu bebê.*

O único medo que Maria demonstrava era pela filha. Para onde quer que Maria sentisse que estava indo, era para um lugar melhor. Ela havia seguido o marido nas noites mais escuras, nos dias mais frios e nos lugares mais sujos que seus pés poderiam ter tocado. Quando os encontrei, eles estavam quase morrendo de fome. Não podiam deixar o lugar imundo em que viviam. Não podiam nem pedir a um vizinho que trouxesse comida para eles, com medo de serem descobertos.

Ainda assim os encontramos.

Eu tinha matado homens que choravam como mulheres, cagavam e mijavam nas calças, ajoelhavam-se e imploravam quando a morte batia à porta. Um deles até ofereceu a esposa em seu lugar. Uma vida era uma vida. Um corpo é um corpo.

Maria, não. Ela tinha fé, e sua fé lhe deu coragem. Seu corpo pereceu, mas sua alma sobreviveu. Ela vinha ensinando isso à Mariposa o tempo todo. Quando minha esposa estivesse com medo, poderia tocar sua fé para encontrar a paz. Mariposa tinha algo que a confortaria para sempre.

Para alguns, eram contas em um cordão. Mas para Maria, era uma representação física de seu sistema de crença inabalável. Por mais que seus medos chegassem, ela tinha algo maior ao seu lado para enfrentá-los. Eu queria morrer com a mesma paz. Queria prová-la em meus lábios, senti-la em minhas veias, conquistar meu coração antes que meus pecados viessem me cobrar. Sentir a escuridão se desfazendo, quebrando como vidro; e dele, todas as sombras de monstros me sugando.

Um. Dois. Três.

Não há mais respirações.

Então acordei. Tito estava sentado ao meu lado, eu não conseguia falar. Ainda sentia que não conseguia respirar. Eu sabia que estava vivo, porém, porque podia sentir. Tito envolveu o rosário na minha mão e me disse para esperar.

Lá estava eu, no sentido metafórico, ainda me segurando. Talvez esse tenha sido meu último suspiro.

O último quarto.

Era noite familiar no *Dolce*. O restaurante estava fechado para todos, menos para os Scarpone. Eles comiam como reis e rainhas, riam como se o Coringa tivesse acabado de fazer o show mais engraçado, e contavam aos seus novos príncipes histórias sobre o que seus ricos futuros reservavam. Quão poderosos eles seriam quando se tornassem reis.

Tudo baboseira.

— *Atenção, filhos da puta, — eu queria dizer aos filhos de Achille. — Facilita a facada quando o assassino corta sua garganta. Porque a notícia é rápida: só pode haver um rei. Esses contos? Sim, eles são bem altos. Altos o suficiente para que apenas um de vocês seja capaz de chegar ao topo.*

Depois que as esposas iam embora com casacos de pele sobre os ombros, joias nos pulsos e os melhores sapatos em pés indignos, os homens ficavam para trás e jogavam pôquer. Achille pode ter uma de suas prostitutas esperando para lhe dar um beijo para dar sorte. Apenas as afortunadas podiam deixar os apartamentos onde ele as instalou e serem vistas em público ao seu lado.

Adivinha quem vem jogar hoje à noite, pessoal?

Eu finalmente ocuparia o lugar que eles reservavam para mim um domingo por mês.

Eu ri, o som rouco e baixo. Sim, que tal isso? Eles reservavam um lugar para mim na mesa de pôquer uma vez por mês, incluindo um copo de uísque. Eu nem gostava da porra do jogo. Com o passar dos anos, o jogo de xadrez do velho se transformou no jogo de pôquer de Achille. Mais rápido e menos pensamento envolvido. Era um sinal dos tempos.

Três membros da equipe ficaram lá dentro para atender a família. O resto eram Scarpone, incluindo os homens que juraram dar suas vidas pelo rei e a piada que era seu filho. Os príncipes bebês também estavam lá.

O garoto prodígio pensou que tinha controle sobre a segurança deles. Eu tinha trocado os monitores, fui mais esperto do que ele. Tudo o que

veriam era o restaurante, mas não eu de pé ao lado dele, relaxando no beco. A coisa mais brilhante em mim era o rosário em volta do pescoço, enfiado dentro da camisa.

Então meu telefone acendeu.

Dei a volta para o outro lado do prédio, ao ar livre, e levantei a gola da jaqueta. O ar ainda continha o frio de fevereiro, embora estivéssemos em março, mas o frio raramente me tocava. Era mais para me manter escondido até a hora certa.

As ruas estavam lotadas e me perdi na selva de concreto para verificar o telefone. Parei em frente à loja que vendia as estatuetas que minha esposa queria para nosso filho.

Sua esposa: Ei, você esqueceu algo importante em casa.

Eu: Improvável. Tudo o que é importante está em casa. Mas diga-me de qualquer maneira. O que esqueci?

Sua esposa: Eu.

Um segundo depois, meu telefone vibrou.

Sua esposa: Por favor, volte para casa. Ainda nem o nomeamos.

Respirei fundo e expirei uma nuvem branca.

Eu: Saverio Lupo. Saverio significa “novo lar”. É um cognato de Xavier ou Javier. Lupo significa “lobo” em italiano.

Sua esposa: Saverio é nosso novo lar. A nova casa do lobo com sua farfalla.

Eu: Sim.

Sua esposa: Não sei mais como dizer isso e, antes de você partir, não consegui. Você me encontrou e depois me deixou quando eu era criança. Então eu te encontrei anos depois. Em um mundo cheio de todas essas pessoas e todas essas palavras, eu encontrei você. Assim como você me encontrou.

Alguns segundos se passaram. A vibração disparou novamente.

Sua esposa: Não me deixe de novo, Capo. Eu não tinha ideia do que estava perdendo em toda a minha vida, até que você me tocou. Eu não estava morrendo de fome por coisas. Bem, eu estava, mas foi mais fundo. Foi você. Eu estava morrendo de fome por você. Nada pode te substituir na minha vida.

Ela estava dançando em torno disso desde o que acontecera no *Mamma's*. Três dias se passaram desde então. Ela me disse para esperar um dia, mas outro dia só significava que eles teriam mais horas para descobrir quem ela era.

Eu era a porra de um fantasma. Eles já tinham me matado. Mas minha esposa, ela era a garota que eu salvei; uma garota que tinha batimentos cardíacos. Eles não parariam por nada para usá-la contra mim.

Se eles descobrissem que ela estava grávida do meu filho, o pensamento por si só fez meu sangue gelar, e depois esquentou.

Achille iria rasgá-la em pedaços se a alcançasse primeiro. Arturo a manteria viva por tempo suficiente para ter o bebê. Então a mataria e criaria meu filho como se fosse seu.

A traição final, mesmo matando sua carne e sangue, e um último foda-se, *meu lindo filho*. Se houvesse alguma paz a ser encontrada na morte, ele sabia que eu nunca a encontraria com meu filho em seus braços.

Isso precisava acabar. Houve muitos imprevistos.

Coloquei o telefone no bolso depois de desligá-lo, então olhei para o

meu relógio.

É hora de o jogo começar, filhos da puta.



Desci um pouco e fiquei esperando na frente do *Dolce*. O cheiro de vitela à parmegiana invadiu minhas narinas e apertou minha garganta. Bem na hora, dois homens mascarados pularam de um carro e correram para o beco. Gritos. Tiros. O pessoal da cozinha estava morto.

Bang. Bang. Bang. Três baixas.

Mais tiros. Os dois mascarados saíram correndo do beco. Três homens correram atrás deles.

O carro que esperava acelerou com os dois homens mascarados. Os três idiotas correram pela rua até o estacionamento. Eles iam tentar persegui-los.

— Sim, — eu respirei. — E como isso funcionou para você da última vez? Todo musculoso e sem cérebro.

Desci o beco casualmente, de cabeça baixa. Fiquei ao lado da porta da cozinha, ouvindo. Arturo gritava. Em todos os seus anos como rei de Nova York, apenas uma alma o havia tentado.

Corrado Palermo.

Essa foi uma reviravolta com a qual ele não estava acostumado.

Ri um pouco ao ouvi-lo repreender Achille. Depois que o velho se aposentasse, ele assumiria. O Coringa insano governaria um reino de desajustados.

Mais dois Scarpone saíram correndo pela porta, um de cada vez. Quando o primeiro parou, o outro fez o mesmo, e o primeiro tocou o segundo no peito — um sinal que significava manter os ouvidos e os olhos abertos e a boca fechada. O outro cara assentiu.

Esses homens não fizeram nada para mim, exceto trabalhar para a família lá dentro. Então isso não era pessoal. E cortar a garganta de uma pessoa era muito pessoal. Sem uma palavra, matei cada um deles com uma bala na parte de trás do cérebro. Fez uma bagunça, mas o sangue tinha escorrido da cozinha mesmo assim. A arma foi mais silenciosa do que os dois corpos que atingiram o chão.

Entrei na cozinha como se fosse o dono do lugar. Como previsto, três

corpos estavam caídos no chão. Parecia que Cash Kelly havia se vingado, mesmo que não tivesse conseguido tocar nos jogadores principais.

Ele teria alguma influência nesta cidade, mesmo que seus dois caras fugissem depois.

Os Scarpone estavam enfraquecidos, mas eram conhecidos por comer suas patas infeccionadas para salvar o corpo inteiro. Por causa disso, Cash ganharia algum respeito dos italianos, mesmo que os italianos fossem mais cautelosos com ele e seus motivos. Em geral, os irlandeses e os italianos trabalharam juntos em harmonia ou mantiveram-se afastados um do outro. Até que comecei.

Antes que os príncipes recém-coroados pudessem me pegar, eu levei os dois filhos de Achille para fora. Um deles caiu contra a parede e escorregou com a arma ainda na mão. O outro pareceu chocado por um momento, sua arma ainda erguida, antes de cair sobre a mesa de jogo. Achille e o filho prodígio foram para a frente do restaurante. Achei que o fariam, para verificar as coisas.

Sentei-me ao lado de Arturo depois de recolher as armas do príncipe, com as costas contra a parede, e coloquei minha arma no colo. Esse era meu assento honorário, o copo de uísque intocado.

— Se importa se eu me juntar a você? — Deslizei uma pilha de cartas em minha direção e tomei um gole do meu uísque. Afinal, foi por minha causa. Coloquei as cartas viradas para baixo e olhei Arturo nos olhos. — Parece que recebi uma mão de merda. Exijo um recomeço.

Seu coldre de ombro continha duas armas e, embora estivesse ansioso para usá-las, ele me esperou. Isso era bom demais até para ele deixar passar. Afinal, do que ele tinha que ter medo? Um fantasma com uma arma? Um homem que estava em desvantagem de três para um?

Isso mesmo, minha borboleta. O diabo vem em três.

— Vá embora agora. — Ele revirou os dentes sobre o lábio inferior. — E eu vou deixar você viver.

Inclinei-me para frente, pegando mais cartas da pilha. Deslizei a mão de merda em direção a ele.

— Me deixar viver? — Eu sorri. — Depois que você foi tão gentil em cortar minha garganta e me deixar morrer como um animal, sozinho e no cimento frio, bem ao lado do lixo.

— Você me enganou. Ninguém me engana e vive para contar isso.

— Ah. Mas eu fiz, — minha garganta se apertou e a voz saiu afiada e

áspera. O tecido cicatricial, às vezes, fazia minha voz fazer coisas engraçadas. — Estou contando isso. — Acenei com a mão, tirando uma carta e substituindo-a por outra na pilha. — Isso é tudo notícia velha. É hora de colocar um velho fantasma para descansar.

— O que você quer, Vittorio?

— O que eu quero? — repeti. — Você me diz.

Ele olhou ao redor da sala.

— Você conseguiu matar a maioria de nossos herdeiros. Agora eu sei, com certeza, que você tem feito guerra entre as outras famílias e a nossa. Você colocou os irlandeses atrás de nós também. Você tem roubado de nós. Você conseguiu sua vingança. O que mais você quer?

— Você, — eu disse, — no Hudson. Seus pés com pesos de concreto. O Coringa bem ao seu lado. Os Scarpone serão varridos desta terra. E tenho certeza de que você está curioso para saber por que quero você e seu filho palhaço no fundo do Hudson, quando ao lado da lixeira basta. Há lixo nesta terra e há lixo que precisa ser enterrado abaixo da superfície.

Ele se levantou, elevando-se sobre mim. Olhando para mim. Velhos tempos. Exceto que agora ele estava mais velho. Seu cabelo preto estava grisalho nas laterais. Seu rosto estava desgastado. Seu nariz era maior. Seus ombros começaram a curvar com o fardo de carregar a vida por tantos anos que esteve nesta terra. O tempo passa e isso aparece no corpo, mas algumas pessoas nunca superam seus papéis.

Finalmente, encontrei seus olhos de novo. Quando eu estava pronto.

— Por que você me desobedeceu, Vittorio? Por que escolheu a filha de Palermo em vez de seu próprio pai? Ele tentou me matar! Ele ia cortar minha garganta! Você tinha ordens!

— Suas ordens não significavam nada diante de uma criança inocente.

— Criança inocente? — Ele bufou. — Ela é a cria de Lúcifer!

— Não. Eu sou a cria do diabo. Quantos anos eu tinha quando tirei a vida de um homem pela primeira vez, por sua ordem? Quando meus ossos começaram a crescer. 15? 16? — Puxei as cartas para mais perto e bati meu dedo no topo. Uma. Duas. Três vezes. — Você já observou uma criança colorir? Ou ouviu como a palavra “azul” sai como “abu”? Ou assistiu enquanto ela esfregava um rosário em carne viva, porque estava com tanto medo? Medo de qualquer barulho. Cada sombra.

Ele ficou quieto por um período. Ouvi passos se aproximando e

Achille começar a dizer alguma coisa ao entrar na sala, mas parou quando me viu sentado ali. Ouvi o gatilho de sua arma estalar de volta, mas Arturo ergueu a mão para impedi-lo de usá-la. Achille sempre atirava primeiro e não se preocupava com as consequências depois.

Ele matou o cara errado? *Ah, sim. Isso é a vida.*

Arturo sabia que tipo de homem Achille era. Foi por isso que ele o chamou de Coringa. Achille era um simples soldado de infantaria que não tinha a capacidade de pensar por conta própria. Ele tinha que ser conduzido. Instruído. Ordenado. Ossos impiedosos eram necessários para viver neste mundo — que ele tinha, em seu âmago —, mas um cérebro estratégico era ainda mais importante.

A violência foi menos da metade da batalha. A estratégia superou o derramamento de sangue. Se sua mente estivesse correta, o derramamento de sangue de seus homens poderia ser reduzido ao mínimo, enquanto seus adversários recebiam o golpe.

Arturo também sabia disso, mas havia mais fatores em jogo. Ele mandou me matar porque não matei a filha de Palermo. Mas ele também me assassinou porque sabia que eu o venci de todas as maneiras que contavam em seu jogo. Levei-o movimento após movimento, dia após dia, ano após ano. Paciência e estratégia foram dois dos meus maiores pontos fortes.

Xeque-mate.

Quando chegou a hora certa para mim, olhei para os três.

A boca de Arturo se transformou lentamente em um sorriso; o sorriso se transformou em um riso, então ele começou a rir. E riu tanto que uivou. Os dois homens ao lado dele olharam para nós sem saber o que diabos estava acontecendo.

Depois que o humor de Arturo diminuiu, ele enxugou os olhos e suspirou.

— Você sentiu pena da filha de Palermo. Algo que você nunca tinha sentido antes. Antes de aquela cadela lançar seu feitiço em você, você não tinha sentimentos. E agora está apaixonado por ela. — Ele olhou para Achille. — Esqueça sobre mandar os cachorros atrás da cadela que conhecemos na Itália. Eu sei quem ela é. Marietta Palermo. Eu deveria saber. Aquele maldito nariz. Aqueles mesmos olhos de bruxa. Ela parece a prostituta da mãe. — Achille sorriu, mas ainda segurava a arma.

— Nem fodendo.

Vito, filho de Achille, olhou para mim. Não havia sorriso em seu

rosto. Nada aparecia em seus olhos. Ele já estava morto por dentro. Entendi como ele se sentia mesmo antes da minha morte. Nada poderia me tocar. Nada existia por dentro.

A inocência de Marietta me colocou em um caminho diferente, mas foi preciso o beijo da morte para me fazer sentir vivo. Se a faca nunca tivesse tocado minha garganta, eu nunca teria sido capaz de sentir seu amor de verdade.

Amor. A merda de um novo conceito. Foi o ponto mais dolorido que já tive, mas coincidentemente, mesmo sem matar esses três, eu era um rei intocável.

Que viagem.

Ainda assim. *De volta ao ponto.*

Chutei a cadeira à minha frente, dando início à reunião. Arturo sentou-se primeiro, seguido por Achille. Vito ficou em pé por mais tempo, mas depois que seu pai lhe disse para se sentar, o fez. Ele me olhou com um vazio em seus olhos.

— Não vou sentar aqui e jogar a porra de um jogo com você, Vittorio. — Achille jogou as cartas em mim. — Você tem jogado conosco todo esse tempo. Jogado a porra de um jogo como um fantasma, não como um homem. Como isso é justo?

Inclinei a cabeça para trás e ri.

— Como isso é justo?

No intervalo de quatro batimentos cardíacos, duas cadeiras rangeram e todas as armas foram sacadas. Fiz o saque mais rápido e apontei minha arma para a cabeça do velho. Arturo, Achille e seu filho tinham as armas apontadas para mim.

— Não importa se eu morrer. — Passei meus dentes sobre o lábio inferior. — Já estou morto.

— Marietta não está. — Arturo sorriu. — Depois que você estiver morto, sem segundas chances desta vez, Vittorio, vamos encontrá-la e matá-la. Não será uma morte fácil.

Eu sorri, mas estava longe de ser agradável.

— Desta vez não consigo um assento na primeira fila para assistir?

Achille sorriu, e sua semelhança com o coringa nunca foi tão forte quanto no momento que sua loucura aumentou.

— Você vai assistir, Príncipe Bonito. Desta vez, porém, sou eu quem vai fazer essa porra. Eu vi sua garota. Bela bunda. Bela boca também.

Eu tinha que manter a cabeça no lugar e meu temperamento frio, ou ele já tinha vencido.

— Você não a encontrou antes. Nunca vai encontrá-la agora.

— Vamos encontrá-la, — Arturo disse. — Sabemos como ela é agora. Conhecemos os amigos dela.

— Ela está sob a proteção dos Fausti. Me mate. — Dei de ombros. — Ela ainda estará segura.

— Você é bom em fazer acordos com o diabo, Vittorio. Tenho certeza de que isso vai custar sua alma.

— Não me custou nada, já que sou a cria do diabo, — eu disse, em italiano. O Rei e o Coringa só conheciam certas palavras. Ambos odiavam quando eu falava a língua da minha mãe. — Mas chega de falar de mim. Vamos falar sobre Palermo.

— O que tem ele? — Os pensamentos de Arturo trabalhavam por trás de seus olhos. Ele estava questionando tudo o que achava que sabia sobre a morte de Corrado Palermo. Ele ainda estava vivo?

— Pergunte a Achille, — eu falei.

— Achille. Do que ele está falando?

Achille me olhou com tanto ódio, que me surpreendeu que a arma não tivesse disparado sozinha.

— Ele está falando besteira, pai. Você vai ouvir um fantasma covarde?

Nenhum deles percebeu o leve movimento que fiz, não até que tirei o papel do bolso e o coloquei sobre a mesa. Um segundo depois, Vito ficou um pouco ansioso demais e puxou o gatilho. A bala raspou meu braço, atingiu meu casaco e depois cravou na parede de tijolos.

Uma coisa sobre o garoto prodígio: ele tinha uma pontaria terrível. Havia uma razão pela qual Arturo o mantinha atrás de uma tela de computador. Foi aí que ele havia se destacado em armamento.

— Que porra é essa, Vito? — Achille deu-lhe um tapa tão forte na nuca, que os óculos do garoto escorregaram pelo nariz.

As bochechas de Vito esquentaram, antes que seus olhos ficassem ainda mais cruéis — para mim. Eu estava errado. Ele sentia algo. Ressentimento.

O acidente com a arma deu a Arturo a chance de ler o bilhete que eu havia passado para ele. O olhar em seu rosto alimentou minha vingança.

Arturo levantou o papel.

— Você estava tramando com Palermo.

— O quê? — O rosto de Achille se contraiu. Ele foi pegar o papel, mas Arturo o segurou longe. — Deixe-me ver, pai.

Arturo o encarou por mais um segundo antes de entregá-lo. Os olhos de Achille examinaram a página.

— Isso é mentira!

— É? — meu tom era leve e despreocupado. — Palermo era um acumulador. Ele tinha o hábito de anotar tudo. Ele manteve diário após diário. Veja, ele pensou que sairia desta vida vivo. Dizia-se que ele estava tentando se tornar o novo rei de Nova York, mas a verdade é que estava tentando se tornar o conselheiro de maior confiança do novo rei.

— Mentira! — Achille rugiu, a arma começando a tremer.

— Palermo não tinha motivos para mentir. Está tudo aí. — Balancei a cabeça para o papel em sua mão. — Ele tinha informações privilegiadas, pelas quais você culpou Carlo, o rato que jogava nos dois lados, por dar a ele. Era você o tempo todo. Você deu a faca a Palermo e ordenou que o matassem. — Acenei para Arturo, cuja mente era clique, clique, clique, todas as peças se encaixando.

Arturo estava tão ocupado, sendo cegado por minha aparência de menino bonito e minha mente afiada, que nunca viu a verdadeira cobra em sua casa.

Achille foi a razão pela qual Palermo colocou sua família em perigo. Ele queria governar ao lado de Achille e baseava suas decisões em promessas construídas a partir de mentiras. Então, quando tudo ficou ruim para Palermo, Maria sabia que ela era o único elo vivo que poderia esclarecer a situação — e uma vez que Palermo se fosse, Achille garantiria que ela o seguisse. Sua filha também, para garantir. Depois que voltei para a casa de Palermo, quando trabalhava para Arturo, comecei a investigar. Meu objetivo principal era encontrar uma ou duas fotos de Maria para dar à Mariposa. Se algo acontecesse comigo, queria ter certeza de que ela teria essas memórias. Eu descobri muito mais.

Afinal, parecia que Mariposa herdara algo de seu pai — a necessidade de manter um diário.

Essencialmente, Achille convenceu Arturo de que eu precisava desaparecer depois de deixar Marietta viver. Ele tinha martelado em Arturo que, como eu salvei a filha de Palermo, mentiria para salvar minha vida. No entanto, olhando para trás, sabendo o que eu fiz depois de ler as lembranças

de Palermo, percebi que Achille não só me queria morto para ter o reino inteiro, mas também porque não tinha ideia do que a mãe de Mariposa havia me dito antes de morrer, ou o próprio Palermo.

Achille não tentou outro golpe em Arturo porque seria muito suspeito. O grupo de confiança de Arturo era pequeno, e sua localização não era conhecida até que ele já chegasse. Teria sido um movimento muito brusco. Sem mim, as coisas eram simples. Tudo o que ele tinha que fazer era aguardar sua hora.

Todos nós ficamos com nossas armas em punho, esperando, a de Arturo apontada diretamente para o meu coração. Então a mão de Arturo se moveu e sua bala atingiu Vito bem no coração. O menino bateu na parede e escorregou com os óculos tortos e a boca aberta.

Arturo apontou sua arma para Achille, mas com a velocidade da juventude, Achille apontou sua arma para a cabeça de Arturo e puxou o gatilho. Os joelhos de Arturo cederam e ele caiu no chão. Não desviei o olhar de seu rosto antes que ele perdesse a batalha contra a morte, embora estivesse com raiva. Ele sempre foi tão raivoso, que nem mesmo a morte poderia roubar essa característica dele.

Achille e eu circulamos um ao outro, nossas armas ainda em punho.

— Mesmo para um homem morto, você perde, Vittorio. — Ele fungou. — Você sempre me considerou burro. Posso não ser tão inteligente quanto você, mas as merdas acontecem por um motivo, e sou bom em juntar as peças. Tive uma visão enquanto estava no hospital hoje cedo, vasculhando o necrotério, procurando meu filho desaparecido. Tito Sala. Ele salvou você naquela noite.

— Uma chance, Achille, — eu disse, cansado do jogo. Mas a menção do nome do meu tio me fez hesitar em puxar o gatilho. Se ele tivesse Tito, não havia como dizer que tipo de jogo doentio tinha em mente. — Um de nós vai terminar isso. Um disparo. Isso é tudo que você tem para me matar desta vez.

Achille deu um passo para trás, em direção à cozinha. Eu me movia com ele, movimento por movimento. Ele parou do lado de fora do cômodo, onde havia um armário para pendurar casacos. Arturo mandou colocar porque não gostava que mexessem nas coisas dele. Depois do Palermo, ele pensou duas vezes sobre o que, ou quem, poderia derrubá-lo.

— Circunstâncias imprevistas são uma merda, Vittorio.

Ele abriu o armário e Tito caiu, amarrado e amordaçado. Achille

segurou-o com uma das mãos e apontou a arma para sua têmpera. Os óculos de Tito haviam sumido e seus olhos piscaram para mim antes de se abrirem completamente. Uma vez que voltou a si, ele balançou a cabeça e tentou falar. Eu sabia o que ele queria sem que tivesse que usar palavras. Ele estava tentando me dizer para não sacrificar minha vida pela dele.

Eu não poderia atirar. Circunstâncias imprevistas.

De jeito nenhum eu sacrificaria a vida de Tito pela minha. O homem era o anjo que estava entre mim e a morte. Se alguém merecia viver a vida, mesmo que fosse para salvá-la, era esse homem.

— Abaixе a arma, Vittorio, — Achille ordenou, pressionando ainda mais a arma contra a têmpera de Tito. — Agora. Ou seu bom tio estará bem morto.

Levantando as mãos em sinal de rendição, deixei a arma cair. Tito tentou protestar, mas não adiantou. Eu já havia me rendido.

Minha esposa estava segura. Meu filho estaria seguro.

Achille me mataria, mas nunca tocaria neles. Rocco cuidaria disso. Especialmente depois que sacrifiquei minha vida pela de Tito.

— De joelhos, Vittorio, — Achille ordenou. — De joelhos! — ele rugiu quando recusei a me mover.

Mantive as mãos levantadas, colocando-as atrás da cabeça, mas me recusei a ajoelhar. Ele ia me matar de qualquer maneira. Eu seria amaldiçoado se caísse de joelhos por qualquer homem. Só me curvei, quebrei, caí por uma pessoa nesta terra — uma mulher, minha esposa.

Lentamente, baixei as mãos e alcancei o rosário em volta do pescoço. Puxei-o para fora e guardei perto do meu coração.

A arma pressionou a parte de trás da minha cabeça e, mais uma vez, encontrei a paz na minha hora mais sombria.



CAPÍTULO 28

Mariposa

Antes de Capo sair, ele me deu uma caixa azul amarrada com um laço azul e me disse para abri-la depois que ele se retirasse. Assim que ele saiu pela porta, não perdi tempo, e a primeira coisa que encontrei foi um bilhete em cima de um lenço de papel azul.

Mariposa,

Naquela noite, a noite em que te levei ao velho Gianelli e Jocelyn, você me disse que sua cor favorita era azul. Exceto que você disse abu em vez de azul.

Foi a primeira vez, desde que minha mãe me deixou, que me lembrei de sorrir e sentir isso. A última vez será no momento em que eu sair pela porta de nossa casa e pensar em você — você não diz mais abu, mas ainda causa algo em mim que não tem palavras para definir.

Por isso, devo-lhe a minha vida. Não fui eu que te salvei naquela noite, mas você que me salvou.

O que está além da superfície desta caixa não pode trazer de volta o que você perdeu por minhas mãos, mas talvez essa parte perdida de você possa começar a encontrar o caminho de volta.

Capo

Sob o lenço havia um álbum cheio de fotos. Fotografias que nunca pensei ver. Minha mãe. Minha mãe me segurando quando recém-nascida. Inúmeras fotos minhas até os 5 anos. Parecia que ela só mantinha suas favoritas. Fotos que eram importantes o suficiente para enterrar e manter escondidas.

Mandeí uma mensagem para Capo depois, derramando minhas entranhas. Eu estava com muito medo de contar a ele pessoalmente todas as coisas que precisava que ele soubesse, com medo de que talvez minhas palavras amaldiçoassem alguma coisa e ele nunca mais voltasse para mim.

Ele não me disse o que ia fazer, mas eu sabia. Havia algo diferente nele o dia inteiro. A maneira como olhou para mim. Como se fosse a última vez. A maneira como ele me beijou. Como se fosse a última vez. A maneira como ele me tocou, como se fosse a última vez. Mais do que palavras.

Rocco havia chegado e os dois tinham uma reunião no escritório de Capo. Não gostei da maneira como Rocco olhou para mim antes de sair. Como se estivesse olhando para uma viúva pela qual logo seria responsável.

Mais uma vez, *mais do que palavras*.

Antes de Rocco sair, coloquei um bilhete em sua palma. Foi um gesto natural, um aperto de mão de despedida, e ponto final. Não tive nenhum problema em usar todas as minhas palavras.

Eu não conseguia ficar parada, no entanto. Havia dado a Capo meu rosário para levar com ele e sentia falta de poder esfregar as contas entre os dedos para aliviar minha ansiedade. Pela primeira vez desde que me casei com Capo, o diabo me perseguia novamente. Calcei um tênis, atravessei para o outro prédio e encontrei Giovanni na cozinha.

— Alguma notícia do meu marido?

Ele balançou a cabeça.

— Não desde que ele saiu.

Mordi o lábio e assenti.

— Quero sorvete.

Ele apontou para o freezer.

— Está abastecido.

— Não. Quero de baunilha. Temos todos os outros sabores, exceto baunilha.

Ele me observou por um momento e então chamou Stefano, seu

segundo no comando, para a cozinha.

— A Sra. Macchiavello gostaria que você corresse até a loja para comprar sorvete de baunilha.

— Eu dirijo, — falei, indo pegar as chaves no gancho em uma sala que abrigava a maioria das chaves do carro. Era necessária uma senha para entrar. O restante das chaves estava do nosso lado, no quartel secreto. Capo pensou em tudo.

Capo disse a Giovanni que não via problema em eu sair hoje à noite, desde que um dos homens fosse comigo. O que levantou outra bandeira vermelha. Por que ele tinha tanta certeza de que os Scarpone não estariam atrás de mim? Giovanni assentiu, e Stefano e eu fomos para a garagem. O alarme da Ferrari vermelha tocou e nós dois entramos. Antes de abrir a garagem, enviei uma mensagem para Capo.

Eu: Vou com o Stefano tomar sorvete. Podemos assistir a um filme antigo e beber refrigerantes esta noite. Você vai voltar para casa, para mim, Capo.

Mais uma vez, ele não me mandou uma mensagem de volta. Não o tinha feito antes. Depois que eu derramei meus sentimentos para ele por meio de um dispositivo eletrônico. De repente, pareceu... tão necessário contar a ele todas as coisas.

Verdade seja dita, eu não dava a mínima para sorvete. Eu estava indo para o *Dolce*, ver onde meu marido estava. Para ter certeza de que meu pesadelo não estava se tornando realidade — meu marido sangrando no cimento, segurando o rosário nas mãos enquanto me deixava.

Stefano percebeu que não estávamos indo em direção à loja.

— Sra. Macchiavello, estamos indo na direção errada. — Ele apontou para o outro lado com o dedo. — A loja é ali.

Eu o ignorei. Ele tentou novamente. Eu ainda o ignorei. Comecei a ir mais rápido, uma pressão dentro de mim — que eu nem conseguia explicar — afundando meu pé no acelerador com mais força. A pressão era de pânico.

— Sra. Macchiavello...! — Antes que eu pudesse compreender o que estava acontecendo, o resto das palavras saiu da boca de Stefano em uma espécie de câmera lenta suspensa: — um caminhão!

Essas foram as últimas palavras que saíram de sua boca antes que um enorme caminhão surgisse do nada e batesse na porta do lado do passageiro

da Ferrari.

Aconteceu tão rápido que, enquanto o carro rodava, minha mente nem teve tempo de acompanhar. Assim que aconteceu, voltamos para o lado correto da pista, mas tudo ao meu redor parecia distorcido, embaçado. Estendi a mão, toquei minha cabeça e gemi. Sangue escorria pela minha testa, ardendo em meus olhos.

— Stefano, — eu resmunguei. Nenhuma resposta.

Disse seu nome novamente, tateando por ele, mas ainda não houve resposta. Então coloquei a mão na barriga, me perguntando se o impacto havia machucado o bebê.

Meu bebê.

Mesmo que as lágrimas não tenham vindo — talvez eu estivesse em choque — algo que eu nunca havia visto antes veio de uma parte de mim. Era preocupação direto das profundezas do meu coração e alma. O pensamento de que algo poderia estar acontecendo com meu bebê me deixou em um pânico vazio e silencioso. Então senti uma vibração, um leve movimento, e relaxei, mas não me senti totalmente à vontade. A respiração sibilou quando me movi para tentar abrir a porta. Minha costela estava quebrada? Tossi e doeu ainda mais.

De onde veio o caminhão? Mesmo que eu estivesse indo rápido, prestava atenção. Não tinha visto luzes.

Não havia luzes acesas. Era um demônio batendo em uma luz brilhante.

No segundo seguinte, minha porta se abriu e um homem estendeu a mão e cortou o meu cinto de segurança. Depois que ele fez isso, me puxou para a rua pelo cabelo. Eu gritei sem querer. Meu peito estava em chamas.

O sentido finalmente chegou ao meu cérebro. O homem não estava lá para me ajudar, mas para me matar. Ele começou a lutar pelo relógio em meu pulso. Eu sabia que era um homem por causa de seus braços peludos.

Ele estava me roubando?

— Dá pra mim, sua vadia! — Ele me deu um tapa forte no rosto. — Se você continuar lutando comigo, vou cortar seu pulso fora por isso!

Congelei ao som de sua voz. Então me concentrei nele, realmente me concentrei nele, e a respiração me deixou completamente. Ele arrancou o relógio, jogou-o no banco do motorista da Ferrari e depois esvaziou uma lata de gasolina em volta do carro. Talvez até dentro dele. Então se aproximou de mim depois e acertou sua bota na minha cara.

Ele sabia sobre o relógio.

Ele sabia que era minha linha direta para a segurança, para alguém que viria atrás de mim. Capo me encontraria.

E me salvaria.

Capo estava...? Eu não conseguia nem suportar o pensamento.

Tentei rastejar para longe, mas não adiantou. O louco me arrastou pelo cabelo até a caminhonete que esperava, e jogou-me lá dentro. Minha cabeça girava, meus olhos entravam e saíam de foco, e eu não conseguia nem chamá-lo pelo nome. Estava na ponta da língua, mas minha mente se recusava a colocar as palavras na minha boca.

Ele ficava resmungando coisas, o que ia fazer comigo, para onde estava me levando, o quanto eu ia sofrer, mas a voz dele entrava e saía do meu cérebro em ebulição.

A última coisa de que me lembrava foi de ver a Ferrari pegando fogo quando nos afastamos. O diabo finalmente me pegou e estava me levando para o inferno com ele.



CAPÍTULO 29

Capo

Um único tiro ecoou no ar. Não era alto, mas o suficiente para que eu ouvisse. Meu aperto no rosário ficou mais forte, mas depois de um segundo, tudo o que ouvi foi um corpo cair no chão.

Meus olhos se moveram para a esquerda e depois para a direita.

Não era o meu corpo.

Eu ainda estava de pé, com o rosário cortando minha palma.

— Amadeo, — Rocco disse. — Me ajude a desamarrar esta donzela em perigo antes que ele desmaie.

Levei um momento para compreender o que havia acontecido. Rocco estava desamarrando Tito. Achille estava deitado no chão atrás de mim, o sangue se acumulando em volta da cabeça. Ele estava morto.

A morte estava ao meu redor. E mesmo que suas mortes me satisfizessem, porque não iriam mais me incomodar, tudo o que eu sentia era alívio por não poderem machucar minha família.

— Você! — Tito rugiu depois que Rocco arrancou a fita de sua boca. — Vou te machucar quando Rocco soltar essas mãos. — Ele as mexeu, como se mal pudesse esperar para colocá-las em volta do meu pescoço. Rocco sorriu para mim.

— Devemos colocar a fita de volta?

— Não ouse! — Tito rosnou. — Vou castrar vocês dois!

— Tio, — Rocco falou. — Você não deveria ter feito isso para... — ele acenou com a cabeça para Achille, — antes de permitir que ele o sequestrasse?

— Eu estava cansado! Tive um paciente muito instável no hospital. Achille apareceu do nada no estacionamento. Quando eu não disse nada, ele me bateu na cabeça e depois me amarrou! Acontece que ele me sequestrou na noite em que você buscava sua vingança!

— Rocco, — minha voz saiu truncada, pedindo-lhe para explicar a razão pela qual ele estava aqui.

Em hipótese alguma eu queria que os Fausti se envolvessem em meus assuntos. Quando essa noite aconteceu, foi nos meus termos. Se um dos Scarpone tivesse saído por cima, era assim que os dados teriam rolado.

Jogos. Tantos jogos de merda. Todos eles terminaram.

Tive essa conversa com Rocco em muitas ocasiões. Toquei no assunto novamente depois que ele me deu sua palavra de que os Fausti aceitariam minha esposa se algo acontecesse comigo. Mariposa não sabia disso, mas antes mesmo de ela concordar em se casar comigo, eu pedi a ele para cuidar dela. Ela era a única herdeira de qualquer coisa que me pertencesse.

Rocco parou de lutar com Tito e se concentrou em mim. Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma folha de papel. Tinha sido arrancada de um diário. Ele me entregou.

Dolce. Esta noite. Não faça isso como um favor para mim, mas como um favor para o amor. Não vou te dever nada, mas o amor vai.

Mariposa. Minha esposa. Poderia reconhecer sua caligrafia em qualquer lugar, especialmente depois de ter lido seu diário de trás para frente. Eu levantei o papel.

Rocco assentiu.

— Sua esposa. Ela o colocou na palma da minha mão antes de eu deixar sua casa mais cedo. — Ele encolheu os ombros. — Ela falou com o romântico em mim.

— Me solte, sobrinho!

Nós dois olhamos para Tito, que lutava para se libertar do resto das

amarras. Não tínhamos tempo, no entanto. Sirenes uivavam à distância. Cada um de nós pegou um braço e o levantou, carregando-o com os pés acima do chão. Ele xingou durante todo o caminho, mas ficou quieto quando o colocamos no carro. Então apenas bufou e olhou pela janela, como se ele se recusasse a falar com qualquer um de nós.

Peguei meu computador, certificando-me de que todas as precauções que tomei ainda estavam lá. A câmera registrou apenas alguns trechos da noite.

O que mostrou do lado de dentro foram os homens mascarados correndo e matando o pessoal da cozinha, os Scarpone correndo atrás deles, Arturo matando Vito e então Achille matando Arturo. A nota de Corrado Palermo ainda estava com Arturo.

A polícia nunca veria as imagens, então eles teriam que adivinhar o que havia ocorrido com Achille. A lista de seus inimigos não poderia ser contida em uma página. Duvidava que a lei se esforçasse muito para encontrar o assassino de Achille. Rocco tinha feito um favor a eles.

— Velho, — eu chamei, ainda olhando para o meu computador, mas falando com Tito. — Você salvou minha vida uma vez. Você me deu uma segunda chance. Minha vida pela sua era o mínimo que eu podia fazer.

Ele me deu um tapa na parte de trás da minha cabeça. Forte. Pelo canto do olho, vi o sorriso de Rocco.

— Exatamente! Eu sou um velho comparado a você! Sua esposa! E ela?

— Eu não teria uma esposa se não fosse por você.

— Seu filho? Quem o teria criado?

— Você, — eu disse. — E novamente: sem você, eu não teria filho.

Ele começou a xingar em italiano. Mesmo que ele estivesse com raiva de mim pelo que eu estava disposto a sacrificar por ele, eu realmente pensei que Tito estava com raiva de si mesmo por ter sido sequestrado por um idiota como Achille. Os homens provavelmente começariam a chamá-lo de *Tito Amarrado* ou alguma merda para incomodá-lo. De jeito nenhum Rocco iria deixá-lo esquecer isso.

Então meu telefone tocou. *Giovanni*.

— *Mac*, — ele estava sem fôlego, como se tivesse corrido. Era um cara grande e tinha uma voz era naturalmente profunda.

— Fale comigo, G.

— *Isso é...* — Ele respirou fundo. — *Sua esposa*. — Ele começou a

divagar. *Saiu com Stefano. A loja. Sorvete de baunilha. Levando muito tempo. Não consegui sinal nem de Stefano nem de sua esposa. Saiu para procurá-los. Vidros na rua. Ferrari. Queimado até ficar tostado. Um corpo nele. Lado do passageiro. Não tenho certeza de quem. Não dava para saber se era um homem ou uma mulher. Bombeiros e policiais no local.*

Sem uma palavra, desliguei, então tirei meu celular do bolso e o liguei. Nova mensagem de texto.

Sua esposa: Vou com Stefano tomar sorvete. Podemos assistir a um filme antigo e beber refrigerantes esta noite. Você vai voltar para casa, para mim, Capo.

— Puta que pariu, — eu disse. — Ela estava indo pelo caminho errado. Em direção ao *Dolce*. Estava vindo me ver.

Então eu disse a Rocco para parar o carro. Quando abri um programa diferente, que eu havia projetado em meu computador, dei a eles a essência da situação. Minha voz saiu calma, controlada, talvez até fria, mas por dentro o Vesúvio havia sumido.

Giovanni estava certo. O relógio dela não mostrava sinal, nem o telefone corporativo de Stefano. Até rastreei seu dispositivo pessoal e também não foi possível localizá-lo. Nem o telefone de Mariposa.

— Vamos, minha borboletinha, — sussurrei. Mudei de marcha, verificando meu último recurso; era a maneira como sempre a havia rastreado. Até naquele dia quando estava na casa de Harry Boy.

Sua aliança de casamento.

Ela nunca tirou. Havia um dispositivo localizado no metal atrás do diamante. Na aliança lisa também, se ela decidisse usar uma sem a outra. Se quem fez isso não estivesse tentando roubá-la, não teria pensado em pegar o anel dela. O relógio. Sim. O carro. Sim. Mas o anel? Era discreto como um dispositivo.

Assim que o coração começou a bater na tela, fechei os olhos e apertei o rosário no pescoço. Stefano. Stefano havia sido morto. Mas então uma mão fria tocou meu pescoço e minha voz saiu baixa e tensa quando falei.

— Rocco. Me leve para o Hudson, — ordenei a ele. — Tão rápido quanto você pode, porra. E no caminho, ligue para Brando.

Brando Fausti já havia estado na Guarda Costeira. Ele tinha sido um mergulhador de resgate no Alasca. Era o melhor dos melhores. O filho da

puta era como um tubarão na água. Ele tinha todo o equipamento certo e podia enxergar em condições quase cegas.

O segundo homem necessário, o médico, já estava no banco de trás, sentado para frente, ouvindo. Ele murmurou coisas, coisas médicas.

Quem levou minha esposa a estava conduzindo para o rio Hudson. Eu podia ver o coração na tela, aproximando-se cada vez mais da água. Quem levou minha mulher, o homem morto, ia afogá-la.



CAPÍTULO 30

Mariposa

Sicília. Continuei pensando no meu tempo na água lá. Afundando apenas para aparecer de volta na superfície. Minha cabeça quebrando a superfície antes que o som chegasse totalmente aos meus ouvidos.

Minha cabeça. Estava fazendo a mesma coisa.

Mãos me tatearam. Lutei contra eles o melhor que pude. Agarrei e mordi e gritei. Não tinha certeza se o grito era alto o suficiente. Eu estava submersa e tudo estava distorcido.

Alguém me ouviria?

Se não fosse pelo meu bebê, eu teria cedido, desistido. O diabo me pegou e meu marido provavelmente estava morto.

Eu estava acabada. Estava enjoada e cansada da luta, da perseguição. Minha vontade de viver se esgotou.

Estava tão cansada quando encontrei Capo. E depois que ele me acolheu, me deu abrigo, comida e proteção, sem mencionar o que eu sentia falta há tanto tempo — amor e segurança — dormi. Eu me refugiei. Mas minha vontade de viver ainda estava cansada, ainda ansiava por dormir, por descansar em uma casa segura, uma cama confortável e por ser segurada em braços fortes.

Não foi só por mim que eu lutei, no entanto. Ele merecia uma chance de viver uma vida que ainda não tinha experimentado. Não apenas para sobreviver, mas para viver. Uma vida que eu estava disposta a vender meu corpo para ter.

Acontece que eu acabei desistindo, em vez disso.

Capo. Meu bebê. Saverio. Nem tinha dito a Capo o quanto amava o nome e o significado por trás dele. *Novo lar.* Saverio era a casa que sempre compartilhamos. Ele era nosso voto de sangue em forma física.

Eu me agarrei ainda mais forte. Esperava que meus dentes estivessem ainda mais afiados. E meu grito — mesmo que saísse rouco, talvez alguém ainda me ouvisse.

Minhas costas bateram contra algo duro, e a respiração escapou da minha boca em uma lufada. Perdi ainda mais foco, ainda mais controle sobre meus membros. Meu corpo inteiro estava em chamas.

Resmungando. Havia tantos resmungos.

Cale a boca!, eu queria gritar. Minha voz estava abafada, mas a dele não. Estava bem no meu ouvido, gritando dentro do meu crânio quebrado. Parecia saltar de um lado para o outro, fazendo minha cabeça doer ainda mais. Eu me sentia doente. Nauseada. A queimação era tão intensa. Meus pés. Não conseguia mover meus pés. Minhas mãos. Também não consegui movê-las. Eu não tinha nada, absolutamente nada para lutar contra ele.

O fogo se aproximou, lambendo cada centímetro da minha pele, então houve uma queda livre do nada e um forte golpe de água gelada contra a carne escaldante, que me levou para baixo. Sugando-me para baixo, para baixo, para baixo, mais rápido do que eu poderia respirar.

A pressão era imensa. Devoradora. Apagou o fogo, mas me mandou para outra espiral.

Braços congelados me seguraram com força e milhares de mãos me esfaquearam com centenas de adagas afiadas e frias. Então a água entrou em minha boca, invadiu meu nariz e consumiu meus pulmões. Um tipo diferente de queimadura, mas ainda uma queimadura.

Não adiantava lutar contra isso. Eu estava amarrada. Seria arrastada para o inferno através de uma sepultura aquática. Rápido. Foi pior do que quando Capo levantou o velocímetro em um de seus carros, quase como se estivéssemos voando em vez de andando.

Eu me perguntei se tocar no inferno me levaria a um caminho para o céu.

Tinha que ser mais fácil do que isso, mais pacífico. Talvez seja por isso que a morte é tão difícil. Tínhamos que pagar por nossos pecados antes de recebermos a paz completa.

Pensei no rosário, na segurança que encontrei ao acariciar as pérolas entre os dedos, e então me soltei, entregando-me a algo maior do que eu.



CAPÍTULO 31

Capo

Antes que o carro parasse completamente, pulei para fora e corri em direção ao píer que se estendia até uma plataforma, com equipamentos de construção.

A água estava escura e eu não conseguia enxergar além da superfície. Uma pequena luz iluminava a plataforma, mas uma luz maior estava centrada em uma área específica do rio. Um homem estava ao lado de uma escada que havia sido presa ao píer e tocava a ponta do Hudson. Romeo esperou por seu irmão. Brando já havia se aventurado. Equipamentos de mergulho foram colocados no píer ao lado de Romeo, junto com aparelhos de emergência.

A cabeça de Romeo se ergueu quando me ouviu. Ele estendeu a mão e, quando o segurei, me puxou.

— Amadeo. — Ele ficou para trás, seus olhos escuros fixos nos meus. — Meu *fratello* foi atrás de *tua moglie*. Ouvimos o barulho enquanto subíamos correndo. Brando conseguiu ver onde Mariposa tinha afundado. Isso era uma coisa boa. Alguns segundos depois e ele teria que vasculhar toda a área.

Rocco e Tito nos alcançaram. Tito olhou para a água por um minuto antes de ir verificar as coisas que Brando e Romeo trouxeram.

Rocco olhou além de Romeo, para um homem sentado no cais. Suas mãos e pernas estavam amarradas. Sua boca estava cheia de sangue, as pernas com manchas brancas. Sem dentes. A área ao seu redor estava repleta de blocos de cimento, linhas de corda, facas, tesouras, pacotes de cimento, moldes e fita adesiva.

Ele ia fazer moldes para os pés da minha esposa, colocá-la neles e depois garantir que ninguém pudesse puxá-la para cima. Tempo. Ele ficou sem tempo.

Bruno. Aquele filho da puta tinha batido na minha esposa com um caminhão, a raptado, feito sabe-se lá o que com ela no caminho, e então a jogado no Hudson com blocos de cimento amarrados em suas pernas. E ele havia matado um bom homem. Stefano.

Romeu assentiu.

— Tenho certeza de que você tem planos para ele. Consegui detê-lo antes que desaparecesse. A menos que quisesse pular na água, ele não tinha outra escolha a não ser me enfrentar. Foi muito covarde para pular. Portanto, — ele ajustou os ombros, — teve que lidar comigo.

Revirei os dentes sobre o lábio inferior.

— A água teria sido a escolha mais gentil, — eu disse, em italiano. Romeu concordou.

— Ele sofrerá por isso.

Então não dissemos mais nada enquanto nos viramos e esperamos que Brando voltasse à superfície com minha esposa. Tito veio ficar ao meu lado, pôs a mão no meu ombro e o apertou. Eu não tinha percebido o quanto tremia até que ele me tocou. Sua mão era firme em um mundo instável. Cada segundo parecia pior do que ter minha garganta cortada mil vezes. Meu coração parecia que ia explodir no meu peito.

— *A qualquer segundo agora, Fausti; a qualquer segundo agora,* — eu murmurava baixinho. Quanto mais ela permanecesse submersa, menos chances tinha de...

Recusei-me a alimentar os pensamentos perversos que atacavam minha sanidade desgastada. De repente, meus joelhos cederam e caí sobre o píer. Fechei os olhos, segurei o rosário em volta do pescoço e me perguntei se isso era vingança pelos meus pecados. O custo de vida em um corpo que tinha uma alma feita de ódio e vingança.

Até que ela apareceu.

Ela me colocou em um caminho diferente e, quando colidimos, nós

dois quebramos em um milhão de pedaços com o impacto. Ela se esgueirou pelas minhas rachaduras e passou por cima de cada tira de chumbo que eu coloquei para me manter inteiro. As cores dela se misturaram às minhas, e o vitral não mostrava mais uma figura solitária, mas uma com uma borboleta no ombro e o coração na manga. Não sendo mais capaz de me curvar ou quebrar, eu me levantei chutando minhas botas.

Qualquer maldito segundo se transformou em *agora*. Recusei-me a esperar mais um segundo para trazer minha esposa para casa. De volta para mim. Mesmo que isso significasse que eu me afogaria no Hudson com ela. Esse era o meu destino. Tinha sido feito para mim. Nós o compartilharíamos. Ela seria minha Julietta e eu seria seu Romeo.

Rocco pôs uma mão no meu ombro, Romeo no outro, e eles me seguraram enquanto Tito se postava na minha frente.

— Sobrinho, — sua voz estava tão séria quanto no momento em que ele salvou minha vida. — Você não fará nenhum favor à sua esposa se for atrás dela e tivermos que tirá-lo de lá.

— Não sou Brando Fausti, — eu retruquei, — mas sei nadar, porra. — Bati no peito. — Me recuso a ficar aqui esperando que ele traga minha esposa de volta.

— Você é tão próximo de mim como um irmão. — Rocco apertou meu ombro. — Então confie quando digo isso. Brando vai resgatá-la. Ele vai. É o melhor que existe. Deixe-o fazer o trabalho dele. — O trabalho dele. *Minha esposa*.

Assim que o pensamento me ocorreu, o som mais bonito que já ouvi pareceu explodir ao meu redor. Brando emergiu com minha esposa em seus braços. Ele parecia se mover mais rápido que um tubarão na água. Assim que ele a carregou escada acima, a colocou no píer.

Tito foi direto para ela. Brando tirou a máscara e, depois que Romeo o ajudou com o tanque, caminhou até Tito e os dois começaram a trabalhar.

— Hipotérmica, — Tito murmurou enquanto verificava o pulso dela. — Devemos ter muito cuidado. Brando. Corte essas roupas. Em seguida, coloque os cobertores aquecidos nela. Agora!

Minha esposa estava sem vida no cais. Sua pele não tinha cor. Seus lábios estavam azuis. Ela tinha um corte na testa. Era profundo e vermelho, mas não havia sangue.

Rastejei para o lado dela, peguei seu pulso em minha mão e tentei me controlar.

— Tio, — minha voz era tensa, rouca, baixa. — Ela não tem pulsação.

Tito observava meu rosto enquanto Brando a despia até ficar só de sutiã e calcinha e depois a cobria com cobertores.

— A água... tivemos um inverno difícil... está muito fria. Ela está com muito frio. Precisamos aumentar a temperatura do corpo dela.

— RCP, — eu disse, pigarreando. — Compressões torácicas. Faça...

— Vou começar a RCP, mas não até a ambulância chegar. Preciso continuar assim que começar. Não haverá como parar até que eu possa trazê-la de volta. Neste momento, o pulso dela está muito fraco para ser detectado. Mas isso não significa que não podemos recuperá-la.

Sirenes uivavam à distância. Uma ambulância estava a caminho. Mas se Tito não podia salvá-la, eu sabia que ninguém poderia.

Romeo acompanhou Bruno até seu carro antes que a polícia chegasse. Nossos olhos se encontraram quando ele passou. Ele sorriu para mim, sem mais nenhum dente na boca, mas nada além de satisfação em seu rosto. Eu o esfolaria vivo, da cabeça aos pés, e depois o colocaria em blocos de cimento. Então ele pegaria uma carona até as entranhas do rio Hudson. Os caranguejos poderiam se banquetear com suas entranhas. Eles não teriam que se preocupar com sua pele. Ganhariam um lanche descascado.

— Sobrinho! — Tito rugiu.

Levei um minuto para me virar para ele, para me concentrar em qualquer coisa, menos na minha raiva. Meu desejo de matar tinha gosto de sangue na boca, eu era um animal faminto. O grito do homem morto quando sua pele seria arrancada, centímetro a centímetro, representaria o que estava acontecendo com meu coração e minha alma.

— Mantenha seu foco aqui! — Tito acenou com a cabeça para minha esposa. — Fale com ela!

Fale com ela.

Minha esposa.

Ela não tinha pulsação, mas eu era o homem morto.

Não queria pensar no porquê Tito havia me mandado falar com ela. Eu me recusava a isso.

Mas se era isso, o fim, era definitivo para nós dois. Eu nunca a veria novamente.

Ela estaria no céu, eu estaria no inferno.

Nunca fomos feitos para durar mais tempo do que nesta terra.

Levei sua mão à minha boca e soprei ar quente sobre ela com meus lábios fechados.

— Mariposa, — minha voz falhou. — Você deixou algo importante para trás, Borboleta. Você me deixou para trás para morrer da pior morte. Você estar longe de mim é a pior morte. É mais doloroso do que qualquer coisa que eu já conheci. Mas as palavras são inúteis. Ouça-me, Mariposa.

Houve um tempo em que eu não sabia se algum dia seria capaz de falar, porque a faca havia me cortado profundamente. Soube então como as palavras eram inúteis. Exigi mais do que palavras, e foi isso que jurei dar a ela.

Sinta minha dor e deixe-a trazê-la de volta para mim. Você é a única que pode me salvar disso. Minha vida e minha morte. Meu traço entre...

A voz de Brando cortou meus pensamentos, e uma confusão de palavras se destacou: *Temperatura. Água. Em muito tempo. Corda. Corte para liberá-la dos blocos de cimento. Hipotermia. Sem pulsação. Grávida.*

As palavras deslizaram em minha mente e expulsaram todo o resto, envenenaram minha alma, enquanto os homens discutiam sobre minha esposa e seu atual estado de vida.

Sem vida.

Ela não tinha vida.

Tudo o que ela ainda tinha para fazer nesta terra me assaltava. Tudo o que ela perdeu me apunhalou como mil facas. Todos os dias e noites que ela sofreu. Ela me disse que nunca havia sentido a verdadeira paz até nos casarmos. Pela primeira vez em sua vida, ela podia dormir, descansar, e não era apenas físico. O diabo em seus calcanhares estava muito longe para pegá-la — seus sapatos finalmente se encaixaram e a mantiveram firme.

Ela lutou tanto com a vida. Lutou para mudar de sobreviver para viver. E então se foi. Minha borboleta se foi depois de ganhar suas asas.

Conforme os homens se aproximavam, eu a puxei para mais perto, sem perceber que a tinha pressionada contra meu peito e a balançava.

Eu me recusei a desistir dela... me recusei a permitir que eles a tirassem de mim. Eu arrancaria suas mãos com meus dentes. Ela estava tão fria. Eu podia sentir a água gelada penetrando na minha camisa. Sua pele parecia ainda mais fria, como se todo o seu sangue tivesse sido drenado.

Nosso filho. Ele não teria vida se ela não sobrevivesse.

Meu tudo se foi em questão de minutos. Uma circunstância imprevista. Um homem em busca de vingança.

Minha própria vingança me colocou lá quando ela precisava de mim aqui.

— Sobrinho. — Tito se inclinou, olhando-me nos olhos. — Dê-a para mim. Eu cuidarei dela. Confie em mim. — Ele tocou seu coração.

Deixei que os paramédicos a levassem, enquanto Tito os orientava a cada passo.

— Eu sou o médico! *Me* escuta!

Tito continuou dizendo que havia uma chance de sua pulsação estar muito baixa para ser detectada. Se ela se aquecesse o suficiente, havia uma chance de que ainda pudesse viver.

Chance. Chance. Chance. A vida da minha esposa, a *minha*, dependia da porra de uma chance. Os paramédicos não discutiram, mas já a haviam declarado morta em suas cabeças.

Eles me observaram com cautela, um deles olhava minha tatuagem, enquanto eu os acompanhava até a ambulância que os esperava. Eu me recusei a deixá-la. Eles a conectaram aos monitores uma vez lá dentro e... nada. Nada além de uma linha reta e o bipe de uma máquina.

O caos controlado se seguiu.

Tito berrava ordens como um soldado no campo de batalha. Eles faziam compressões torácicas enquanto usavam outro cobertor para tentar aumentar a temperatura dela.

— Nada, — informou um dos paramédicos, que verificou os monitores e depois olhou para Tito. — Ainda sem pulsação.

— Continuamos! — Tito disparou.

— Mariposa. Vamos, borboleta. Vamos. Respire pra mim.

Desviei o olhar, meu novo coração morrendo mil mortes separadas ao vê-la. O som da máquina, entrando em pânico porque não conseguia detectar a vida, parecia ecoar a inquietação em minha alma.

— Mariposa, — Tito sussurrou.

O som de sua voz arrancou o último fragmento de esperança do meu peito.

— Me diga, — eu falei. Recusei-me a olhar para ele, porque não tinha certeza do que faria quando encontrasse seu olhar de lamento. O tom de sua voz confirmou meu pior pesadelo. Minha borboleta se fora.

— *Farfalla*, — Tito chamou um pouco mais alto. Um ou dois segundos se passaram. — Eu senti! — ele quase gritou. — Uma pulsação!

Meus olhos se ergueram. O paramédico começou a mexer

freneticamente em seu maquinário e, como se estivesse observando o pico de uma montanha romper um terreno difícil, as linhas começaram a subir, subir e subir. Sua pulsação estava acelerando. Até o corte na cabeça havia começado a sangrar.

Ela gemeu e, um segundo depois, quando passamos por um buraco, gritou de dor. Então, sem abrir os olhos, apertou minha mão. E assim eu vivi para contar sobre mil mortes — e a única vida que ainda me restava para viver. Com ela.



CAPÍTULO 32

Capo

5 meses depois...

Meu filho tinha apenas algumas horas de vida, mas já dominava nossos mundos.

Ele era o que Tito chamava de bebê milagroso. Havia sobrevivido apesar das circunstâncias. Ele puxou à mãe. Ela disse que ele puxou a mim também.

Ele tinha cabelo preto grosso, olhos castanhos que pareciam claros o suficiente para talvez virarem âmbar algum dia, e pele cor de amêndoa. Seus ombros eram largos, e seus braços e pernas, longos. Era um menino grande.

Mariposa dizia que ele tinha as feições do meu rosto e corpo, mas não tinha o nariz dela nem os meus olhos, as duas coisas que nós dois queríamos que ele tivesse. Mas entre a importância de obter certos traços ou ter força para sobreviver neste mundo cruel, fiquei grato por ele ter escolhido o último sobre o primeiro.

Um homem sábio uma vez me disse que muitas vezes não conseguimos o que queremos, mas o que precisamos.

Já desejei ser rei. Já desejei governar tudo. Não desejei, exigi.

Conseguí as duas coisas, mas de maneiras que nunca soube que

precisava. Eu era o rei do coração de minha esposa e o governante deste mundo que criamos juntos. Se estivesse em meu poder, meu filho teria tudo de que precisava.

Levei-o até a janela e a abri, deixando o sol de Milão brilhar em seu rosto. Permiti que o mundo visse pela primeira vez esse príncipe recém-nascido.

Meu filho.

Saverio Lupo Macchiavello.

Ele era o novo príncipe, o príncipe do nosso mundo. Ele não teria que provar sua crueldade para governar. Ele acabou de o fazer.

Independentemente de seus passos, dos caminhos que tomaria, das escolhas que faria, ele sempre teria um reino para onde voltar. Um lugar seguro para onde fugir quando o diabo estivesse em seus calcanhares.

— Ele é tão bonito quanto seu *Papà*.

Eu me virei para encontrar minha esposa olhando para nós. Ela estava acordando, mas depois de onze horas de trabalho de parto, parecia... novinha em folha. Alguém que eu nunca tinha conhecido antes. Ela era suave por fora, flexível o suficiente para trazer um filho ao mundo, mas sua alma era de uma rainha guerreira. Ela era uma mulher que encontrou uma fé inabalável, uma força desconhecida pelo homem mais forte da terra. Sua carne e ossos podiam dobrar, podiam quebrar, mas sua alma era inflexível, inquebrável.

Foi preciso essa mulher para me mostrar o quanto eu era homem. O suor ainda cobria minha pele e roupas pela intensidade de tudo isso.

— Vai ser tão grande quanto seu papai também. — Ela estremeceu. — Ele machucou seriamente minha Gina.

Eu ri e meu filho piscou para mim, bocejando depois.

— Guarde a memória para mais tarde, quando ele for mais velho, quando você não quiser que ele faça alguma coisa. — Dei de ombros. — Sentimento de culpa.

Ela deu um sorriso cansado, mas o sol iluminou todo o seu rosto. Ela parecia tão saudável. Viva. Deu um tapinha na cama e então abriu os braços.

— Mais perto. Quero vocês dois mais perto.

As enfermeiras continuaram entrando, querendo levá-lo, mas nós dois nos recusamos. Depois do que aconteceu com minha esposa, eu queria minha família o mais perto possível de mim. A chance de deixá-lo ir por algumas horas não valia a pena.

Mariposa tirou Saverio de mim, o levou para perto de seu peito e cheirou seu cabelo. Ele tinha tanto que podíamos pentear. Sorri enquanto corria minhas mãos pelos fios, fazendo-os ficarem de pé.

— Capo, — ela sussurrou.

Levei um momento para olhar para minha esposa. Era difícil não continuar olhando para ela. Eu me perguntava se algum dia seria capaz de parar.

— Mariposa. — Inclinei-me e beijei sua testa. Ela fechou os olhos, mas seu rosto não estava totalmente em paz. Tinha algo em mente. — Use todas as palavras.

Ela assentiu. Abriu os olhos. Brincou com seu cobertor.

— Eu ia perdoá-lo, sabe? Bruno. Logo antes de afundar. Senti que deveria. Mas não consegui. Logo antes de dar meu último suspiro... não consegui. Eu poderia perdoá-lo por me matar, mas não a ele. — Apertou Saverio no peito e pousou os lábios em sua cabeça. — Não poderia perdoá-lo por matar meu bebê.

Suas palavras eram firmes, mas proféticas para meus ouvidos, como se sua mãe tivesse falado através dela. Maria havia me perdoado, mas não teria perdoado se eu tivesse machucado sua filha. Não era minha intenção machucar Mariposa.

Eu estava determinado a salvá-la. Portanto, Maria me perdoou por tirar sua vida sem hesitação. Acariciei a lateral do rosto de Mariposa com o polegar.

— Você foi feita para isso. Para ele. Você mataria por ele. Morreria por ele.

— Eu também fui feita para você, — sua voz era suave, e ela se recusou a olhar para mim enquanto arrumava o cabelo dele. — Você morreu por mim. Matou por mim. Você me ama, nós, isso, além do que pode entender. É por isso que ele está aqui, porque é nosso, porque você nos amou o suficiente para sacrificar tudo por este momento. — Olhou para mim, encontrou meus olhos e tocou minha garganta. — Eu te amo, Capo. Sempre vou te amar. Você está preso comigo para sempre.

Peguei a mão dela e a levei à boca, beijando seu pulso por mais tempo do que o normal.

Ela sorriu.

— *Più delle parole, mio marito*, — ela sussurrou, em italiano. *Mais do que palavras, meu marido*. Então começou a cantarolar enquanto olhava

para o nosso filho.

Uma batida veio da porta. Mariposa nem se deu ao trabalho de erguer os olhos. Estava pra lá de cansada e perdidamente apaixonada pelo bebê em seus braços — delirantemente animada.

Pouco depois de Saverio nascer, mandei nossa família embora. Mariposa precisava descansar, e eu queria tempo para estudar as feições dele sem ter que compartilhá-lo quando uma das mulheres pegava suas mãos. Então eu não tinha ideia de quem poderia ser — talvez fosse uma das enfermeiras, mas elas geralmente batiam e depois entravam.

Keely, Cash Kelly e Harry Boy estavam do outro lado da porta. Keely tinha presentes em seus braços. Estreitei meus olhos para os dois homens depois que Keely passou por mim e foi direto para Mariposa e Saverio.

Harry Boy acenou para mim.

— Você se importa se... — Ele acenou com a cabeça em direção a minha esposa.

Mariposa ergueu os olhos quando ele perguntou. Keely já tinha tomado Saverio em seus braços, fazendo caretas para ele, mas olhou para cima também. Todos os olhos estavam em mim.

Eu balancei a cabeça uma vez, porém não disse nada. Ele achou que estávamos bem depois que salvei sua irmã, mas Harry Boy sempre estaria em gelo fino comigo. Ele ainda era apaixonado por minha esposa, mesmo depois de demonstrar algum interesse por minha prima, Gigi.

Cash ficou parado na porta, sem entrar.

— Você tem um minuto, Macchiavello?

Virei-me para Mariposa. Ela estava mordendo o lábio, apertando os cobertores que cobriam suas pernas, com os olhos cautelosos. Não gostou de ver Cash aqui.

— Um minuto, — pedi.

Ela assentiu uma vez, mas não disse nada. Keely falou algo para Mariposa, mas ela não desviou o olhar de mim até que soubesse que seu pedido havia sido compreendido e levado a sério — *“não se comprometa com nada que possa afastá-lo de nós.”* Depois de fechar a porta, ficamos no corredor, de costas para a parede. Cash estava ao meu lado.

— Parabéns, — ele disse, enfiando as mãos nos bolsos. — Sua esposa fez um bom trabalho. Seu filho é um menino grande e saudável. — Ele não tinha um forte sotaque irlandês, mas a cadência estava lá. Eu balancei

a cabeça.

— Você veio até aqui para bater um papo sobre minha família? Improvável. Vamos discutir negócios.

Ele suspirou.

— Diga-me onde estou com o novo rei de Nova York. Ouvi rumores. Depois que Arturo e Achille foram mortos, sem filhos para reivindicar o trono, há rumores de que você é o homem que assumiu o papel de rei. Normalmente não frequentamos os mesmos círculos. — Ele sorriu. — Mas circunstâncias imprevistas, a gravidade, talvez tenha nos sugado para esta área cinzenta ao mesmo tempo.

— Você fica exatamente onde está. Eu estou aqui. Não somos amigos nem inimigos. Eu te devia uma. Você me devia uma. Estamos quites agora. Mas não vou assumir a família Scarpone. Esse legado morreu com os homens que o transformaram no que era. E o que era? Depende de a quem você pergunta, mas se você me perguntar, aqui está minha resposta. Era algo de que eu não queria fazer parte. Fiz minha própria vida. Vou governar da maneira que achar melhor. Trabalho para uma família além da minha, os Fausti. Fora isso... — Dei de ombros.

Eu tinha meus investimentos, meus negócios, o suficiente para mim e para os meus vivermos confortavelmente pelo resto de nossas vidas.

Minha intenção era ser o novo rei de Nova York, o novo Rei Lobo, mas circunstâncias imprevistas — minha esposa, meu filho — mudaram a direção de meus passos. E aqueles passos me conduziram de volta à porta em que, além dela, meu reino esperava que eu voltasse.



EPÍLOGO

Mariposa

10 anos depois...

— *Pufavooo, mamãe, pufavooo!* — Meu corpo inteiro se inclinou para a esquerda, meu braço foi puxado, meu ombro foi balançado para cima e para baixo.

— Evelina, minha filha, acalme-se. — Sorri para a minha corajosa filha de 5 anos.

Ela era nossa terceira filha, de quatro, e a única menina. Dizer que ela era a menina dos olhos de seu pai seria uma mentira — ela era o corpo inteiro. E a pobrezinha tem meu nariz. Pelo menos tem os olhos do papai.

Ela parou de me sacudir e vi os pensamentos se moverem por trás de seus olhos cor de safira como mel. Seu cabelo preto se destacava em sua pele bronzeada. Seus lábios eram carnudos e rosados, e ela os franziu da maneira certa. Aprendeu cedo que era preciso açúcar para pegar borboletas, não sal.

— Mamãe, — sua voz era tão suave, tão doce... Ela colocou minha mão em sua boca e depositou um beijo carinhoso em meu dedo. — Posso, pufavoooo, vê essa asa? — Ela ergueu a mão que segurava algo, mostrando-a para mim.

Evelina queria experimentar minhas alianças de casamento. Ela havia

chegado a uma fase em que adorava princesas, e se fosse brilhante, como algo que elas usavam, minha filha queria usar, ou pelo menos experimentar.

Eu raramente tirava meus anéis. A última vez foi quando fiz almôndegas, mas só para a carne não ficar presa entre os elos. Coloquei em um lugar especial até que minhas mãos fossem lavadas. Demorou dez minutos, no máximo, e eles estavam de volta. Às vezes, até deixava minha aliança de casamento e usava apenas uma escova para esfregar os anéis depois.

No nosso nono aniversário, Capo me deu um anel de diamante para usar na mão direita, no dedo médio, e eu também nunca o tirei. Quatro borboletas circulavam meu dedo, como sempre faziam em volta do meu coração. Cada borboleta representava uma de nossas crianças.

Evelina sempre pedia para usar aquela, mas era a primeira vez que pedia para usar minhas alianças.

Eram símbolos dos quais nunca me cansaria.

Ele. Nós. Passando esta vida juntos. Vivendo isso.

— Eu devolvo imediatamente. — Ela piscou seus cílios grossos para mim. — Pufavozinhooooo. — Eu ri de como ela estava sendo doce. Senhorita Sutil. Essa era a nossa filha, Evelina Noemi Maria.

— Tudo bem, — ausingirei. — Mas você tem que se sentar à mesa da cozinha. E só pode usá-las por um segundo. Esses anéis são como roupas importantes para mamãe. Preciso deles para me sentir vestida e pronta para o dia.

Ela riu, pegou em minha mão e me levou para a mesa. Eu a peguei antes que pudesse subir, e ela fez *wee!* enquanto eu sentava seu bumbum roliço na cadeira.

Estávamos na *villa* nos arredores de Módica. Não era uma casa grande, mas a deixamos confortável para nossa família. Nós a transformamos em um lar. A cozinha era meu cômodo preferido. Passávamos a maior parte do tempo lá.

Tirei os dois anéis e os deslizei em seu dedo. Eram tão grandes que quase escorregaram, mas ela os manteve juntos. Beijeí sua mão antes de me levantar, observando seus olhos brilharem com o quão bonitos eram.

— Eles são tão fofos, mamãe, — ela suspirou. — Eu amo *eles*. — Então se abraçou, como se não pudesse ficar mais feliz do que estava naquele momento.

O cronômetro do forno disparou e eu girei por um segundo,

lembrando que tinha que tirar a torta de pimentão vermelho. A família estava vindo jantar no jardim para comemorar o nosso aniversário.

— Evelina, — minha voz era afiada com advertência. — Sente-se aí e não se mexa. Está ouvindo a mamãe? Só vou tirar a torta do forno.

Ela acenou com a cabeça freneticamente, animada por eu deixá-la usar os anéis por mais um segundo.

Tirei apressadamente a torta, coloquei-a no fogão e calculei mentalmente o que mais tinha que fazer.

— O que diz ati? — Evelina perguntou. Eu me virei para encontrá-la olhando para o meu anel de noivado. Ela o havia tirado e o segurava contra a luz.

— Aqui. — Estendi minha mão, oferecendo a ela meu dedo esquerdo. — Hora de colocá-los de volta. Não posso ficar sem calça, posso?

Ela riu como se fosse a coisa mais engraçada do mundo e me beijou no nariz quando me abaixei para Evelina colocar os anéis de volta. Ela deslizou minha aliança primeiro, mas antes de colocar o anel de noivado de volta, me mostrou o metal.

— O que diz ati? — ela perguntou, novamente. Seus olhinhos se estreitavam para tudo o que via, suas sobrancelhas franzidas. Quando ela fazia isso, eu poderia jurar que Capo a possuía. Ela não sabia ler, mas reconhecia as palavras. Eu não tinha certeza do que minha filha estava falando, no entanto.

— Não diz... — *nada*, eu ia dizer, mas parei quando percebi o que Evelina havia apontado.

Pela primeira vez em dez anos, notei uma inscrição no interior do meu anel de noivado.

— *Porra*, — eu respirei.

— O que é isso, mamãe?

— Ah, — percebi o que havia dito. — Fuja de mim.

— Adoro fugir! — Dei-lhe beijos estalados nas bochechas e tentei disfarçar meu humor repentino.

— Eu sei que você adora, menina! Que tal agora? Que tal encontrarmos papai e seus irmãos? Aposto que você verá uma borboleta no jardim!

Ela tinha se recusado a ficar do lado de fora com os meninos porque queria me ajudar a cozinhar. Adorava sujar as mãos na cozinha, mas era mais do que isso. Queria ser a primeira a atacar os doces.

— Aah! — ela disse, animadamente, e pulou da cadeira antes que eu pudesse impedi-la. Ela disparou em direção à porta, e só parou quando Capo a alcançou e a ergueu, virou-a de cabeça para baixo e a fez gritar de alegria.

— Diga, Evelina. Diga a palavra mágica.

— Abu! — Isso foi o que ela disse em vez de azul. Era sua cor favorita no momento. — Abu, papai, abu!

Capo a endireitou e ela puxou o rosto dele para mais perto, apertando-o com tanta força que seus olhos se estreitaram. Sempre que eu tirava meus anéis, ele aparecia pouco depois. Era estranho, como se estivesse esperando que eu os perdesse para poder devolvê-los.

— Onde estão os garotos? — perguntei.

Saverio era o nosso filho mais velho. Salvatore foi o segundo. Evelina a terceira. E, subindo como vagão, estava nosso bebê, Renzo. Ele tinha 3 anos e, se alguém o chamasse de bebê em voz alta, franzia as sobrancelhas e fazia a cara de *estou muito chateado* de Capo.

Capo estreitou os olhos para mim, percebendo como eu parecia sem fôlego, antes de olhar para minhas mãos.

— Saverio levou Salvatore e Renzo para conhecer os Fausti. O Zie caminhou com eles. — Ele me observou por mais um segundo antes de acenar com a cabeça para trás, me dizendo sem palavras para segui-lo.

Com o passar dos anos, a necessidade de palavras entre nós tornou-se cada vez menor, porque, às vezes, sua voz ficava cada vez mais baixa. Suas ações eram sempre mais fortes que suas palavras.

Ele pegou minha mão quando eu estava perto o suficiente, levou meu pulso até sua boca e colocou seus lábios sobre minha pulsação. Ele olhou para os meus anéis novamente. Desta vez, parecia estar verificando se as posições deles estavam corretas. Mais uma vez, estranho.

— Beije-me aqui também, — Evelina ofereceu-lhe o pulso, mais como colocou-o em sua boca, e ele plantou um beijo alto ali. — Eu sou sua princesa, papai.

— Você é minha princesa. Para sempre.

Assim que saímos para o jardim, ele colocou Evelina no chão e deixou-a correr livremente. Ela foi direto para uma das estações de água com açúcar que montamos e ficou observando algumas borboletas abrirem as asas no ar da noite, absorverem o néctar e a luz dourada do sol. Apesar de Evelina ser uma criança zelosa em geral, perto das borboletas ela foi ensinada a ficar quieta, a ser gentil, a respeitá-las. Fiquei para trás e admirei tudo o que meus

meninos haviam feito.

Luzes em formato de borboleta foram penduradas sobre a mesa que ia de um limoeiro a outro, pronta para mais de vinte pessoas, e uma música suave tocava ao fundo — o que Saverio chamava de música de “velho”. Como os tempos haviam mudado. Se eu era velha, meu marido era velho, e ele não havia gostado mais do que eu quando nossos filhos nos criticaram.

O jardim que plantamos com *Nonno* nunca esteve tão bonito quanto naquele momento. As cores explodiam na luz do entardecer e as borboletas estavam em constante movimento, aproveitando todos os lugares seguros.

Raízes. Eles tinham raízes aqui. Assim como eu. E sempre que a oportunidade se apresentava, contávamos aos nossos filhos histórias do homem que nos ensinou a plantar e cuidar do jardim. Cada um de nossos filhos conhecia a história do lobo e da borboleta melhor do que nós.

Brinquei com minhas alianças de casamento, desejando, esperando que os Fausti levassem um tempo para chegar à nossa área de terra. Tinha dificuldade em me concentrar em qualquer pessoa, qualquer coisa, além de meu marido.

O tempo tinha sido doce para ele. Capo só havia ficado mais atraente com o passar dos anos. Ele estava em forma como sempre, nem um grama de gordura em seu corpo, e qualquer linha que ganhasse apenas aumentava seu fator de “homem maduro e bonito”. Algumas faixas grisalhas riscavam as laterais de seu cabelo preto, algumas mechas em sua barba por fazer refletiam a luz e brilhavam prateadas, mas isso só o fazia parecer mais sábio. Ele ainda era bem-resolvido. Ainda me fazia sentir segura. Ainda me deixava sem fôlego.

Ainda fazia meu coração sentir coisas perversas e as borboletas no meu estômago vibrarem loucamente. Ainda me fazia desejá-lo, ansiar por ele, sentir fome por ele — todos os dias, todas as noites, às vezes a cada segundo da minha vida. O espaço vazio que ele preencheu nunca foi verdadeiramente preenchido. O espaço só cresceu para acomodar uma fome maior. Satisfeito, mas não totalmente saciado.

Eu ainda o amava, mas não era a mesma coisa. Eu o amava ainda mais, de todas as maneiras diferentes. Meu melhor amigo. Meu amante. Meu coração. O pai dos meus filhos. Meu Rei Lobo. Meu chefe. Meu tudo.

A cada dia que passava, nosso amor só crescia. Como o jardim ao nosso redor, nossas raízes se aprofundavam cada vez mais em um solo que sempre nos receberia em casa. O que quer que fosse preciso, nós fizemos

para nos acertar.

— Se não é isso que você quer. — Ele deu um passo mais perto de mim, e minha respiração ficou presa na garganta. O sol poente atingiu seus olhos na medida certa e me lembrou de quando nadamos nus no mar no verão, apenas nós dois, corpo deslizando contra corpo. — Fale agora ou cale-se para sempre, Borboleta.

— Um pouco tarde demais para arrependimentos, não é, Capo? — Dei um passo mais perto dele, corri minha mão ao longo de seu peito e parei na cicatriz ao redor de sua garganta.

— Você tem algum desses, Esquire? — Ele, às vezes, me chamava assim.

Depois que Saverio nasceu, voltei a estudar e me tornei advogada. Trabalhei com Rocco, cuidava dos negócios da família de tempos em tempos. Também doei meu tempo para crianças que eram como eu — que precisavam de ajuda quando o sistema falhara com elas. Queria principalmente cuidar dos meus filhos, mas era bom ter algo para mim do lado de fora também.

— Arrependimentos? — Balancei a cabeça. — Nem uma gota.

Nós dois nos viramos para olhar. Evelina estava em seu próprio mundo. Ela brincava com seu pequeno universo de fadas lá fora. Sussurrava coisas para as fadas, sem querer perturbar as borboletas que voavam ao redor.

Capo sorriu, mas antes que ele pudesse falar, me levantei por seus ombros e choquei minha boca na dele, querendo-o tanto que doía. Eu precisava dele dentro de mim, não poderia escapar de sua intensidade. Quando ele interrompeu o beijo, mantive meus olhos fechados e recostei minha cabeça em seu peito. Seu coração batia lentamente em meu ouvido.

— *Ti amo*. — Respirei, segurando sua camisa em minhas mãos, recusando-me a deixá-lo ir. Duas palavras que significavam vida ou morte para mim; as duas palavras que ele gravou em meu anel de noivado. Ele se afastou, estudando meu rosto.

— Depois de dez anos. — Ele balançou sua cabeça. — Você finalmente leu.

— Dez anos? — Pisquei para ele. — Você tinha as palavras gravadas antes de nos casarmos?

— Desde que mandei fazer o anel para você. — A risada que escapou da minha boca saiu suave; a admiração por ele aumentou.

— Antes tarde do que nunca.

Ele era um homem paciente — para a vingança e o amor.

— Já estava na hora. — E colou sua boca na minha, devolvendo todas as coisas que compartilhei com ele sem usar palavras. — Se eu não podia tatuar as palavras do coração no peito, fiz a segunda melhor coisa. Mande inscrever no seu anel e depois coloquei ao redor do seu dedo... trancado. Você tira meu anel mesmo depois de dez anos, eu sei.

— E quanto ao seu corpo? — Levantei minhas sobrancelhas. — Eu não deveria estar aí também, Capo? — Ele sorriu e colocou a mão em volta do meu pescoço, bem sobre a pulsação frenética.

— Nós dois sabemos que é um negócio fechado, Mariposa. Você está em mim, sobre mim, de todas as maneiras. Você é minha. Hoje. Amanhã. Para sempre.

Ele tatuou uma pequena borboleta azul na mão, logo acima da cabeça do lobo. Era de um azul tão intenso quanto a cor dos olhos do animal. Mas se a cicatriz em torno de sua garganta não fosse uma marca suficiente, eu não tinha certeza do que era. Ele agiu como se a tatuagem fosse um grande negócio, como se o custo de me salvar não tivesse sido o mais alto de sua vida. Algo me ocorreu então. Eu o conhecia bem o suficiente para somar dois mais dois depois que a grande inscrição do anel foi revelada.

— Nosso acordo, — deixei essas duas palavras pairarem entre nós por um segundo. — Se você sabia que me amava antes disso... — Um sorriso de lobo apareceu em seu rosto.

— As outras mulheres? — Ele encolheu os ombros. — Sim, teria sido um acordo, nada mais. Os termos teriam sido definidos e não havia como mudá-los. A única razão pela qual fiz um acordo com você... — Ele me observou por um ou dois minutos, prolongando o momento, antes de exalar. — Eu precisava contornar sua aversão à bondade. Que maneira melhor do que com termos? De certo modo, era real, você conseguiria tudo se eu morresse, mas fora isso não significava nada. Acordo ou não, aquele anel estava em seu dedo para sempre.

Ele tinha sido, o tempo todo, meu “para sempre”.

— Você se lembra de quando jogamos vinte perguntas depois do nosso casamento?

— Não há homenzinho por aí com uma conta, — ele zombou.

— Sim, — falei, nem um pouco surpresa com sua memória. — Eu perguntei se você já tinha se apaixonado.

— Eu te disse que não.

— Próxima pergunta, — retruquei, lembrando do que ele havia dito.

— Você não me perguntou se eu *estava* apaixonado, você me perguntou se eu já tinha me apaixonado. E eu não tinha. Não antes de você. As palavras, Mariposa, devem ser usadas com sabedoria.

— *Foda-se*, — sussurrei, então uma risada explodiu da minha boca.

Evelina me silenciou com um dedo nos lábios.

— Você acabou de *assutar* uma borboleta *abu*, mamãe!

Capo e eu nos aproximamos ainda mais um do outro, rindo baixinho. Cada ano ao redor do sol com ele só ficava melhor. Mal podia esperar para vivenciar outros cem.

— Mia! — Evelina sussurrou e depois gritou, correndo para encontrar a garotinha. Saverio caminhava ao lado dela, que tinha a mesma idade de Evelina.

Não nos movemos até que o grupo estivesse perto o suficiente para que eu os pudesse abraçar e Capo cumprimentar. Nosso grupo, nossa *famiglia*, cresceu ao longo dos anos, não apenas nossa família havia triplicado de tamanho. Nós éramos uma festa embutida. Onde me encontrei na vida foi mais do que eu jamais poderia desejar.

Foi além do que jamais ousei esperar. Mais do que jamais sonhei que queria.

Foi, o tempo todo, o que sempre precisei. Houve momentos em minha vida em que não pensei que sobreviveria mais dez minutos, muito menos dez anos.

Um milhão de anos com meu capo e nossos filhos não bastariam, apenas o “para sempre”, desde que eu vivesse com eles.



CAPO

Agora que você conhece...
O amor dela pela vida.
A risada selvagem que não pode ser enjaulada. O sorriso contagiante dela.

Seu nariz régio.
Os lábios carnudos. Seu perfume irresistível. Sua paixão feroz.
Sua lasanha *al forno* e a vaca preta que tanto ama. Seu amor por filmes antigos.

O amor pelos livros infantis de colorir.
O amor por diários, onde pode colecionar palavras. O amor por músicas velhas e novas.

Sua voz quando canta para nossos filhos. Seu toque... mais intenso do que palavras.

Suas pernas quando enlaçam minha cintura e a forma quando grita meu nome quando me enterro profundamente em seu corpo.

Ela.

Minha esposa. Minha amante.

Minha melhor amiga. Minha parceira inseparável. Minha rainha.

Minha conselheira mais confiável e confidente. Meu coração.
Meu rosário.
Meu vitral em mosaico.
Minha borboleta. *Mia farfalla*, minha Mariposa.
Meu tudo.
Eu a amo.
A mãe dos meus filhos.
Eu a amo.
Conte a qualquer um o nosso segredo, e eu matarei você, porra.

FIM!



Não esqueça de avaliar este livro!



AGRADECIMENTOS

Dizer **obrigada** não é o suficiente, mas aqui vai...

Minha família:

Nada disso seria possível sem vocês. Desde o meu marido preparando o jantar, à minha filha me ajudando com problemas de mídia social, ou minha mãe respondendo a perguntas médicas, ao meu irmão sempre me lembrando de fazer uma pausa, à inspiração que vem direto do cofre da minha enorme e linda família, nada disso seria possível sem vocês. O meu sucesso é o seu sucesso. Qualquer coisa que eu possa fazer nesta vida, eu faço porque vocês me amam.

Alisa Carter, minha revisora:

Você sempre será minha fiel escudeira. Obrigada por sempre polir meu diamante bruto.

Stephanie Phillips, minha agente (SBR Media):

Obrigada por me aceitar! Aprecio tudo o que você faz por mim!

Buoni Amici Press (Drue & Debra):

Que time vocês formam! O marketing do mundo dos livros pode ser avassalador, mas vocês fizeram uma grande diferença nessa parte da minha

vida. Sou grata por tudo o que as duas fazem por mim diariamente.

Belas Betas de Bella — Stephanie, Lashell, Anna, Malia, Pam:

Todo escritor merece betas tão especiais quanto vocês cinco. Vocês amam minhas histórias tanto quanto eu, e seus feedbacks valem mais que ouro. *Grazie, Bellas!*

Najla & Team na Qamber Designs:

Ainda não tenho palavras para expressar o quanto amo a capa do Mac. Quando olho para esta capa, hoje e para sempre, vejo Mac e, para alguém que trabalha inteiramente com palavras, há algo muito especial assim que seu livro ganha vida através da capa. É mágico. Obrigada por compartilhar sua magia comigo.

Todos os meus amigos leitores:

Vocês são os melhores! Obrigada por deixar minhas histórias — e a mim — invadirem seu mundo por um tempo. Assim como o corpo precisa de um coração, um escritor precisa de leitores. Vocês são o incentivo que me mantém colocando palavras nas páginas. Continuem sendo incríveis!

Também gostaria de agradecer a *Nova York* e à **Itália** por tantas inspirações enquanto escrevia *Maquiavélico*. Ambos os lugares, junto ao meu estado natal, **Louisiana**, realmente sofreram nas últimas semanas. Esse vírus, esse inimigo invisível, chegou e mudou tantas vidas, nosso mundo inteiro. Isso deve passar também. Até então... Estou enviando orações e amor.



SOBRE A AUTORA

Bella Di Corte escreve romances criminosos que roubarão seu coração. Ela dá vida a histórias de homens que caminham na linha entre o irredimível e o salvável, e de mulheres que os forçam a sentir. Ela é conhecida por sua rica construção de mundo e personagens fortes. Ela também é autora de best-sellers internacionais.

Além de escrever, Bella adora passar tempo com o marido, a filha, a família e seus cachorros. Ela também adora ler, ouvir música, preparar receitas que lhe foram passadas e tirar fotos.

Bella cresceu em Nova Orleans, um lugar que ela considera um playground criativo.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/belladicorte
www.facebook.com/BellaDiCorteAuthor
www.belladicorte.com



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>

Sumário

1. [Início](#)
2. [Prefácio](#)
3. [Famiglia Fausti](#)
4. [A família Scarpone](#)
5. [Prólogo](#)
6. [Capítulo 1](#)
7. [Capítulo 2](#)
8. [Capítulo 3](#)
9. [Capítulo 4](#)
10. [Capítulo 5](#)
11. [Capítulo 6](#)
12. [Capítulo 7](#)
13. [Capítulo 8](#)
14. [Capítulo 9](#)
15. [Capítulo 10](#)
16. [Capítulo 11](#)
17. [Capítulo 12](#)
18. [Capítulo 13](#)
19. [Capítulo 14](#)
20. [Capítulo 15](#)
21. [Capítulo 16](#)
22. [Capítulo 17](#)
23. [Capítulo 18](#)
24. [Capítulo 19](#)
25. [Capítulo 20](#)
26. [Capítulo 21](#)
27. [Capítulo 22](#)
28. [Capítulo 23](#)
29. [Capítulo 24](#)
30. [Capítulo 25](#)

- 31. [Capítulo 26](#)
- 32. [Capítulo 27](#)
- 33. [Capítulo 28](#)
- 34. [Capítulo 29](#)
- 35. [Capítulo 30](#)
- 36. [Capítulo 31](#)
- 37. [Capítulo 32](#)
- 38. [Epílogo](#)
- 39. [Capo](#)
- 40. [Agradecimientos](#)
- 41. [Sobre a autora](#)
- 42. [Sobre a Five](#)

